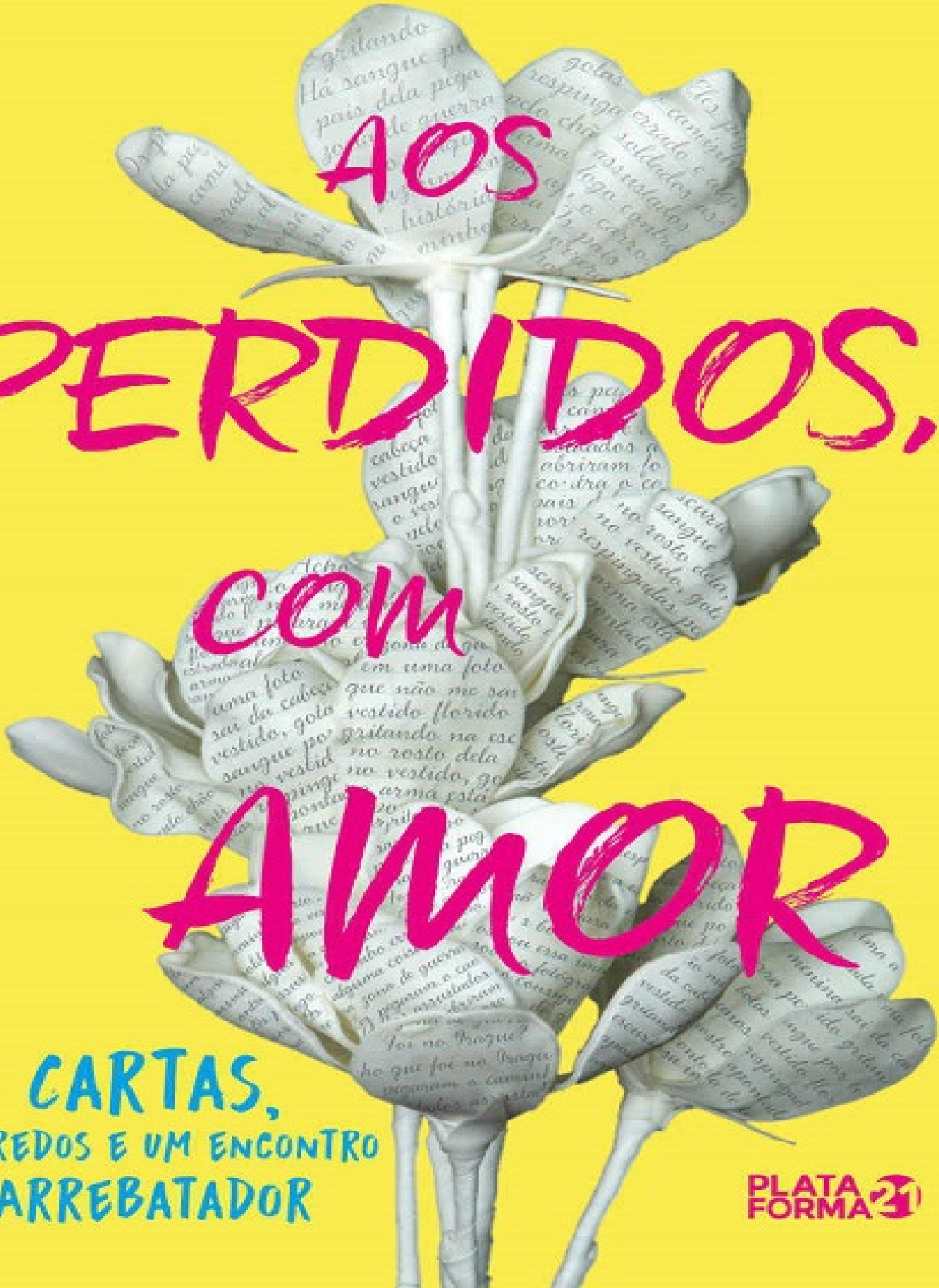
BRIGID KEMMERER

AOS PERDIDOS, COM AMOR



CARTAS, SEGREDOS E UM ENCONTRO ARREBATADOR

PLATAFORMA 21

BRIGID KEMMERER

AOS PERDIDOS, COM AMOR

Tradução
Fabricio Waltrick

PLATAFORMA 21

TÍTULO ORIGINAL *Letters to the Lost*
© Brigid Kemmerer 2017. Esta tradução de *Letters to the Lost* é publicada pela V&R Editoras mediante acordo com Bloomsbury Publishing Plc. Todos os direitos reservados.
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago
EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo
PREPARAÇÃO Carla Bitelli
REVISÃO Vanessa Gonçalves e Flora Manzione
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
DIAGRAMAÇÃO Ana Solt, Juliana Pellegrini e Pamella Destefi
EPUB Pamella Destefi
CAPA DDesigns e Jeanette Levy
IMAGEM DE CAPA © Sonja Lekovic / stocksy.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kemmerer, Brigid
Aos perdidos, com amor [livro eletrônico] / Brigid Kemmerer; tradução Fabrício Waltrick. – São Paulo: Plataforma21, 2017.
1,2 Mb; ePUB

Título original: Letters to the lost
ISBN: 978-85-92783-37-2 (e-book)

1. Ficção juvenil I. Título.

17-06763 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à
VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-3940
plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Para Michael

Tenho muita sorte de estar nesta viagem louca ao seu lado.
(Principalmente porque assim um impede que o outro pule fora.)

CAPÍTULO 1

Tem uma foto que não me sai da cabeça. Uma menininha de vestido florido gritando na escuridão. Há sangue por todo lado: no rosto dela, no vestido, gotas respingadas pelo chão. Uma arma está apontada para a estrada de terra perto da menina, e não dá para ver o homem, só as botas dele. Faz anos que você me mostrou essa imagem e me contou sobre o fotógrafo que a clicou, mas só consigo me lembrar do grito, das flores, do sangue, da arma.

Os pais dela pegaram o caminho errado ou alguma coisa assim. Em uma zona de guerra, talvez. Foi no Iraque? Acho que foi no Iraque. Já faz um tempo e não me lembro direito da história. Eles pegaram o caminho errado e alguns soldados assustados abriram fogo contra o carro. Os pais dela morreram na hora.

A menina teve sorte.

Azar?

Não sei.

A primeira coisa que salta à vista é o horror, porque ele está gravado com perfeição no semblante da menina.

Depois começamos a reparar nos detalhes. O sangue. As flores. A arma. As botas.

Algumas das suas fotos são impactantes como esta. Acho que eu deveria estar pensando no seu trabalho. Parece errado estar aqui apoiada na sua lápide com a cabeça no talento de outra pessoa.

Mas não consigo evitar.

Dá para ver no rosto da menina. A realidade sendo despedaçada. E ela sabe disso.

A mãe dela morreu, e ela sabe.

Essa foto tem sofrimento.

Toda vez que eu a vejo, penso: “Você sabe exatamente como essa menina se sente”.

Preciso parar de ficar olhando para esta carta.

Só peguei o envelope porque a gente precisa tirar todos os objetos pessoais da frente dos túmulos antes de cortar a grama. Geralmente faço as coisas no meu ritmo porque oito horas são oito horas, e nem estou recebendo para isso.

Meus dedos sujos de graxa deixaram marcas nos cantos do papel. Eu devia jogar a carta fora antes que alguém descubra que encostei nela.

Mas meus olhos insistem em seguir os traços da caneta.

A letra é bonita e uniforme, mas não perfeita. No começo não consigo perceber o que está prendendo minha atenção, mas então fica claro: foi uma mão tremida que escreveu essas palavras. A mão de uma garota, dá para ver. A letra é bem redondinha.

Olho de relance para a lápide. É mais ou menos nova. Letras definidas esculpidas em granito brilhante. *Zoe Rebecca Thorne. Esposa e mãe amada.*

A data da morte me dá um baque. Vinte e cinco de maio deste ano. O mesmo dia em que virei uma garrafa inteira de uísque, peguei a picape do meu pai e entrei com tudo num prédio de escritórios vazio.

Engraçado como a data está gravada no meu cérebro por um motivo, e no de outra pessoa por uma coisa completamente diferente.

Thorne. Esse nome não soa estranho, mas não sei de onde conheço. Ela

morreu faz poucos meses, e tinha 45 anos. Talvez tenha saído no noticiário.

Aposto que eu tive mais mídia.

– Ei, Murph! O que tá pegando, cara?

Dou um pulo e deixo a carta cair. O Melado, meu "supervisor", está no alto do morro, esfregando na testa um lenço encharcado de suor.

O nome dele de verdade não é Melado, assim como o meu não é Murph. Mas, se ele vai fazer graça com *Murphy*, também vou fazer com *Melendez*.

A única diferença é que eu não falo na cara dele.

– Desculpa – grito. Abaixo para pegar a carta.

– Achei que você fosse terminar de cortar a grama desse setor.

– Eu vou.

– Se você não cortar, eu vou ter que fazer isso. Quero ir para casa, garoto.

Ele sempre quer ir para casa. Ele tem uma filhinha. Ela tem 3 anos e é totalmente obcecada pelas princesas da Disney. Ela já sabe todas as letras e os números. No último fim de semana, deram uma festa de aniversário para ela e chamaram quinze coleguinhas da turma dela do maternal. Foi a esposa do Melado que fez o bolo.

É claro que não estou nem aí pra isso. Só que não sei como fazer o cara calar a boca. Esse foi um dos motivos para eu ter falado que cuidava desse setor do gramado sozinho.

– Eu sei – digo. – Vou terminar.

– Se não fizer isso, não vou assinar sua folha hoje.

Fico irritado e preciso me lembrar de que, se eu bancar o idiota, a juíza provavelmente vai ficar sabendo. E ela já me odeia.

– Eu disse que vou terminar.

Ele faz um gesto de pouco-caso com a mão e vira as costas, descendo o outro lado do morro. Ele acha que vou ferrar com ele. Talvez o último cara tenha ferrado. Sei lá.

Depois de um tempo, escuto o cortador dele ligar.

Eu devia terminar logo de tirar as recordações do chão e subir no meu cortador, mas não faço isso. O sol de setembro despeja calor no cemitério e preciso afastar o cabelo molhado da minha testa. Parece que a gente está em algum lugar do extremo sul do país, e não em Annapolis, Maryland. A bandana na cabeça do Melado é quase um clichê latino, mas agora estou com inveja dele.

Odeio isso tudo.

Sei que eu deveria estar agradecido pelo serviço comunitário. Tenho 17

anos, e por um tempo pareceu que eu seria julgado como adulto – e olha que nem matei ninguém. Foram só prejuízos materiais. Mas cuidar da manutenção do gramado de um cemitério está longe de ser uma sentença de morte, ainda que ela esteja aqui me cercando por toda parte.

Mesmo assim, odeio isso aqui. Eu falo que não ligo para o que as pessoas pensam de mim, mas é mentira. Você também ligaria se todo mundo achasse que você é uma bomba-relógio. O ano letivo começou faz só algumas semanas, mas metade dos meus professores está só esperando o dia em que eu vou chegar na escola atirando em todo mundo. Já até vejo meu retrato no anuário da turma dos formandos. *Declan Murphy: o aluno mais provável a cometer um crime*.

Seria hilário se não fosse deprimente.

Leio a carta outra vez. Há uma explosão de dor em cada palavra. O tipo de dor que faz você escrever cartas para alguém que nunca vai lê-las. O tipo de dor que *isola*. O tipo de dor que você tem certeza de que ninguém nunca sentiu, *jamais*.

Meus olhos se detêm nas últimas linhas.

Dá para ver no rosto da menina. A realidade sendo despedaçada. E ela sabe disso.

A mãe dela morreu, e ela sabe.

Essa foto tem sofrimento.

Toda vez que eu a vejo, penso: “Você sabe exatamente como essa menina se sente”.

Sem pensar, puxo um minilápis do bolso e o aperto contra o papel.

Logo abaixo da escrita tremida da garota, coloco duas palavras minhas.

CAPÍTULO 2

Eu também.

As palavras estão tremendo, e me dou conta de que não é o papel: é a minha mão. A escrita desconhecida quase queima meus olhos.

Alguém leu a minha carta.

Alguém leu a minha carta.

Olho ao redor, como se aquilo tivesse acabado de acontecer, mas o cemitério está deserto. Não venho aqui desde terça. Agora é quinta-feira de manhã, por isso é um milagre que a carta ainda esteja intacta. Na maior parte das vezes, o envelope some, levado pelo vento, por bichos ou talvez pelos funcionários do cemitério.

Mas não apenas esta carta se encontra *aqui* como também alguém sentiu necessidade de incluir um comentário nela.

O papel ainda está tremendo entre os meus dedos.

Eu não posso…

Isso é…

O que… Quem iria… Como…

Quero gritar. Não consigo nem pensar numa frase inteira. Estou fervendo de raiva por dentro.

Isto era uma coisa particular. *Particular*. Entre mim e minha mãe.

Foi um cara, só pode ser. Tem marcas engorduradas de dedo nos cantos da folha e a letra é compacta. Quanta arrogância dele em se enfiar no meio do luto de alguém e querer reivindicar parte para si. Minha mãe costumava dizer que as palavras carregam sempre um pouco do espírito de quem as escreveu, e quase consigo senti-lo escorrendo da página.

Eu também.

Não, ele *não*. Ele não tem a *menor ideia*.

Vou fazer uma reclamação. Isso é inaceitável. Aqui é um cemitério. As pessoas vêm aqui para sofrer em paz. Esse é o meu espaço. MEU. Não dele.

Atravesso o gramado pisando duro, decidida a não deixar que o ar fresco da manhã diminua o calor da minha fúria. Meu peito dói e estou quase chorando.

Aquilo era uma coisa nossa. Minha e dela. Minha mãe não pode mais responder, e as palavras dele na minha carta parecem deixar isso bem evidente. É como se ele tivesse me apunhalado com aquele lápis.

Quando chego no alto do morro, as lágrimas pendem dos meus cílios e minha respiração está entrecortada. O vento fez meu cabelo se emaranhar. Não vai demorar para eu ficar um caco completo. Vou chegar atrasada na escola, com os olhos vermelhos e a maquiagem borrada. De novo.

A orientadora costumava demonstrar certa compreensão comigo. A srta. Vickers me levava até a sua sala e me oferecia uma caixa de lenços. Em junho, no fim do primeiro ano letivo, eu recebia tapinhas no ombro e palavras de incentivo, sussurradas no meu ouvido, dizendo para que eu levasse o tempo que fosse preciso.

Agora estamos no meio de setembro e já faz meses que minha mãe morreu. Desde que as aulas começaram, todo mundo só quer saber quando vou finalmente entrar nos eixos. A srta. Vickers me parou na terça, mas, em vez de fazer aquela cara gentil, ela franziu os lábios e perguntou se eu ainda estava indo todas as manhãs ao cemitério, dizendo que talvez devêssemos conversar sobre maneiras mais construtivas de eu usar meu tempo.

Como se isso fosse da conta dela.

E nem são *todas* as manhãs. Só aquelas em que meu pai sai para trabalhar mais cedo – embora às vezes eu acredite que ele já nem perceba a diferença. Quando ele está em casa, prepara dois ovos e os come com uma tigela de uvas que colho das videiras e lavo. Ele se senta à mesa e olha para a parede, sem falar nada.

Eu poderia colocar fogo na casa e a chance de ele sair dali a tempo giraria em torno de cinquenta por cento.

Hoje foi uma dessas manhãs de “trabalho mais cedo”. A luz do sol, o vento suave, a paz do cemitério… tudo parecia uma dádiva.

Aquelas duas palavras rabiscadas na minha carta pareceram uma praga.

Um homem hispânico de meia-idade está com um desses sopradores tirando folhas e aparas de grama da trilha asfaltada. Ao me aproximar, ele

para. Está vestindo uma espécie de uniforme da manutenção e no seu peito se lê o nome *Melendez*.

– Posso ajudar? – ele pergunta com um leve sotaque. Ele não tem uma cara antipática, mas parece cansado.

A voz dele transmite cautela. Preciso ser firme. Ele está esperando uma reclamação. Dá para ver.

Bom, eu estou a ponto de fazer uma. Deve ter algo no regulamento contra aquele tipo de coisa. Meus dedos apertam a carta, amassando-a. Respiro fundo antes de falar…

Então me detenho.

Não posso fazer isso. Ela não iria querer isso.

Controle-se, Juliet.

Minha mãe sempre foi muito serena. Sensata, equilibrada nos momentos de maior crise. Ela precisava ser, ainda mais viajando de uma zona de guerra para outra.

Além do mais, estou a um passo de parecer uma doida descontrolada. E eu já pareço uma. Afinal, o que é que vou dizer? *Alguém rabiscou duas palavras na minha carta*? Uma carta que escrevi para quem *nem viva está*? Pode ter sido qualquer pessoa. São centenas de túmulos enfileirados ao redor do da minha mãe. Todo dia dezenas de pessoas, se não mais, devem passar aqui.

E o que o cara da manutenção do gramado vai poder fazer? Bancar a babá da lápide da minha mãe? Instalar uma câmera de segurança?

Pegar quem estiver com um lápis escondido no bolso?

– Não é nada. Desculpe – falo, por fim.

Volto para o túmulo dela e sento na grama. Vou me atrasar para a aula, mas não me importo. Em algum lugar ao longe, o sr. Melendez liga outra vez o soprador de folhas, mas onde estou não há ninguém além de mim.

Desde que ela morreu, já lhe escrevi 29 cartas. Duas por semana.

Quando ela era viva, escrevi centenas. Sua carreira a colocava em contato com o que havia de mais moderno em tecnologia, mas o que ela gostava mesmo era da permanência e precisão à moda antiga. Cartas escritas à mão. Câmeras com filme. Suas fotos de trabalho eram sempre digitais, pois podiam ser editadas de qualquer lugar, mas ela gostava mesmo era do filme. Ela podia estar em algum deserto africano, documentando fome, violência ou agitações políticas, e mesmo assim sempre arrumava tempo para me escrever uma carta.

A gente também fazia do jeito convencional, claro: e-mails e conversas por

vídeo sempre que ela tinha chance. Mas as cartas… essas realmente tinham significado. As emoções saíam do papel, como se a tinta, a poeira e as manchas do suor dela dessem peso às palavras e eu pudesse sentir seu medo, sua esperança e sua coragem.

Eu sempre respondia às cartas dela. Às vezes ela demorava semanas para receber as minhas, depois de chegarem por meio de seu editor até o lugar onde ela estivesse em missão. Às vezes ela havia acabado de voltar para casa, e eu, a caminho da rua, lhe entregava a carta em mãos. Não importava. Nós simplesmente colocávamos no papel o que queríamos dizer uma para a outra.

Quando ela morreu, não consegui parar. Geralmente, ao chegar no túmulo dela, não respiro até apertar a caneta contra o papel e enchê-lo com meus pensamentos.

Agora, depois de ter visto essa resposta, não consigo mais escrever uma palavra para ela. Eu me sinto vulnerável demais. Exposta demais. Qualquer coisa que eu disser pode ser lida. Distorcida. Julgada.

Por isso não escrevo uma carta para ela.

Escrevo uma para ele.

CAPÍTULO 3

A privacidade é uma ilusão.

Mas é claro que isso você já sabe, afinal você leu minha carta. Ela não estava endereçada a você. Não era para você. Não tinha nada a ver com você. Era uma coisa entre mim e minha mãe.

Eu sei que ela morreu.

Sei que ela não pode mais ler cartas.

Que há muito pouco que eu possa fazer para me sentir próxima dela.

Agora nem isso tenho mais.

Você consegue entender o que roubou de mim? Faz alguma ideia?

O que você escreveu sugere que você entende o significado de sofrimento.

Eu não acho que você entenda.

Se entendesse, não teria perturbado o meu.

A primeira coisa que me vem à cabeça é que essa garota é louca. Quem é que escreve para um desconhecido aleatório em um cemitério?

Meu segundo pensamento é que obviamente não sou ninguém para julgar aqui.

De qualquer maneira, ela não me conhece. Não sabe o que eu entendo.

Eu nem devia estar aqui parado. Agora é quinta à noite, o que significa que eu devia estar cortando a grama do outro lado do cemitério. Não tenho tempo de sobra para ficar por aí lendo a carta de uma estranha. O Melado olhou irritado para o relógio dele quando entrei no barracão de máquinas cinco minutos atrasado. Caso ele me pegue aqui de bobeira, vai ser um inferno.

Vou acabar surtando se ele continuar ameaçando falar com a juíza.

Depois de algum tempo, minha irritação inicial desaparece, e só fica a culpa. Estou aqui porque senti uma conexão com a última carta. Vim ver se a pessoa tinha deixado outra.

Eu não estava esperando que ninguém *lesse* o que eu havia escrito antes.

É um tapa na cara perceber que ela deve ter se sentido assim também.

Procuro um lápis nos meus bolsos, mas só encontro minhas chaves e meu isqueiro.

Ah, é! O Rev precisou de um lápis na sétima aula. Não é do feitio dele pegar algo emprestado e não devolver, mesmo que seja uma coisa idiota, tipo um lápis velho.

Talvez seja o destino me dizendo para parar e pensar antes de falar. Antes de escrever. Tanto faz.

Dobro a indignação dela e a ponho no bolso. Depois coloco minhas luvas e vou atrás do cortador de grama. Odeio estar aqui, mas, depois de semanas fazendo isso, descobri que trabalho pesado é bom para pensar.

Então vou trabalhar… e pensar.

E voltarei mais tarde para escrever.

CAPÍTULO 4

Eu não acho que você mesma entenda o significado de sofrimento. Se entendesse, não teria perturbado o meu.

Você já parou para pensar que eu não queria que você lesse o que escrevi?

– Ju?

Ergo a cabeça. A cantina está praticamente vazia. Rowan está ali de pé, olhando para mim ansiosa.

– Tá tudo bem? – ela pergunta. – O sinal bateu faz cinco minutos. Achei que fosse me encontrar em frente ao meu armário.

Dobro outra vez a carta toda detonada que encontrei hoje cedo e a enfio na minha mochila, puxando o zíper. Não sei quando ele a escreveu, mas deve ter sido na semana passada, porque o papel está todo enrugado, como se tivesse sido molhado e depois secado de novo, e não chove desde sábado.

Esse foi o primeiro fim de semana, em um bom tempo, que não fui ao cemitério. Uma parte de mim está irritada por essa carta ter ficado largada dias ali. A essa altura, a presunção dele deve ter esfriado, enquanto sinto a minha revigorada e ardendo no peito.

Ainda bem que fui hoje cedo lá. Eles aparam a grama do cemitério nas terças à noite. Provavelmente algum dos funcionários jogaria a carta fora.

– O que você estava olhando? – pergunta Rowan.

– Uma carta.

Ela não insiste, imaginando que é uma carta para minha mãe. Deixo que ela pense isso.

Não preciso de mais ninguém me achando louca, além do que já acham por aí.

O último sinal toca. Preciso ir andando. Se eu chegar atrasada mais uma vez, vou acabar na sala de detenção depois da aula. De novo. Esse simples

pensamento me faz apertar o passo.

Não posso pegar outra detenção. Não posso ficar sentada naquela sala por mais uma hora. O silêncio machuca os meus ouvidos e me dá tempo demais para pensar.

Rowan vem logo atrás de mim. Provavelmente ela vai me acompanhar até a sala de aula e jogar uma conversinha para cima do professor para que ele não marque meu atraso. Ela não precisa esquentar com essas coisas, como atrasos e detenções, porque os professores a adoram. Em todas as aulas, ela senta na primeira fileira e presta a maior atenção do mundo ao que eles falam, como se todos os dias ela acordasse com uma sede insaciável de conhecimento. Rowan é uma dessas meninas que a gente adora odiar: é bonita e graciosa, sempre gentil com todo mundo, e dona das médias mais altas, conquistadas aparentemente sem esforço. Ela seria mais popular se não fosse tão perfeita. Falo isso para ela o tempo inteiro.

Bom, se é para realmente dar a real, ela seria bem mais popular se não fosse a melhor amiga da pessoa mais errada do último ano.

Quando encontrei a carta hoje de manhã, tive certeza de que cairia no choro assim que a lesse. Em vez disso, minha vontade agora é de achar esse otário e enfiar a mão na cara dele. Cada vez que a leio fico mais possessa.

Você já parou para pensar que eu não queria que você lesse o que escrevi?

A raiva me ajuda a encobrir o pedacinho de mim que teima em se perguntar se ele não teria razão.

Os corredores estão desertos, o que parece inacreditável. Cadê o resto do povo vagal da escola? Por que sou sempre a única atrasada?

Além do mais, não é que eu não estivesse *aqui*. Estou fisicamente presente no prédio. Não é que vou me tornar uma aluna exemplar assim que um professor começar a papagaiar (igual à professora do Charlie Brown) na frente da classe.

Quando chegamos à ala de inglês, estamos praticamente correndo, derrapando nas curvas. Agarro o canto da parede para tomar impulso ao virar no último corredor.

Sinto a queimadura antes de sentir a colisão. Um líquido quente arde em minha pele, e eu berro bem alto. Um copo de café explodiu no meu peito. Bato com tudo em alguma coisa sólida e vou deslizando, escorregando, caindo.

Alguma *pessoa* sólida.

Estou no chão, olhos na altura de um par de botas de segurança pretas e surradas.

Em uma comédia romântica, essa seria a cena fofa e engraçadinha do primeiro encontro do futuro casal. O menino seria lindo e maravilhoso, titular do time de futebol e orador da turma. Ele daria a mão para me levantar, e por coincidência teria uma camiseta extra na mochila. Eu iria até o banheiro me trocar, e de algum jeito meus peitos seriam maiores, meus quadris mais estreitos, e ele me acompanharia até a sala de aula e me convidaria para o baile.

Na vida real, esse cara é o Declan Murphy, e neste instante ele está praticamente rosnando. A camisa e a jaqueta dele também ficaram encharcadas de café, e ele está puxando o tecido do peito.

Enquanto o cara da comédia romântica seria o astro do time de futebol, Declan é o excluído do último ano. Ele tem uma ficha de antecedentes criminais e é presença cativa na sala de detenção. É grandalhão e truculento, e, embora seu cabelo castanho avermelhado e aquele maxilar definido possam deixar algumas meninas mais animadas, seu olhar sombrio as mantém longe. Uma das sobrancelhas dele é cortada por uma cicatriz, e provavelmente essa não é a única que ele possui. A maioria das pessoas tem medo dele, não sem razão. Rowan está ao mesmo tempo tentando me ajudar a levantar e me puxar para longe dele.

Ele me olha com total desprezo. Sua voz é áspera e baixa.

– Qual é o seu problema, garota?

Eu me desvencilho da Rowan. Minha camisa está colada no peito e sei que ele está tendo uma visão privilegiada do sutiã roxo através da camisa verde-pastel. Embora o café estivesse quente antes, agora estou molhada e congelando. Isso é tão horrível e humilhante que não consigo me decidir se quero chorar ou gritar com ele.

Estou com a respiração entrecortada, mas seguro a onda. Não tenho medo dele.

– Você que veio com tudo pra cima de *mim*.

Seus olhos estão ameaçadores.

– Não era eu quem estava correndo.

Aí ele avança de repente. Antes que eu me dê conta, me encolho toda.

Tá bom, pode ser que eu tenha medo dele.

Não sei o que pensei que ele fosse fazer. É que ele é assim, tão *intenso*. Por um instante, ele para e faz uma careta de desdém por causa da minha reação,

então volta ao movimento que estava fazendo para se agachar e pegar sua mochila que caiu no chão.

Ah.

Deve ter alguma coisa errada comigo. Quero mais uma vez berrar com ele, ainda que a culpa disso tudo seja minha. Meu maxilar se contrai.

Controle-se, Juliet.

A lembrança da minha mãe me pega de um jeito tão forte, tão rápido e tão repentino que é um milagre eu não cair no choro ali mesmo. Não estou conseguindo segurar as pontas. Basta uma palavra errada para eu explodir.

Declan está se ajeitando, ainda com aquela careta, e sinto que ele vai falar alguma coisa realmente desagradável. Depois da porrada que levei com aquela carta, esta vai ser a gota que faltava para me fazer transbordar em lágrimas.

Mas aí os olhos dele encontram os meus, e alguma coisa que ele vê ali faz sumir o ar sombrio de seu rosto.

Uma vozinha fininha vibra no ar.

– Declan Murphy. Atrasado de novo, pelo que vejo.

O sr. Bellicaro, meu professor de biologia do primeiro ano, está ali ao lado da Rowan. Ela está com o rosto vermelho e parece quase em pânico. Deve ter pressentido encrenca e corrido para chamar um professor. Sem dúvida é algo que ela faria. Não sei se isso me deixa irritada ou aliviada. Atrás do professor se vê a porta entreaberta de uma sala de aula com alunos espreitando o corredor.

Declan passa a mão na jaqueta para tirar algumas gotas de café que permaneceram ali.

– Eu não estava atrasado. *Ela* que trombou comigo.

O sr. Bellicaro crispa os lábios. Ele é baixinho e tem uma barriga redonda acentuada por um suéter cor-de-rosa. Não é do tipo de pessoa que você chamaria de popular.

– É proibido levar comida para fora da cantina…

– Café não é comida – rebate Declan.

– Sr. Murphy, creio que já conhece o caminho da secretaria.

– Claro, posso lhe desenhar um mapa se quiser. – A voz dele sobe um tom e ele se inclina para a frente, espumando. – *A culpa não foi minha.*

Seu tom faz Rowan recuar assustada. As mãos dela estão praticamente retorcidas. Não é para menos. Por um instante, me pergunto se esse cara vai mesmo dar um soco na cara do professor.

O sr. Bellicaro se empertiga todo.

– Será que vou precisar chamar a segurança?

– Não. – Declan levanta as mãos, sua voz soa amarga. Seus olhos estão ao mesmo tempo soturnos e furiosos. – Não. Já estou indo. – E ele sai andando, praguejando baixinho. No caminho, amassa o copo descartável e o arremessa em uma lixeira.

São tantas emoções ricocheteando na minha cabeça que mal consigo me agarrar a uma. Vergonha, porque *foi* mesmo minha culpa e estou aqui parada, deixando que ele seja responsabilizado por isso. Indignação, pelo jeito como ele falou. Medo, pela forma como ele reagiu.

Curiosidade, pelo modo como seu rosto abandonou o ar sombrio quando seus olhos deram com os meus.

Eu queria ter uma foto do rosto dele naquele exato momento. Ou agora, capturando seu caminhar pela penumbra do corredor. A cada janela que ele passa, a luz cintila em seu cabelo e o deixa dourado, enquanto as sombras se agarram a seus ombros largos e a seu jeans escuro. Desde que minha mãe morreu eu não quis mais tocar na minha câmera, mas de repente sinto vontade de tê-la agora comigo.

– Isto é para você, srta. Young.

Quando me viro, o sr. Bellicaro está estendendo um pedaço de papel.

Detenção. De novo.

CAPÍTULO 5

Você tem razão.

Eu não devia ter me intrometido no seu sofrimento.

Peço desculpas.

Isso não quer dizer que você tinha o direito de ler a minha carta. Eu ainda meio que te odeio por isso. Fiquei aqui quinze minutos paralisada, olhando para uma folha em branco, tentando lembrar como era escrever para ela, como era saber que meus pensamentos eram mais permanentes que uma conversa.

Em vez disso, só consigo pensar em você e no seu "eu também", no que isso quer dizer, e em se a sua dor é parecida com a minha.

Não que isso seja da minha conta.

Eu não sei nem se você vai chegar a ler o meu pedido de desculpas, mas preciso falar isso para alguém. Já faz um tempo que a culpa anda pesando nos meus ombros.

Não por causa de você. Por causa de outra pessoa.

Eu devo desculpas a esse "alguém", mas eu o conheço tanto quanto conheço você. Só que não vou ficar agora

escrevendo mensagens para dois estranhos. Por enquanto isso é o melhor que posso fazer, e só me resta esperar que essa sensação de culpa passe.

Você já ouviu falar do Kevin Carter? Ele ganhou o prêmio Pulitzer pela foto de uma criança agonizando. É uma foto bastante famosa, você talvez tenha visto. Um menininho passando fome no Sudão.

Ele, praticamente pele e osso, descansa no chão de terra. Uma criança tão pequenina, enquanto um urubu pousa ao seu lado, como se estivesse esperando.

Você entendeu? Esperando. Que ele morresse.

Penso nessa foto às vezes. Naquele momento.

Às vezes me sinto como se fosse a criança.

Às vezes, como se fosse a ave.

Às vezes, como se fosse o fotógrafo, incapaz de outra coisa senão observar.

Kevin Carter se matou depois de ganhar o Pulitzer.

Às vezes acho que entendo por quê.

Preciso de um cigarro.

Mariposas tremulam em volta da luz do alpendre, batendo contra a lâmpada. Já é quase meia-noite de quinta-feira, e a vizinhança está praticamente em silêncio.

A casa atrás de mim, não. Meu padrasto, Alan, está acordado. Minha mãe saiu com as amigas, por isso ainda não estou pronto para entrar.

O Alan não vai muito com a minha cara.

Acredite: a recíproca é verdadeira.

A carta passou a noite toda no bolso de trás da minha calça. Não faço ideia de quando ela a escreveu, mas deve ter sido nas últimas 48 horas. Na terça à noite não estava lá, porque eu fui olhar. O Melado estava implicando comigo porque eu tinha chegado atrasado, e ninguém nunca quer ouvir os meus

motivos.

– Me mandaram para a detenção – falei assim que cheguei.

Ele estava no barracão de máquinas, despejando combustível em um dos cortadores de grama. Estava quente pra caramba lá dentro; a camisa dele estava grudada no corpo. O espaço ali não é tão grande e cheira sempre a uma mistura de grama cortada e gasolina. Eu gosto.

Não gostei do jeito como o Melado me olhou, com uma cara indignada, como se eu fosse só mais um vacilão.

– Você pode repor essa hora que perdeu no sábado – ele falou.

– Posso repor na terça.

– Não, você vai repor no sábado.

Estiquei meu papel.

– Fui designado para trabalhar só às terças e quintas.

Ele deu de ombros e seguiu rumo à porta do barracão.

– Você foi designado para trabalhar das quatro às oito. São cinco e dez. Você pode repor no sábado.

– Cara, posso ficar hoje até as nove…

– Você acha que eu vou ficar aqui até mais tarde por sua causa?

Claro que não. Ele queria voltar para casa, para a esposa e a filha, e assim poder ter novas histórias para me matar de tédio da próxima vez. Dou um soco na parede ao lado do meu cortador e solto um palavrão.

– Você acha mesmo que eu queria estar aqui?

Ele se deteve na entrada e, por um instante, achei que fosse vir me dar um murro. Mas ele só olhou para mim, sem alterar o tom de voz.

– Você deveria estar agradecido por estar aqui. Se quiser que eu assine a sua papeleta para oito horas, venha no sábado. – Melado já estava se virando, então parou. – E olha a boca. Não quero ninguém falando assim aqui.

Eu já estava com uma resposta na ponta da língua, mas, vendo-o ali parado, com o sol batendo em suas costas, tive certeza de que ele ligaria para a juíza sem pestanejar se eu avançasse demais.

Odeio que ele tenha essa autoridade para usar contra mim. Lembro que, quando recebi a sentença, achei que cortar a grama de um cemitério seria *moleza*, que ninguém me encheria o saco. Eu não fazia ideia de que esse programa envolvia um cara com síndrome do pequeno poder para mandar em mim.

Amasso de leve a papeleta na minha mão.

– Você não pode me obrigar a trabalhar no sábado.

– Se você não gosta da ideia, comece a chegar na hora.

Hoje eu cheguei cedo, esperando ganhar uma medalha e passe livre. Nada feito. Mas achei a carta da garota do cemitério.

Uma parte de mim se pergunta se eu não estaria melhor sem ela aqui nas minhas mãos. É triste, intrigante e assustadora ao mesmo tempo.

Não sei que foto é essa de que ela está falando. Eu também não conhecia a primeira, a *do grito, das flores, do sangue, da arma*. Quase não tenho necessidade de vê-las, pois as palavras dela dão um *zoom* nos detalhes com um foco doloroso.

Mas agora, lendo o que ela disse sobre o urubu e a criança, quero ir atrás da imagem.

O portão lateral range. Dobro a carta e a coloco embaixo da minha perna. Acho que é a minha mãe chegando, então ouço a fungada e sei que é o Rev. Ele é alérgico a tudo, inclusive a pessoas.

– Você fora de casa a esta hora? – digo. É mais provável que o Rev me arranque da cama às seis da manhã do que apareça aqui quase à meia-noite.

– Eles pegaram uma bebê hoje à tarde. Ela não quer dormir. Minha mãe falou que é ansiedade de separação. Meu pai falou que logo, logo ela sossega. Eu falei que precisava sair para dar uma volta. – Ele não está irritado. Já está acostumado.

O Geoff e a Kristin são pais acolhedores – isto é, pais adotivos temporários. Eles moram no outro lado do quarteirão, mas o quintal deles fica na diagonal do nosso, por isso a gente tem sempre uma visão em primeira mão das crianças que passam por ali.

Rev foi a primeira delas. Ele chegou há dez anos, quando tinha 7 e era magricela, com óculos fundo de garrafa e alergias tão graves que mal conseguia respirar. Ele usava roupas curtas demais, seu braço estava engessado e ele não abria a boca. O Geoff e a Kristin são as pessoas mais legais do planeta – eles são legais *comigo,* e isso diz muito –, mas o Rev fugiu deles mesmo assim.

Encontrei-o ali no meu guarda-roupa, encolhido no fundo, me espiando através das mechas desgrenhadas do seu cabelo enquanto segurava uma Bíblia velha e esfarrapada.

Eu tinha uma caixa de Lego ali, por isso achei que ele tinha ido lá para brincar. Como se fosse normal aparecerem crianças do nada no meu guarda-roupa. Não sei no que eu estava pensando. Dobrei-me ali ao lado dele e comecei a montar as peças.

Acontece que ele estava com medo do Geoff e da Kristin porque eles eram negros. O pai dele falava que os negros eram maus e tinham sido enviados pelo diabo.

A ironia é que o pai do Rev costumava enchê-lo de porrada.

E geralmente citava a Bíblia enquanto batia.

O Geoff e a Kristin adotaram o Rev em definitivo cinco anos atrás. Ele fala que aquilo não fez diferença, que havia anos eles eram os únicos pais que ele conhecia mesmo, que aquilo era só um pedaço de papel.

Mas fez diferença. Aquilo fez alguma coisa mudar dentro dele.

Atualmente ele usa lentes de contato durante o dia, mas o seu cabelo ainda é comprido. Minha irmã, Kerry, dizia que ele se esconde atrás das mechas. Quando o Rev tinha 8 anos, ele revelou para o Geoff que queria que nunca mais alguém pudesse machucá-lo. No dia seguinte, a Kristin o matriculou na escola de artes marciais. Ele seguiu praticando, quase ao extremo. Os óculos, as alergias e a timidez dele podem fazer você pensar "que mané", mas garanto que você não falaria isso na cara dele. O cara é fortão feito um lutador de MMA. Juntando um melhor amigo com antecedentes criminais – *eu* –, a maioria dos garotos na escola não ousa chegar perto dele.

O que também é irônico, pois o Rev é tão agressivo quanto um golden retriever idoso.

Abro espaço para ele sentar, e ele se joga no degrau ao meu lado.

– O que você estava lendo? – ele pergunta.

Ele deve ter me visto do outro lado do quintal. Hesito um pouco antes de responder.

O que é ridículo. Ele sabe todos os meus segredos. Ele viu de perto minha família desmoronar, inclusive as tentativas frustradas da minha mãe de colar os caquinhos do que restou de nós. Ele sabe até a verdade sobre a Kerry, e eu achava que ia levar isso comigo para o caixão em maio passado.

Ainda estou hesitante. Sinto que estaria violando um segredo se contasse a alguém sobre a garota do cemitério.

Não que eu saiba quem *ela* é.

Penso mais um pouco. Rev não diz nada.

Finalmente puxo o papel debaixo da minha perna e lhe entrego.

Ele passa um minuto lendo em silêncio, depois me devolve.

– Quem é ela?

– Não faço ideia. – Hesito um pouco. – A filha de Zoe Rebecca Thorne.

– Quê?

Giro a carta nas mãos, deslizando o papel entre os dedos.

– Semana passada achei uma carta apoiada em uma lápide. Eu li. Falava sobre… – Hesito outra vez. Não importa o que o Rev saiba a meu respeito: é mais fácil falar sobre vida e morte com uma leitora anônima. Tenho de limpar a garganta. – Falava sobre perder alguém de repente.

– E você pensou na Kerry.

Faço que sim com a cabeça.

Ficamos por um tempo ali sentados sem falar nada, escutando as mariposas dançando contra a lâmpada. Em algum lugar lá embaixo na estrada, uma sirene dispara. Com a mesma rapidez que surge, ela some.

– Mas esta é outra carta? – pergunta Rev.

– É. Eu respondi a primeira.

– Você respondeu?

– Eu não achei que ela fosse ler!

– O que faz você ter tanta certeza de que é uma garota?

Essa é uma boa pergunta. Não tenho certeza absoluta. Por outro lado, a primeira pergunta dele foi *Quem é ela?*

– O que faz *você* ter tanta certeza de que é uma garota?

– Você não estaria aqui sentado babando pela carta de um cara. Deixa eu olhar de novo.

Eu deixo. Enquanto ele lê, repasso suas palavras na minha cabeça. *Babando*? Eu lá estou babando? Sequer a conheço.

– "Às vezes me sinto como se fosse a criança" – ele cita.

– Exatamente.

– Isto é uma folha de caderno universitário – ele comenta.

– Eu sei.

Ali é o cemitério local. Já me passou pela cabeça que ela estuda na Escola de Ensino Médio Hamilton.

– Mano. Ela pode ter, tipo, *onze* anos.

Tá bom, isso não tinha me passado pela cabeça.

Arranco a carta das mãos dele.

– Cala a boca. Isso não importa.

Ele fica sério.

– Estou só te enchendo. Ela não escreve como alguém de onze anos. – Ele fica quieto por um instante. – Talvez aquela outra carta tenha sido deixada para você.

– Nem, ela ficou bem mordida que eu respondi.

Agora é ele quem hesita.

– Eu não quis dizer que foi *ela* que deixou a carta para você.

Demoro um segundo para sacar a entonação dele.

– Rev, se você vai começar a pregar para mim, vou entrar em casa agora.

– Não estou pregando.

Não, ele não está mesmo. Ainda.

Ele ainda tem aquela velha Bíblia que eu o vi segurando no meu guarda-roupa. Era da mãe dele. Ele já a leu umas vinte vezes. O Rev é capaz de debater teologia com qualquer um que tiver interesse – e eu estou fora dessa lista. O Geoff e a Kristin costumavam levá-lo à igreja, mas ele reclamou de não poder seguir a própria interpretação.

O que ele não disse foi que olhar para um homem em um púlpito lhe fazia lembrar muito de seu pai.

O Rev não fica por aí citando versos da Bíblia ou coisa do tipo – geralmente –, mas sua fé é bastante sólida. Uma vez lhe perguntei como ele era capaz de acreditar em um deus providente quando ele mesmo mal sobreviveu ao pai.

Ele olhou para mim e disse:

– Porque eu sobrevivi.

E quanto a isso não há discussão.

Agora estou arrependido de ter lhe contado sobre as cartas. Não estou a fim de uma análise religiosa.

– Então não precisa chamar isso de Deus – ele fala. – Chame de destino. Você não acha interessante que, de todas as pessoas que podiam ter encontrado aquela carta, foi *você* quem a encontrou?

Essa é uma das coisas de que mais gosto no Rev. Ele nunca força a barra com ninguém. Faço que sim.

– Você quer responder essa carta?

– Não sei.

– Mentiroso.

Ele tem razão. Quero responder.

Na verdade, já estou pensando no que vou dizer.

CAPÍTULO 6

Eu ia dizer que você é meio soturna, mas como estou escrevendo para uma garota que deixa cartas em um cemitério, acho que isso não é novidade.

Você falou que queria saber se a minha dor é parecida com a sua.

Não sei. Não sei responder a isso.

Você perdeu a sua mãe. Eu não perdi a minha.

Você não acha engraçado que se diga “perder”, como se as pessoas tivessem simplesmente se extraviado? Mas talvez seja um sentido diferente de “perder”, em que não se sabe onde elas foram parar. Meu melhor amigo acredita em Deus, no paraíso e na vida eterna, mas, sinceramente, não sei o que pensar disso tudo. Quando morremos, nosso corpo é reabsorvido pela terra em um tipo de ciclo biológico, não é mesmo? E a nossa alma (ou seja lá o que for)? Ela dura para sempre? Onde é que ela estava antes?

Meu amigo iria morrer se soubesse que estou falando sobre isso com você, porque esse é o tipo de coisa que me recuso a discutir com ele.

Para ser bem sincero, estou prestes a amassar esta carta e começar de novo.

Mas não. Como você disse, há certa segurança em escrever para alguém completamente desconhecido. Eu podia ligar o computador, procurar o nome da sua mãe na internet e provavelmente descobrir algo sobre você, mas por enquanto prefiro assim.

Faz quatro anos que a minha irmã morreu. Ela tinha 10.

Quando as pessoas descobrem que ela morreu tão jovem, assumem que a gente passou os seus últimos momentos cercados por oncologistas e enfermeiras. Nada disso. A gente nem sabia que eram os últimos momentos dela. Ela esbanjava saúde.

Não foi câncer o que a matou. Foi o meu pai.

Eu podia ter evitado isso, mas não evitei.

Então, quando você diz se sentir igual ao fotógrafo, incapaz de outra coisa senão observar, acho que sei exatamente o que você quer dizer.

Agora é domingo à tarde e faz duas horas que estou sentada ao sol. É um dia agitado no cemitério. Vi visitantes chegarem e partirem o tempo todo.

Eu li a carta dele 17 vezes.

Acabei de ler de novo.

Ele perdeu a irmã. Penso na primeira carta, quando ele disse *eu também*.

Ele pensou em pesquisar meu nome. Quer dizer, o da minha mãe. Não

posso ficar brava de verdade por isso, ainda mais considerando que estou praticamente de tocaia no túmulo dela para ver se ele aparece.

Ele pode usar o mecanismo de busca que quiser; não vai encontrar muito a meu respeito. Minha mãe já tinha feito seu nome como fotojornalista antes de casar, por isso obviamente não o mudou. Jogar "Zoe Thorne" num site de buscas não vai levar ninguém a Juliet Young. Meu sobrenome não foi sequer mencionado no obituário dela.

Zoe deixa o marido, Charles, e a filha, Juliet.

Deixa. Esse cara tem razão. As palavras que usamos para nos referirmos à morte são estranhas. *Deixa o marido e a filha,* como se aquilo tivesse sido por escolha dela, como se ela tivesse decidido nos abandonar e ir morar em outro lugar com outra família. Palavras assim parecem estar escondendo alguma coisa.

Mas afinal acho que não seria de bom-tom se no obituário se lesse algo como *Zoe morreu vindo do aeroporto a caminho de casa, depois de passar nove meses em missão numa zona de guerra, sendo arrancada da vida de seu marido, Charles, e da de sua filha, Juliet, que a esperavam com um bolo de boas-vindas, que ficaria na geladeira por um mês antes que algum deles juntasse forças para jogá-lo fora.*

Então talvez as palavras escondam algo mesmo.

Agora entendo a dificuldade dele em comparar nossas dores. Eu sou filha única, por isso não consigo entender o que é perder um irmão. Desde que minha mãe morreu, eu e meu pai parecemos orbitar em diferentes planetas de dor, mal interagindo, a menos que seja estritamente necessário. Dito isso, tenho quase certeza de que meu pai não é um homicida. Ultimamente ele mal pode ser considerado consciente.

Não foi câncer o que a matou. Foi o meu pai.

Quatro anos atrás. Quebro a cabeça tentando lembrar alguma coisa no noticiário sobre um pai ter matado a própria filha. Quatro anos atrás eu tinha 13. Esse não seria bem o tipo de história que meu pai dividiria conosco na hora do jantar, e minha mãe era mais uma fonte de notícias internacionais – isso quando ela estava em casa. Minha mãe era capaz de discutir conflitos geopolíticos com chefes de Estado, mas crimes locais? Esqueça. Não sou paga para isso, ela dizia.

Espera aí.

Quatro anos atrás a irmã dele tinha 10 anos. Isso quer dizer que ela teria 14 agora.

O Cara da Carta é um irmão mais velho… ou mais novo? Será que eu estou trocando correspondência com um menino de 12 anos? Ou com alguém na casa dos 20 e pouquinhos?

Nossas conversas são muito maduras para terem sido escritas por alguém de 12. A carta dele foi redigida em uma folha de caderno universitário, igual à minha. Isso indica ensino médio ou faculdade.

Ele escreve a lápis, o que me faz pensar em ensino médio. Mas não dá para saber com certeza.

A uns poucos metros de mim, um homem mais velho deposita rosas na base de uma lápide. O sol reflete no plástico.

É um desperdício de dinheiro, pois eles cortam a grama dessa parte do cemitério às terças, e tenho quase certeza de que eles tiram toda a tralha que as pessoas largam ali. É por isso que nunca deixo nada lá além das cartas.

Eles tiram toda a tralha.

As cartas. O cara da manutenção. Como é mesmo o nome dele? Sr. Melendez?

De repente me sinto exposta, mesmo sabendo que eles não cortam a grama aos domingos.

E… credo! Ele tem tipo uns 40 anos.

Não pode ser ele, né? Não sinto que o Cara da Carta seja alguém tão mais velho. Além do mais, essa diferença de idade entre irmãos seria incomum. Não impossível, mas bastante rara.

O homem das rosas está indo embora. Ele deve ter me notado aqui, mas ninguém *olha* de verdade para mim. Eu também nunca olho para eles. Estamos todos unidos pelo luto, e de alguma forma separados por ele também.

Faz quatro anos que a minha irmã morreu.

Como sou tonta. O Cara da Carta deve ser um visitante – e ele praticamente me contou como fazer para achar o túmulo da irmã. Ela deve estar enterrada aqui perto. De que outra forma ele poderia ter encontrado minhas cartas?

Começo a andar pelas fileiras de sepulturas, numa espiral de dentro para fora, procurando lápides ligeiramente gastas. Algumas vezes o ano da morte bate, mas a idade e o sexo não. Enquanto caminho, esmago a grama sob meus pés, até que chego enfim às grades limítrofes do cemitério. Agora já é finzinho da tarde, e todos já foram para casa jantar ou ficar com suas famílias. Estou só, depois de andar um raio de pelo menos cem metros do túmulo da

minha mãe.

Bem fora do alcance de onde um visitante casual poderia avistar uma carta debaixo de uma pedra na base de uma lápide.

Hum.

Meu celular vibra colado em minha perna, e eu o puxo do bolso, crente de que é uma mensagem da Rowan.

Não, é do meu pai. Ele me mandou uma foto.

Franzo as sobrancelhas. Nem lembro quando foi a última vez que ele me mandou uma mensagem de texto. Arrasto o dedo na tela para desbloquear o telefone.

É da mesa da cozinha. Por um instante não consigo entender o que está espalhado sobre ela. Então, subitamente, a imagem ganha foco, e meu coração para de bater.

O equipamento de fotografia dela. Completo.

Ele podia aproveitar para desenterrar o corpo dela e dispor o esqueleto na mesa, e só depois me mandar a foto *daquilo*.

Sei dizer o nome de cada item do equipamento. Se você me mostrar uma foto dela, eu provavelmente direi qual câmera ela usou. As bolsas dela estão penduradas no encosto de uma cadeira. Posso sentir o cheiro do couro misturado com sangue, suor e lágrimas literais das suas missões. Toda vez que ela voltava para casa, eu a ajudava a desfazer as malas, por isso o peso daquelas câmeras e o cheiro das suas bolsas estão tão ligados às minhas lembranças.

Toda vez, menos a última.

Desde que ela morreu, não encostei nas bolsas dela. Não *encostei* nelas.

Aquelas são as coisas dela.

Aquelas são as *coisas dela*.

Ela e eu sempre as desempacotávamos juntas. Ela me contava segredos das suas viagens, e ficávamos acordadas até tarde para assistir a um filme água com açúcar depois que meu pai fosse dormir. Ainda tem um potinho intacto de sorvete de cereja com chocolate no freezer, agora quase irreconhecível sob os cristais de gelo. Eu comprei para dividir com ela. Nunca mais vou comer esse sabor de novo na vida.

Meu pai nunca quis saber das histórias dela. Ele *nunca quis saber*.

E agora ele está ENCOSTANDO NAS COISAS DELA.

Meus dedos estão tremendo. Suados. Quase não consigo segurar o celular.

Uma linha de texto surge debaixo da imagem.

CY: Ian se ofereceu para ajudar a nos livrarmos destas coisas. Ele está vindo me fazer uma oferta. Tem algo aqui que você queira antes que eu o deixe levar tudo?

QUÊ?

Acho que estou tendo um ataque de pânico. Um chiado entala em minha garganta.

De algum modo, o telefone encontra minha bochecha e a voz do meu pai chega ao meu ouvido.

– O que você está fazendo? – pergunto. Quero gritar, mas minha voz está fraca, aguda e engrossada com lágrimas. – Para! Coloca isso de volta no lugar!

– Juliet? Você está…?

– Como você foi capaz? – Agora estou chorando. – Você não pode. Não pode. Não pode. Como você foi capaz?

– Juliet. – Ele parece chateado. É a primeira emoção que ouço dele desde que ela morreu. – Juliet. Por favor. Fica calma. Eu não…

– Isso tudo é dela! – Meu joelho toca o chão. Aperto minha testa contra as barras de ferro forjado da grade. – Você nunca… Isso é *dela*…

– Juliet. – A voz dele sai abafada. – Eu não vou. Não tinha ideia…

Ele está me matando. A dor está me rasgando. Mal consigo segurar o telefone.

Eu o odeio. Eu o odeio por isso.

Odeio.

Odeiodeiodeiodeiodeiodeio!

Controle-se, Juliet.

Meus olhos embaçam e tudo gira ao meu redor; parece passar um bom tempo antes de eu perceber que estou deitada na grama e que a voz dele é um eco mínimo gritando pelo telefone.

Eu o aperto contra o meu ouvido. Manchas aparecem na minha vista.

– Juliet! – Ele está gritando. – Juliet, vou chamar a emergência. Responda!

– Estou aqui – falo, quase sem ar. Choro alto. – Você não pode. Por favor.

– Eu não vou fazer nada – ele sussurra. – Tá bom? Não vou.

O sol segue me castigando, transformando minhas lágrimas em marcas avermelhadas no meu rosto.

– Tá bom.

Eu devia pedir desculpas, mas as palavras não vêm. É como se você

pedisse perdão por ter se zangado com alguém que enfiou uma estaca no seu peito. Minha respiração continua entrecortada.

– Você quer que vá te buscar? – ele pergunta.

– Não.

– Juliet…

– Não.

Preciso esperar. Não posso ir para casa agora e ver todas as coisas dela ali em cima da mesa.

– Coloque tudo de volta no lugar – digo.

Ele hesita.

– A gente talvez devesse conversar…

Vou vomitar.

– Coloque de volta no lugar!

– Eu vou colocar. Eu vou colocar. – Ele hesita de novo. – Quando você vai vir para casa?

Desde que ela morreu ele não me perguntava isso. É o primeiro indício que tenho de que ele ainda sabe que eu existo.

Eu deveria estar agradecendo aos céus por ele ainda ter se dado ao trabalho de perguntar se eu queria algo das coisas dela.

Ele provavelmente está arrependido até o último fio de cabelo por ter mandado aquela mensagem.

– Quando eu estiver pronta.

E desligo.

CAPÍTULO 7

Você pode procurar minha mãe na internet se quiser. Se colocar “Zoe Thorne foto Síria”, vai aparecer uma das fotos mais famosas dela. Um menininho e uma menininha sentados em dois balanços, rindo. Atrás deles há um prédio bombardeado e dois homens com fuzis. As roupas de todos estão imundas, cobertas de suor e terra. Os homens estão suados, exaustos e aterrorizados. Não restou nada ali além daquele balanço.

Nunca consegui me decidir se essa foto é deprimente ou otimista.

Talvez as duas coisas.

Desde que minha mãe morreu, o equipamento dela ficava guardado num canto do porão. Ninguém tinha encostado nele… até agora. Hoje à tarde meu pai estava prestes a vender tudo para o antigo editor da minha mãe.

Não lidei muito bem com isso.

São vários aparelhos e custam uma fortuna. Milhares de dólares. Provavelmente dezenas de milhares de dólares. Não somos ricos, mas também não vivemos apertados. Meu

pai disse que não estava nem aí para o dinheiro e, por conta disso, eu quis bater nele. Se não era pelo dinheiro, então por quê? Por que se livrar das coisas mais preciosas dela? Mas é a cara dele. Perguntei se ele seria assim tão nobre para vender a aliança dela. Ele respondeu que minha mãe foi enterrada com a aliança. Aí ele começou a chorar.

Eu me senti ~~uma merda~~ péssima. Ainda estou me sentindo.

Que ridículo eu ter riscado isso. Acho que é a força do hábito. Minha mãe nunca tolerou palavrões. Ela dizia que tinha gastado bastante dinheiro para aprender a usar as palavras e as imagens da melhor maneira possível, então achava um desperdício ser boca suja.

Só soube que meu pai estava querendo se livrar das coisas dela porque ele me perguntou se eu queria ficar com algo. Desde a morte dela, nunca mais toquei numa câmera. Era para eu estar fazendo uma aula optativa de fotografia, mas abandonei o curso. O professor me falou mais de cinco vezes que me aceitaria de volta se eu mudasse de ideia, mas a chance de isso acontecer é a mesma de ela voltar do além. Eu não consigo apoiar uma câmera no rosto sem pensar nela. Nunca mais tive vontade de tirar uma foto sequer.

Não. Isso não é verdade.

Semana passada, vi alguém com tanta emoção contida nos olhos que desejei ter a câmera nas mãos bem naquele instante. Eu mal o conheço e só o vi por um minuto, mas é como se um obturador tivesse clicado no meu cérebro.

Minha mãe costumava dizer que uma foto não vale nada se não produz uma reação, que é preciso talento para capturar sentimento com uma imagem. Acho que eu nunca tinha entendido de verdade o que isso queria dizer até aquele momento.

Mas eu não tinha uma câmera na hora e, além do mais, não dá para clicar um desconhecido assim sem gerar algumas questões.

Procure a foto dela da Síria se você puder. Estou curiosa para saber o que você vai achar.

Minha mãe estava lá quando a bomba explodiu. Ela teve sorte de sair viva.

Sei que ela tinha sorte porque meu pai vivia dizendo isso para ela. Ele falava isso geralmente com uma ponta de irritação: “Você tem sorte de estar aqui, Zo. Um dia desses, vai acabar gastando toda sua sorte. Será que você não consegue tirar umas fotos expressivas em Washington ou no centro de Baltimore?”.

Ela dava risada e dizia que teve sorte de ter tirado a foto.

Só que ele tinha razão. Ela acabou gastando toda a sorte que tinha. Vindo do aeroporto para casa, ela morreu em um acidente seguido de fuga.

Ela só estava em um táxi porque eu tinha lhe pedido para voltar logo para casa, e ela tinha pegado um voo mais cedo para fazer surpresa.

Às vezes acho que o destino conspira contra nós. Ou talvez o destino conspire conosco.

Sei que você entendeu o que eu quis dizer. Você não se sente assim também em relação à sua irmã?

O Melado não está aqui. Faz meia hora que estou sentado de costas para a porta do barracão de máquinas, e estou começando a me perguntar se ele vai mesmo aparecer. Agora já conheço a rotina e poderia começar a aparar sem ele, só que não tenho a chave.

Puxo meu celular do bolso e procuro a foto descrita pela Garota do Cemitério. Ela tinha razão: as crianças mostram um raio de esperança. O sorriso delas brilha, e dá até para sentir o movimento dos balanços. Já os caras com as armas parecem não ter mais esperança nenhuma. Um deles tem uma ferida na têmpora, da qual escorre sangue. Fico pensando como é que deixam crianças brincarem num balanço depois de a cidade ter sido feita em pedaços, mas então me dou conta de que não deve ter sobrado nenhum outro lugar para escondê-las.

– Oi!

Ergo os olhos. Uma menininha num vestido de verão roxo está correndo pelo gramado. O cabelo dela é tão preto que reflete o sol. Marias-chiquinhas encaracoladas balançam a cada passo que dá. Ela parece vibrar por estar viva.

– Oi! – respondo.

Quem será que ela está tão feliz em ver? Não há ninguém mais ali.

Então avisto o Melado. Ele a segue em um ritmo mais lento. Deve ser a filha dele.

Enfio o telefone de volta no bolso e me levanto. Nunca sei como decifrar esse cara, mas, depois da bronca que ele me deu semana passada, tenho vontade de falar um monte por ele estar chegando atrasado.

Então a menina se joga em cima de mim e agarra minhas pernas. Tomo um susto e recuo um pouco. Ela ri da minha reação, mas não me larga.

– Oi! – ela repete, cravando os dedos de um jeito como que para garantir que eu não fuja. Ela abre um sorriso para mim, sua boca cheia de dentes de leite.

– Marisol! – O Melado aperta o passo nos últimos três metros e a levanta no alto, virando-a nos braços e a prendendo sobre seus ombros.

Ela ri a plenos pulmões.

– Para, *papi*!

– Desculpa, Murph! – Ele tira um chaveiro do bolso. Sua voz soa cansada. – Ela abraça todo mundo.

Alguma coisa me faz lembrar da inocência despreocupada na foto do vilarejo bombardeado. Essa menininha não me conhece. Ela não vê o que as outras pessoas veem.

Isso me faz querer alertá-la para não chegar perto.

Mas o Melado correu para apanhá-la, como se eu fosse fazer alguma coisa.

Estou ali, de cara amarrada, quando ele me chama de dentro do barracão. Ele levanta o portão da garagem para podermos tirar os cortadores.

– E aí, garoto? Está pronto para trabalhar ou não?

– Estou pronto faz meia hora.

Fico esperando ele esbravejar comigo, mas ele apenas joga as luvas de trabalho para mim.

– Eu sei. Desculpa. A Carmen teve que trabalhar até tarde, e um de nós precisava buscar a Marisol. Achei que iria conseguir voltar a tempo.

Eu não estava esperando um pedido de desculpas, e isso acaba abrindo um buraco na minha irritação. Coloco as luvas e pego um saco de lixo para recolher o sortimento de recordações da noite.

O Melado monta em um cortador e chama a filha.

– Quer dirigir, *cotorra*?

– Quero!

Ela larga a parede de poeira onde havia começado a desenhar flores ou monstros ou seja lá o que fossem aqueles bonequinhos de palito não humanos. Sobe no cortador com um pouco de ajuda e se ajeita na frente dele com suas mãozinhas minúsculas agarradas ao volante.

Por um segundo, viro criança outra vez, assistindo à Kerry escalar a picape para “ajudar” meu pai a guiar. A gente brigava para decidir de quem era a vez de sentar ao lado dele.

Preciso desviar os olhos. Subo no meu cortador. Talvez essa coisa de escrever cartas não esteja sendo uma boa ideia. Já falei demais e, cada vez que encosto o lápis no papel, é como se estivesse usando uma escavadeira para arrancar lembranças que eu preferia deixar enterradas.

O motor do Melado demora para dar a partida, mas acaba pegando. Um segundo depois, morre. Ele resmunga alguma coisa em espanhol e tenta de novo. Dessa vez o motor arranha e parece que não vai pegar de jeito nenhum, mas enfim dá a partida.

Então morre quase que imediatamente.

Ele tenta uma terceira vez. E uma quarta.

Há uma definição para insanidade que fala sobre fazer várias vezes a

mesma coisa, esperando um resultado diferente.

– Ei – eu chamo. Ele me ignora e tenta de novo. Agora não pega mesmo.

Desligo meu cortador e desço.

– Ei.

Ele desvira a chave e ergue os olhos com uma expressão impaciente.

– Quê?

– Está parecendo ser a sua linha de combustível.

– O que você entende disso?

Odeio isso. Odeio quando as pessoas me tratam como um idiota que não consegue nem ver as horas.

– Eu sei que está parecendo ser a sua linha de combustível. Quando foi a última vez que você checou o filtro?

– Eu não cuido da manutenção das máquinas, Murph. Eles aqui têm um plano de serviços.

– Então esse plano de serviços é ruim pra cacete.

– Esse planu de selviçu é runho pra *cacete* – Marisol fala. Ela fica pulando no banco. – Vamos, *papi*. Anda, tlator. Anda.

– Muito obrigado, garoto – O Melado parece ofendido. Ele a tira da frente do cortador e a coloca no chão. – Eu já achava que estava atrasado. Agora, então… *Eu* vou ter que trabalhar no sábado.

– Você tem ferramentas aí? Talvez eu consiga arrumar.

– Não acho que você deva ficar mexendo nisso.

– Tá. Tanto faz. – Que se dane. Eu ofereci. Monto de novo no meu cortador e dou partida nele.

Estou saindo do barracão quando ele grita atrás.

– Tá bom! Venha ver o que você pode fazer.

O trator está uma zona. Levo um minuto a mais só para chegar no motor porque a dobradiça está enferrujada. Eu não sei quem está levando o dinheiro deles, mas esse negócio não tem manutenção nenhuma. Já que estou com ele aberto, checo o depósito do óleo. O óleo está preto e grosso feito uma sopa. Falo isso para ele.

– Como é que você virou um especialista em tratores? – ele pergunta. Sua filha está agachada entre nós, como se tivesse um papel fundamental na tentativa de conserto. Seus olhos correm de um lado para o outro. Ela repete quase toda palavra que digo.

– Eu não disse que era especialista em tratores. Isso é o básico. – Esfrego o braço na minha testa antes que o suor escorra nos meus olhos. – Um motor é

um motor.

– Você entende de carros?

Dou de ombros e mantenho os olhos no motor enquanto devolvo o depósito do óleo ao lugar. Estou acostumado a ouvir o Melado matraqueando, mas ele geralmente não fala *comigo*.

– Mais do lado de dentro que do de fora.

– Você acha que consegue consertar para que funcione hoje?

– Talvez. O filtro de combustível precisa ser trocado, mas acho que consigo fazer uma limpeza que dê conta. – Eu o desprendo e assopro nele.

Marisol se inclina para a frente e tenta fazer o mesmo. Eu estendo para que ela experimente.

O Melado assiste a isso, e eu recolho a peça, lembrando o jeito como ele a puxou para longe de mim.

– É bacana da sua parte deixar ela ajudar – ele comenta.

Sinto meu rosto vermelho e olho de novo para o motor. O Rev é bem melhor com crianças. Eu não tenho muita prática.

– Não é como se ela fosse estragar alguma coisa.

– Não fazo estrago! – ela fala indignada.

Sorrio.

– Além do mais, ela fala como se estivesse tomando notas para fazer um manual depois.

Ele a abraça.

– Ela é a minha papagainha.

Marisol se contorce para fugir do abraço.

– Eu tô ajudando.

– Está mesmo – ele concorda.

Limpo o lado de fora do filtro, depois assopro nele outra vez.

– Não garanto que vá aguentar a noite toda, mas vai dar para você fazer um ou dois setores.

– Foi seu pai que te ensinou essas coisas?

– Foi.

– Ele é mecânico?

– Não mais.

Ele deve ter percebido o tom da minha voz, porque sinto a sua hesitação. Ele quer me perguntar. Estou surpreso por ele não ter recebido minha história completa pela juíza, mas talvez ele tenha só os detalhes dos meus crimes, não dos do meu pai.

Ele deve ter pensado melhor.

– Obrigado, Murph.

Coloco o filtro no lugar e olho para ele. Tento eliminar qualquer sinal de irritação da minha voz, mas um pouquinho acaba ficando.

– O meu nome é Declan.

O Melado não titubeia e estende a mão.

– Prazer. O meu é Frank.

Tomo um susto.

– Frank?

Ele encolhe os ombros.

– Você prefere me chamar de Francisco?

Desvio o olhar, quase envergonhado. Não é como se eu o chamasse de Pedro ou algo assim.

Embora isso talvez fosse melhor que *Melado*.

Ele cutuca meu ombro.

– O seu pai não te ensinou a cumprimentar, não?

Tiro a luva e dou a mão para ele.

– Você não é um mau garoto para se ter por perto, Declan – ele diz.

Eu bufo.

– É que você me conhece há pouco tempo.

«»

Meu padrasto está sentado na sala de estar quando entro em casa. Normalmente dou uma checada antes, mas tudo o que eu preciso agora é de um refrigerante, de um banho e da oportunidade de me esconder no meu quarto sem dar satisfação a ninguém. Está passando um jogo de futebol americano em um volume ensurdecedor. Minha mãe e o Alan se deram de presente de casamento a tevê de tela gigante. Minha mãe não suporta barulho, então não me surpreende que ela não esteja ali ao lado dele. Mas o carro dela está na entrada, então sei que está em casa.

Minha vontade é de dizer para o Alan baixar a porcaria do volume para que ela também possa aproveitar a tevê.

Mas não digo nada. Sequer olho para ele.

Ele me observa, porém, como se estivesse me esperando para soltar os cachorros. Dá para sentir a tensão no ar.

– Onde você estava? – ele pergunta.

Que babaca. Ele sabe muito bem onde eu estava. Passo pelo sofá rumo à cozinha.

– Estou falando com você. – Ele grita quase mais alto que a tevê. – Não me ignore.

Eu o ignoro.

Fico achando que ele vai me seguir até a cozinha, mas isso não acontece.

O Alan vende seguros. Já o vi agindo no modo vendedor, e o cara é o rei do papinho-furado. Nas horas vagas, ele finge ser do tipo machão louco por esportes. É um milagre que ele não esteja na frente da tevê com uma flâmula do seu time e um dedo de espuma gigante.

Não sei o que a minha mãe vê nele.

Mentira. Sei exatamente o que ela vê: um cara de boa lábia que descobriu como levá-la para a cama.

Quer saber o que eu vejo? Outro cretino que vai decepcioná-la tanto que até cair de um abismo vai parecer menos doloroso.

Não que tenha alguém por aí querendo saber minha opinião.

Na geladeira tem lasanha. Corto um teco e coloco em um prato, mas nem me dou ao trabalho de esquentar. Pego uma lata de refri e um garfo, e me preparo para passar de novo correndo pela artilharia pesada do Alan.

Quando saio, ele está com os olhos cravados na porta da cozinha. O som da tevê está estourando no máximo.

– Perguntei onde você estava – ele fala.

Continuo andando.

Ele levanta e barra meu caminho.

O Alan não é um cara grande, mas também não é pequeno. Não consigo nem imaginar o que aconteceria se ele tentasse me bater. A única coisa que me impede de dar um murro na cara *dele* é que eu sei como isso chatearia minha mãe.

Não sei se posso dizer o mesmo dele.

Olho nos seus olhos. Empatamos na altura. A maioria das pessoas recua quando chego perto, mas o Alan não. Ele sabe o que eu fiz e o que tenho de fazer, mas mesmo assim é humilhante que eu precise dizer isso em voz alta.

– Eu estava no serviço comunitário.

– Ele acaba às oito. Já passou das nove.

– Meu chefe chegou atrasado. A gente teve um problema com um dos cortadores. – O prato na minha mão começa a ficar pesado.

– A sua obrigação é de se apresentar lá e assim que terminar voltar para

casa.

– Foi o que eu fiz.

– Não minta para mim.

Preciso me segurar muito para manter o prato comigo em vez de atirá-lo no chão.

– Eu não estou mentindo.

– Se fosse por mim, você não estaria mais nem dirigindo.

Meu maxilar trava. Forço para passar antes que ele me obrigue a começar um bate-boca.

– Que bom que não é você quem decide, né?

Na verdade, que bom que eu tenho um advogado caro, senão eu realmente não estaria mais dirigindo.

Alan não me detém e não fala nada enquanto começo a subir os degraus. Quando estou fechando a porta do meu quarto, escuto a voz dele, mordaz e resignada.

– Você vai acabar igual ao seu pai.

O som da tevê estava alto o bastante para que eu não o ouvisse muito bem, mas ele não fez questão de falar baixo.

Cravo meu refrigerante na cômoda e abro a porta do quarto com tanta força que ela chega a quicar contra a parede. Respiro fundo e preciso me controlar para não descer a escada.

– Que foi que você disse? – grito.

Agora é ele que está me ignorando.

Dou um murro tão forte na parede que os quadros até balançam.

– Fala, Alan! Que foi que você disse, porra?

– Você ouviu bem.

Odeio esse cara.

Odeio esse cara.

Odeio que ele more aqui. Odeio que ele não seja meu pai. Odeio que ele faça minha mãe feliz. Odeio que ele não a faça feliz para valer.

Odeio tudo nele.

A porta no fim do corredor se abre e vejo surgir minha mãe. Seu cabelo escuro está preso num rabo de cavalo folgado. Ela se agarra ao batente como se quisesse ter a possibilidade de voltar para o quarto caso o clima esteja muito assustador aqui fora.

Isso suga um pouco da minha raiva. Uma das minhas mãos está tão cerrada que as unhas chegam a se enterrar na palma, enquanto a outra agarra um

prato trêmulo de lasanha. Meus ombros estão caídos, e sei que estou com um olhar selvagem.

Eu deveria pedir desculpas, mas não consigo. É peso demais para mim. Devo desculpas a ela por coisas muito maiores. A carta do cemitério estava certa: o destino sempre parece estar conspirando contra nós. A culpa recai nos meus ombros e me esmaga até eu não conseguir mais me mover.

Minha mãe não se mexe também.

Queria saber se ela ouviu o que o Alan disse. Queria saber se ela concorda com ele.

Viro de costas e entro no meu quarto. Não bato a porta, mas o silêncio súbito é estrondoso, apesar do jogo barulhento lá embaixo.

Ela não vai vir aqui. Faz anos que ela não entra aqui.

Quem sabe…

Não, nada vai mudar.

Eu me jogo no canto da cama. Não quero mais a lasanha. Ainda ouço a voz do Alan na minha cabeça.

Você vai acabar igual ao seu pai.

Ele está certo. Provavelmente vou.

CAPÍTULO 8

Meu pai está na cadeia.

Nunca fui visitá-lo. Acho que minha mãe também não. A gente não fala disso. É um segredo de família que nem é um segredo.

O segredo mesmo é que às vezes eu queria vê-lo. É estranho admitir isso, mesmo para você. Nunca contei isso a ninguém, nem para o meu melhor amigo. Seria fácil odiar meu pai, mas eu não o odeio.

Tenho saudade dele. Não como eu tenho da minha irmã. Jamais igual. Ela e eu podíamos brigar como se fosse o fim do mundo, afinal ela era a irmã mais nova, mas, quando era preciso, a gente era muito unido. Dizem que perder um membro da família é como perder um membro do corpo. Quando ela morreu, foi como se eu tivesse perdido metade de mim. Sinto falta dela, mas sei que ela nunca vai voltar. Isso não tem volta.

Mas eu também sinto falta dele, de um jeito diferente.

E a prisão não é para sempre. Bom, pelo menos não para ele.

Isso é bem errado, você não acha? Eu devo ter cocô na cabeça para sentir saudade do cara que a matou, não é?

Eu quase usei outra palavra em vez de “cocô”, mas lembrei do que a sua mãe dizia. Meu melhor amigo é igual. Ele odeia quando eu xingo, então me esforço. Quase sempre.

Mas discordo da sua mãe. Palavras são palavras. Soltar um palavrão não faz de mim um idiota, assim como usar uma palavra difícil não faz de ninguém uma pessoa inteligente.

Só que esses dois tipos de palavra podem fazer alguém parecer um total escroto.

Agora fiquei com a sensação de que devia ter riscado o “escroto”. Sua mãe provavelmente não ia gostar muito de mim.

Eu procurei a foto da sua mãe. Não acho deprimente. Nem otimista. Assim é a vida. Quando tudo ao seu redor está perdido, só há um caminho a seguir: para a frente. Aquelas crianças no balanço sabem disso. Os caras com as armas também.

Quantos anos você tem? Você mencionou a matéria optativa de fotografia, então acho que você está no ensino médio. Você estuda no Hamilton?

Ou talvez seja melhor que a gente não saiba nada um do outro.

Você decide.

– Preciso da sua opinião sobre uma coisa.

A Rowan ergue a mão e sopra as unhas. Ela está pintando-nas com um rosa tão clarinho que é quase branco. As unhas translúcidas, combinadas com o tom claro da pele e do cabelo dela, deixam seu visual ainda mais etéreo que o

normal. Os móveis do seu quarto são todos brancos, adornados com dourado, e o carpete é lavanda. Só está lhe faltando um par de asas.

– Você está se escondendo – ela diz.

Sento direito. Esse comentário veio do nada e não tem nada a ver com o que eu estava para lhe perguntar.

Por outro lado, talvez tenha acertado no alvo.

– Eu estou me escondendo?

– Do seu pai.

Ah. Fecho a cara.

– Não quero falar dele.

Ela começa a passar a segunda camada de esmalte.

– Ele não fez aquilo para te machucar, Ju.

Não digo nada.

Ela ergue os olhos.

– Você mesma disse que o editor dela se ofereceu para levar as coisas. Seu pai não juntou tudo e colocou para vender na internet.

Ela tem razão. Eu sei. Dou uma examinada nas minhas próprias unhas curtas, arredondadas e sem esmalte.

– Parece que ele está querendo castigá-la – falo baixinho.

– Pode ser. – Ela hesita. – A raiva é uma das fases do luto.

Esse papo está me deixando nervosa. Não queria conversar nada sobre meu pai. Nem sobre minha mãe.

– É a sua aula de psicologia que está falando?

Ela põe o vidro de esmalte de lado e gira a cadeira da escrivaninha para ficar totalmente de frente para mim.

– Ontem à noite minha mãe me perguntou se ela deveria ligar para o seu pai.

– Quê? – Minha voz engrossa dois tons. Olho para a porta pronta para fugir. – Por quê?

– Porque nos últimos quatro dias você tem ficado aqui até quase meia-noite.

– Tá bom. Estou indo nessa.

– Não, Ju! Para! – Ela entra na minha frente antes que eu possa chegar à porta. Suas mãos pousam nos meus ombros, de levinho para não borrar o esmalte. – Espera, tá? Espera. Minha mãe falou também que você é sempre bem-vinda aqui. Sempre. – Ela vacila um pouco. – A gente está preocupada com você.

A Rowan e a mãe dela podiam ser irmãs. Sério, as pessoas dizem isso o tempo todo. A Mary Ann tinha 22 anos quando a Rowan nasceu, e ela se cuida bastante. Você poderia pensar que a Rowan bancaria a rebelde pintando o cabelo e comendo chocolate no jantar, mas nada disso. Elas contam tudo uma para a outra.

Não deveria me surpreender que elas andem conversando sobre mim.

O que me surpreende é perceber a inveja que estou sentindo nesse momento. A ficha me cai de repente.

– Eu sei que ele não fez para me machucar. – Fixo meus olhos nela e pela primeira vez me dou conta de que ela simplesmente não entende. – Esse é que é o problema. Ele sequer pensou que me machucaria.

Ela hesita.

– Pode falar. – Endureço minha voz. – Seja lá o que for. Fala, Rô.

– Talvez você devesse deixar minha mãe ligar para ele.

– Hein? Mas para quê?

– Talvez ele precise de uma pequena… assistência. Para poder te ajudar.

– Com certeza. – Não consigo nem esconder o desdém da minha voz. Sigo novamente rumo à porta.

– Poxa – ela diz, me seguindo pelo corredor. – Você é a minha melhor amiga. Eu quero te ajudar.

– Eu sei. É só que… agora eu não quero ajuda.

– Para, por favor.

Eu paro, já no hall de entrada. As luzes do teto estão acesas, transformando seus cabelos em fios de ouro e fazendo os seus olhos azuis se destacarem. Meu cabelo continua escuro e liso, e estou usando um pouco de blush e gloss só porque não aguento mais ouvir as pessoas me dizerem que preciso descansar um pouco.

– Você parece estar sempre tão brava – ela fala baixinho, com cuidado.

– Eu estou brava.

As palavras saem antes que eu possa considerar seu impacto. Talvez ela tenha razão; talvez essa seja uma fase do luto. Sinto, porém, como se estivesse atolada na fase da raiva há um bom tempo, e que o buraco seja tão fundo que já não tenho mais como sair dele.

Na verdade, se a gente ficar aqui mais tempo, tenho medo de que essa raiva mexa demais comigo.

– Tenho que ir – falo rápido e agarro a maçaneta.

– Ju… – Ela para de repente e suspira. – Eu não falei isso para te fazer ir

embora.

– Eu sei.

– O que você ia me perguntar?

Eu ia lhe perguntar sobre as cartas, mas agora não tem como. Ela não vai compreender. Ela vai ler nossas conversas sobre morte, suicídio e desesperança e vai entender tudo errado.

O meu pai *certamente* receberia uma ligação nesse caso.

Olho para ela.

– Não é nada. É besteira. Te vejo amanhã, tá?

Já do lado de fora, ela começa a vir atrás de mim, mas ergo as mãos.

– Chega, Rô. Chega. Só quero dar uma volta para espairecer um pouco. Eu vou ficar bem.

– Você vai ao cemitério?

Já é tarde da noite. Se eu lhe disser que vou, ela vai surtar.

– Não. Hoje não. – Desço os degraus correndo. A Rowan não me mandou embora, mas a casa dela já não é mais um refúgio. Não com a mãe dela ali sentada, esperando para fazer uma análise do meu luto.

– Boa noite, então – ela grita.

– Boa noite – grito de volta.

Eu me sinto uma péssima amiga, mas não posso fazer nada. Não posso forçar o que estou sentindo para que se encaixe entre os capítulos dois e seis de um manual sobre como lidar com a morte de um ente querido.

Meu carro está bem no final do quarteirão porque depois da aula alguém estava dando uma festa de aniversário por aqui. Agora a rua está deserta e meu carro me aguarda solitário embaixo de um olmo. Fico meio na expectativa de que a Rowan apareça atrás de mim, mas ela não vem. A calçada está um breu, e meus tênis guincham contra o chão a cada passo. A noite roubou o calor do ar, e agora uma brisa levanta meu cabelo e resfria meu pescoço.

Respiro, inalando grama recém-cortada, casca de árvore e umidade.

Perto dali, um homem tosse. Dou um pulo, assustada. Olho em volta, mas não o vejo.

Os cabelinhos da minha nuca se arrepiam. Minhas mãos se atrapalham com as chaves.

A porta abre e eu me jogo no banco do motorista. O ar dentro do carro gruda na minha pele, exalando a café levemente velho e estofamento superaquecido. Raiva e apreensão lutam dentro de mim enquanto coloco a

chave na ignição e a giro.

Nada acontece.

Tento de novo.

Nada. Os faróis auxiliares piscam e apagam.

– *Porra.* – Bato no painel.

No interior do carro minha voz sai tão alta que me encolho assustada. *Desculpa, mãe.*

Mas, se quer saber, acho que penso igual ao Cara da Carta. Palavras são só palavras.

Sinto de repente uma ponta de culpa, como se eu estivesse traindo a memória dela.

Uma mão bate na janela e eu quase caio dura. Tem um cara ali fora com o rosto coberto por um capuz escuro. Consigo ver a ponta do maxilar e uma pedaço de cabelo comprido, nada mais.

– Para trás! – Minha mão encontra meu telefone antes mesmo que eu chegue a pensar em pegá-lo.

Já estou com o dedo pronto para ligar para a polícia quando vejo que ele pôs as mãos para o alto e está recuando um passo. Não consigo vê-lo direito, mas a armação de um par de óculos reflete na luz. Ele é alto e tem ombros largos. A palavra "armário" vem à minha mente. Ele provavelmente poderia fazer supino com meu Honda Civic.

Ele tosse de novo.

– Desculpa – ele diz, falando um pouco mais alto que o necessário para eu conseguir escutá-lo através da janela. – Só queria saber se você precisa de ajuda.

– Estou bem! – Não tinha um e-mail numa dessas correntes idiotas de segurança para mulheres falando sobre uma gangue que pegava meninas desativando o carro delas? Viro a chave. *Pisca-pisca-morre.*

– Você não é a Juliet Young?

Eu paro e olho de novo para ele. É bom ou ruim que ele saiba meu nome?

Ele baixa o capuz da blusa de moletom.

– Acho que a gente fez aula de inglês juntos ano passado.

Por um instante, não consigo reconhecê-lo de jeito nenhum. Então meu cérebro resolve funcionar. Ele é aquele esquisitão solitário que senta no fundo em todas as aulas e nunca conversa com ninguém. O nome dele é Red ou Razz ou algo assim. Ele sempre usa esses moletons com capuz e camisetas de manga comprida, mesmo em dias escaldantes de verão.

Ele parece um *serial killer*.

– Você precisa de uma chupeta? – ele pergunta.

Eu o encaro por um bom tempo.

– Se eu preciso *do quê*?

– No seu carro – ele explica. – A bateria descarregou?

– Não sei. Mas está tudo bem. – Eu podia voltar para a casa da Rowan, mas não sei se já quero sair do carro. Ele não fez nada de errado, mas somos só nós dois nessa rua escura. Essa é aquela parte do filme em que você grita para a garota ficar dentro do carro.

Tenho então uma epifania.

– Vou ligar para o meu pai vir me buscar.

– Meu amigo tem um jogo de cabos de bateria. Ele mora logo ali. – Ele aponta para a rua em frente, então tira um telefone do bolso e começa a escrever uma mensagem. Um segundo depois, ele olha para mim.

– Levanta o capô.

Estou presa em algum lugar intermediário onde não sei se ele está dizendo a verdade ou se estou sendo idiota. Olho para o meu telefone. Eu não estou *realmente* com vontade de ligar para o meu pai. Isso levaria a uma conversa e, desde o incidente da câmera, não estou *nem um pouco* a fim de papo.

Em vez disso, mando uma mensagem rapidinho para a Rowan.

JY: Meu carro morreu e um cara da escola se ofereceu para fazer pegar. Você pode dar um pulo aqui?

Então enfio o telefone no bolso e puxo a alavanca para abrir o capô.

Ele não me espera sair do carro; vai até a frente e levanta o capô, procurando a vareta de ferro para prendê-lo. Eu o escuto encaixá-la.

O ar dentro do carro é asfixiante; eu queria ter o poder de conseguir baixar o vidro. O sol já se pôs faz um bom tempo, mas o calor aqui dentro é forte o bastante para fazer o suor brotar na minha testa.

Debaixo do capô, metal bate contra metal e eu me pergunto o que será que o cara está fazendo. Fico pensando em todas as vezes que meu pai se ofereceu para me ensinar o básico sobre manutenção do carro… e o mesmo número de vezes que eu respondi “depois”.

Mas, pensando bem, não seria trocando o óleo ou verificando a pressão dos pneus que o motor voltaria a funcionar.

Pelo espelho do passageiro vejo a Rowan vindo pela calçada em nossa

direção com seu cabelo brilhando ao luar. Bom. Não estarei sozinha.

Destravo a porta e a abro bem. Ela bate em alguma coisa. Forte.

– Uou! – exclama a voz de um cara.

Ergo os olhos. Ali parado, com uma extensão de cabos de bateria nas mãos, está o único colega de classe que eu acho mais assustador que o projeto de gótico escarafunchando na frente do meu carro: Declan Murphy.

Ele parece superfeliz em me ver; a mesma empolgação que um funcionário da limpeza sente quando encontra uma privada entupida. A mão de Declan agarrou o chassi, e ele agora está bloqueando minha saída.

Preciso pedir desculpas, mas sei que vai soar odioso. Já sinto até as palavras coçando na minha língua. Um pedido de desculpas metido a espertinho que seria mais para me proteger do que por ele ter sido atacado pela minha porta.

Meus olhos recaem nos cabos que ele traz nas mãos.

Eu deveria lhe pedir desculpas *e* agradecer.

Enquanto está me olhando de cima, seu rosto perde um pouco da irritação, como aconteceu no corredor da escola na semana passada. De algum lugar surge uma luz que cruza seu rosto, aplicando uma faixa sobre seus olhos e deixando as demais feições dele no escuro. Como a máscara de um super-herói, mas ao contrário.

– A bateria descarregou? – ele pergunta.

Ele parece tão enorme ali parado na minha frente. Engulo em seco e penso na hora em que ele fez um movimento rápido no corredor – quando achei que fosse cometer alguma agressão, mas estava só pegando a mochila do chão.

– Não sei.

– O que o carro está fazendo?

– Hum. – Pigarreio. Olho de relance para o painel. – Nada. Ele só não pega.

– Não acho que seja a ignição – grita o cara debaixo do capô.

– Valeu, Rev. – Declan revira os olhos para o céu, então se curva em direção ao carro. Ele está resmungando para si alguma coisa do tipo "ensinei três coisinhas e agora ele virou o perito".

Eu mal entendo as palavras, pois ele está se inclinando na minha frente e estendendo o braço dentro do carro. Me afundo no banco, mas, quando ele vira a chave, percebo que ele não está avançando na minha direção. Presumo que ele tenha um cheiro ruim, como de cigarro com suor e jeans sujo.

Só que não. Ele cheira a grama cortada, roupa recém-lavada e algum tipo

de sabonete líquido masculino *sport*. As luzes do painel mal piscam quando ele vira a chave, então ele deixa o meu espaço.

– Tudo bem por aqui?

A Rowan está na calçada atrás dele – o cabelo dela reflete a luz de um poste próximo. Declan se vira. Ele não parece surpreso ao vê-la.

– O carro dela precisa de uma chupeta. Você teria um carro que possa trazer até aqui?

Os olhos dela vão dele para o cara debaixo do capô – *Rev?* – e dele para mim.

– Claro – ela se força a dizer. – Quer ir lá comigo, Ju?

A casa dela fica logo ali, no fim do outro quarteirão, mas parece estranho largá-los com o meu carro, especialmente quando Declan diz:

– Deixe a chave aí.

Mas a alternativa é ficar aqui com os dois.

Pego minha bolsa e acerto o passo com a Rowan.

– Eles parecem legais – ela diz baixinho. – Quando cheguei, achei que o Declan Murphy estava tentando alguma coisa.

Sinto o rosto corar e me arrepio ao mesmo tempo.

– Ele nem encostou em mim.

– Que bom. – A voz dela é firme. – Fico feliz que você tenha me mandado mensagem.

Eu também. Mais ou menos. Uma partezinha de mim não queria que ela tivesse aparecido naquela hora.

Dou uma olhadinha por cima dos ombros. O Rev continua debruçado na frente do carro. Já o Declan está um pouco mais atrás. Ele está batendo alguma coisa na palma; então leva a mão ao rosto. De repente uma brasa ilumina sua face.

Um cigarro. Odeio fumantes.

– Você conhece o outro cara? – pergunto.

– Rev Fletcher – ela responde. – Ele mora na esquina. Minha mãe o chama de vampiro. A gente raramente o vê durante o dia.

– Ele quase me matou de susto.

– Acredito. Só com você podia acontecer isso: os dois caras socialmente mais bizarros do mundo aparecerem para dar partida no seu carro. – Agora é ela quem dá uma olhada para trás. – Talvez eu devesse pedir para a minha mãe voltar lá com a gente.

Penso no que ela disse mais cedo sobre sua mãe estar querendo ligar para o

meu pai para oferecer “assistência” e fico irritada.

– A gente não tem mais seis anos, Rô.

A essa altura já estamos na entrada da casa dela. Ela saca do bolso a chave do carro e aperta o botão para destravar as portas.

– Só não quero acabar no noticiário da noite.

Nem eu. É provavelmente sorte que a bateria do meu carro esteja descarregada, caso contrário o Declan Murphy já estaria a dez quilômetros daqui, acrescentando furto de veículos a seus antecedentes criminais. Ainda bem que não deixei minha bolsa dentro do carro.

A Rowan é obrigada a dar meia-volta na entrada de uma casa para deixar seu carro de frente para o meu. Os faróis iluminam Declan e Rev. Isso daria uma bela foto, toda super-exposta e cheia de contrastes.

Ela desliga o motor e os faróis e começamos a nos preparar para sair do carro.

Declan acena e dá uma tragada no cigarro.

– Pode deixar o carro ligado – ele fala. – Os faróis também.

Ela deixa e, dez segundos depois, estamos na calçada, olhando para os cabos conectando nossos carros. Ele desliza para dentro do meu carro e liga o motor. Pega na hora.

– É só isso? – pergunto.

– É só isso.

Fico esperando que ele saia do carro, mas ele dá outra tragada e começa a mexer em alguns botões.

– O que você está fazendo?

Ele não olha para mim e não responde à minha pergunta.

– Onde você mora?

– Acho que isso não é da sua conta.

Isso mexe com ele. Ele sai do carro num impulso e se aproxima de mim. Tudo na sua atitude grita *Não mexa comigo*. Antes que eu possa evitar, dou um passo para trás.

– Declan!

Dou um pulo. A voz masculina vem da minha esquerda e é alta. Um homem de meia-idade com entradas no cabelo está atravessando a rua com fúria.

– O que você está fazendo? Deixe essas garotas em paz.

Seu tom sugere que eu devo estar certa em tomar cuidado.

Declan não se afasta de mim.

– O carro dela não estava pegando. – Sua voz range irritada. – Eu estava ajudando.

– Estou vendo. Parece que você está ajudando muito.

Declan se vira com tudo e desprende os cabos da bateria do meu carro.

– Que porra você acha que são essas coisas, Alan?

Rev se aproxima dele. Ele fala baixo.

– Calma aí, Dec.

Alan é mais destemido que eu. Ele não recua.

– Você não está autorizado a sair de casa na hora que quer. Você está sob toque de recolher. Você sabe o que isso quer dizer?

Toque de recolher? O Declan Murphy está sob toque de recolher?

Ele arranca os cabos do carro da Rowan e bate o capô.

– Não estou violando toque de recolher nenhum. Eu estava *ajudando*…

– Vá pra casa. Não acredito que você continua fazendo sua mãe passar por isso.

A cara de Declan fica sombria. Ele larga os cabos no asfalto e começa a avançar.

Rev é ligeiro. Ele está de frente para Declan com uma mão em seu ombro.

– Ei. *Eeei*. Pensa bem.

Declan se detém. Ele está encarando Alan. Seu maxilar está travado. Ele fecha as duas mãos em punho.

Alan o está encarando de volta. Sua expressão diz: *Pode vir, bandidinho.*

A Rowan está agora ao meu lado, e sua respiração é sonora. A súbita ansiedade que a tomou quer me dominar também. Ela não gosta de conflitos, e este é pior que o confronto do corredor. Desta vez não há um professor para vir interceder.

Parte de mim quer se esconder. Parte de mim queria que a gente *tivesse* chamado a mãe dela.

Um deles vai acabar fazendo um movimento e desencadear a briga. A promessa de violência pesa intensa no ar. Nenhum dos dois parece disposto a ceder. A tensão está atada com tanta força que não creio que qualquer um deles seja capaz de desembaraçá-la.

Uma vez minha mãe me escreveu sobre um susto que ela passou no oeste da África. Ela estava fotografando os efeitos de um grupo extremista que andava destruindo cidadezinhas dali. Segundo o que contou, ela estava acompanhando seus guias pela floresta quando eles literalmente tropeçaram em um acampamento extremista. Ela achou que eles morreriam. Pude sentir o

medo dela nas palavras. Eles apreenderam todo o equipamento e começaram a destruir as câmeras – até ela lhes dizer que estava documentando as vitórias militares deles. Com isso, não apenas a deixaram viver como também permitiram que ela viajasse com eles por um dia. As fotos dela foram parar no *New York Times*, mas a sua carta – as palavras destinadas a mim – tinha sido ainda mais poderosa. Nela, minha mãe havia criado uma imagem composta de suor, armas de fogo e terror… mas daí ela me fez rir.

Os homens são como os bebês, Juliet. Às vezes basta ter alguma coisinha que brilha para conseguir distraí-los.

Eu me abaixo para apanhar os cabos do chão. Depois os estendo para Declan e faço o máximo que posso para que minha voz saia açucarada.

– Muito, muito obrigada por ter aparecido. Eu não queria ter te causado problemas.

Lanço um olhar de culpa para Alan, ainda que por dentro eu esteja tremendo feito vara verde.

– Sinto muito, de verdade. Eu não sabia que ele estava sob toque de recolher. Meu carro não estava pegando, e eu fiquei tão preocupada sobre como iria voltar para casa…

Alan pisca várias vezes, quase como se tivesse esquecido que eu estava ali. Ele lança um olhar para Declan, então para os carros, e finalmente de volta para mim.

– Está tudo bem. Não aconteceu nada de mais, acho. – Seus olhos fulminam Declan outra vez. – Da próxima vez que você quiser ajudar alguém, avise. Se sair escondido de novo, vou chamar a polícia. Aí quero ver você tentar sair de fininho assim de Cheltenham. Está entendido?

Um músculo treme no rosto de Declan, e dá para ver que ele vai contra-atacar. Empurro os cabos nas mãos dele.

– Você acha então que vou precisar de uma bateria nova? Ou está tudo bem com essa?

Demora alguns segundos, mas ele quebra o contato visual com Alan e pega os cabos.

– Ela parece bem velha. – A voz dele soa áspera, mas, sob a agressividade, há sinais de alguma outra coisa que não consigo identificar. – Você não respondeu minha pergunta sobre a distância que vai precisar percorrer.

A pergunta dele? Não me lembro de ele ter perguntado nada.

Será que foi por isso que ele perguntou onde eu morava?

Meu rosto queima de vergonha.

– Ah. Só alguns quilômetros.

Ele assente.

– Deixe-a funcionando um tempo antes de desligá-la. Se fosse você, eu compraria uma nova assim que possível.

Faço um sinal positivo.

Declan se vira e desce a rua.

Alan não se move. Ele está olhando para Rev, que mudou de posição e agora se apoia no carro da Rowan.

– Você precisa deixar que ele resolva seus próprios problemas, Rev.

Rev mantém a mesma expressão impassível. Ele tosse, então levanta o capuz outra vez, encobrindo seu rosto.

– Talvez eu ache que o padrasto dele ajudaria se não lhe causasse ainda mais problemas.

Alan se endireita todo, mas deve pensar que não vale a pena. Ele dá uma risada sem graça e sacode negativamente a cabeça, então vira as costas.

– Vocês garotos acham que sabem de tudo.

Assim que ele vai embora, a rua cai no mais completo silêncio.

– Uau – sussurra a Rowan. Seus olhos estão estatelados.

Rev se volta para ela.

– Isso não foi nada.

– Obrigada por ter evitado que o Declan… – Ela se interrompe. – Que o Declan fizesse… seja lá o que ele ia fazer.

– Eu não evitei nada. Foi ele que evitou sozinho.

Não foi bem o que pareceu, mas não digo nada. Gosto da voz calma de Rev e do jeito como ele enfrentou o padrasto de Declan. Chego a ficar mal por ter pensado que ele parecia um *serial killer*.

Especialmente quando ele olha para mim e diz:

– Obrigado pelo que você fez também. Acha que consegue chegar bem em casa?

Meu coração continua a mil, mas faço um sinal positivo. Então pigarreio.

– O que é Cheltenham?

Rev franze a testa.

– Quê?

– O tal do Alan. Ele disse que queria ver o Declan tentar sair de Cheltenham.

Rev fecha a cara. Ele tosse outra vez e curva um pouco os ombros.

– É um centro de detenção juvenil. – Ele se desencosta do carro da Rowan.

– Bom, veja se consegue trocar mesmo a bateria. Se ele te disse que você precisa de uma nova, então você precisa.

Logo depois ele se move em silêncio na escuridão, nos deixando sozinhas.

CAPÍTULO 9

Comecei 35 bilhetes para você, todos com o mesmo início: “Tenho 17 anos”. Mas não sei como continuar. Não quero estragar nada. Não quero perder isso.

Eu pareço uma idiota. Seria melhor ficar aqui escrevendo cartas para a escuridão, esperando uma resposta.

Eu nem te conheço, mas sinto que te entendo.

Sinto que você me entende.

E é disso que eu mais gosto nessa história.

Ela tem a minha idade.

Eu suspeitava que a idade era parecida, mas agora está confirmado. Não sei por que era importante, mas era.

Ela está gostando disso.

Ela está gostando disso.

Li o bilhete pelo menos 77 vezes, e ele ainda me dá uma empolgação secreta. Dou uma olhada ao meu redor da classe para ver se ela é contagiosa, como se os outros alunos fossem capazes de sentir o choque que esse bilhetinho está me dando.

Não preciso me preocupar. A aula é de inglês e estamos estudando poesia. Nem um balde de café conseguiria acordar esta sala. Uma menina na primeira fileira está lendo em voz alta um poema do Dylan Thomas, mas não está nem aí para a “raiva contra o morrer da luz”, porque ela mais parece estar lendo uma lista de compras. Ela está enrolando seu cabelo em volta do dedo e

inclinando sua cadeira para trás quando chega ao último verso.

Passo meus dedos pelas linhas do bilhete e o releio. Ele está enfiado atrás da capa do meu livro didático.

Sinto que te entendo. Sinto que você me entende.

Uma parte doida de mim quer achá-la de qualquer jeito. Para dizer: *Sim, sim, eu entendo.*

Um silêncio medonho tomou a classe. Juro que dá para ouvir três pessoas mandando mensagens. Nossa professora, a sra. Hillard, tem esperança de que todos nós estejamos absorvendo o poder da poesia. Ela está de frente para a turma, encostada em sua mesa, segurando o livro apoiado no peito.

– Quem pode me dizer do que fala esse poema?

Isso provavelmente vai ser um choque, mas ninguém responde.

A sra. Hillard se endireita e anda pelas fileiras de carteiras, tocando os dedos levemente em cada uma. Sua saia comprida farfalha a cada passo; ela está vestindo um desses cardigãs com padrões que você só encontra nas professoras de meia-idade do ensino médio.

Empurro o bilhete mais para dentro do livro antes que ela chegue até mim.

– Do que Dylan Thomas está sentindo raiva? – ela pergunta. – O que é "o morrer da luz"?

– A escuridão – berra a Drew Kenney.

A sra. Hillard assente, mas contrapõe:

– À primeira vista, talvez.

Os saltos dos seus sapatos percutem na passagem entre as carteiras.

– Do que mais ele poderia estar falando?

– Da noite? – diz outra menina com a voz num leve crescendo. É um chute.

Ela soa tão monótona, tão pouco inspirada. Penso na minha análise fotográfica com a garota do cemitério e me pergunto se ela ficaria assim entediada com esta aula.

Espera. Será que ela está aqui *nesta* aula? Dou uma olhada em volta.

Não faço a menor ideia. *Acho* que não, mas não sei. Também não daria para dizer que a mãe de uma menina morreu só de olhar para ela. Assim como não tem nenhum neon em cima da minha cabeça piscando IRMÃ MORTA.

– Leiam mais uma vez sozinhos – pede a sra. Hillard. Ela tamborila os dedos sobre o livro do meu colega Elijah Walker e sussurra: – Guarde o celular.

Ele suspira fundo e enfia o telefone na mochila.

– Leiam mais uma vez. – Ela para ao lado da minha carteira e mal me nota, com seus dedos tamborilando o livro didático distraidamente antes de continuar andando. Os professores nunca esperam muito de mim. – Leiam outra vez e me digam do que realmente se trata esse poema.

Uma pessoa tosse. Outra se mexe na cadeira.

Silêncio.

Ela se vira no fundo da sala e pela primeira vez sua serenidade parece atingida.

– Alguém deve ter alguma ideia. Alguém. Qualquer um. Não há respostas erradas aqui.

Diz a mulher que acabou de falar para duas pessoas que elas estavam equivocadas.

– Do que fala esse poema? – ela insiste.

Meus olhos passam correndo pela página para entender o porquê de tanto alarde. *Não adentre tão docilmente nessa noite tranquila.*

Antes que eu me dê conta, já terminei de ler o troço. Não tem nada a ver com noite ou escuridão.

A sra. Hillard ainda está andando pelas fileiras.

– Ele diz: “Raiva, raiva contra o morrer da luz”. O que Dylan Thomas está *sentindo*?

– Desespero.

A palavra sai da minha boca antes que eu consiga evitar. Minha voz soa áspera pela falta de uso – não falei com ninguém desde que dividi um pão na cantina com o Rev três horas atrás. Acabei também atraindo um pouco de atenção. Metade das pessoas aqui provavelmente nunca me ouviu falar.

A sra. Hillard volta caminhando pelas fileiras e pousa ao lado da minha carteira.

Não olho para ela. Eu devia ter ficado de boca fechada. Começo a rabiscar no caderno como se fosse outra pessoa que tivesse falado, mas ela não é idiota.

– Desespero – ela diz baixinho. – Por quê?

– Chutei.

– Você não chutou. Por que desespero?

Minha mão para quieta e agora a encaro. Daria até para ouvir um alfinete cair na classe. Não gosto de ser o centro das atenções e quero que ela vá embora.

– Eu *disse* que chutei.

– Está bem, chuta de novo – ela fala calmamente. – *Por que* desespero?

Fecho meu livro com tudo, e dois garotos perto de mim quase pulam da cadeira.

– Ele talvez esteja com medo da porcaria do escuro.

Ela não desiste.

– Talvez. Mas que tipo de escuridão é essa?

Do tipo errado. Uma emoção repentina atinge minha cabeça em cheio. Meus ombros ficam tensos e sinto vontade de rasgar este livro em pedacinhos. Minha respiração está tão pesada que estou parecendo um cavalo selvagem recém-capturado.

– Arrisque – ela fala. – Que tipo de escuridão?

Sua voz é encorajadora. Estou a ponto de desmoronar, mas ela acha que pode, de alguma forma, penetrar na minha mente e encontrar prata reluzente debaixo de uma camada oxidada. Eu já vi esse olhar antes: em assistentes sociais, psicólogos escolares e outros professores.

O que eles não conseguem entender é que não vale a pena nem tentar.

Algumas fileiras à frente, o Keith Mason bufa baixinho com escárnio.

– Provavelmente eles não leem muita poesia no reformatório.

Levanto da cadeira com tanta força que ela arranha o chão.

A sra. Hillard é mais rápida do que eu era capaz de imaginar. E mais corajosa também. Sou quinze centímetros mais alto do que ela, mas ela entra na minha frente mesmo assim.

– Prove que ele está errado – ela dispara. – Responda à minha pergunta. Que tipo de escuridão?

Levo um tempo para filtrar pensamentos inteligentes. Arranco meus olhos do Keith e os levo para a professora. Minha cabeça está rodopiando com os sentimentos provocados pelo bilhete da garota, pelas recordações despertadas pelo poema e pela humilhação de outra lembrança do que sou. De como essas pessoas me veem.

– Ele não está errado – digo, e minha voz soa dura outra vez. Eu me jogo na minha cadeira e fixo o olhar no livro. Pego meu lápis e continuo o rabisco de antes.

Ela inspira para dizer alguma coisa, e meus dedos ameaçam partir o lápis. Sem querer, começo a cavar um buraco no papel.

O sinal toca e os alunos à minha volta explodem num turbilhão. A professora começa a gritar instruções sobre nossa lição de casa, algum parágrafo que provavelmente vou escrever entre uma aula e outra.

Tiro o bilhete da garota de dentro do livro e o coloco na mochila. O caminho até a porta está livre para mim. Todos me evitam.

Exceto a sra. Hillard. Ela entra na minha frente de novo.

– Você tem um minuto?

Estou com vontade de ignorá-la. À nossa volta, um rio de alunos deságua da classe. Seria fácil olhar para o outro lado e me deixar levar pelo fluxo. Se ela estivesse com cara de que iria me mandar para a detenção ou me atormentar de algum outro jeito, eu não teria a menor dúvida.

Mas não parece que ela vá fazer isso, por isso eu paro.

– Você vai se atrasar para sua próxima aula? – ela pergunta.

Faço que não com a cabeça.

– Agora é o meu horário de almoço. – Só então me dou conta de que poderia ter mentido e caído fora dali sem muito problema.

Ela assente de uma carteira na primeira fileira.

– Senta aqui um pouquinho.

Respiro fundo e vacilo… mas então solto um suspiro e me jogo em uma cadeira. É a primeira vez nesta escola que sento na primeira fileira.

– Quero conversar sobre o que você disse – ela começa em um tom solene.

Ah. *Ah*. Que idiota eu sou. Vou me levantando e sinto um rancor familiar se aninhar em meu peito.

– Que se dane. Me dá logo uma detenção para eu vazar daqui.

Ela pisca os olhos, espantada.

– Eu não quero te dar uma detenção.

Franzo a testa.

– O que você quer então?

– Quero saber por que você disse *desespero*.

– Foi um chute idiota! Você devia ter perguntado para…

– Você tem tanto medo assim de parecer inteligente? – Ela se recosta na carteira e cruza os braços.

Fecho a cara e não digo nada.

Ela também não abre a boca.

O peso das palavras dela me prega no assento. Meu orgulho as destrincha. *Medo. Você tem tanto medo assim? De parecer inteligente?*

Não sou um mau aluno – isso é uma bela maneira de ser atormentado, e não quero dar a essa gente mais motivo para me encher o saco. Teve uma época em que eu era um *bom* aluno de verdade, quando minha mãe prendia meus boletins na geladeira. Agora só me preocupo em fazer o suficiente para

passar e não bombar em nada.

As palavras dela são um desafio.

Ficamos ali sentados um bom tempo.

– Estou perdendo o almoço – digo por fim.

Os ombros dela caem. Um pouco. O bastante.

– Tá bom – ela suspira. E aponta com o queixo para a porta. – Pode ir.

Já estou no meio do corredor quando a voz dela me alcança.

– Declan. Espera. Sua tarefa.

Ao me virar, a vejo vindo com um papelzinho dobrado na mão.

– Eu ouvi na classe o que é para fazer.

– Não, quero que você escreva outra coisa. – Ela me passa o papel. – O tamanho da resposta fica a seu critério.

Seguro o papel e os olhos dela brilham.

Então o amasso na mão fechada e vou embora.

Não pego a fila da cantina, pois o Rev vai ter comida suficiente para alimentar um batalhão. A Kristin sempre prepara algo extra para mim.

Nem lembro quando foi a última vez que a minha mãe fez algo para eu levar no almoço. Não que eu mereça.

Solto o papel amarrotado em cima da mesa e me arrasto no banco de frente para o Rev. Temos a mesa só para nós. A chuva bate nas vidraças e o lugar está lotado, mas ninguém vem nos incomodar.

– Você está parecendo o anjo da morte – falo isso porque ele está mesmo. Seu moletom tem uma estampa de esqueleto no peito e nos braços, e, como de costume, o capuz está cobrindo sua cabeça.

– Acho que essa é a intenção. – Ele desamassa o papel e o lê. – “Por que Dylan Thomas está desesperado?”. O que é isso?

– Tarefa de inglês. Mas esse não é o bilhete que eu quero te mostrar.

Ele tira um sanduíche embalado da sua sacola e o empurra pela mesa.

– Outro da sua namorada?

Minha namorada. Eu deveria achar isso ruim. Mas não acho.

Ele sabe que a gente manteve a comunicação, mas não lhe mostrei mais nenhum bilhete desde a noite em que contei sobre ela. Nossas conversas acabaram ficando muito pessoais, e também não gosto da ideia de que ela divida meus segredos por aí com outras pessoas. Este bilhete é curto e vago, e preciso revelá-lo para ele.

Ele olha fixamente para as palavras enquanto desembrulho dois pedaços de bolo de banana. Cada pedaço está coberto com *cream cheese* e salpicado com

uvas-passas e nozes. Meu apetite abre na hora. Quero mandar ver em tudo ao mesmo tempo.

– Ela tem a nossa idade – Rev diz.

– É.

Ele olha ao redor, como se ela pudesse estar nos observando. Em vez da alegria que senti, sua expressão é séria.

– Tem certeza de que não tem alguém zoando com você?

– Zoando comigo?

– Ela não quer te encontrar. Você não *sabe* se ela tem mesmo 17 anos. Ela pode muito bem ser um tiozão de 50 usando essa história para ficar excitado.

Tomo a carta da mão dele e a meto de novo na minha mochila.

– Cala a boca, Rev.

Ele fica me olhando comer por um momento.

– Deixa eu ver de novo.

– Não.

– Tá bom. – Ele tira uma lata de água tônica da mochila e puxa o lacre.

Às vezes tenho vontade de bater nele. Pego a carta e a empurro pela mesa.

Ele a lê outra vez. Isso me deixa todo agitado por dentro.

De repente ele ergue os olhos.

– Ela gosta de você.

Dou de ombros e afano sua bebida. O gosto é de como se alguém tivesse deixado cair uma laranja dentro de uma garrafa de água com gás.

– Como é que você consegue beber essa porcaria?

Ele abre um sorriso.

– Está ficando maluco por ela ainda não ter falado quem é?

– Sério, Rev, você não tem água normal aí?

Ele não é tonto.

– O que você vai fazer?

Respiro fundo e solto o ar de uma vez. Passo a mão no cabelo.

– Não sei.

– Sabe, sim.

– Quero ficar de tocaia no túmulo. Essa espera entre uma carta e outra está me matando.

– Por que você não fala para ela usar o e-mail?

– Ela não está querendo me falar nada além da idade. Ela não vai me passar o e-mail dela.

– Talvez não o e-mail *de verdade* dela. Mas você pode criar uma conta e

passar para ela. Depois veja se ela te escreve.

A ideia é genial de tão simples. Odeio não ter pensado nisso antes.

– Rev, eu podia te dar um beijo.

– Escove os dentes antes. – Ele retoma a sua bebida bizarra.

– E se ela não me escrever?

Ele estende o bilhete na mesa e bate o dedo na frase *E é disso que eu mais gosto nessa história.*

– Ela vai, Dec. Ela vai.

CAPÍTULO 10

Também não quero perder isso.

Mas talvez a gente pudesse mudar para o digital. Assim não ficamos à mercê das condições do tempo. Criei uma conta de e-mail anônima:

escuridao@freemail.com

Agora é sua vez, Garota do Cemitério.

Uau.

A brisa matinal é fria e faz o papel ondular. Eu leio o bilhete outra vez.

Uau. *Uau.*

De repente sinto que preciso andar.

Beijo a palma da minha mão e a pouso na lápide.

– Desculpa, mãe. Tenho que ir.

CAPÍTULO 11

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Quarta-feira, 2 de outubro 07:17:00
Assunto: Virando digital

"Escuridão"? Você não acha isso meio macabro?

Ela realmente me mandou um e-mail.

Ela me mandou um *e-mail*.

Estou aqui sentado na biblioteca da escola sorrindo feito um idiota. Eu ainda não tinha configurado essa conta no meu celular porque estava achando de verdade que ela não iria me responder. Quase não deixei o bilhete ontem à noite. O Melado – Frank – não parava de perguntar por que eu estava tão inquieto.

Respondi que era por causa das drogas. Ele me deu um empurrão e disse para eu não brincar com essas coisas.

Bato os olhos na data do e-mail. Quarta. Hoje.

Não apenas hoje, mas vinte minutos atrás. Meu batimento cardíaco fica duas vezes mais rápido. Ela pode estar aqui. Ela pode estar na biblioteca neste exato momento. Lanço um olhar furtivo à minha volta, tentando ser discreto. A maioria dos computadores está ocupada, mas não tenho como saber o que cada um está fazendo. Os monitores têm películas protetoras, e você só consegue ver o que está na tela se estiver olhando diretamente para ela. Os alunos são dos mais variados tipos, desde o calouro com o rosto coberto de espinhas até a garota asiática com mechas cor-de-rosa que parece estar de pijama.

A voz do Rev ecoa na minha cabeça. *Ela pode muito bem ser um tiozão de 50 usando essa história para ficar excitado.*

Expulso esse pensamento da mente e olho mais uma vez ao redor. Todos parecem estar ativamente *fazendo* alguma coisa: digitando, clicando ou lendo. Não há ninguém espreitando como eu.

Mas que idiota eu sou. Por que *ela* estaria espreitando? De qualquer maneira, ela deve ter mandado o e-mail de casa. A mensagem também não veio com nenhum aviso do tipo *Enviado da Biblioteca da Escola de Ensino Médio Hamilton*.

A bibliotecária se dirige até a estação de computadores. Não faço ideia do seu nome, mas ela tem cara de estar perto dos 70 anos.

– Três minutos para tocar o sinal. Comecem a salvar seus trabalhos, se já não fizeram isso.

Não vou conseguir escrever uma mensagem em três minutos. Especialmente a resposta a uma crítica ao meu endereço de e-mail.

Desligo o computador e jogo minha mochila sobre o ombro. Os corredores estão lotados de alunos a caminho de suas classes, e acabo me deixando levar pelo fluxo. Pego meu celular e começo a configurar o e-mail para que eu receba uma notificação caso ela me escreva de novo.

Então paro. Não curto a ideia de ver os e-mails dela caindo na mesma caixa de entrada das notificações de audiências no tribunal e de detenções escolares. É lembrança demais de quem eu realmente sou.

Dou uma busca para ver se o Freemail tem o seu próprio aplicativo.

Bingo. Não só tem o aplicativo como também possui uma função de bate-papo e uma notificação personalizada.

Eu não deveria ficar assim tão animado com o bate-papo. Nem *conheço* essa garota.

Isso não me impede de dar uma olhada para ver se ela está *on-line*. Não está. Talvez ela não tenha o aplicativo.

Quando entro na sala de aula, meu coordenador de classe está tentando convencer as pessoas a sentarem para fazer a chamada e passar os anúncios do dia. Aqui está parecendo uma festa dos jogos estudantis de tanto barulho.

Todos me ignoram. Não estou nem aí. Sento bem largado no fundão e começo a digitar.

CAPÍTULO 12

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Quarta-feira, 2 de outubro 08:16:00
Assunto: Macabro

A gente se conheceu trocando cartas em um cemitério. Acho que nenhum de nós está em condições de chamar o outro de *macabro*.

Tenho pensado bastante no que você contou sobre o seu pai, sobre como ele ia se desfazer do equipamento da sua mãe. Quando minha irmã morreu, minha mãe não quis se desfazer de nada. Ela se recusava a encostar em qualquer coisa que a Kerry tivesse tocado. Antes de sair naquele dia, a Kerry tinha comido um queijo-quente e deixado o prato com as migalhas na pia. Ela adorava queijo-quente e fazia todo santo dia – o que significa que todo dia ela deixava lá a porcaria do prato. Minha mãe costumava dar uma bronca nela por causa disso.

"A lava-louças está *logo ali*, Kerry! Você não vai ter alguém para limpar a sua bagunça para o resto da vida, sabia?"

Depois que ela morreu, minha mãe não conseguira encostar no prato. Ele ficou largado lá por semanas, até as migalhas começarem a mofar. Aquilo atraiu formigas. Foi nojento. Uma vez tentei limpar. Achei que estaria ajudando… assim ela não precisaria fazer aquilo.

Ela gritou comigo e me disse para nunca mais tocar em nada da Kerry. Ela ficou tão perturbada que eu quase não pude entender.

Saí correndo. Me escondi.

É constrangedor escrever isso. Eu quase apaguei. Mas esse é o ponto de tentar esconder um segredo, não é?

Aquela foi a primeira vez na vida que senti medo da minha mãe. Não era medo de que ela fizesse algo para me machucar, embora isso também fosse parte do que eu estava sentindo. Ela não é uma mulher grande, mas naquele dia ela pareceu enorme.

Tive medo do luto dela. Ele parecia tão maior que o meu, e fiquei preocupado que ele pudesse se apoderar de mim. Meu pai estava na cadeia, minha irmã estava morta e minha mãe afogada na própria dor.

Eu era responsável por aquilo tudo.

Tive medo de que ela fizesse algo sem volta.

Tive medo de perdê-la.

Não fiquei muito tempo escondido. Ela saiu à minha procura e eu não tinha realmente para onde ir. Na época eu tinha 13 anos. Ela me encontrou dentro do meu guarda-roupa. Seus olhos estavam vermelhos, mas ela não estava chorando, e sua voz estava tão, mas tão suave... Quando saí do guarda-roupa, ela pôs as mãos no meu rosto e me pediu desculpas. Ela ficou fazendo carinho no meu cabelo, dizendo que a partir daquele momento a gente só tinha um ao outro. Então ela falou que era para eu ir ajudá-la a fazer uma coisa na cozinha.

O prato com as migalhas já não estava mais lá e a bancada estava cheirando a produto de limpeza. Minha mãe queria colocar todos os pratos numa caixa. Ela disse que não conseguia mais encostar neles. Lembro que coloquei os pratos na caixa com o maior cuidado do mundo, pois não queria que nada a tirasse do sério de novo.

Eu nem precisava ter me preocupado com isso. A gente jogou tudo fora.

Ela me fez jogá-los no contêiner de lixo enquanto ela fumava um cigarro. Nunca tinha visto minha mãe fumar, mas lá estava ela, olhando fixamente para a caixa de pratos despedaçados com um cigarro tremendo entre os dedos.

Nunca tinha visto alguém daquele jeito. Achei que ela estava enlouquecendo. Uma parte de mim queria fugir de novo, mas uma parte maior estava com medo de deixar ela sozinha.

Depois de duas tragadas, pisou no cigarro e disse:

– Vamos sair para comprar pratos. Você pode escolher.

Não sei qual o sentido dessa história, só talvez o de dizer que às vezes você chega a um ponto em que dói demais, tanto que você quer fazer qualquer coisa para se livrar da dor.

Mesmo que essa coisa venha a machucar outra pessoa.

Acho que *eu* preciso de um cigarro.

Não, mentira. Odeio fumar. É nojento.

Mas mesmo assim. Preciso de *alguma coisa*.

Adoro a sensação das palavras dele. Eu deveria encontrar a Rowan para almoçar, mas meus passos estão lentos. O corredor está lotado de gente desesperada por qualquer coisa que não seja a aula, e elas me empurram para a frente. Minha mente não está focada em nenhum destino; ela está presa no tempo ao lado de um garoto de 13 anos que assiste à mãe perder o juízo.

– Juliet! Isso é o que eu chamo de *timing* perfeito.

O sr. Gerardi está de frente para mim, encostado na porta da sua sala.

Não sei o que estou fazendo aqui. Desde que ela morreu não venho ao corredor de artes. Fotografias em preto e branco em molduras de papelão se enfileiram na parede do corredor oposta a ele. Uma é magnífica: a foto de um homem num banco de parque, com a pele envelhecida pelo sol e um chapéu puxado para baixo, cobrindo seus olhos. A imagem emana desespero. Duas são decentes, mas nada de especial. O resto é uma porcaria.

Fala sério. Uma taça de frutas?

Viro para o sr. Gerardi.

– Eu estava indo almoçar. Vim por aqui sem querer.

Ele me olha esquisito.

– Tem certeza?

A ala de artes é um anexo ao prédio original da escola, portanto não está realmente no caminho de nada. Essa localização facilitou minha decisão de evitar qualquer coisa relacionada à fotografia depois da morte dela. E ficou duplamente mais fácil evitar as tentativas do sr. Gerardi de me fazer reinscrever na aula especial de fotografia.

– Você sabe, ainda dá tempo de você mudar sua grade – ele diz. – Mas não muito.

Está vendo?

Balanço a cabeça negativamente.

– Não, estou bem assim.

– Tem certeza? O Brandon agora não tem muita concorrência.

Brandon Cho. Provavelmente foi ele quem tirou a foto do cara no banco. A gente mantinha uma rivalidade saudável para ver quem conseguia mais espaço no jornal da escola e no anuário. A Rowan sempre disse que a gente faria um casal bonito, com as câmeras todas e tal, mas ele é um tantinho orgulhoso de si demais para o meu gosto.

Quase reviro os olhos.

– Tenho certeza de que o Brandon está conseguindo sobreviver. – Então me lembro do que ele falou quando apareci. – Por que "*timing* perfeito"?

– Eu preciso de um favor e você é a pessoa perfeita para isso.

O sr. Gerardi é o único professor de fotografia da escola e, quando ele precisa de um favor, normalmente envolve tirar foto de alguma coisa.

– Não – falo.

Ele faz uma careta.

– Você nem me deixou dizer qual favor.

– Precisa usar uma câmera?

Ele hesita.

– Sim.

– Então não. – Viro de costas e me afasto. – Vim parar aqui sem querer. Eu estava distraída.

– Vai ser bom para você pegar uma câmera na mão de novo – ele fala. – Você nunca vai saber se não tentar.

Continuo andando.

Ele grita atrás de mim.

– Vai levar só uma hora. E você vai ganhar um crédito de voluntário.

Sigo em frente. Agora mal posso ouvi-lo. Não estou nem aí para créditos de voluntário neste momento.

Ele berra.

– Você pode usar minha Leica.

Não consigo me controlar. Meus pés se detêm só por um segundo. É uma reação involuntária. O sr. Gerardi tem uma câmera digital Leica M incrível. Nós todos costumávamos babar por ela. Ele raramente deixa um aluno usá-la, embora tenha permitido que eu ajudasse a registrar o baile do ano passado, por isso estou familiarizada com ela. É tão boa quanto a câmera de grande formato da minha mãe, que ela nunca me deixou *tocar*. Ela praticamente a colocava em um altar quando não estava trabalhando.

Agora ela fica dentro de uma bolsa manchada em um canto do meu quarto.

De repente as palmas das minhas mãos estão suando. Não posso fazer isso. Volto a andar, dobrando o corredor o mais rápido que posso.

Estou atrasada para o almoço e a fila é obscena. De qualquer modo, não estou com fome. Avisto a Rowan no nosso canto do fundo, sentada à ponta da mesa.

Jogo minha bolsa debaixo da mesa e praticamente desabo de frente para

ela.

Ela para de mastigar seu sanduíche e arqueia uma sobrancelha.

– Você não vai comer?

– Não. – Mas enfio o braço debaixo da mesa para pegar minha garrafa d'água.

– Por que não?

Não olho em seus olhos.

– Não é nada de mais.

– Está parecendo que é.

Solto um suspiro, que sai da minha boca com irritação.

– Rô…

Mas então me detenho.

…às vezes você chega a um ponto em que dói demais, tanto que você quer fazer qualquer coisa para se livrar da dor. Mesmo que essa coisa venha a machucar outra pessoa.

Ele está falando do meu pai, mas acaba me fazendo pensar na Rowan. Será que eu tenho feito isso com ela?

Fico brincando com a garrafa nas mãos, pensando a respeito disso. Não é uma sensação boa.

A Rowan abre um saco de batata frita.

– Tem alguma coisa a ver com o sr. Gerardi?

Meus olhos voam para os dela.

– Quê?

Ela aponta com a cabeça para o corredor.

– Porque ele está vindo para cá.

Quase caio do banco ao me virar para ver do que ela está falando. Como assim? Ele me seguiu?

Por um breve instante me agarro à tola esperança de que ele tenha vindo aqui pegar um refrigerante ou atormentar outra pessoa. Só que não. O sr. Gerardi vem direto até onde estou e me olha de cima.

– Você pode pelo menos me deixar pedir o favor?

Minha cabeça já está uma bagunça, pensando em como venho tratando a Rowan. Uma resposta afiada morre na minha garganta. Dou de ombros e cutuco uma mancha no tampo da mesa.

– Preciso de fotos do Festival de Outono para o anuário da escola – ele

explica. – É só passar uma horinha lá, tirar algumas fotos e pronto.

– Mas é amanhã.

– Eu sei.

Parece ridículo ter um Festival de Outono quando lá fora ainda está fazendo mais de 25 graus. Mal chegamos a outubro. Mas é uma tradição da escola: Festival de Outono e jogo dos ex-alunos na quinta, grande baile na sexta.

– Eu não estava pensando em ir – digo. Eu não estava pensando em ir a nada daquilo.

A Rowan dá um gole em seu refrigerante e não fala nada.

O sr. Gerardi se abaixa e monta no banco ao meu lado.

– Este é o seu último ano – ele fala baixinho. – Você não vai ter outra chance de ser formanda do ensino médio.

Eu bufo.

– Você acha que de alguma maneira vou me arrepender por não tirar fotos de jogadores de futebol levando torta de chantilly na cara?

– Talvez. – Ele faz silêncio. – Não me diga que nunca mais teve vontade de pegar em uma câmera.

Declan Murphy vem à minha mente. A faixa de luz caindo sobre seus olhos enquanto ele examinava meu carro, fazendo-o parecer um super-herói às avessas. Seu rosto no corredor depois que derramei o café nele, cheio de agressividade e fúria… e de algo próximo a vulnerabilidade.

– Você teve – afirma o sr. Gerardi. – Eu sei que sim. Você tem talento demais para que seja desperdiçado assim definitivamente, Juliet.

Não respondo.

– Você acha que sua mãe iria querer isso?

– *Não fala* da minha mãe. – Bato a mão na mesa com tanta força que as pessoas ao redor se calam para escutar nossa conversa.

Ele não dá o braço a torcer.

– Você acha?

Não. Ela não iria querer isso. Ela provavelmente sentiria vergonha de mim.

Ah, Juliet, ela diria, sacudindo a cabeça. *Criei você para ser corajosa.*

Aquelas palavras não me inspiram. Em vez disso, fazem com que eu queira me isolar ainda mais.

– Talvez algum calouro possa fazer isso – Rowan opina.

– É o anuário da escola – disparo sem pensar. – Não o Instagram.

Ela sorri e dá outro gole no seu refrigerante.

– Então faça *você*.

Minhas mãos estão suando outra vez, e rolo minha garrafa d'água entre elas. Não sei qual é o meu problema. É só uma câmera idiota. Uma hora idiota de tempo. Um punhado de fotos idiotas que não vão ter importância depois que as pessoas passarem os olhos nelas uma ou duas vezes.

Penso em pratos despedaçados no fundo de um contêiner de lixo.

O sr. Gerardi ainda está lá, esperando pacientemente. Olho para ele.

– Posso usar sua câmera? – Porque sei que não vou conseguir usar a da minha mãe.

Sua expressão não muda. Gosto disso nele.

– Claro.

– E eu só preciso fotografar por uma hora?

– Sim. Nada posado. O que você quiser.

Respiro fundo. Sinto como se estivesse à beira do precipício e todo mundo estivesse pedindo para eu pular, inclusive minha mãe. Estão todos me dizendo que é seguro, mas tudo o que vejo é um abismo escancarado.

– Vou pensar – digo.

Fico achando que ele vai me pressionar mais, mas não. Ele se ergue do banco.

– Reflita um pouco – ele aconselha. – Amanhã, antes da chamada, me procure para dizer o que decidiu.

Reflita um pouco.

Está aí uma coisa que eu posso fazer.

«»

Meu pai traz frango frito para o jantar. Não sou muito chegada em *fast-food*, mas não almocei e meu estômago está gritando para que eu resolva isso. O cheiro do frango é tão gostoso que tiro os pratos do armário antes mesmo de ele colocar a sacola na mesa.

Rasgo o saco e enfio um pãozinho na boca enquanto separo os acompanhamentos. Purê de batata. Molho de carne. Macarrão de forno com queijo. Tudo numa variação de tons de bege. Nada colorido, nem mesmo a vagem.

Não me importo. Abro a caixa de batata assada e jogo um pouco em cada prato.

Então me dou conta de que ele está me encarando.

– O que foi? – pergunto, com o pãozinho ainda na boca.

– Um: você está em casa. – Ele pigarreia. – E dois: você está comendo.

– Eu sempre como.

– Não, Juliet. Você não come.

Olho para ele. Meu pai é tão absurdamente comum que chego a me perguntar o que minha mãe viu nele. Ela era tão vibrante em todos os sentidos. Quando ela entrava em um lugar, era impossível não se contagiar com sua energia.

Não há nada de notável nele. Cor de pele comum, cabelo e olhos castanhos, robusto. Igual à comida, há vários tons de bege. Ele é um cara legal, acho. A gente era mais próximo quando eu era pequena, mas creio que ele ficou meio desconcertado com a minha primeira menstruação e as consequentes mudanças de humor, e decidiu manter distância depois disso.

– O que aconteceu?

– Não aconteceu nada – falo, sem alterar minha voz. – Só que não almocei hoje. Estou faminta.

– Entendi. – Ele hesita. – Quer que eu pegue algo para beber?

– Quero.

Ele abre uma cerveja para si e bota um copo de leite na minha frente, o que me faz revirar os olhos. Leite. Como se eu tivesse 6 anos. Estou surpresa por ele não ter também colocado um canudo.

Minha vontade era de dar um gole na cerveja, só para ver o que ele faria. Mas já gastei minha dose de coragem por hoje.

Ficamos ali sentados, comendo em silêncio, por um tempo. Estava empolgada com o cheiro do frango, mas sinto a pele gosmenta entre os meus dedos e a arranco toda. Corto um pedaço da carne.

– Você já fez todo o seu dever de casa?

Ele não me perguntava isso desde o início das aulas. Olho para ele.

– Ainda tenho um pouco para fazer.

– Está tendo alguma dificuldade?

Corto outro pedaço de frango.

– Na escola está tudo bem.

Ele volta a fazer silêncio, mas posso sentir sua atenção voltada para mim. Sinto-me tentada a pegar meu prato e subir para o quarto, mas estou pensando no dia em que ele ia se desfazer do equipamento dela e no jeito como eu o tratei. Talvez seja doloroso para ele manter tudo aqui.

Talvez esteja me machucando também sem que eu perceba.

Sinto que preciso pigarrear e manter meus olhos fixos na comida. Minha voz sai mais baixa do que eu gostaria.

– Você pode vender as coisas dela.

Ele toma um breve fôlego.

– Não preciso fazer isso, Juliet…

– Está tudo bem. Eu exagerei. É idiota ficar com tudo isso aqui.

Ele estende a mão sobre a mesa e a coloca sobre a minha.

– Não é idiota.

Nem lembro quando foi a última vez que ele encostou em mim. Antes que eu possa me preparar, meus olhos se enchem de lágrimas. Gosto de sentir a mão dele, a conexão, o calor. Eu não tinha percebido o quanto estava desorientada até ele me segurar.

Preciso puxar minha mão de volta. Ele me solta, mas mantém a mão ali.

Pressiono os olhos com a ponta dos dedos.

– *Eu* fui idiota. Você deve ter me achado uma filha odiosa.

– Nunca – ele fala baixinho.

Meus ombros sacodem. Não posso olhar para ele, caso contrário vou perder totalmente o controle. Estou tão encolhida em mim mesma que meus cotovelos espetam minha barriga.

Os braços dele me envolvem, e a sensação deve ser a mesma de agarrar uma pedra. Eu nem tinha percebido ele dar a volta na mesa.

Respirações entrecortadas saem do meu peito em pequenos acessos.

– Você não é odiosa – ele fala, passando a mão no meu cabelo.

– Sinto tanta saudade dela – falo, e minha voz some na última palavra. – Eu só queria que ela voltasse para casa.

– Eu também queria.

Quero tombar sobre ele. Quero deixar outra pessoa carregar esse peso, mesmo que seja só por um breve instante. Mas já passou tempo demais. Ele tem estado tão distante. Eu tombaria e ele recuaria, me deixando estatelar no chão.

Fico lá sentada, tremendo. Ele fica lá sentado, acariciando meu cabelo.

Quando consigo falar sem embargar a voz, afasto uma mecha molhada do meu rosto.

– Falei sério. Você pode vender as coisas dela para o Ian.

– Bom… – Ele volta a sentar, mas não muito longe. – Talvez a gente deva esperar um pouco antes de tomar essa decisão.

– Elas só estão ocupando espaço no meu quarto.

– Elas não estão estragando nada.

Não respondo, e, depois de um momento, ele diz:

– Se você não quer que elas fiquem no seu quarto, pode colocá-las no… – Sua voz vacila, mas só um pouco. – Meu – ele completa. – Não ponha de novo no porão. Eu tomo conta delas se você não quiser.

Ele não as quer ali. Sinto isso na sua voz. Ele nunca gostou de como ela invadia o seu espaço enquanto estava viva; não há razão para que ele fique radiante com isso agora.

Endireito minha postura e me afasto dele por completo.

– Não. Eu fico com elas.

De repente perco o apetite. Não consigo conciliar o pai amoroso com o pai ausente.

Empurro meu prato. Metade do meu frango fica ali. Mal toquei no purê.

– Terminei.

– Tem cert…

– Tenho. – Disparo pela escada. Com certeza ele vai vir atrás de mim.

Ele não vem. Minha porta fecha com um sussurro, então estou sozinha em meu quarto.

As coisas dela estão no canto: uma pilha de bolsas, equipamentos e apetrechos. Eu não quero tocar em nada, mas um pedacinho de mim está feliz que ele também não queira se desfazer disso ainda.

Como na carta do Escuridão, meu pai estava pronto para quebrar os pratos, só que agora ele não está mais.

O que será que aconteceu? O que mudou?

E o que isso tem a ver comigo?

CAPÍTULO 13

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Quinta-feira, 3 de outubro 03:28:00
Assunto: Não consigo dormir

Falei para o meu pai que ele podia vender as coisas da minha mãe.

Ele não vai fazer isso, mas eu disse que ele podia.

Não tinha me dado conta de que as câmeras e o restante do equipamento podiam ser a versão dele de pratos com restos de queijo cheios de formigas.

Talvez sejam também a minha versão. Mas ainda não estou pronta para jogá-los no famoso contêiner.

Não ainda.

Você acredita em destino? Às vezes eu queria acreditar. Queria acreditar que todos nós estamos indo em direção a… *alguma coisa*, e que, por alguma razão, nossos caminhos se entrelaçam. Igual ao jeito que a gente se encontrou. O jeito como você contou a história certa no momento em que eu estava desesperada para ouvi-la.

Mas isso também significaria que o caminho da minha mãe estava predestinado a terminar no táxi que a trazia do aeroporto para casa. Ou que o caminho da sua irmã estava predestinado a acabar no seu pai. Uma simples mudança de direção poderia ter levado a um caminho completamente diferente.

Ou talvez uma simples mudança de direção foi o que as levou ao caminho que elas seguiram.

Eu pedi tanto para que minha mãe voltasse mais cedo para casa. Ela voltou. Sei que não causei o acidente, mas ela não estaria naquele carro se

não fosse por mim.

Eu a coloquei naquele caminho. Eu.

Se não posso culpar o destino, quem é que sobra?

Pisco os olhos tentando afastar o sono e levo um minuto para perceber que a mensagem dela acaba ali. Feito um idiota, fico deslizando o dedo na tela, esperando que continue rolando, mas aquilo é tudo o que ela escreveu.

Se não posso culpar o destino, quem é que sobra?

Sei muito bem o que é se culpar.

Sei o que fiz em maio quando já não estava aguentando mais.

Jogo minhas pernas para fora da cama como se fosse a algum lugar. Não sei o nome dela. Não posso ligar para ela. Não sei nem onde poderia encontrá-la, pelo menos nos próximos noventa minutos – mas, mesmo que eu estivesse lendo isso na escola, teria que achá-la entre mais de dois mil alunos. De qualquer maneira, ainda são seis e dez.

Conheço esse tipo de desespero. Perceber isso nela é assustador.

Ela está me perguntando sobre o fato de o destino arrancar umas pessoas das outras, e eu não consigo deixar de pensar se não é assim mesmo que o destino funciona.

Toco a tela do celular até voltar para a tela principal do aplicativo.

Uma bolinha verde aparece ao lado do seu nome. Ela está *on-line*. Ela está *viva.*

O ar escapa dos meus pulmões e desabo de volta nos meus travesseiros.

Então rolo na cama e começo a digitar.

CAPÍTULO 14

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Quinta-feira, 3 de outubro 06:16:48
Assunto: Não faça isso

Se vai me mandar uma mensagem às 3h30 da manhã, você não pode terminar desse jeito.

Não estou preparado para que o destino acabe com *isso*, tá bom?

Agora me escreva e diga que está tudo bem com você.

Meu coração bate acelerado, uma vibração leve e incomum que quase dói em sua estranheza. Não me dei conta de que meu e-mail da madrugada tinha ficado tão pesado.

Não consigo tirar os olhos da última linha.

Agora me escreva e diga que está tudo bem com você.

Ele se importa. Comigo.

Meu coração continua vibrando. Uma borboleta presa entre mãos em concha. Agora que penso nisso, não ligo nem um pouco.

Na verdade, até gosto bastante da mudança.

CAPÍTULO 15

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Quinta-feira, 3 de outubro 06:20:10
Assunto: Estou bem

Não quis te assustar. Eu não estava muito bem ontem à noite. Sinto que todo mundo fica me esperando superar a morte dela. Semana passada, até minha melhor amiga começou a citar um livro sobre as fases do luto, como se eu devesse seguir algum tipo de programação.

De certa forma, sei que ela tem razão. Estou atolada em um buraco de raiva, dor e perda, só que, quanto mais as pessoas tentam me puxar dali, mais vontade eu tenho de enfiar o pé e me fincar nessa lama.

Você não respondeu a minha pergunta sobre o destino. Às vezes me pergunto se chegamos aqui por lados diferentes. Você poderia ter evitado a morte da sua irmã, enquanto eu contribuí para a da minha mãe.

Ainda não sei o que é pior.

O que ela diz me atinge como um soco no estômago. Atiro o telefone no travesseiro e entro no banheiro. Abro a torneira do chuveiro com tanta força que ela chega a ranger e, por meio segundo, fico com medo de ter quebrado algo e de que a água comece a espirrar para todos os lados.

Não acontece nada disso. Quase que instantaneamente, o banheiro se enche de vapor.

Espremo a pasta de dente com toda força e com a escova ataco meus dentes, mas dói, então reduzo um pouco da fúria.

Fazer isso exige esforço. Ela ainda não sabe o que é *pior*? Isso é por acaso

algum tipo de competição?

Atiro a escova na bancada e cuspo na pia, depois enxugo meu rosto com uma toalha. No espelho, meus olhos parecem sombrios e furiosos. Tenho vontade de esmurrar o vidro.

As palavras dela me fazem sentir um fracassado.

Você poderia ter evitado a morte da sua irmã.

Eu venho dizendo isso para mim mesmo nos últimos quatro anos. Essas palavras não deviam ter mais tanto poder. Não mais. Só que ouvir isso *dela*… De repente, uma coisa que parecia tão segura se transforma em uma nova chance de decepção.

A água queima minha pele quando entro debaixo do jato, mas deixo a dor correr em riachos pelas minhas costas. O chuveiro está no quente faz um bom tempo, e eu me forço a encará-lo nessa temperatura. O calor na pele alivia um pouco a minha raiva.

Quando enfim saio do banheiro, sinto cheiro de bacon, mas isso só pode ser loucura. Normalmente o Alan já saiu na hora em que desço, e minha mãe sempre dorme até tarde. Deve estar vindo de algum vizinho.

O cheiro desperta meu estômago, e de repente me sinto faminto. Fico ali parado ao pé da minha cama, com a cabeça baixa, olhando para o celular.

Mas, primeiro, comida.

Largo ali meu telefone e me movo pela casa feito um ninja, experiente em fazer silêncio de manhã para não incomodar minha mãe. Entro devagarinho na cozinha para apanhar uma barra de cereal.

Minha mãe está sentada à mesa ao lado do Alan. Paro no mesmo instante.

Se eles estavam conversando, era em voz baixa. Eles se detêm e olham para mim surpresos.

Os dois estão de roupão.

Toda raiva esvaída pelo banho volta com força total.

Canecas de café repousam na mesa. Há frigideiras usadas no fogão, e pratos com restos de comida empilhados na pia. Sinto o cheiro de ovos e vejo alguns pedaços de bacon secando sobre um papel-toalha.

Eles tomaram café da manhã. Sem mim.

Não abro a boca. Em vez disso, apanho uma caneca descartável no armário em cima da cafeteira e me sirvo de café.

Quem fala primeiro é a minha mãe. Sua voz sai baixa.

– Bom dia, Declan.

Despejo açúcar na minha caneca.

– Oi.

Alan me observa. Eu o ignoro.

– Você está com fome? – minha mãe pergunta depois de um tempo. – Posso fazer um prato para você.

O jeito como ela fala soa para mim mais como um desencargo de consciência. Como se, antes de eu aparecer à porta, ela nem lembrasse que moro aqui.

– Não.

Minha colher tilinta na caneca quando misturo creme no meu café. Sinto o silêncio atrás de mim pressionando minhas costas.

Estou morrendo de fome e preciso de todo autocontrole do mundo para não pegar o que sobrou do bacon e enfiar na boca.

Quando me viro, o Alan está cochichando alguma coisa com a minha mãe. Não tenho ideia do que ele disse, mas isso a faz dar uma risadinha.

O lado racional do meu cérebro sabe que eles não estão rindo de mim, mas o lado inseguro me faz querer dar uma porrada na cara dele. Acabo me contentando em encará-lo por cima da minha caneca.

– O que você está fazendo em casa?

Ele olha direto para mim.

– Pensei em fazer uma surpresa para sua mãe e tirar um dia de folga.

– Vamos arrumar umas coisas aqui em casa – minha mãe explica. – Depois vamos passar a tarde juntos. Talvez ir ver um filme.

Fico ali parado brincando com a tampa da caneca. Eu deveria subir e me arrumar para a escola, mas toda essa interação me deixa desorientado, como se eles fossem me esquecer por completo no instante em que eu deixar a cozinha.

– Que tipo de coisas?

– Eu vou limpar o deque com a lavadora de alta pressão – Alan me revela.

Eu poderia fazer isso. Eu *teria feito* isso se ela tivesse me falado que queria. Ela nunca mais me pediu para fazer nada. O Alan faz tudo por aqui, e ai de mim se eu oferecer ajuda. Toda vez que tento, ele age como se eu fosse um delinquente a quem não deveria ser permitido segurar uma chave de fenda.

Cerro meu maxilar.

– Que romântico.

– Se você acha isso romântico, imagina como estou me sentindo sobre ele levar o carro para a manutenção – minha mãe comenta.

Aperto a caneca com força.

– Qual é o problema com o seu carro, mãe?

– É o meu carro. Preciso trocar o óleo – Alan diz. Há um tom de provocação em sua voz.

Ele *sabe* que eu poderia fazer isso. Essa é uma coisa que sempre faço. Na verdade, fiz isso em maio, um pouco antes do casamento deles.

Um pouco antes de eu ter detonado a picape do meu pai e me jogado nesse caminho esburacado de fracassos e decepções. Eles não precisam de mim. É o que o Alan está comprovando neste exato instante.

Quero tirar essa arrogância da cara dele na porrada.

Não vou começar uma briga na frente da minha mãe.

Posso fazer esse esforço, especialmente se isso é tudo o que me resta.

CAPÍTULO 16

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Quinta-feira, 3 de outubro 06:48:57
Assunto: Destino

Você quer saber no que eu acredito? Acredito em destino, mas também em livre-arbítrio. Ou seja, existe um caminho, mas estamos livres para desviar dele. O único problema é que, num dado momento, não temos como saber de quem é o caminho que estamos seguindo: o nosso ou o do destino? Outras pessoas também estão nos seus caminhos. O que acontece quando nos cruzamos? O que acontece quando outra pessoa remove nosso caminho e ficamos sem uma estrada para seguir? Isso é o destino? Será que é aí que o livre-arbítrio passa a funcionar? Será que o caminho está ali, só que invisível?

Quem é que vai saber?

Não estou num bom momento para esse tipo de conversa. Ou talvez seja cansaço. Ninguém deveria ter que discutir existencialismo antes das sete da manhã.

Mas, uma coisa: você não colocou sua mãe naquele carro, Garota do Cemitério. Ela tomou essa decisão. Ou talvez o destino tenha tomado por ela.

O importante é que não foi *você*.

Sei que isso não serve muito de consolo. Sei bastante coisa sobre raiva e sentimento de culpa. A gente pode ficar aqui reconfortando um ao outro até nossos dedos caírem.

Não vai fazer diferença. A gente sabe o que fez.

Não existe um campeonato de culpa. Pelo menos não deveria existir.

O sr. Gerardi não dá a primeira aula, mas, por experiência própria, sei que posso encontrá-lo na sua classe antes do primeiro sinal. Estudantes lotam os corredores principais numa algazarra, batendo armários e se cumprimentando aos berros, mas este corredor está mais silencioso.

Faz séculos que não chego assim tão cedo na escola. Costumo passar sorrateiramente pela porta de entrada bem quando bate o sinal, mas, como hoje tenho uma missão, prendi meu cabelo ainda úmido em uma trança e saí às pressas de casa.

Em qualquer outro dia eu teria procurado o sossego solitário que a ala de artes oferece, mas hoje eu queria mesmo a cacofonia selvagem dos outros alunos. A tranquilidade deixa meus pensamentos vagarem soltos, só que eles não estão seguindo direções muito felizes. As palavras do e-mail dele ficam chacoalhando no meu cérebro.

Será que ele ficou bravo comigo? Ele parecia bravo. Passei meia hora tentando decifrar o tom dele. Eu não achava possível parecer encorajador, solidário e irritado, tudo isso em um só e-mail, mas de alguma forma ele conseguiu.

A porta da classe está aberta e entro discretamente sem bater. Preciso ser rápida, antes que acabe tropeçando na minha própria ansiedade.

O sr. Gerardi ergue os olhos surpreso. Uma estudante está de pé ao seu lado, lhe mostrando alguma coisa em um caderno. Ela parece mais nova. Não a conheço.

Fico vermelha. Não passou pela minha cabeça que poderia haver outra pessoa ali.

Está tudo errado. Não posso fazer isso.

– Desculpa. – Me esgueiro em direção à porta. – Eu… eu volto depois.

O sr. Gerardi levanta da cadeira.

– Juliet. Espere.

– Não… era idiotice. Vou me atrasar para a primeira aula.

– Escrevo uma justificativa para você. Espere.

Não espero. Atravesso a porta e caminho rumo ao pandemônio.

A voz da minha mãe me humilha. *Tenha coragem, Juliet.*

Esse é o problema. Não tenho a coragem dela. Nunca tive. Se ela era um fogo de artifício que iluminava o céu, eu sou um fósforo prestes a se apagar antes mesmo de conseguir fazer qualquer coisa.

Esse pensamento faz meus pés se arrastarem. Será que estou seguindo um caminho predeterminado? Ou estou querendo me esconder atrás da minha

dor?

Não gosto de nenhuma dessas opções. Dou meia-volta.

O sr. Gerardi está na soleira da porta da classe. Não sei se ele estava a ponto de me seguir… ou de desistir. Não consigo decifrar sua expressão. É uma mistura de decepção e esperança.

Isso reflete o que estou sentindo a meu respeito. Meus dedos brincam nervosos com a alça da minha mochila. Minha voz sai titubeante:

– Só uma hora?

Ele assente com a cabeça, como se nossa conversa sobre as fotos do Festival de Outono tivesse acontecido há alguns minutos, e não há um dia. Ele não vai exigir nenhuma explicação.

Preciso limpar a garganta.

– E posso usar sua Leica?

– Ela está recarregando neste exato momento.

Aceno positivamente, então mordo minha bochecha por dentro. A dor ajuda a me centrar.

– Volto depois do sinal da saída.

CAPÍTULO 17

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Quinta-feira, 3 de outubro 08:23:05
Assunto: Escolhendo novos caminhos

Eu não queria ter te chateado hoje cedo. Você parece ser tão razoável e equilibrado, e eu uma louca que não sabe nem amarrar o próprio sapato.

Mas você tem razão. Não existe campeonato de culpa. Não quis fazer parecer isso, de jeito nenhum. Só quis dizer que me pergunto se essa culpa pareceria mais nítida se eu tivesse tido uma participação mais ativa… mas também não sei como isso se daria. Não é como se eu tivesse empurrado minha mãe na frente de um carro. Não foi o que aconteceu com sua irmã também, certo?

Se te feri, peço desculpas.

Queria te dizer que os seus comentários sobre o destino me inspiraram. Fiz uma coisa completamente inesperada. Inesperada não só para as pessoas ao meu redor – acho que a essa altura vir para a escola já é bastante inesperado –, mas também para mim. Todo mundo vai ver isso como um momento de virada, tenho certeza. *Olha só, ela voltou a ser quem era.*

O que eles não sabem é que estou completamente apavorada.

Isso deve significar que estou desviando do destino, não é? Fazendo meu próprio caminho? Porque preciso dizer: a outra direção era um bocado menos assustadora.

A sra. Hillard está querendo voluntários para ler suas tarefas de terça-feira. Cada um escreveu um parágrafo interpretando o poema do Dylan Thomas. É

sobre a escuridão. É sobre a noite. É sobre a doença de Alzheimer.

É sobre como essa gente não tem noção.

Fico rabiscando no caderno e paro de prestar atenção neles.

Seus comentários sobre o destino me inspiraram.

Aquelas palavras fazem arder uma pequena chama no meu peito.

– Declan, você gostaria de compartilhar suas considerações?

Eu a ignoro e continuo rabiscando. A sra. Hillard está olhando para mim ansiosa; percebo isso pela minha visão periférica.

– Declan? – ela repete. Seu tom não é de advertência. Ela está me dando o benefício da dúvida, agindo como se houvesse alguma chance de eu não tê-la escutado.

Isso faz com que eu lhe responda.

– Não fiz a tarefa. – Minha voz sai baixa e áspera. Ela é a primeira professora a me chamar na manhã inteira.

– Talvez você possa responder de improviso, então, à minha pergunta de terça. Por que Dylan Thomas está desesperado?

O tom dela é provocador e me faz erguer os olhos. Isso me lembra o Alan, pois o que ela está fazendo é me desafiar. Meu lápis estaciona sobre o papel. Sua expressão é impassível, e seus olhos se mantêm fixos nos meus.

Não abro a boca. Posso jogar esse jogo o dia inteiro.

A sala cai em silêncio quando os demais percebem a tensão.

Depois de um minuto inteiro, vejo que ela também sabe jogar. Tudo bem por mim. Podemos ficar aqui sentados em silêncio. Como se alguém fosse sofrer porque não vai ouvir o Andy Sachs dizer que o Dylan Thomas estava lamentando pelos cegos que não podem ver a luz.

À minha esquerda, alguém suspira irritado. Dá para ouvir que é um cara, mas não sei dizer quem. Em algum lugar à minha direita, uma garota se ajeita desconfortável na cadeira, depois suspira também.

As pessoas estão começando a olhar. A tensão na sala está se transformando em hostilidade.

Contra mim.

Como se isso fosse novidade.

A sra. Hillard volta para a sua mesa e pega um bloquinho de *post-it*. Ela escreve um recado rápido, então vem até minha mesa e o cola sobre os meus rabiscos.

Por que não dá a eles algo novo para pensar de você?

Leio aquilo e sinto minha pulsação saltar. Penso nos caminhos que

escolhemos. A Garota do Cemitério está certa. Isso é apavorante.

Não consigo mais encarar a sra. Hillard. Arranco o *post-it* do meu caderno e o amasso numa bolinha dentro da minha mão. Mas não consigo jogá-la fora. Sinto um nó no peito. Minha língua não quer se mexer.

Passado um momento, a sra. Hillard volta para a frente da sala. Solta um breve suspiro e pousa sua agenda sobre a mesa. Ela já não está mais olhando para mim. A classe se mantém quieta, esperando que um de nós quebre o silêncio.

Vai ser ela. Estou sentindo.

– Ele está com medo. – Minha voz quase falha. Continuo com o punho cerrado em volta daquela bolinha minúscula de papel e com os olhos presos no meu caderno. – Ele está com medo. É por isso que ele está desesperado.

Ela não gira depressa. Simplesmente se vira com calma, e sua voz está tão serena quanto na hora em que fez a pergunta.

– Do que ele está com medo?

– Ele está com medo de perder o pai. – Minhas mãos estão suando. Não tiro os olhos dos rabiscos. – Ele não quer que o pai morra. Ele quer…

Ela me dá um respiro e depois insiste em voz baixa:

– O que ele quer?

– Quer que ele lute.

– E ele acha a morte do pai evitável ou inevitável?

Finalmente a encaro. Minhas mãos tremem, mas a expressão é tão firme que é como se fosse uma corda salva-vidas. Parece que somos as únicas pessoas na sala.

– Inevitável. – Hesito.

Ela fica esperando, mas não sei mais o que dizer.

O sinal bate e voo da minha carteira. Mal paro para enfiar o caderno na mochila.

Antes que eu consiga passar pela porta, a sra. Hillard chama meu nome, mas meus nervos estão em frangalhos. Me deixo ser conduzido pela onda de alunos até o corredor, me levando de volta para um caminho conhecido.

CAPÍTULO 18

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Quinta-feira, 3 de outubro 14:38:17
Assunto: Inesperado

Não precisa pedir desculpa. Eu deveria te agradecer. Segui o seu exemplo e fiz uma coisa inesperada.

Você tem razão. Foi assustador.

Vamos fazer de novo.

A câmera do sr. Gerardi é menor e mais leve que a minha Nikon, e parece pouco familiar nas minhas mãos. Minha mãe não era uma garota Leica – ela era uma devota da Nikon, que eu acabei herdando. Posto isso, são câmeras incríveis. Minha mãe sempre dizia que me compraria uma se ela ganhasse um Pulitzer.

Acho que isso não vai mais rolar.

A música se derrama pelo pátio com graves estrondosos que fazem o chão tremer. Há alunos por toda parte, dançando em pequenos grupos, bebendo ponche e refrigerante em copos de plástico vermelho. Mesinhas se espalham por todo o lugar, oferecendo jogos e atividades educativos. Pintura facial. Concurso de comer tortas. Decoração de biscoitos. Quem olhasse, acharia que tínhamos todos 6 anos, mas todo mundo parece estar se divertindo.

Eu me agarro à sombra debaixo das árvores com meus dedos suando sobre o estojo de plástico da câmera.

Ainda não tirei uma foto.

A Rowan surge ao meu lado, com espirais azuis e brancas sobre suas

bochechas. Alguém fez duas marias-chiquinhas no cabelo dela e as prendeu com pompons azuis. Seus olhos brilham. Ela está tão empolgada por eu estar fazendo isso. Como contei para o cara do cemitério, ela provavelmente tem esperança de que alguém tenha acionado um interruptor e trazido de volta sua melhor amiga.

– Deixa eu ver o que você tem aí.

– Nada. – Minha voz sai rouca e pigarreio. – Ainda não tirei nenhuma foto.

– Nada? – O sorriso leve dela se desmancha. – O festival começou já faz vinte minutos.

Fico trocando o peso de um pé para o outro.

– Eu sei.

– Qual o problema?

– Não sei.

Ela chega mais perto.

– Você quer que eu vá procurar o sr. Gerardi? Posso explicar para ele que você não tem como fazer.

Engulo em seco.

– Não. Eu quero fazer.

– Por acaso você está precisando de inspiração? – Ela faz uma careta medonha para mim, virando os olhos para dentro da cabeça e botando a língua torta para fora. – Quer tirar uma foto disso?

Deixo uma gargalhada escapar sem querer.

Quando consigo conter o riso, ele vira choro. Passo a mão nos olhos.

– Ju – ela sussurra. Seus dedos, leves como plumas, alisam meu antebraço.

– Eu não lembro como faz – confesso para ela.

– Claro que lembra.

– Não. – Paro um pouco para respirar, pois não quero chorar. Não aqui. Não agora. – Tudo parece tão errado. Tão sem sentido.

Ela me examina por um instante, então tira a câmera da minha mão. Com toda gentileza, puxa a alça em volta do meu pescoço e de repente consigo respirar mais livremente.

Então, para minha surpresa, ela coloca a alça em volta do próprio pescoço.

– Diga xis!

– Não! Rô…

– Tarde demais. – Ela afasta a câmera para olhar o *display*, então franze a testa quando vê um monte de códigos em vez da imagem que encontraria em uma câmera compacta. – Cadê a foto?

– Na câmera. Você pode me devolver agora?

– Sem chance. – Ela se afasta sorrateira, levanta a câmera e a aponta para um grupo de alunas do último ano rindo descontroladas enquanto se enfileiram dando chutes para o alto no estilo cancã. Eu mal escuto o obturador clicar.

– Rô.

Ela tira outra foto, agora de um garoto enfiando a cara em um prato de torta repleta de chantilly. Meus dedos coçam para tirar a câmera dela, pois a configuração está toda errada para o que ela está fazendo. Sei que ela está usando isso como uma isca para me atrair, mas tenho certeza de que ela espera ver algumas dessas fotos no anuário. O que ela não sabe é que está apenas criando uma pilha enorme de borrões.

– O sr. Gerardi vai surtar se ele vir você com isso – eu a aviso. – É uma câmera de 10 mil dólares.

– Ah, para! – Ela clica umas garotas pintando o rosto.

– Estou falando sério.

Ela baixa a câmera e arregala os olhos para mim.

– Ele deixou você usar uma câmera que vale mais que o meu carro?

– Pois é. – Estendo a mão. – Então chega de brincadeira.

Ela dá um passo para trás.

– Só vou te devolver se prometer tirar uma foto.

– Tá, eu tiro.

Ela passa a alça por cima da cabeça e estende cuidadosamente a câmera para mim. Quando a retomo, tenho impressão de que está mais pesada.

Começo a me arrastar de volta para a sombra, mas a Rowan cruza os braços.

– Você prometeu.

– Eu sei. – Minha boca volta a ficar seca. Tento molhar meus lábios. – Estou só pensando. – Aceno com a mão. – Sai, vai se divertir. Você não precisa ficar aqui.

Ela me encara, depois leva as mãos para o alto.

– É só a droga de uma câmera, Ju! Aperta logo esse botão.

É mais que uma câmera. É uma declaração de que eu posso fazer isso sem minha mãe. Minha respiração fica bem ofegante e, por um momento terrível, tenho a impressão de que vou desmaiar. Levanto a câmera e posiciono meu olho no visor óptico. Líderes de torcida ocupam o fotograma, espalhando glacê ultra-azul sobre alguns biscoitos.

Não, essa não pode ser minha primeira foto desde a morte dela. Mantenho meu dedo sobre o botão e me viro.

Alguns caras estão jogando basquete perto de um muro. Fico em dúvida sobre essa cena. Gosto das cores, da bravura do jogo num local antigo, onde o chão está todo rachado e quebrado.

Não, essa também não é a foto certa.

Isso é o que fiquei fazendo nos primeiros vinte minutos.

Minha câmera acaba parando em dois caras sentados a certa distância das festividades. Um deles está com um moletom azul-escuro com capuz e apoiado em uma dessas barreiras de concreto que impedem os carros de entrarem no pátio. Ele está com o capuz levantado, e não consigo enxergar muito além do simples contorno do seu perfil.

Então avisto o cara ao lado, e meu coração dispara. Declan Murphy.

Não chego nem a pensar. Giro a lente até achar o foco e aperto o botão.

A câmera emite um leve zumbido, depois um clique e pronto. Tirei uma foto.

Sinto como se tivesse participado de uma corrida. O suor cobre meus dedos e devo estar tremendo.

Aperto alguns botões na câmera, fazendo a imagem aparecer na tela. Compus a foto para que o enquadramento ficasse amplo, com Declan e seu amigo Rev isolados à esquerda, e as festividades acontecendo à direita.

Fica parecendo a imagem para um panfleto sobre os perigos de se isolar na adolescência ou algo assim. Consigo fazer melhor que isso. Amplio o zoom, procurando detalhes. A linha do maxilar se projetando do capuz. As mochilas no chão. Declan se virando para perguntar alguma coisa a Rev.

Gosto dessa última. Afasto a câmera para olhar a tela. Dá para perceber a confiança no rosto de Declan. Depois de vê-lo interagir com o padrasto, tenho a sensação de que ele não confia em muitas pessoas.

– Talvez você deva tirar fotos do festival – a Rowan comenta.

– Eu sei – digo rápido. Ajusto algumas configurações e aponto a câmera novamente para Declan e Rev. – Eu vou tirar.

A luz do sol está bem à esquerda deles. Saio da sombra da árvore até a luz ficar mais diretamente atrás deles. Essa técnica se chama contraluz. Muitas pessoas procurariam uma silhueta, mas ainda quero mais detalhes.

Levanto a câmera. A luz do sol irradia atrás deles como um halo infinito, em dissonância com suas posturas desafiadoras. O obturador clica, e eu olho para baixo e fuço nas configurações para ver como ela ficou.

– Ahnn – Rowan faz. – Ju.

– Espera aí – Aperto alguns botões, ampliando o ângulo, então ergo a câmera. O rosto de Declan preenche o visor.

Dou um pulo e engulo o grito. Ele está bem na minha frente, ao lado de Rev, sua sombra.

Declan fecha a cara, me estudando um tanto fixamente demais.

– Você está me fotografando?

– É, desculpa. – Graças a Deus que a alça está em volta do meu pescoço, porque quase derrubo a câmera. – Estou tirando fotos do Festival de Outono.

– Você é fotógrafa?

A voz dele soa perigosa, quase acusadora. Faço que não rapidamente com a cabeça e balbucio.

– N-não. Eu só… A garota que ia fazer isso não pôde vir. O sr. Gerardi me pediu para substituí-la.

Seus traços se suavizam.

– Ah.

– Posso ver? – Rev pergunta baixinho.

Hesito um pouco, então aperto alguns botões para trazer a última imagem no display. Eu me viro até ficar ao lado dele.

– Olha.

Rev observa a imagem em silêncio por um longo tempo. Não sei se devo fazer alguma coisa.

– Ficou legal – comenta ele, por fim. – Com o sol.

– Obrigada. – Estou enferrujada, mas concordo que ficou boa. O cabelo de Declan está iluminado de dourado pelo sol, seu perfil é nítido e pouco exposto. Mal se veem os traços de Rev debaixo do capuz do moletom, que ficou preto com toda aquela luz atrás. É como se alguém tivesse largado um anjo da luz e outro da escuridão no meio do nosso pátio.

Da escuridão. Baixo a câmera e olho para Rev por um instante.

– Por que você está sempre de capuz? – a Rowan pergunta.

Rev se vira para ela sem mudar de expressão. Não dá para saber se ele ficou incomodado com a pergunta.

– Porque é confortável.

– Está fazendo 25 graus aqui fora!

Ele encolhe os ombros, esbarrando no meu. Dá para sentir que o moletom esconde músculos e não é pouca coisa.

Declan se inclina e olha para a foto de ponta-cabeça.

– Apaga.

Puxo a câmera para perto do meu peito.

– Não.

– Por quê? – a Rowan pergunta.

– Porque eu estou mandando. – o Declan vem na minha direção e estende o braço.

Dou um passo para trás. Se eu já estava meio assim com a Rowan mexendo nela, imagina se vou deixar o Declan Murphy tocá-la.

– Apaga – ele vocifera.

A Rowan fica perto de mim.

– Ela está tirando fotos para o anuário. Ela não tem que apagar nada. – A voz dela está mais alta que o necessário. Tenho certeza de que espera que algum professor a ouça e venha intervir.

– Ela tirou uma foto minha. E se eu estou mandando deletar, é pra deletar e ponto. – Declan fala violentamente.

– O que está acontecendo?

Não é a voz de um professor. É o Brandon Cho, meu ex-rival de fotografia. Depois que larguei a matéria, mal o vi neste ano, mas é evidente que as férias de verão lhe fizeram bem. Ele cresceu uns bons dez centímetros e seus ombros ficaram mais largos. Antes ele era franzino e magricelo, o perfeito fotógrafo *hipster*, mas os hormônios acabaram tomando conta dele. Traços delicados deram lugar a maxilares bem-definidos e um queixo acentuado, e seu cabelo está mais curto e um pouco arrepiado.

Sua fiel câmera está pendurada em volta do pescoço, com bótons engraçadinhos presos ao longo da alça. O meu favorito costumava ser um com o desenho de um espermatozoide e o texto “esta é uma foto minha bem antiga”, mas um professor o obrigou a tirá-lo.

– Ele está te incomodando? – Brandon me pergunta.

– Você não tem nada a ver com isso, moleque – Declan fala.

Brandon avança para ficar ao meu lado, sem recuar.

– Por que você não vai procurar outra pessoa para incomodar?

– Foi ela que tirou a droga da foto…

– Dec – o Rev fala baixinho. – Tá tudo bem. Deixa pra lá.

– Não tá tudo bem nada.

– Mas é melhor que fique – Brandon intervém – ou eu vou achar um professor que faça ficar.

Declan rodopia um dedo no ar.

– Uuui, que machão.

Brandon estreita os olhos.

– Você não tem nenhuma audiência no tribunal para ir ou nenhum serviço comunitário para fazer, não?

Declan começa a avançar, mas o Rev agarra sua manga e o puxa de volta.

– Chega. Vamos.

– Rev, juro por Deus…

– Prefiro que você não jure. – Rev continua arrastando-o. – E o pior é que você *vai* se atrasar mesmo pro serviço comunitário. Vamos.

Declan se deixa ser arrastado, mas olha para trás, na minha direção.

– Apaga. Você me ouviu? Apaga.

Observo ele ir embora.

Não apago nada.

Não consigo entender o que o deixou tão irritado.

Brandon se vira para mim.

– Está tudo bem?

Minha boca está seca e meu coração a mil, mas toda essa adrenalina é realmente fora de propósito.

– Estou. Sim. Tudo bem. – Não sei se deveria agradecê-lo.

Ele me examina, e vejo seus olhos pousando na câmera.

– Achei que você tinha desistido.

Meio que dou de ombros.

– O sr. Gerardi me pediu um favor.

– E você fez?

– Ele me subornou – digo, levantando a câmera.

Os olhos de Brandon se acendem.

– Sortuda.

Sempre o achei irritante, mas só porque ele era tão bom quanto eu – se não melhor. O avô dele de fato *ganhou* um Pulitzer por cobrir a Guerra do Vietnã, e essa ligação ajudou o Brandon a conseguir um estágio especial no *Washington Post* no verão passado. Eu havia pedido para minha mãe mexer uns pauzinhos para mim ali, mas ela se recusou, dizendo que valeria mais se eu ganhasse experiência por meu próprio mérito.

Agora fico feliz que não tenha rolado estágio nenhum. Passei o verão evitando tudo que tivesse a ver com uma câmera para ficar agachada sobre um túmulo escrevendo cartas.

Sem qualquer sentimento de rivalidade, percebo que o Brandon é

realmente um cara bacana.

– Obrigada. – Levanto a cabeça na direção dele. – Você não precisava ter feito aquilo.

– Ele não tinha nada que ter te incomodado.

– Por que será que ele ficou tão transtornado? – pergunta a Rowan.

Encolho os ombros e analiso a foto mais uma vez. Não há nada ali que possa ser considerado ofensivo. Não é como se eu tivesse tirado uma foto escondida no vestiário.

– Não sei.

Brandon bufa com desdém.

– Quem é que vai saber o que se passa na cabeça dele?

Algo na sua voz me chama a atenção.

– Você o conhece?

Ele me olha como se eu fosse uma louca.

– O Declan Murphy? Não. Sei coisas sobre ele, como todo mundo. – Brandon pausa e dá de ombros. – Talvez um pouco mais que isso. Meu pai gosta de ler boletins de ocorrência em voz alta durante o jantar.

– É verdade que ele roubou um carro? – a Rowan pergunta. Sua voz sai um pouco abafada.

– É. Ele estava chapado, roubou um carro e entrou com ele em um prédio de escritórios.

Uau. Nenhum de nós diz nada depois disso.

Brandon enfim faz um gesto para a minha câmera.

– Você já tirou fotos de algo?

– Não – confesso. Fico hesitante. – Acabei de começar, na verdade.

– Legal ver vocês de novo. – As bochechas dele coram, e ele vira o rosto. – Quer dizer, fico contente por você não ter perdido a manha.

– Só estou fazendo um favor.

Brandon volta a me fitar.

– Se você está dizendo… – Ele vacila. – Você vai cobrir o baile amanhã à noite também?

– Não, só aqui.

– Eu vou.

– Ah. – Não sei mais o que dizer.

– Você vai lá? – ele pergunta.

– Ao baile? – Aperto os olhos e o encaro. – Acho que não.

– Ah. – Ele hesita e fica brincando nervosamente com a câmera por um

momento. – Se você quiser, pode ir comigo.

Tenho a nítida sensação de que a Rowan parou de respirar. Ela me dá um empurrãozinho com o quadril.

– Você está me chamando para sair? – pergunto, franzindo a testa.

– Bom… – Ele levanta o rosto para mim. – Mais ou menos. Quer dizer, tecnicamente eu vou trabalhar. Mas pode ser divertido. – Seus olhos saltam para a Rowan. – Não tem que ser um encontro. Vocês duas podem vir. Se estiverem a fim.

Dou um passo para trás. Estou zero preparada para isso. A emoção da câmera nas minhas mãos, a cena com Declan e então a súbita interferência de Brandon. Não sei o que dizer.

Não, obviamente. Ele mesmo não está esperando que eu aceite o convite, posso dizer pelo jeito como já está compondo o enquadramento para tirar novas fotos.

Ir ao *baile*? O que eu faria em um baile?

Abro minha boca para recusar, mas me lembro do e-mail do Escuridão.

Segui o seu exemplo e fiz uma coisa inesperada.

Você tem razão. Foi assustador.

Vamos fazer de novo.

– Claro – digo.

Brandon baixa a câmera e me encara.

– Sério?

– Sério. – Engulo em seco. – Mas só se a Rowan for também.

Rowan me agarra pela cintura e solta um gritinho.

Aponto para ela.

– Pelo jeito nós vamos.

Para ser honesta, tenho vontade de dar um gritinho também.

Mas não muita.

Só um pouquinho.

CAPÍTULO 19

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Sexta-feira, 4 de outubro 10:23:05
Assunto: Inesperado

Você vai ao Baile dos Ex-Alunos hoje à noite?

Eu vou.

Espero que isso seja chocante. É chocante para *mim*, e fui eu que concordei em ir. Uma pessoa me convidou e eu disse sim.

A culpa é toda sua. Eu jamais teria aceitado se não fosse por você e seu desafio para fazer algo inesperado. Agora preciso arrumar um vestido depois da aula, e nem sei se gosto realmente do cara com quem vou. Na verdade, passei os últimos três anos achando que ele era meio mala.

Fazer todas essas coisas inesperadas está me deixando atrapalhada.

Quando contei ao meu pai que vou ao baile, ele me olhou como se fosse ter um derrame. Depois me deu o cartão de crédito e disse que eu podia comprar o que quisesse. Acho que ele disse especificamente “não economize”, e a gente não está nadando em dinheiro.

Ele pareceu aliviado em me ver fazendo alguma coisa normal de adolescente. Mas sinto que estou fingindo. Sou um balão esperando que alguém me espete com um alfinete para eu estourar e deixar látex despedaçado no chão. Eu deveria estar empolgada por poder comprar um vestido e fazer o cabelo, mas realmente não ligo. Minha melhor amiga me perguntou se estou chateada porque minha mãe não está aqui para fazer compras com a gente (porque eu vou sair para fazer isso com ela e a mãe dela), mas não é isso. Esse nem é o tipo de coisa que minha mãe faria, mesmo

que ela estivesse na cidade. A primeira vez que ela viu meu vestido do baile do ano passado foi uma semana depois, porque mandei a foto por e-mail. E ela não comentou nada.

Quando penso na vida dela, essas preocupações bobas parecem tão mesquinhas. Minha mãe estava documentando algo *real*. Ela estava mostrando os efeitos da guerra para pessoas que se contentam em virar a página para descobrir o que está acontecendo em Hollywood. Ela estava fazendo *diferença*.

O que *eu* estou fazendo? Comprando um vestido?

Continuo achando que ela estaria muito decepcionada comigo. Fico preocupada em ir ao baile e ter um colapso nervoso.

Diga por favor que você vai estar lá. Sei que a gente não se conhece, mas vou me sentir um pouquinho melhor se souber que não serei a única pessoa na pista de dança com a cabeça zoada.

Especialmente porque foi você quem me mostrou que posso ser normal.

Pelo menos por um tempinho.

Minha boca está pegando fogo. A Kristin, mãe do Rev, gosta de experimentar comidas de diferentes culturas, e neste mês ela está numa onda tailandesa. Na mesa há uma travessa de macarrão com molho picante de amendoim, uma tigela de ensopado de carne com curry, um prato de frango *massaman* e vários legumes assados salpicados com temperos. Quero repetir tudo, mas seria bom ainda ter alguma sensibilidade nas papilas gustativas depois.

Toda sexta-feira janto aqui. Isso começou quando o Alan decidiu que as noites de sexta deveriam ser de jantares em família, e eu não quis participar. As noites de sexta agora são de minha-mãe-e-Alan-comem-em-casa-enquanto-eu-como-aqui.

Até onde sei, todo mundo sai ganhando.

Não contei sobre o e-mail da Garota do Cemitério para o Rev.

Já o reli tantas vezes que conseguiria recitar na íntegra. Ainda não o respondi. Ainda.

Foi você quem me mostrou que posso ser normal. Como hoje cedo, as palavras dela acendem uma pequena chama em mim.

Já tem um tempo que ninguém me faz sentir que sirvo para alguma coisa além de estar ocupando espaço antes de acabar em uma cela de cadeia.

Os pais do Rev ainda estão acolhendo a bebezinha, e ela está sentada ao

lado da mesa em um cadeirão, pegando pedaços de frango desfiado e macarrão picado. O nome dela é Babydoll (juro). Sei que é melhor não comentar nada a respeito. Kristin fala que as crianças não têm culpa dos seus nomes, e ela nunca deixa ninguém falar nada negativo sobre as que estão sob seus cuidados, mesmo que a criança em questão não faça ideia do que está sendo dito.

– Você está quieto hoje, Declan – comenta a Kristin.

– Só estou pensando.

Minha mente está lutando com a ideia de ir ao Baile dos Ex-Alunos. Nunca fui a um baile da escola, e até as 10h23 da manhã de hoje eu não tinha intenção de alterar esse plano.

– Pensando em algo interessante?

Encolho os ombros e forço meu cérebro a focar temas inofensivos.

– Eu não sabia que se podia dar comida tailandesa para um bebê.

Babydoll enfia um punhado da comida desfiada na boca e agita as perninhas toda feliz. Ela fala com a boca cheia, deixando metade cair.

– Ah-da-da-da-da-da.

Tem macarrão no cabelo dela. Kristin estende a mão para tirar.

Geoff coloca um pouco de arroz de coco no prato e o cobre com uma porção de carne ensopada que está repetindo pela segunda vez.

– O que você acha que dão para os bebês comerem na Tailândia?

Aponto em sua direção um dos pauzinhos que estou usando para comer.

– Faz sentido!

Rev sorri.

– Alguma criança em Bangkok provavelmente está vendo a mãe picar um hambúrguer e dizendo: “Eu não sabia que se podia dar comida americana para um bebê”.

– Bem – Geoff comenta. – Culturalmente…

– Foi só uma *piada*. – Rev revira os olhos para mim. Geoff é professor universitário, e seria de se imaginar que ele nasceu com uma enciclopédia nas mãos. Certa vez, a Kristin comentou ter visto um tordo no começo da primavera, e a gente passou meia hora ouvindo o Geoff falando sobre o padrão migratório das aves.

– Pode guardar o giz na caixa, querido – Kristin provoca. – A gente está comendo.

– Não podemos comer e aprender ao mesmo tempo?

– Como está sua mãe? – Kristin me pergunta, ignorando o marido,

enquanto desfia mais frango para a bebê.

Pisco para ela.

– Bem. Eu acho.

– Encontrei com ela no fim de semana passado no mercado, e ela disse que estava esgotada. Ela achava que estava ficando doente.

– Nada. – Pego um pouco de arroz com meus pauzinhos e enfio na boca. – Ela e o Alan viveram bons momentos ontem limpando o deque com a lavadora de alta pressão.

– Ah, que bom – Kristin diz.

– Devíamos usar uma lavadora de alta pressão no nosso deque – Geoff comenta. – Talvez eu devesse alugar…

– Quer ir ao baile hoje à noite? – pergunto ao Rev.

Tanto a Kristin quanto o Geoff de repente me encaram, paralisados.

Rev apanha um pedaço de frango com seus pauzinhos.

– Só se você usar aquele vestidinho vermelho de paetê que eu amo.

– Cala a boca. Estou falando sério.

Rev me olha de lado.

– Você quer ir ao Baile dos Ex-Alunos?

– Com o Rev? – completa o Geoff. Sua comida fica suspensa no ar entre o prato e a boca. Posso até ver as engrenagens girando na sua cabeça. É quase cômico. Ele não é nada homofóbico. Pelo contrário. Ele provavelmente está tentando rememorar se deixou passar alguns sinais.

– Não *com* o Rev. – Dou uma tossidinha para encobrir uma risada e cutuco meu prato, empurrando a comida para o canto. – Uma garota que eu conheço me perguntou se vou estar lá.

Rev ergue uma sobrancelha.

– Quem?

Hesito. Então tiro meu telefone do bolso. Desbloqueio a tela e passo para ele.

Ele lê por um minuto e me devolve.

– Tá bom.

Sem titubear. Esse é um dos motivos por que adoro esse cara.

– O que foi que eu perdi? – pergunta a Kristin. Ela coloca uma colherada de arroz na bandeja do cadeirão, a Babydoll imediatamente enche a mão e enfia tudo na boca.

– Você tem permissão para ir a um baile? – Geoff pergunta.

Não há julgamento em sua voz, mas esse é outro lembrete de como o meu

caminho é pedregoso.

– Tenho. – Baixo os olhos para o meu prato e empurro um pedaço de frango. – Se for uma atividade escolar.

– Quem é a menina? – Kristin pergunta.

Vacilo um pouco, e então, para meu desespero, percebo que estou corado.

– Só uma menina com quem estou falando. – Sigo o exemplo da bebê e ponho mais comida na boca. – Não é nada.

– É, sim – Rev fala, revirando os olhos. – É tão *nada* que ele está me arrastando para o primeiro baile da minha vida no ensino médio.

Eu o observo, me perguntando se deixei passar um tom de ansiedade.

– Rev, você não tem que ir – falo com voz séria.

Ele mastiga refletidamente a comida e por fim a engole.

– Eu quero ir. – Ele olha para o meu celular e sorri. – Talvez eu queira mesmo fazer algo inesperado.

CAPÍTULO 20

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Sexta-feira, 4 de outubro 18:36:47
Assunto: Baile

Não se preocupe, Garota do Cemitério. Estarei lá.

Parece que uma fábrica de artigos de festa azuis e prateados explodiu no ginásio da escola. Há buquês de balões espalhados por todos os cantos, acompanhados de laçarotes de papel crepom e serpentinas entrelaçadas em todas as direções. Não lembro de ter visto um globo espelhado aqui antes, mas provável que eles o deixem guardado para usar nos bailes. É tão cafona, mas no fundo acho legal o jeito como os espelhinhos jogam pontos de luz por todo o ginásio escurecido.

O Brandon vai ter um trabalho do cão para conseguir umas fotos decentes neste lugar.

Nós não viemos no mesmo carro. Ele quase caiu de joelhos para se desculpar, mas ele já tinha combinado de fazer registros casuais do comitê de planejamento do baile enquanto eles finalizavam a arrumação, por isso precisava chegar uma hora e meia antes. Ele me perguntou se eu queria ir também, mas aí já era demais para o meu gosto.

De qualquer maneira, eu precisava me arrumar.

Ainda não vi o Brandon. Em vez disso, estou agarrada à Rowan.

Bom, na verdade estou andando ao lado dela. Mas mentalmente seguro seu braço.

Meus olhos varrem a multidão. A música me atordoou na hora em que

entrei, mas agora meus ouvidos já se acostumaram. O baixo potente combinado às luzes piscantes produz uma experiência sensorial que não deixa espaço para minha ansiedade habitual. Fachos de luz giram sobre rostos desconhecidos, e eu me pego procurando o Escuridão entre as pessoas. Ele pode ser qualquer um.

A Rowan se curva para perto de mim.

– Você está procurando o Brandon?

Nem um pouco.

– Estou. Você já o viu por aí?

– Não. Vamos até as mesas do bufê para você encontrá-lo.

As mesas do bufê. Perfeito.

Ao longo da parede do fundo foram colocadas seis mesas compridas. Sobre elas alternam-se toalhas azuis e brancas, com mais serpentinas decorando a frente delas. Alguém ligou uma fileira de luzinhas atrás das mesas, assim você consegue ver o que está comendo, mas não muito mais que isso. Em uma mesa há duas tigelas de ponche com um professor tomando conta e três enormes travessas de biscoitos espalhadas.

As outras mesas têm garrafas d'água, doces e saquinhos de batata frita, mas essas outras coisas não são de graça, por isso pego um copo de ponche. Levo-o até meus lábios e o viro, preparada para examinar de novo a multidão.

Engasgo com o ponche e quase cuspo tudo em cima do Declan Murphy.

No intervalo de um segundo, minha pulsação vai de sentada no sofá a correndo na esteira. Ainda estou tensa pela maneira como ele agiu ontem em relação à fotografia, e o melhor que tenho a fazer é parar de ficar dando de cara com ele.

Ou sair correndo.

Adoraria poder dizer que ele não está bem-arrumado, mas não posso. Obviamente ele passou um bom tempo na companhia de um sabonete e de um barbeador, pois está com um cheiro bom de banho, e nunca vi seu rosto tão lisinho. O baile tem um código de vestimenta, e eu não esperava que ele fosse obedecer a algo tão convencional, mas ele fez isso. Ele está com uma camisa branca, calça cáqui e uma gravata listrada azul e verde. As mangas já foram dobradas e o botão de cima, desabotoado; seu cabelo está um pouco longo demais para ser estiloso, mas está penteado. Ele está parecendo um menino malcomportado que a mãe vestiu a contragosto para tirar um retrato.

Faço o que posso para desacelerar meu coração.

– Gosta de ficar seguindo os outros?

– Gosto, sim – ele diz em voz baixa e cheio de sarcasmo. – Estou te seguindo até a mesa do bufê. – E sai, passando por mim.

– Está indo lá batizar o ponche? – pergunto.

Ele para daquele jeito que um cachorro faz antes de atacar uma pessoa. Ele não rosna, mas os lábios estão recolhidos, os músculos retesados prontos para saltar.

Eu não devia ter dito nada. Ainda mais aquilo. Já estou arrependida. Ele me tira do sério de um jeito, como se eu tivesse a necessidade de dar uma cutucada nele primeiro, antes que ele possa me esfaquear.

Declan volta e me encara outra vez. Ele me olha de um jeito frio, mas sua voz permanece no mesmo tom.

– E se eu estiver? Você vai me deter?

– Não – a Rowan responde ao meu lado. – Vamos chamar um professor.

– Podem chamar. – Então ele passa por mim outra vez, joga duas notas de um dólar na mesa à esquerda, e sai com duas garrafas d'água nas mãos.

A Rowan me puxa para perto dela, e observamos o Declan ir embora espumando.

– Qual é o problema dele? – ela pergunta, completamente desconcertada. – Por que ele precisa ser tão idiota?

Tomo outro gole do ponche. É doce demais, ou talvez eu esteja muito azeda.

– Eu também não fui lá muito legal, Rô.

– Depois do jeito que ele te tratou ontem? Você acha que ele merece simpatia?

Continuo vendo Declan se afastar. Ele para em um canto escuro. Vejo-o dar uma garrafa para alguém, mas levo um tempinho para perceber quem é.

Arqueio minhas sobrancelhas.

– O amigo dele não está de capuz.

– Olha só… – a Rowan diz. – O Rev Fletcher até que consegue parecer uma pessoa normal. – Ela vacila, e sua voz ganha um tom de encantamento. – Melhor que normal. Na verdade, ele não é de se jogar fora. Por que você acha que ele gosta de se vestir feito o Unabomber, aquele cara louco do capuz?

– Quem se veste feito o Unabomber? – pergunta uma voz.

Eu me viro. O Brandon está atrás dela com sua câmera nas mãos. Ele está usando a calça e o colete de um terno grafite, com um tênis azul-fluorescente, uma camisa preta e uma gravata-borboleta vermelha. Em qualquer pessoa ficaria ridículo, mas nele cai bem. Eu classificaria o estilo de "gato

excêntrico”.

Ao nos examinar, seus olhos brilham admirados.

– Como vocês estão bonitas.

Fico vermelha. Não consigo evitar. Tenho quase vergonha disso. Meu vestido não é nada de mais, só um tubinho tomara que caia preto que vai até acima do joelho. Mas, considerando seu visual colorido, acho bom ter vindo mais básica.

– Você também – falo.

– Você está usando um relógio de bolso de verdade? – a Rowan pergunta.

– Ah, sim, estou. – Brandon leva sua câmera ao rosto. – Fiquem perto uma da outra.

– Nem vem. – Tento sair do alcance, mas a Rowan agarra meu braço e me arrasta de volta para a foto.

– Temos que comemorar – ela diz.

– Comemorar o quê? – pergunto. – A mesa do bufê?

– O último ano – Brandon diz. – É o seu último Baile dos Ex-Alunos. Você não quer ter uma foto com sua melhor amiga?

– Eu quero – Rowan fala.

Era só o que me faltava. Ok, posso fazer isso por ela. Forço um sorriso.

Brandon dá alguns passos para trás.

– Tenta fazer uma cara de que não tem ninguém te matando, Juliet.

Fico com vontade de mostrar o dedo do meio para ele, mas sua voz é leve, brincalhona. Todo mundo aqui está se divertindo. Eu também deveria estar.

Talvez eu possa fingir. Coloco um braço ao redor da cintura da Rowan e me inclino sobre ela.

Ela apoia a cabeça na minha.

– Estou com tanto orgulho de você – ela sussurra. – Sei bem que você não queria estar aqui.

Uma onda de emoção me pega forte, e meus olhos marejam antes que eu perceba.

Brandon baixa a câmera.

– Você está bem?

Uma lágrima escapa. Pego correndo um guardanapo antes que outras acabem arruinando minha maquiagem.

– Estou. Sou uma idiota.

– Você não é idiota – diz a Rowan, apanhando outro guardanapo e dando batidinhas de leve no meu rosto para limpar o que talvez eu tenha perdido. –

Você é incrível, corajosa e…

Empurro a mão dela e jogo meus braços em volta de seu pescoço para abraçá-la.

– Para! – Minha voz embarga. – Para, Rô! Eu não sou nada disso. E me perdoa por estar sendo uma péssima amiga.

– Você não tem sido uma péssima amiga – ela rebate. – Nunca.

O *flash* de uma câmera reluz, e eu recuo, fungando.

– Que bom – falo para o Brandon. – Esse é exatamente o momento que eu queria guardar para sempre: a hora em que minha maquiagem borrou toda no baile.

Ele aperta alguns botões da câmera e a vira para me mostrar.

– E que tal o momento em que duas amigas dão força uma para a outra?

A Rowan e eu olhamos para a imagem na tela. Brandon nos pegou de olhos fechados, num semiabraço. Mal dá para ver o tênue fio de lágrimas nos nossos cílios. Mesmo no pequeno *preview* da tela, as emoções jorram da câmera. É uma ótima fotografia.

– Você tem mesmo talento – digo para ele, falando sério. No ano passado Brandon já era ótimo, mas isto aqui está quilômetros à frente do que ele estava fazendo na primavera passada. – É quase um desperdício colocar no anuário.

– Obrigado. – Ele dá uma risadinha. – E você tem razão. Metade dos caras da nossa classe não vai ignorar o fato de os seios de vocês estarem se tocando.

– E você? – pergunto. – Vai ignorar esse fato?

Ele dá um sorrisinho.

– Talvez.

Ele está flertando. Estou sorrindo, mas provavelmente estou com a mesma cara de antes, quando ele me disse para deixar de parecer como se alguém estivesse me matando. Me sinto vazia demais por dentro.

Fico pensando. Será que, se eu fingir bastante, acabarei acreditando? Uma parte de mim tem medo de que, caso faça isso, acabe esquecendo completamente o que é real.

– Você vai ter que fotografar a noite inteira? – pergunto.

– Posso fazer intervalos.

– Quer dançar? – As palavras saem da minha boca sem que eu perceba. Eu estava tentando pensar em algo para fazer que não envolvesse conversar ou tirar mais fotos.

Os olhos dele se arregalam, então ele sorri.

– Lógico.

Pego na mão da Rowan.

– A Rô tem que vir com a gente.

– Não tenho, não – ela sussurra. – Você está tendo um *encontro,* Ju…

Mas então ela olha minha cara e se deixa ser arrastada.

– Espero que você goste de *ménage à trois* – ela provoca Brandon.

– Você está me vendo reclamar?

Mergulhamos na multidão. O tema do baile é Música de Todas as Épocas, ou algum outro nome igualmente péssimo. As músicas variam de hits atuais ao pop chiclete dos anos 1960. O DJ que chamaram é bom, e até as músicas mais antigas são turbinadas com graves e têm o ritmo alterado para ficarem com um ar mais moderno. Neste momento estamos curtindo “It’s My Party”.

Não danço incrivelmente bem nem nada, mas me garanto. Acho bom que a música seja rápida para não ter que dançar colada com o Brandon. Meu cabelo está preso, mas não devo ter usado grampos suficientes, pois algumas mechas se soltaram. Não estou nem aí. Agora meu cabelo combina com minha maquiagem.

A música alta é tão catártica que estou começando a viajar na batida. Brandon pegou na minha mão algumas vezes, mas a puxei de volta. Ele não força, o que acho bom. Além disso, ele está dando a mesma atenção para a Rowan; com a diferença de que ela não evita a mão dele. Ele a rodopia na pista até fazê-la morrer de rir. O vestido dela é um tomara que caia branco com miçangas prateadas no corpete. A saia, de chiffon, vai até abaixo do joelho e flutua quando ela anda.

Brandon é um cara legal. Eu queria poder sentir alguma coisa.

Bom, eu sinto. Gratidão. Ele me chamou para sair e me deu a oportunidade de dizer "sim".

Embora não tenha sido a pessoa que me deu *força* para dizer "sim".

Meus olhos passeiam de novo pelo público. Ele disse que estaria aqui. Estou cercada de pessoas – centenas delas –, porém de algum modo estou presa numa bolha de solidão, que só não estoura por saber que o Escuridão está aqui.

Será que ele está dançando? Acho que não… embora não tenha certeza. De certa maneira, sinto que o conheço muito bem, mas a verdade é que eu não o conheço nem um pouco.

A música está terminando. Esta agora é mais moderna, com uma batida

realmente animada. A Rowan e o Brandon estão fazendo passos engraçados e palhaçadas, e, quando a música termina, ela cai numa gargalhada, quase tombando em cima dele. Ele fica com um sorriso no rosto quando a segura e a ajuda a se endireitar.

Ao olhar para os dois, vejo que ele chamou a garota errada para o baile.

Eu me abano com a mão em busca de ar.

– Gente, preciso de um ponche. Continuem aí se divertindo.

O sorriso do Brandon se apaga.

– Está tudo bem?

– Tudo! É só sede.

Rowan vem atrás de mim.

– Desculpa. Me empolguei. Estou acabando com o seu encontro.

– Não! – Pouso minhas mãos em seus ombros. – Eu acho de verdade que ele está a fim de você. Quero respirar por uns minutinhos.

– Mas ele chamou *você* para sair…

– Rô, me escuta. Eu não estou a fim do Brandon. Eu te disse isso no ano passado quando você ficava insistindo que eu devia sair… – Paro de repente. – Meu Deus. Rô, você já tinha uma queda por ele? Você ainda tem?

As bochechas dela queimam, e as luzes giratórias fazem seus olhos brilharem.

– Ah! Não. Quer dizer, talvez. É que… a gente está se divertindo. Ele é tão bobo.

Faço ela se virar e dou um empurrão em suas costas.

– Vai lá. Dance com ele. Vocês dois ficam mesmo fofos juntos.

Ela vai, olhando para mim preocupada por cima do ombro.

Vai! Mexo a boca, enxotando-a com um gesto de mão. Observo o Brandon fazer uma cara apreensiva e então escutar a Rowan lhe dizer alguma coisa no ouvido; sua expressão muda e ele faz um sinal de aceitação.

Saio da pista e penetro nas sombras ao lado da arquibancada. Há um vão entre as escadas, com as portas de emergência ao fundo. É um dos poucos cantos do ginásio onde as luzes não chegam. Sinto como se estivesse me escondendo em uma caverna, espreitando o mundo real.

– Não quero te assustar… – diz uma voz atrás de mim.

Respiro fundo e viro.

Alguém emerge das sombras. O tamanho e a ausência de brilho me dizem que é um cara, mas mal consigo vislumbrar qualquer coisa deste canto. Ele dá uma risadinha.

– Quer dizer, eu não *queria* te assustar. – Ele se detém, então se aproxima da luz o suficiente para que eu consiga distinguir seu rosto. É o Rev, amigo do Declan. – Não queria que você pensasse que é a única pessoa aqui no escuro.

– Está tudo bem. – Engulo em seco, dando um sinal para minha adrenalina diminuir um pouco. Penso outra vez naquele momento no pátio em que ele e Declan pareciam anjos opostos. – Por que você está se escondendo?

– Não estou me escondendo. – Ele lança um olhar para a multidão, depois de volta para mim. – Só estava precisando dar um tempo do barulho e da luz.

– Eu também.

– Ah, é?

– É. – Sinto uma corrente de ar e tremo.

Rev franze a testa.

– Frio?

– Um pouquinho – Pauso. – Está uma noite esquisita.

Ele abre um sorriso.

– Nem me fale.

Ele tem um jeitão tão tranquilo, tão paciente. Penso no comentário que a Rowan fez mais cedo, se indagando por que ele está sempre vestido igual ao Unabomber. Ele disse que não estava se escondendo aqui na escuridão, mas talvez se esconda todos os dias, só que de um jeito diferente. O cabelo dele é longo demais e cobre metade do rosto, mas reluz. Ao contrário do Declan, ele não se barbeou, deixando o queixo por fazer. Sua camisa está toda abotoada, sua gravata tem um nó impecável. Ele parece um astro do rock que acabou de descobrir que tem uma entrevista de emprego.

Sei que o Rev não estava falando ao pé da letra quando disse “nem me fale”, por isso acabo contando para ele sobre minha noite.

– Eu disse para a minha melhor amiga dançar com o meu par. Acho que cheguei a comentar especificamente que eles formam um belo casal.

Não há malícia na minha voz, e ele dá um sorriso.

– Como foi que seu par encarou isso?

– Até que bem, eu acho. Quer dizer, ele ainda está lá dançando com ela. – Hesito um pouco. – Você não veio com ninguém?

Ele vacila.

– Na verdade, não estou saindo com ninguém. – Ele se vira para a escuridão por um momento. – Estou bancando o assistente.

– De quem? Do escuro?

Ele abre um sorriso, mostrando todos os dentes.

– Não. Do Dec. Ele está lá fora fumando.

Olho de novo na direção atrás dele. Não é à toa que tem uma corrente de vento aqui. A porta de emergência está levemente aberta. Pela fresta emerge um filete tênue de luz.

Viro de novo para o Rev.

– Ele saiu escondido?

– Você acha que os professores iriam deixá-lo sair para fumar no pátio?

Estou chocada com esse flagrante desacato às regras.

Estou com inveja também.

Passo pelo Rev, vou até a porta e a empurro. Declan está parado um pouco depois da luz de emergência e dá um pulo de susto. Ele pisa no cigarro antes de perceber que sou só eu.

Seus olhos estão mais uma vez congelantes.

– Gosta de ficar seguindo os outros?

Ele joga as palavras de volta bem na minha cara. Mando minhas bochechas não corarem. Elas não obedecem.

– Ninguém te contou ainda que fumar mata?

– Jura? Eles deveriam botar isso na embalagem. – Ele chacoalha o maço para tirar outro cigarro e o coloca entre os lábios.

– Como foi que você saiu? A porta não deveria acionar um alarme?

– Que nada. O Ricky Allaverde desligou o dessa aqui faz três anos e nunca ninguém se deu ao trabalho de arrumar. – Ele dá uma tragada e joga uma nuvem de fumaça no ar. – Se você estiver pensando em dedurar, vou saber que foi você.

As palavras em si não são tão ameaçadoras, mas a frieza em sua voz causa um arrepio na minha espinha de novo. Eu me abraço.

– Não vou contar nada a ninguém. Não sou dessas.

Ele ri, sem humor.

– É claro que é.

Meu rosto continua corado. Ainda não sei exatamente o que me atraiu até aqui. Depois da batida pulsante do ginásio, o silêncio atrás da escola nos envolve e torna este encontro muito mais íntimo que o necessário.

– O que você está fazendo aqui fora? – ele pergunta.

– Estava fugindo do barulho.

Ele inspira, deixando a brasa do cigarro vermelha.

– Cadê sua amiga?

– Dançando.

– Com aquele otário da câmera?

Minha cabeça esquenta.

– O Brandon não é um otário.

Declan ri.

– Ah, tá bom.

– Olha só quem está falando.

Ele sopra fumaça pelos dentes, e a intensidade do seu olhar me paralisa. De repente, ele chega mais perto, com a voz baixa e áspera.

– Você não sabe nada sobre mim.

Minha boca está seca, mas a proximidade dele aciona algo em mim, e disparo sem pensar:

– Sei que você é um idiota com antecedentes criminais.

Qualquer sinal de humor no seu rosto se evapora. Eu me arrependo imediatamente das palavras. Ele larga o cigarro no chão e pisa nele. Sem olhar para mim, Declan segue em direção à porta.

Como ele consegue me fazer sentir tão culpada sem nem dizer nada? *Como* ele faz isso?

Ele passa pela porta tão depressa que só então me dou conta de que ele vai deixá-la bater na minha cara. Corro para segurá-la, então estou de volta às luzes giratórias e à música pulsante, recém-fugida daquele pedaço de escuridão. A música muda para uma balada de heavy metal dos anos 1980, e cada dedilhado da guitarra me irrita profundamente. O Declan e o Rev estão andando em direção à luz.

– Para – grito.

Ele não para.

– Espera – digo, ofegante e indecisa. – Me deixa…

– O quê? – Ele se vira com uma expressão feroz.

Isso faz minha coragem sumir. Meu pedido de desculpas fica preso na garganta.

– Melhor voltar para a pista, princesa. – As palavras do Declan estão cobertas do mais frio desprezo. – Você não vai querer que te vejam andando com idiotas.

Meus olhos estão queimando. Está tudo dando errado.

Não deveria ter vindo aqui.

Dou meia-volta, desabalo pelas portas de emergência e corro para a noite.

CAPÍTULO 21

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Sexta-feira, 4 de outubro 22:06:47
Assunto: Você está me devendo uma, Garota do Cemitério

Espero que a sua noite esteja sendo melhor que a minha.

O cemitério é um poço de silêncio. Graças ao céu encoberto, a escuridão alaga os vales entre os túmulos. Faz uma hora que encontrei o caminho para a lápide da minha mãe. Não deu muito trabalho – venho aqui com tanta frequência que consigo chegar de olhos fechados.

No começo, achei que poderia aguentar o frio, mas agora estou congelando. O ar está úmido, e logo mais vai chover. Eu seria capaz de matar alguém por uma blusa.

A ironia disso me faz sorrir, considerando que estou no meio de um cemitério e que as únicas pessoas ao meu redor já estão mortas.

Desfaço o sorriso. Na verdade, não é engraçado.

A maioria das pessoas surtaria se estivesse no cemitério a esta hora da noite. Conheço meninas do último ano que não entram em um banheiro escuro por medo da Loira do Banheiro.

Já passei tanto tempo aqui que nem penso em nada disso. Nada vai sair rastejando do chão – nem mesmo insetos, especialmente agora no outono. Provavelmente pela manhã o chão vai estar coberto de geada.

E se eu ficar sentada aqui por muito tempo, também estarei coberta.

Não consigo ir embora.

Só que também não consigo conversar com minha mãe. As únicas coisas

que estou carregando na minha bolsa são meu celular, minha carteira de motorista e minhas chaves, por isso não vai dar para escrever uma carta para ela. Com uma ponta de culpa, percebo que não escrevo para ela há semanas – desde que comecei a me corresponder com o Escuridão.

Mando a culpa parar de me encher. Como se minha mãe ainda existisse para sentir falta da minha caligrafia.

Não sei dizer o que vim fazer neste lugar. Só sei que comecei a dirigir e vim parar aqui. Mandei uma mensagem para a Rowan assim que cheguei, pois não queria que ela ficasse preocupada. A Rowan aflita seria capaz de fazer essa história terminar com pais notificados e polícia acionada. Falei para ela que não estava me sentindo bem e perguntei se ela poderia voltar de carona com o Brandon.

Quando ela me perguntou se eu estava em casa, respondi que sim.

Quer dizer, vou acabar voltando para lá mesmo.

Esfrego meus dedos na lápide, seguindo as letras do nome da minha mãe. *Zoe Rebecca Thorne*. Sei que seu nome era importante para ela, mas, agora que ela morreu, eu queria que a gente tivesse também isso em comum. Ninguém que olhar para esse túmulo vai ligá-la a mim.

Mas também ninguém teria nos ligado em vida. Tive sorte de pegar pelo menos um pouquinho do seu talento.

De repente uma dor aperta minha garganta e sinto falta de ar. Tenho tanta saudade dela. Daria qualquer coisa para que pudéssemos ter mais uma conversa. Um momento a mais.

Penso no e-mail que acabei de ler. *Espero que a sua noite esteja sendo melhor que a minha*.

Bom, não sei como está sendo a noite do Escuridão, mas estou a ponto de me acabar de chorar sobre um túmulo em um cemitério deserto. Eu deveria lhe oferecer a chance de poder comparar sua situação.

Enxugo as lágrimas e pego meu telefone na bolsa. Abro o e-mail dele e começo a escrever.

Gotas de chuva caem na tela, distorcendo as letras. Outras mais batem nos meus ombros nus. Sinto outro calafrio, esfrego a tela do celular no meu vestido e tento de novo.

Um trovão estrondeia e o céu desaba. O frio se derrama do breu.

Grito e corro, segurando minha bolsa sobre a cabeça como se isso fosse adiantar alguma coisa. Remexo minha bolsa, procurando minhas chaves, que voam pela grama. Lógico. Quando enfim as pego, meu vestido já está todo

ensopado. Meu cabelo está grudado no pescoço.

E eu que pensava estar congelando antes. Estou tremendo tão violentamente que só na terceira tentativa consigo colocar a chave na ignição.

Mas então o carro não quer pegar.

Penso no Declan Murphy me dizendo para trocar a bateria, coisa que eu nunca fiz. Odeio saber que ele tinha razão. *Odeio*. Uma nova rodada de lágrimas queima meus olhos. Se eu ligar para o meu pai e disser que estou presa no cemitério, quando deveria estar na casa da Rowan, é capaz de ele ter um aneurisma.

Ele ficou tão feliz que eu estava indo ao baile. Fico imaginando essa ilusão ser despedaçada.

Minha respiração estremece.

Foco, Juliet!, falo para mim mesma. *Pense.*

Daquela vez, o Declan desligou tudo antes de fazer o motor pegar. Talvez isso ajude. Giro todos os botões que vejo, apagando tudo ao mesmo tempo. Depois coloco a chave e tento dar partida.

O carro solta um *ram-ram-ram* patético, então ganha vida. Vitória!

Deixar o aquecedor desligado me causa uma dor física, mas preciso dos faróis e do limpador de para-brisas, e não quero arriscar que nada mais sugue a bateria. Engato a marcha e entro na via principal.

A chuva deve ter deixado um número razoável de pessoas em casa hoje, já que as ruas estão quase vazias. Viro na estrada de duas pistas que corta a cidade, acelerando porque preciso arrumar logo um cobertor antes de sair tremendo deste vestido. Mantenho as duas mãos no volante e observo com atenção a penumbra.

Uma pancada ressoa embaixo do carro. Ele guina para um lado.

Piso instintivamente no freio. O carro começa a girar. O som estridente do metal contra o asfalto atravessa o silêncio. Tudo o que vejo é o breu, com meus faróis cortando uma faixa cintilante de gotas de chuva.

Parece que estou na velocidade da luz, apesar de sentir o tempo em câmera lenta.

Não consigo pensar. Não consigo pensar. Não consigo pensar.

Mãe, me ajuda.

Do nada, a voz do meu instrutor de autoescola interrompe meus pensamentos. *Esterce na direção que está derrapando.* Faço o que posso para evitar jogar o volante com tudo para a direita. Em vez disso, eu o esterço nesse sentido. Ele vira, balança e chega até o acostamento do outro lado. Vou

pisando devagar no freio até fazer o carro parar.

É um milagre que eu não tenha feito xixi nas calças. No vestido. Tanto faz. Meu coração nunca bateu tão forte. Minhas mãos continuam agarradas ao volante. Apoio minha testa nele. O cheiro de borracha queimada impregna o ar. Estou ofegante como se tivesse corrido uma maratona.

No fim das contas, a adrenalina é uma grande aliada; não estou sentindo *nem um pouco* de frio.

Será que bati em alguma coisa? Um cervo?

Ou algo pior?

Levo um tempo para desatar meus dedos do volante. Estou aterrorizada demais para descer do carro e inspecionar a batida.

Finalmente o faço. Desligo o motor e saio do carro para ver o estrago.

Para minha surpresa, não há nada de errado com a frente do carro.

Exceto pelo fato de que meu pneu esquerdo inteiro sumiu. O aro de aço reluzente repousa no asfalto.

Como meu pneu *inteiro* sumiu? Esse tipo de coisa costuma acontecer?

Entro outra vez no carro e pego meu celular. Mesmo que eu soubesse como trocar um pneu – o que não sei –, não poderia fazê-lo usando um vestido tomara que caia no acostamento de uma estrada durante uma tempestade. Pelo menos estou longe do cemitério e posso falar para o meu pai que estava saindo do baile a caminho de casa.

Quer dizer, eu podia dizer isso se ele atendesse o telefone. Toca, toca e cai na caixa postal. Duas vezes.

Consulto outra vez o relógio. Já passou das dez, e ele está pensando que vou passar a noite na casa da Rowan. Provavelmente já caiu no sono.

Tento uma terceira vez. Nada.

Tento a Rowan. Cai direto na caixa postal. Mando uma mensagem, mas ela não responde imediatamente. Ela deve estar na pista flertando com o Brandon.

Acho que posso ligar o carro e me aquecer um pouco. Não vou precisar do limpador nem dos faróis agora que estou presa aqui.

O carro não quer pegar. Não importa o que eu faça.

Droga.

Olho para o meu celular mais uma vez. Clico no aplicativo do Freemail.

A mensagem dele está lá.

Você acha que está tendo uma noite ruim?, penso. *Quero ver ganhar de mim.*

CAPÍTULO 22

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Sexta-feira, 4 de outubro 22:22:03
Assunto: Aumentando as apostas

Segue um resumo da minha noite:

Para começar, dei de cara com o cara mais grosso e agressivo que conheço, e não sei como, depois de falar com ele, saí me sentindo como se eu é que fosse a vilã da história.

Depois, chorei loucamente no ombro da minha melhor amiga porque achei que minha mãe estaria desapontada comigo por estar fazendo algo tão bobo e fútil como ir a um baile, quando tem tanta coisa mais importante acontecendo no mundo.

Um pouco depois, me dei conta de que o meu par estava mais interessado na minha amiga do que em mim (o que é bom, porque eu preferia ter saído com um balde do que com ele, mas *mesmo assim*), então deixei os dois na pista e fui curtir meu mau humor no escuro.

E agora? Estou no acostamento da estrada, sentada em um carro que não quer pegar.

Estou ensopada.

Congelando.

Meu carro está sem um pneu.

Meu pai não atende o telefone.

E eu não sei o que fazer.

Quero ver você ganhar de mim, Escuridão.

Puta merda. Quase deixo meu celular cair.

Olho o horário do e-mail. Ela mandou faz cinco minutos.

Clico de volta na tela principal do aplicativo. A bolinha verde está lá ao lado do nome dela.

Não penso duas vezes. Começo um bate-papo.

Escuridão: Você está bem?
Garota do Cemitério: Depende do que você chama de bem.
Escuridão: Sério. Você tá num lugar seguro? Você está fora da estrada?
Garota do Cemitério: Estou no acostamento da rodovia dos Generais. Está chovendo forte, mas os faróis estão ligados.
Escuridão: Você está dentro do carro? Por favor, diga que você não está de pé no acostamento.
Garota do Cemitério: Estou no carro. Tranquei as portas.

– Com quem você está trocando mensagem?

Ergo os olhos para o Rev. Faz meia hora que ele está me avisando sobre o meu toque de recolher das onze. Moramos a menos de dez minutos daqui, por isso não tem nenhum risco de chegarmos atrasados. Mas o Rev é engraçado com regras. Quebrá-las o deixa ansioso.

– A Garota do Cemitério – conto para ele.

– Ela ainda está aqui? É por isso que não fomos embora ainda?

– Não. – Mostro a mensagem para ele.

Ele a lê inteira.

– Será que a gente não deveria chamar alguém?

– Quem? Eu nem sei *quem* ela é.

– Você pode perguntar para ela.

Meus dedos pairam sobre as teclas. Eu não *quero* perguntar. Gosto do anonimato. Assim que a gente se conhecer, já era.

O Rev me observa, provavelmente percebendo minha hesitação.

– Pergunte se ela quer sua ajuda – ele sussurra.

Escuridão: Ainda estou na escola. Você precisa de ajuda? Posso ir até aí.

Por um longo tempo nada acontece. Nenhuma resposta, nem mesmo o aviso piscante de que ela está digitando.

Talvez alguém já tenha parado para ajudá-la. Talvez o pai dela tenha retornado a ligação.

Então meu telefone se acende.

Garota do Cemitério: Sim. Por favor, me ajude. Não sei o que fazer.

«»

Está caindo o maior pé d'água. Rev e eu ficamos quase ensopados correndo para o carro. As gotas desabam feito estalactites. Aciono o aquecedor assim que ligo o carro. Esse tempo é uma das piores coisas em Maryland: um dia quente pode ser seguido de um temporal, que pode ser seguido de temperaturas na marca de zero grau.

– Você quer ligar para o Alan? – Rev pergunta.

Eu preferia cortar os pulsos.

– Por que cacete eu ligaria para o Alan?

– Por causa do seu toque de recolher.

– De boa, Rev, pega leve. Não vou perder a hora. Não são nem dez e meia.

– Você não acha que pode ser uma armação?

Desvio os olhos da estrada e me volto para ele. No escuro, seus olhos estão encobertos e sérios.

– Eu não sei – respondo honestamente. Penso nisso por um longo minuto, virando a ideia do avesso para examiná-la de todos os ângulos. Sou a última pessoa do mundo que alguém poderia chamar de popular, mas também não sou odiado. Pelo menos não acho que sou.

Depois de um momento, encolho os ombros.

– Não sei quem faria algo do tipo. Ou por que motivo.

– Nem sempre as pessoas têm explicações lógicas para as coisas que fazem. – Ele hesita. – Você deveria saber disso melhor que ninguém.

Fico sem resposta.

Ele está certo, é claro.

– Assustado? – brinco com ele para aliviar a tensão da conversa.

Ele não morde a isca e responde todo sério:

– Preparado.

Pegamos o acesso à rodovia dos Generais, uma estrada de duas pistas que se estende por muitos quilômetros até chegar a Annapolis. Aqui neste pedaço, as casas são raras e distantes umas das outras. Além disso o limite de velocidade é alto. No e-mail, ela disse que estava sem um pneu. Mas o que isso quer dizer? Que ele estourou ou que alguém o roubou?

Fazemos uma curva e vejo um carro bem mais à frente, estacionado no acostamento. Tiras de borracha sujam a estrada e causam pequenos solavancos sob meus pneus. Tiro meu pé do acelerador, me preparando para encostar atrás dela. Meu coração bate num ritmo abrupto. Estou empolgado. Estou apavorado. Quero sair do carro, me atirar dentro do dela e dizer: "Você. Você me entende".

Depois, quero ficar ali sentado com ela, respirando o mesmo ar, apenas para estar ao lado de alguém que saca a verdade.

Então meus olhos registram a cor do carro no acostamento. O painel lateral amarelo vivo é como um sinal de advertência na trajetória dos meus faróis.

Meu coração para. Congela.

Vacilo, só por um momento, ainda deixando meu carro desviar para o acostamento.

Então viro o volante de volta para a faixa de rodagem e reduzo para a terceira para então passar acelerando pelo carro quebrado dela.

Rev se volta para mim com os olhos arregalados.

– O que você está fazendo?

Mal consigo falar com o bloco de gelo que se forma em meu peito.

– Indo para casa.

– Por quê? O que aconteceu?

– Você estava certo. Era uma armação.

– Quê? Quem? Como você sabe?

Não respondo. Preciso focar a estrada. Preciso lembrar que meu melhor amigo está sentado ao meu lado. Caso contrário, sou capaz de dirigir direto para um precipício.

– Dec – Rev diz, quase sussurrando. – Fala comigo.

– É o carro dela.

Ele hesita.

– Tá…?

Dou uma olhada rápida.

– O carro da Juliet Young. Você não lembra? A gente carregou a bateria dela.

– Tá, mas… Como é que você tem certeza de que é o carro dela?

– Porque eu *vi*.

Ele fica quieto outra vez, me estudando.

– Você sinceramente acha que ela está armando para cima de você?

– Sim. Não. – Passo a mão no cabelo, então soco o volante. Já estou quase

gritando e sei que preciso me controlar, especialmente se tiver de encarar o Alan daqui a pouco. Cerro meus dentes e ranjo as palavras. – Não sei, Rev. Simplesmente… não sei. Esquece.

Sei que você é um idiota com antecedentes criminais.

Tudo que senti foi ilusão. Tudo. Juliet Young não sabe nada sobre mim. Ela vê o mesmo que todo mundo: um cara matando tempo antes de virar despesa para o governo e receber ordens de quando comer e dormir.

Sinto um nó tão forte na garganta que não consigo engolir. O calor está se instalando em meu peito, derretendo o bloco de gelo. Sinto a fúria. Sinto a traição.

Não acredito que contei a ela sobre o meu pai. Não acredito que falei sobre a Kerry.

Graças a Deus que a gente manteve o anonimato.

Como um taxista impaciente, paro na frente da casa do Rev com uma freada brusca. Não olho para ele. Sequer me mexo. Mantenho meus olhos cravados no para-brisa.

– A gente pode voltar lá – ele diz.

– Não. – Minha voz soa áspera.

– Dec. Ela está presa lá. Alguém pode…

– Que bom para ela.

– Mas a gente deveria chamar…

– Rev. – Giro minha cabeça para encará-lo. – Será que você pode descer?

Ele me encara também. O julgamento em seus olhos está me matando.

Volto os meus para a escuridão. Meus dedos estão atados ao volante.

– Cai fora, Rev.

Ele desce do carro, mas fica ali de pé olhando para mim.

– Aonde você vai? – ele pergunta.

– Para casa – disparo. Estendo a mão, agarro sua porta e a bato com força.

Então engato a marcha e dirijo.

CAPÍTULO 23

CAIXA DE ENTRADA: GAROTA DO CEMITÉRIO

Não há mensagens novas.

Já atualizei minha caixa de entrada pelo menos umas cem vezes.

Faz vinte minutos que ele me disse que estava a caminho. Em vinte minutos acho que eu poderia ter ido *a pé* até a escola. A chuva diminuiu e agora virou um constante *tap-tap-tap-tap* no teto do carro. Os faróis ficaram fracos alguns minutos atrás, o que deve ser sinal de que a bateria está pronta para jogar a toalha. Desligo os faróis, mas deixo a lanterna acesa. A última coisa que quero é um garoto semibêbado batendo no meu carro por não ter me visto aqui parada. Já quase tive um ataque de pânico quando um carro entrou no acostamento e desviou em cima de mim, acelerando feito um doido.

Meu vestido começou a secar, e por algum motivo isso me faz sentir mais frio. Tremo intermitentemente.

Tento ligar outra vez para o meu pai. Ninguém atende.

Tento a Rowan de novo. Direto na caixa postal. O telefone dela deve estar sem bateria.

Olho para a tela, querendo que Escuridão me mande uma mensagem. Alguma coisa. Vou ter que acabar ligando para a polícia. Já não sei o que fazer.

Estou aqui sentada no meu carro já faz meia hora sem ter feito nada para me ajudar. Tento imaginar o que minha mãe teria feito nesta situação. Ela teria saído na chuva e parado alguém fazendo sinal. Ela teria acabado pegando uma carona com o embaixador da Austrália, e a esposa dele lhe

ofereceria uma manta, e de quebra ainda teria sido convidada para um jantar na embaixada.

Já eu sairia, começaria a abanar as mãos e acabaria debaixo do carro de algum imbecil.

Contra minha vontade, lágrimas inundam os meus olhos. Antes que me dê conta, estou soluçando com o rosto afundado nas minhas mãos. A emoção me aquece por dentro, só que não de um jeito bom. A força disso faz meus ombros se sacudirem, e nem tento detê-los. Para quê? Não tem ninguém aqui.

Alguém bate com os nós dos dedos na janela.

Puxo o ar com força e jogo minhas mãos para baixo. Tem um homem ao lado do meu carro na chuva.

Ele está aqui! Ai, é ele! Passo a mão na minha cara. Meu coração se joga, pula e salta.

Mas então meus olhos começam a processar o que veem. Faróis acesos atrás iluminando metade do rosto dele e enchendo meu carro de luz.

Não é o Escuridão. É o Declan Murphy.

Afinal de contas, minha noite nem estava ruim mesmo.

– Seu carro quebrou? – ele pergunta, falando bem alto.

Não, está tudo bem, quero gritar de volta. *Vá embora e me deixe aqui.*

Aperto o botão para baixar o vidro, mas o motor faz um barulhinho esquisito, e o vidro não se move. Preciso destravar a porta manualmente para abri-la.

Ele recua para me dar espaço, então segura a porta com uma mão. Jatos de ar frio invadem o carro.

– Seu pneu estourou? – ele pergunta. – Eu vi borracha na pista.

– Eu já ch-ch-chamei alguém – digo, me odiando por não conseguir controlar meu tremor. Enrolo meus braços no meu tronco. – Ele vai ch-ch-chegar a qualquer m-minuto.

Seus olhos estão sombrios e impenetráveis.

– Então você não quer minha ajuda?

– Não. – Puxo o ar batendo os dentes. – Estou bem.

Ele me examina por um bom tempo, parado ali na chuva, seus olhos tão congelantes como lá na escola.

– Como quiser – ele diz por fim, fechando minha porta e indo embora.

Não posso acreditar que minhas opções são ficar sentada aqui a noite toda ou pedir ajuda para o Declan.

Ele está prestes a entrar no carro. Posso vê-lo pelo retrovisor.

Droga.

Escancaro minha porta e saio do carro.

– Espera!

Ele se detém e olha para mim a cinco metros de chuva e escuridão. No fim das contas, ele nem abriu a porta e já estava virado para mim. Será que ele estava voltando para o meu carro? Esse pensamento me desconcerta.

Ficamos ali parados, olhando um para o outro. Gotas d'água caem em meu vestido.

– Sua bateria morreu? – ele enfim pergunta.

Faço que sim com a cabeça.

– Morreu. – Hesito. – Eu não troquei.

– Que surpresa. – Ele aponta a cabeça para o seu carro. – Entre aí para ficar quente.

Estou a meio caminho do carro dele quando me dou conta de que isso pode ser um truque. *Para ficar quente* soa como um péssimo exemplo de duplo sentido. Diminuo o passo conforme meu instinto age, mas está tão frio aqui fora que o resto de mim não está dando a mínima para esse tipo de indireta.

O carro dele é preto – ou cinza. Não sei dizer bem. Não brilha nem um pouco, o que me deixa em dúvida se ele tem alguma cobertura fosca ou se está precisando desesperadamente de uma pintura. Pelo que posso ver da carroceria, é um carro mais velho. O capô longo e liso encabeça um chassi de duas portas e um porta-malas pequeno. Sentando no banco do passageiro, confirmo a idade avançada dele, embora o interior esteja em melhor estado. Os bancos de couro são largos demais para serem contemporâneos e não têm apoio de cabeça. O câmbio é manual. O rádio é antigo, com botões prateados e imensos números brancos. As janelas têm manivelas.

Esperava que o carro cheirasse a mofo, com estofamento podre e muitos cigarros, mas ele não deve fumar aqui dentro. Sinto o cheiro de couro antigo com o toque sutil de perfume masculino.

Declan se atira no banco do motorista e liga o motor, que ronca forte. Depois, gira alguns botões. Logo em seguida, a saída de ar despeja calor em mim.

Eu estava sentada o mais perto possível da porta, mas, quando sinto o ar quente, me ajeito para a frente e aperto minhas mãos contra a saída de ar.

Declan se move em minha direção, levando sua mão à minha. Desvio depressa e aperto as duas mãos contra a barriga, afundando no banco.

Ele me olha esquisito, então termina de fazer seu movimento, girando um

botão para direcionar o vento para mais perto da porta.

– Este aqui tem que prender – explica.

Ah.

Ainda espero ele voltar para o seu espaço antes de colocar minhas mãos de volta na ventilação. Ficamos sentados em silêncio por um bom tempo, ouvindo o som monótono do motor, abafado pelo chiado alto do ar que sai pelo sistema de ventilação.

– Você está com medo de mim? – ele pergunta de repente.

Não sei como interpretar sua voz e não sei o que responder. A pergunta dele me faz sentir ridícula, mas soa como se ele estivesse realmente curioso, e não arrogante.

Arrisco olhar para ele. Declan está ali parado, sentado no banco do motorista, iluminado somente pelas luzes do painel.

Pigarreio.

– Se eu disser que sim, você vai usar isso contra mim?

– Não. – A voz dele é impassível. É quase um desafio.

Olho para ele.

– Então, sim. Um pouco.

Luzes enchem o carro: os faróis de um veículo se aproximando por trás. Giro no banco para olhar. O carro sequer diminui, passando a toda pela rodovia.

Suspiro, esfrego meus braços e volto a pôr as mãos sobre a ventilação.

Declan vira o botão do aquecimento ainda mais para a direita.

– Quanto tempo faz que você está aqui esperando?

– Não sei. Um tempo.

– Por que você está toda molhada? Você tentou trocar o pneu?

Bufo.

– Não sei fazer isso. Eu estava só tentando entender o que tinha acontecido.

– Pelo que vi dos seus pneus, você tem sorte de não terem sido os quatro de uma vez.

– Você está de brincadeira. E eu estava tão concentrada tentando memorizar a última edição da *Quatro Rodas* antes de ir para o baile.

Ele parece achar engraçado.

– Estou falando de manutenção básica. É você que está encalhada no acostamento da estrada. Estou até com medo de perguntar se já trocou o óleo dessa coisa.

Faço cara feia, mas ele tem razão. Acho que nunca troquei o óleo. Faróis iluminam o carro outra vez, e estendo meu pescoço para ver. Outro carro passa a toda.

Declan olha fixo pelo para-brisa.

– Que tipo de carro estamos esperando?

Hesito.

– É um amigo da escola. Não sei que carro ele tem.

Fico achando que Declan vai me encher por causa disso, mas não diz nada. Seu maxilar parece cerrado, e ele continua olhando pela janela.

Deslizo o dedo pela tela do meu celular, torcendo para que o Escuridão tenha me mandado uma mensagem.

Nada. Suspiro.

– Do que você está com medo?

Olho para Declan, mas ele continua concentrado na chuva lá fora. Sua voz está mais baixa, e ele já não parece tão ameaçador como antes.

– Não sei – respondo.

A cara que ele faz revela uma ponta de julgamento.

– Mentirosa.

Isso é tão bizarro. Ele já não está tão furioso como lá no baile, mas não sei como responder a esse tipo de pergunta. Afasto minhas mãos da ventilação e cruzo os braços.

– Você não tem a melhor reputação. Isso não deve ser surpresa.

– Ah, é? Fale mais da minha *reputação*.

Fico hesitante. Não sei o que dizer. Sei o que o Brandon me contou, e conheço também os boatos, mas não sei o que disso é verdade. Não para valer.

– Você tem antecedentes criminais.

– E daí? – Ele me encara. – Isso não tem nada a ver com você.

Engulo em seco.

– O Brandon falou que você ficou doidão e roubou um carro, e depois o detonou. – Fico quieta por um instante. – Você se meteu em brigas na escola. – Outro silêncio, e nossos olhos se encontram. – Você é muito confrontador.

– Eu sou *confrontador*?

Ele nem piscou ao ouvir as acusações de roubo de carro ou de luta corporal, mas chamá-lo de *confrontador* causa um alvoroço.

– Talvez você não esteja se lembrando de ter vindo para cima de mim e mandado apagar a porcaria de uma foto.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Talvez você não esteja se lembrando de ter me acusado de colocar álcool no ponche.

Minhas bochechas queimam e preciso virar o rosto.

– Você tem razão. Desculpa. Eu não devia ter falado aquilo.

– Você não é a primeira. – A voz dele não muda de tom, mas ele abaixa uma alavanca no painel com toda força. – Sabe o que é o pior? Perseguir alguém fraco na escola faz a pessoa ser suspensa.

– E o que tem de ruim nisso?

– Nada. Mas as pessoas podem falar o quiserem para um cara com uma *reputação* que ninguém liga. Na verdade, todo mundo *torce* para isso acontecer.

Ele está certo. Como mais cedo no baile, sinto a culpa me invadir.

– Mas você também não ajuda. Por acaso você considerou me *pedir* para apagar a foto? Ou não chamar o Brandon de otário?

Declan se vira para mim.

– Você acha que ele chegou a pensar duas vezes sobre o que disse a meu respeito?

Não. Provavelmente não. Já não sei o que dizer.

Ficamos ali calados, ouvindo a chuva bater no teto.

Por fim, Declan vira o rosto de lado.

– É isso que as pessoas pensam? Que eu fiquei chapado e roubei um carro? – ele pergunta.

– Não foi isso que aconteceu?

Ele chacoalha a cabeça negativamente, sem olhar para mim.

– Eu estava bêbado, não drogado.

Ele fala como se isso fizesse alguma diferença.

– É isso?

– Não. – Ele vacila. – Eu não roubei o carro, mas o imbecil do meu padrasto deu queixa assim mesmo.

– Era o carro dele?

– Não. Era a picape do meu pai.

– Por que você…?

– Faz diferença? – Declan olha para o vidro de trás, agora agitado. – Quanto tempo mais você vai esperar esse cara?

Estou perplexa com a mudança abrupta dele.

– Ah… não sei.

– Me dá sua chave.

– Quê?

– Me dá sua chave. Vou trocar o pneu enquanto a gente espera.

Reviro minha bolsa e tiro um molho de chaves.

– Você vai…

– Não saia daqui. – Ele praticamente arranca as chaves dos meus dedos. Então bate a porta na minha cara.

Desconcertada, o observo andar pela trajetória de seus faróis. Ele abre meu porta-malas e, pouco depois, faz surgir o estepe. Ele o põe ao lado do carro, então puxa alguma outra coisa daquela área escura. Como nunca troquei um pneu, não tenho ideia do que ele está fazendo. Seus movimentos, no entanto, são rápidos e habilidosos.

Eu não deveria ficar aqui parada só assistindo, mas não consigo evitar. Há alguma coisa cativante nele. Dezenas de carros passaram, mas ele foi o único que parou… e ele está me ajudando, apesar do fato de eu não ter sido muito legal com ele a noite inteira.

Declan se abaixa no asfalto – no asfalto molhado, na chuva – e empurra alguma coisa para baixo do carro. Uma mão afasta o cabelo molhado do seu rosto.

Não posso ficar sentada assistindo.

Ele nem olha para mim quando me aproximo.

– Falei para você esperar no carro.

– Então você é um desses caras? Desses que acham que as “mulherzinhas” têm que esperar no carro?

– Quando a mulherzinha não faz ideia de como seus pneus estão carecas e de como a bateria dela mal daria partida em um cronômetro… – Ele prende uma barra de ferro a… uma coisa… e começa a girá-la. – Nesse caso, sim. Eu sou um desses caras.

Meu orgulho esmorece.

– O que você está querendo dizer? – pergunto, sem demonstrar qualquer emoção. – Que não quer minha ajuda?

Ele dá um sorriso sentido.

– Você até que é engraçada quando não está se metendo a julgar os outros.

– Você tem sorte de eu não te dar um chute enquanto você está aí embaixo.

Ele desfaz o sorriso, mas mantém os olhos no que está fazendo.

– Experimenta, parceira.

Estou tentada. Esta discussão é até divertida, não sei por quê. É a primeira

vez em meses que tenho um contato que não parece estar acontecendo em um estado de torpor.

– Por que você quis que eu apagasse aquela foto? – pergunto de supetão.

Seja lá o que ele está girando bate no carro, provocando um barulho metálico, e ele se detém. Então olha para mim.

– O seu freio de mão está puxado?

– Hum…

– Vai lá ver.

Vou. Vejo. Não está. Puxo a alavanca, então volto para a chuva. Ele está usando a barra para soltar os parafusos que seguram a roda no carro.

– Obrigado – ele diz. Sua voz soa tensa.

Espero ele continuar, mas obviamente está ignorando minha pergunta.

– Você não vai mesmo me responder?

Ele faz que não com a cabeça.

– Não tem que levantar o carro com um macaco antes de tirar o pneu? – pergunto.

– Primeiro você precisa soltar o pneu. Caso contrário, quando você o puxar, é capaz de tirar o macaco de baixo do carro.

– E isso seria ruim.

– Sim. Isso seria ruim. – Os músculos em seus braços saltam com o esforço. Ele afasta outra mecha de cabelo molhado do rosto. Então prende a barra ao objeto de metal debaixo do carro e continua girando.

– Isso é um macaco? – pergunto, me sentindo boba.

Ele ergue os olhos para mim com uma cara que me faz desejar ter ficado no carro. Espero que ele pegue o macaco no porta-malas para perguntar:

– O que você está pensando em fazer a respeito da bateria? – quero saber.

– Vou ver se consigo fazê-la pegar outra vez. Depois vou te seguir até em casa. E amanhã você vai comprar uma nova. – Ele se vira para mim. – Certo?

Concordo na hora:

– Certo.

Tudo nele é tão inesperado. Numa hora ele tem o pavio bem curto, na outra, me choca com palavras que parecem ser de preocupação genuína.

Eu o observo em silêncio enquanto ele tira a roda antiga e a substitui pelo estepe. Faz um tempo que não passa nenhum carro. A chuva leve cai sobre as árvores quase sem fazer ruído.

– Você chegou a apagar? – ele pergunta, com a voz abafada.

Fico hesitante. Não quero mentir, mas tenho medo de como ele vai reagir.

– Não.

Ele não desvia os olhos do que está fazendo.

– Por que não?

– Porque você foi um babaca quando pediu.

Ele dá uma risadinha quase inaudível. Então fica sério.

– Não era por mim.

– O que quer dizer?

Ele remove uma porca ou um parafuso e joga no asfalto, então olha na minha direção.

– Eu não pedi para você apagar por minha causa. Era por causa do Rev.

– Mas por que então *ele mesmo* não pediu?

– O Rev não é disso.

Não, ele não é. Mal conheço o Rev, mas já posso dizer que ele não é do tipo que pede muito para qualquer pessoa. Agora que paro para pensar, o Declan também não. Saber disso causa um peso na minha consciência e me faz querer voltar para a escola neste instante para apagar as fotos no cartão de memória do sr. Gerardi.

– O Rev não gosta que tirem foto dele?

– Não. Se procurar nos anuários antigos, vai ver que não tem nenhuma foto dele.

Pisco os olhos, incrédula.

– Sério?

– Sério.

– Mas por quê?

As mãos do Declan param quietas, mas ele continua com os olhos cravados na roda.

– Porque o pai dele costumava surrá-lo e depois tirar fotos disso.

A verdade é tão distante do que eu estava imaginando que quase nem reajo. Não sei se minha imaginação está evocando imagens melhores ou piores do que realmente acontecia ao amigo dele. Quero saber mais… e não quero. Não sei direito o que dizer.

– Por quê? – sussurro.

– Porque ele era um sádico desgraçado. Se você perguntar ao Rev, ele vai dizer que fica contente que tenha sido assim, porque tudo o que aconteceu com ele ficou registrado.

Um trovão retumba no céu. Fico esperando a chuva vir, mas ela não vem.

– Ele fica… contente?

Declan faz que não com a cabeça.

– Não estou dizendo que ele montou um álbum. Mas que, quando tiraram o Rev do pai, não tinha chance de ele voltar. – Ele começa a girar os parafusos no lugar. – Só que ele ainda não gosta de sair em foto.

Engulo em seco. Sinto um nó na garganta. Estou coberta de vergonha, e acho que isso não vai passar tão depressa.

– Como ele ficaria se soubesse que você está me contando essa história?

– Normal. – Declan me encara, sem mover os olhos de mim. – Ele saberia que estou te contando por um bom motivo.

Sinto um calafrio.

– Não vou contar para ninguém.

– Eu sei que não. – Sua voz já não tem mais um pingo de acidez. Ele começa a baixar o macaco, enquanto o observo.

Eu sei que não. Essas palavras carregam confiança, e isso não é algo que eu esperava ouvir dele.

Ele atira as chaves de volta para mim.

– Vou colocar meu carro de frente para o seu e ligá-lo. Não tente dar partida antes de eu falar, tá bom?

– Tá bom. – Vacilo, apertando meus dedos ao redor das chaves até seus dentes afundarem na palma da minha mão. – Obrigada.

Meu carro dá partida assim que se conecta à bateria dele. Ele está no seu carro e eu no meu, e fico surpresa ao perceber que uma partezinha de mim gostaria que essa conversa não tivesse terminado. Sinto como se ainda tivesse muita coisa a dizer – o que é ridículo, pois sequer o conheço.

Depois de alguns minutos, ele desconecta os cabos e aparece no meu vidro.

– Você está bem para dirigir? – pergunta.

Faço um sinal positivo.

– Eu não estava brincando sobre a bateria – ele diz.

Minha boca está seca.

– Eu sei.

– Tá bom. Vou te seguindo até em casa. – Ele não espera por uma resposta. Simplesmente vira de costas e volta para o seu carro.

Vou dirigindo com cuidado, feliz em ver seus faróis no meu retrovisor. Já passou bastante das onze. Não faço ideia do que aconteceu na última meia hora, mas me sinto completamente fora de mim. Repasso nossa cena sobre a foto. A hesitação do Rev agora faz sentido. Assim como a veemência com que o Declan me pediu para apagá-la.

Isso faz as ofensas do Brandon parecerem ainda mais mordazes. Declan tinha razão em seu comentário de que era um pecado mortal dizer certas coisas para algumas pessoas, mas que outras podiam ser detonadas sem que o agressor precisasse se preocupar com a repercussão. Lembro aquela primeira vez no corredor, quando caí sobre ele e derrubei seu café, mas foi ele que mandaram para a secretaria. Até os professores esperam o pior dele. Sei que eu também esperava. Se você me pedisse o nome dos caras da escola que se abaixariam no chão e na chuva para trocar o pneu de uma garota, Declan certamente não estaria na minha lista.

E hoje ele foi a única pessoa a parar.

Sinto vontade de pedir desculpa por todos os nossos encontros. Os mal-entendidos foram todos por minha culpa, e acho que ele tem consciência disso. Ele é precavido, como eu. Posso deixar cair alguns pedaços da minha armadura, especialmente depois que ele me ofereceu um pouco de confiança sem pedir nada em troca. Isso é muito inesperado.

Lembro então que eu também devia estar fazendo algo inesperado.

Desculpa, vou dizer assim que chegarmos em casa. *Talvez a gente possa recomeçar do zero.*

Estaciono o carro na entrada de casa e olho pelo retrovisor, esperando que ele pare e me espere sair.

Mas ele não para. Sequer reduz a velocidade. Declan parte noite adentro.

CAPÍTULO 24

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Sexta-feira, 4 de outubro 23:32:53
Assunto: Em casa

Só queria que soubesse que cheguei bem em casa.
Espero que você esteja bem.

Minha casa está praticamente no escuro, o que é uma surpresa. Eu meio que esperava ver o Alan sair a toda, soltando os cachorros sobre o toque de recolher e sobre Cheltenham e sobre eu ser um arruaceiro imprestável.

Mas ninguém sai. Desligo o carro e fico parado ali por um minuto, relendo o e-mail dela.

Eu devia ter contado.

Agora não sei como desatar esse nó.

Quando bati na janela da Juliet, achei que ela fosse sacar na hora. Eu estava esperando que ela explodisse de raiva, do mesmo jeito que eu quando descobri que ela era a Garota do Cemitério.

Eu não esperava vê-la chorando com as mãos no rosto.

Mesmo agora isso mexe com alguma coisa dentro de mim, e meu cérebro se vê lutando para reconciliar a imagem da garota das minhas cartas e e-mails com a garota que zombou de mim por estar fumando e me acusou de batizar o ponche.

Melhor voltar para a pista, princesa. Você não vai querer que te vejam andando com idiotas.

Fico constrangido quando me lembro do que disse. Ir àquele baile

significava algo para ela.

E aí eu tive que cagar tudo.

Ouço um sinal de mensagem do meu celular e dou um pulo, esperando que seja a Garota do Cemitério.

Juliet, penso. Preciso lembrar que ela não é mais uma menina anônima. Ela é a *Juliet*.

De qualquer maneira, não é ela. É o Rev.

RF: Você voltou lá para ajudá-la?
DM: Sim
RF: Sabia.

Desligo o telefone e o enfio no bolso. Ele vai mandar mil mensagens até arrancar de mim a história completa, mas preciso de um tempo para analisá-la.

A casa parece tão quieta que fico me perguntando se o Alan não está lá dentro esperando para vir para cima de mim. A ansiedade me acorrenta ao volante. Se ele quiser isso, se estiver mesmo a fim de *brigar*, não vou fugir. Mas o Alan não briga com raiva e porrada. As armas dele são audiências no tribunal e oficiais de polícia.

As noites de maio na prisão já foram bastante assustadoras. Não quero passar por isso de novo, especialmente quando pode não ser um ponto-final.

Por fim, meu desconforto em relação ao confronto é eclipsado pelo medo de não fazer nada, de ser encontrado na frente de casa, paralisado pela indecisão. Saio do carro e vou até a porta.

Minha chave sibila na fechadura, e o hall de entrada está escuro. Será que o destino está me brindando com o maior golpe de sorte dos últimos anos? Só uma luzinha na base da escada está acessa, além da luz noturna do corredor de cima. Fico parado por um minuto no mais completo silêncio. Não se ouve nada na casa. Eles devem estar dormindo.

A tensão se esvai de mim, me deixando um pouco tonto. Sorrio no escuro. Isso é *demais*.

Então escuto uma tosse. Duas. Depois o som inconfundível de alguém vomitando. Não sei dizer por que o barulho me parece feminino, mas certamente não é o Alan.

Sigo o som até o banheiro dos fundos, o que fica atrás da cozinha. A porta não está nem fechada. Minha mãe está lá, ajoelhada em frente à privada,

botando o jantar para fora. Ela está usando uma das camisetas do Alan e uma *legging*. Há um lenço apertado em sua mão.

– Mãe? – soo assustado. Não consigo evitar. Num piscar de olhos, volto a ter 10 anos e assisto ao meu pai fazendo a mesma coisa. Dessa vez, porém, é diferente. Ela não está caindo no banheiro. O ar não está impregnado de bebida.

– Você está bem, mãe?

Ela faz que sim com os olhos fechados, então limpa a boca. Ela fica ali ajoelhada, respirando na frente da privada por um bom tempo.

Está tão branca quanto a porcelana perto do seu rosto. Me aproximo dela, mas não sei o que fazer.

– Você quer que eu chame o Alan?

– Não. – Sua voz soa rouca. – Não, está tudo certo. Acho só que o jantar não me caiu bem.

– Quer mais lenços?

A princípio ela faz um sinal negativo, depois acena que sim. Apanho a caixa na pia da cozinha e coloco ao seu lado. Então encho um copo d'água e levo para lá.

Ela dá descarga e senta na tampa da privada.

– Água? – Estendo o copo.

Ela se encolhe como se eu estivesse oferecendo veneno.

– Para enxaguar a boca? – sugiro.

– Tá bom. – Ela bochecha e cospe na pia. Depois respira fundo e lava o rosto e as mãos.

Fico ali, apoiado no batente da porta, me sentindo completamente inútil.

– Você quer que eu te ajude a subir a escada?

Ela faz que não com a cabeça.

– Acho que vou sentar um tempinho no sofá até passar.

– Tá bom.

Soa como se ela estivesse me dispensando, mas não sei se deveria deixá-la sozinha.

Ela corrige a postura e me examina mais a fundo. Seus olhos se arregalam.

– Você está tão bonito, Declan. Eu não sabia que era um baile de gala. – Ela alisa a camisa sobre meu ombro e endireita a gravata, como se isso importasse agora.

Congelo sob seu toque.

Ela ergue o rosto para mim.

– Você tomou chuva?

– Ajudei um amigo a trocar o pneu. – Hesito. – Foi por isso que cheguei um pouco tarde.

– Já está tarde? Cochilei um pouco enquanto esperava, e aí… – Ela faz uma careta, então olha para a privada. – Vamos ao sofá. Preciso sentar.

Andamos até a sala. Ela não quer que acenda a luz. Ficamos sentados no escuro, praticamente na penumbra.

– O Alan já foi dormir? – pergunto.

– Foi. Ele precisa ir ao escritório cedo, e você sabe que eu não ligo de ficar acordada até altas horas.

Estou contente de ser ela quem está acordada, embora tê-la encontrado vomitando nos fundos ainda me deixe um pouco perturbado.

– Tem certeza de que está bem?

– Ah, sim. – Ela pousa a mão em meu braço e o aperta. – A gente comprou na feira uns camarões no vapor, e você sabe o que acontece se eles estiverem passados, mesmo que só um pouquinho.

Não consigo lembrar a última vez que ela tocou em mim, e agora já foram duas vezes em três minutos. Estou me sentindo como se tivesse entrado em outra dimensão.

– A Kristin comentou que semana passada você também ficou doente.

– Ah! – Minha mãe parece surpresa. – Foi só uma dessas gripes de verão.

– A gente está no outono.

Ela faz uma cara exasperada para mim.

– Declan.

– Quê? – retruco, soando insolente. – Estou só perguntando.

– Me fala do baile. Você se divertiu?

– Não.

Ela suspira.

Já passou história demais entre nós para que minha mãe e eu façamos uma recapitulação do baile.

– Não me diverti.

Ela coloca as mãos no meu rosto, tirando uma mecha da testa. Fico achando que ela vai fazer algum comentário sarcástico sobre o meu corte de cabelo, porém, em vez disso, sua mão se detém ali, acariciando minha têmpora com o polegar. Seus olhos estão fixos nos meus.

Fico paralisado.

– Você está me assustando – sussurro.

Ela não sorri.

– Sinto que você está crescendo, e eu não estou fazendo parte disso.

Não a corrijo. Eu sinto exatamente a mesma coisa.

Desvio meu olhar e afasto sua mão da minha testa.

– Vou lá tirar essa roupa molhada.

Ela me deixa ir sem protestar, mas um pedacinho microscópico de mim quer que ela me detenha. Só quando chego à metade da escada é que arrisco olhar para ela.

Fico achando que vou encontrá-la mexendo nos controles remotos, mas, em vez disso, eu a pego me encarando.

Pigarreio e mantenho a voz baixa, porque a última coisa que quero é acordar o Alan.

– Você quer que eu traga um cobertor?

Ela sorri com um quê de incerteza.

– Seria ótimo. Obrigada.

No momento em que estou de volta descendo a escada, com a manta de lã branca que peguei no quarto de hóspedes, ela está esticada no sofá, assistindo a um programa de decoração.

– Você lembra? – ela pergunta. – Nas suas férias de verão, costumávamos assistir juntos a esse tipo de programa.

Sim, eu lembro. A gente sempre fazia isso enquanto dobrava a roupa lavada. Era a pior tortura do mundo.

Penso então na mão dela na minha testa. Talvez não a *pior* tortura.

Cubro minha mãe com o cobertor.

– Quer mais alguma coisa?

– Não. Obrigada, Declan.

Fico hesitante, e ela olha para mim.

– Vou ficar bem. – Ela estende o braço e segura minha mão na dela, tão pequenina, então a balança um pouquinho. – Não esquenta comigo.

CAPÍTULO 25

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Sábado, 5 de outubro 01:06:47
Assunto: Esta noite

Desculpa ter me atrasado agora à noite. Precisei deixar um amigo primeiro. Ele estava nervoso com o toque de recolher dele. Quando consegui chegar ao seu carro, vi que outra pessoa já tinha parado. Não quis causar uma situação estranha.

Que bom que você está bem.

E, para ser bem sincero, que bom que a gente ainda não se encontrou.

Pela manhã a chuva cessou, baixando ainda mais a temperatura. Desencavo uma blusa de lã da minha cômoda e calço botas de cano alto sobre o meu jeans. Roupas confortáveis, que me parecem bastante necessárias depois da minha noite com o Declan Murphy. Ainda me sinto um pouco fragilizada.

Meu pai me vê comendo cereal na cozinha e para de repente no vão da porta.

– Você… levantou cedo.

Sempre levanto antes dele, mas aos sábados de manhã normalmente não estou em casa. Levanto os olhos de uma revista que estou folheando.

– Algum problema nisso?

– Claro que não. – Ele vai até a bancada e se detém outra vez. – Você também fez café?

– Estava precisando tomar uma xícara.

Ele pega uma caneca do armário e se serve. Viro outra página da revista.

– Como foi o baile? – ele pergunta. – Eu teria te esperado se soubesse que você ia voltar para casa.

Levo uma colher cheia de cereal à boca e encolho os ombros.

– Foi normal. A Rowan estava se divertindo com o Brandon Cho, e eu não quis ficar segurando vela.

Rowan me mandou uma enxurrada de mensagens por volta da meia-noite, quando ela deve ter colocado o telefone para carregar. Eu lhe disse que uma pessoa havia parado para ajudar e que eu tinha chegado em casa sem problemas.

Não falei nada sobre o Declan Murphy. Ainda estou tentando entender essa história.

Meu pai relaxa na cadeira de frente para mim. Ele está de banho recém-tomado e barba feita, e veste uma camisa polo e calça jeans. Faz semanas que não o vejo assim tão desperto.

– Você vai a algum lugar? – pergunto.

– Estava indo para a loja de material de construção comprar capas para os móveis lá fora. Depois eu ia dar um jeito nas folhas. – Ele faz uma pausa. – Você não quer me ajudar?

– Ajudar a varrer as folhas?

Ele sorri, mas parece inseguro.

– Vou tomar isso como um não.

Sacudo a cabeça e engulo outra colherada de cereal.

– Eu ajudo. Você não tem que fazer isso sozinho.

– Tá bom então.

– Então tá.

Ficamos ali calados um tempão. Ele abre o jornal e começa a ler a seção de negócios. Reparo que ele me olha várias vezes, mas não abre a boca. As propagandas de perfume da revista estão me dando dor de cabeça, mas se eu fechá-la agora vou ser forçada a falar com ele, e não faço ideia do que dizer.

Ao levantar para pegar outro café, ele limpa a garganta. Sua voz soa bastante cautelosa.

– Você não quis ir ao cemitério hoje?

– Não pude. – Mais cereal. – Meu carro precisa de uma bateria nova.

Ele se vira e olha para mim.

– Desde quando?

– Desde… Não sei. Algumas semanas. Ele quebrou ontem à noite.

– Quebrou? – Ele parece chocado. – E você não me ligou?

– Liguei. Você já estava dormindo.

– Ju, desculpa. – Ele senta de volta à mesa. – Você podia ter me avisado.

Ele não me chamava pelo meu apelido desde antes de a minha mãe morrer. Isso me desconcerta por um momento, e as palavras acabam morrendo na minha boca. Engulo em seco antes de conseguir falar.

– No fim deu tudo certo. Um amigo da escola deu partida nele e me seguiu até em casa. Só não quero correr o risco de acontecer de novo.

– Vou ligar para a oficina e ver se eles podem cuidar disso hoje mesmo. Você tem certeza de que é só a bateria?

– Hum… Não. – Sinto que estou corando. Só não sei o porquê. – Meu amigo falou também que os pneus estão carecas. Ele precisou trocar um.

– Vou ligar já. As capas dos móveis podem esperar.

Ele telefona e agenda um horário para esta manhã. Me ajeito na cadeira, desconfortável. O acordo que tínhamos quando peguei o carro era que eu pagaria pela manutenção e pelo combustível. Isso foi lá atrás, quando eu planejava arrumar um trabalho durante o verão em vez de torrar minhas parcas economias dirigindo toda hora para o cemitério e para a escola.

– Você tem ideia de quanto vai custar? – pergunto assim que ele desliga.

Ele pensa.

– Uma bateria e quatro pneus novos? Bastante.

Sinto uma dor no peito.

– Talvez a gente devesse perguntar para eles se os pneus estão tão ruins assim.

– Se você precisa trocar, não tem discussão. Não quero ver você por aí dirigindo sem segurança.

– Tá bom. – Faço uns cálculos mentais, tentando lembrar quanto ainda tenho na minha conta. Não é muito. – Você não pode me dar uma estimativa do valor?

– Pelo menos uma tarde varrendo folhas. Talvez também cortando a grama.

Olho para ver se ele está falando sério.

– Mas você já pagou pelo meu vestido de ontem.

– Está tudo bem – ele diz. – Eu posso te ajudar. – Então pausa. – Algum problema nisso?

– Não – Dou uma fungada e enfio uma colher de cereal na boca antes que a emoção me domine. – Obrigada.

– De nada. – Ele mexe seu café preguiçosamente, então vira outra página do jornal. – O Ian me ligou de novo.

O editor da minha mãe. Fico paralisada.

– Pra quê?

– Ele disse que tem um conhecido procurando uma Nikon F6 e quis confirmar se não estávamos mesmo interessados em vender aquela.

A F6 era a câmera de filme da minha mãe. Só o corpo dela custa alguns milhares de dólares, portanto não é uma oferta qualquer. Minha mãe costumava usar suas câmeras digitais para o trabalho de campo, pois podia transferir os arquivos sem demora de qualquer lugar, e não precisava se preocupar com o filme ser danificado. Ela amava a permanência do filme, o fato de você não poder simplesmente apagar uma imagem e fazer outra.

Uma única foto, ela costumava me dizer. *Às vezes é tudo o que você tem.*

– Não. – Minha voz sai rouca, e tento de novo. – Ainda não.

Ele assente com a cabeça.

– Foi o que eu falei para ele.

– Obrigada, pai. – Em um impulso, levanto da cadeira e o abraço. Nem sei quando foi a última vez que fiz isso, mas neste instante preciso desse contato.

Se ele ficou surpreso, não está demonstrando. Ele me abraça também, como se desde sempre fôssemos o tipo de família que se abraça.

– Pode ser também nunca, você sabe – ele murmura.

Recuo um pouco.

– Quê?

– Você disse “ainda não”. – Ele me encara. – Vou deixar por sua conta. Mas pode ser também “nunca”, Ju. Sempre pode ser “nunca”.

«»

Rowan e eu nos esparramamos nos bancos de balanço em lados opostos da varanda dela. O sol do fim de tarde doura a rua, e a brisa é forte o bastante para me deixar contente por estar com a blusa de lã.

Meu balanço está imóvel, meus pés apoiados no braço do banco. Estou exausta por ter varrido as folhas com meu pai, mas feliz com minha bateria e meus pneus novinhos. Rowan mantém um pé no chão e toma impulso para se balançar a cada poucos segundos. O banco dela range com o esforço.

Desenhinhos de corações e flores saltam de cada poro do seu corpo. Desde que cheguei, ela não para de falar sobre o Brandon.

Mas estou feliz por ela. Não vejo a Rô assim tão apaixonada por um garoto desde… sempre.

– Fala de novo como foi que ele te beijou – digo. – Você deve ter deixado passar *algum* detalhe.

Ela dá uma risadinha e joga uma das suas almofadas em mim.

– Cala a boca.

Apanho a almofada e a abraço contra o peito, aproveitando o calor dela. Tenho visto a Rowan quase todos os dias desde que a minha mãe morreu, mas foi como se a morte dela tivesse erguido um muro invisível entre minha melhor amiga e eu. Estamos lutando para achar um jeito de derrubá-lo. A noite de ontem não pôs fim ao muro, mas fez cair alguns tijolos.

Queria saber como posso demolir o resto dele. Por essa fresta que abrimos mal conseguimos dar as mãos, mas talvez seja suficiente.

Do nada, digo:

– Preciso te contar uma coisa.

Minha voz deve ter soado mais séria do que eu planejava. Ela senta ereta no seu balanço.

– Conta.

Viro o rosto e olho para ela.

– Não é nada de mais.

– É, sim. Eu sabia que tinha alguma coisa rolando. Desembucha.

Faço uma careta.

– Você sabia que tinha alguma coisa rolando? Que coisa?

– Ju! Pelo amor de Deus! Conta logo!

Agora estou sem graça. Toda a minha confiança sumiu.

– É bobagem. Besteira.

– Tem a ver com o Brandon?

Dou risada.

– Você está *mesmo* obcecada. – Fico quieta por um instante. – Não. Não tem nada a ver com o Brandon. É sobre outro garoto.

– Estou te ouvindo.

Puxo meu telefone do bolso.

– Não sei como ele se chama. Estamos trocando e-mails. – Eu devia ter planejado melhor como contar isso. – O que vou dizer vai soar ridículo.

Ela franze de leve as sobrancelhas.

– Você o conheceu na internet?

– Não. Não exatamente. – Hesito. – Eu o conheci no cemitério. Mais ou

menos. Ele respondeu a uma das minhas cartas.

Agora ela franze mais forte.

– Suas cartas?

Sinto minhas bochechas queimando e viro o rosto.

– Eu estava escrevendo cartas para a minha mãe. Ele respondeu uma delas. No começo fiquei com muita raiva, por isso escrevi para ele. Mas depois… aconteceu alguma coisa. – Encolho um pouco os ombros. – Ele também perdeu alguém. Acho… Acho que entendemos um ao outro. Um pouco. Ontem à noite, quando meu carro quebrou, ele se ofereceu para ajudar, mas outra pessoa apareceu lá antes.

– Qual o nome dele?

– Não sei. – Vou clicando dentro do aplicativo até chegar ao último e-mail, no qual ele pede desculpas por ter se atrasado para me socorrer. – No endereço de e-mail, ele se chama Escuridão. É assim que penso nele.

Ela passa os olhos rapidamente pelo e-mail.

– Não sei dizer se essa é a coisa mais romântica ou a mais sinistra que já ouvi.

Arranco meu telefone da mão dela.

– Não é nada *sinistro*!

Ela me olha estranho.

– Você ficou desapontada ou aliviada por ele não ter aparecido ontem?

Essa é uma pergunta direta.

– As duas coisas. Acho. – Paro um pouco para pensar. – Mas estou mais aliviada porque conhecê-lo estragaria um pouco a nossa… abertura. – Fico brincando com o celular nas mãos, esfregando o dedo em suas bordas. – Contei para ele um monte de coisas sobre a minha mãe. Ele me falou bastante da família dele também. A irmã dele morreu uns anos atrás. Algo a ver com o pai dele… Não sei ainda todos os detalhes.

Rowan me olha séria.

– Quando você for encontrar esse cara, combine num lugar público, tá?

– Não sou idiota, Rô.

– Ju… Você pediu para um total desconhecido ir te ajudar quando seu carro quebrou na estrada.

Pior que fiz isso mesmo.

Faço uma careta.

– Você tem razão. Não sei onde estava com a cabeça.

– Quem *foi* que te ajudou? Você não falou.

Fico pensando se a resposta vai ser melhor ou pior que o fato de ter pedido para um total desconhecido ir me socorrer no meio da noite numa estrada escura e deserta.

– Declan Murphy.

– Não, falando sério.

– Estou falando sério.

Ela se joga de volta no banco, fazendo-o balançar violentamente.

– Nunca mais te deixo sozinha.

Penso no Declan, em como ele pareceu quase ofendido quando eu disse que tinha medo dele. O calor volta a invadir meu rosto.

– Ele foi… normal.

– Estou feliz que você esteja aqui para poder contar isso, e não jogada numa vala à beira da estrada. – Ela se vira em direção à rua e faz uma careta. – Olha ali o amigo esquisito dele.

Acompanho o olhar dela e lá está o Rev Fletcher do outro lado da rua, empurrando pela calçada um carrinho de bebê rosa e branco. Ele voltou a usar seu moletom com capuz que cobre seu rosto, mas à luz do dia não tem como disfarçar sua altura ou a largura de seus ombros. É uma pena que se esconda tanto assim, porque ele tem aqueles músculos e, quando você consegue ver o rosto dele, não é uma visão nada ruim.

Lembro o que o Declan falou sobre a fotografia.

– Ele não é esquisito – balbucio.

– Quê? – a Rowan pergunta.

– Falei que ele não é esquisito. Ele é até um cara bem legal. – Enquanto a Rowan levanta seu queixo caído do chão, ergo minha mão e grito para ele. – Oi, Rev!

Ele levanta a cabeça surpreso e parece se encolher tenso até conseguir me localizar acenando para ele. Então seu corpo todo relaxa e ele vira o carrinho para atravessar a rua, subindo a rampa de entrada da casa da Rowan.

– Olá – cumprimenta ele.

A bebê no carrinho solta um gritinho e balança as perninhas. Ela está com um biscoito na mão, mas o mordiscou todo e migalhas ficaram grudadas em seus dedinhos gorduchos.

– Você está de babá hoje? – pergunto. De algum modo, isso é ao mesmo tempo inesperado e nem um pouco surpreendente.

– Mais ou menos. Minha mãe recebeu o chamado de um cliente e a Babydoll não estava dormindo, então imaginei que a pudesse levar para

passear por meia horinha.

– O nome dela é… Babydoll? – a Rowan pergunta.

– É – ele responde como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Ela levanta as sobrancelhas, mas não faz mais nenhum comentário. Meus olhos ficam alternando entre o Rev e a bebê de pele escura.

– Essa é… sua irmã?

Ele sorri.

– Não exatamente. Ela é uma criança acolhida.

– E a sua mãe tem um *cliente*? – a Rowan indaga. Seu tom dá a entender que a mãe dele está fazendo alguma coisa indecente, e isso me faz pensar no que o Declan disse sobre como algumas pessoas são presas fáceis de hostilidade.

Rev pisca para ela.

– Pois é. Minha mãe é contadora.

– Ah. – A Rowan parece desconcertada.

Tenho vontade de cutucá-la com o cotovelo para que ela pare de ser tão grosseira. Foi assim que me comportei na semana passada?

– Posso segurá-la? – pergunto.

– Lógico. – Os movimentos dele são ágeis, e ele levanta a bebê do carrinho com jeito de quem tem prática. Ela se contorce no começo, mas a gola da minha camisa parece fasciná-la. Ela aperta o tecido com a mão que está livre, levando o biscoito à boca com a outra. Seus olhos são grandes, escuros e puros.

– Ela é tão fofa – falo.

– Ela gosta de você – ele diz.

– Ela nem me conhece.

– Ela sabe julgar bem as pessoas – o Rev faz uma pausa, então pergunta: – E o seu carro?

Declan deve ter contado para ele.

– Está tudo bem. Meu pai me deixou trocar serviços de jardinagem por uma bateria e pneus novos.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Seu pai parece um cara legal.

Ele é, me dou conta. Talvez isso ande escondido de alguns meses para cá, mas, em sua essência, meu pai é atencioso. Bondoso. Por algum motivo eu havia me esquecido disso.

– Que bom ter te encontrado – comento. Ao meu lado, a Rowan está muda,

porém inquieta.

– Ah, é?

– É. Eu queria te dizer… – Hesito, mas o Rev é paciente. Não há nada em seu rosto que transmita pressa. Encolho os ombros de leve. – Vou apagar aquela foto na segunda-feira. Aquela do Festival de Outono.

Sua expressão parece subitamente paralisada, o que não consigo entender por completo. Não quero deixá-lo desconfortável.

– Você pode avisar o Declan? – disparo em seguida. – Sei que isso era importante para ele.

Rev faz que sim com a cabeça, então parece vacilar.

– Eu não acho que ele ligue tanto assim para isso. Você não precisa apagá-la.

– Não?

– Não. Está… tudo bem.

A bebê deve ter sentido a tensão no ar, porque começa a ficar irrequieta. Balanço-a um pouquinho e ela sossega.

– Tem certeza?

– Tenho. – Ele estende o braço para pegar a Babydoll de mim. – Melhor eu continuar o passeio. Não quero que ela fique irritada.

Fico o observando prendê-la com o cinto no carrinho. Ela não protesta nem um pouquinho. Na verdade, acho que ele deve estar fazendo algumas caretas, porque ela está até rindo.

– Você é muito bom com bebês – elogio.

Rev sorri, mas sua expressão é um tanto vazia, como se ele ainda estivesse preso à nossa conversa de trinta segundos atrás.

– Peguei bastante prática.

– Falando sério – a Rowan interrompe. – Qual é o seu lance com o capuz?

Ele se endireita.

– Quê?

– É um tipo de manifesto?

Não consigo sacar o tom dela. Não é maldoso – ela soa sinceramente curiosa. Na verdade, eu também estou.

– Ah, sim. Um manifesto contra o frio. – Rev começa a empurrar o carrinho e a descer pela rampa. Logo depois, ele olha para trás. – Fico contente que você tenha arrumado o carro. O Dec disse que estava uma lástima.

– Estava mesmo. – Vacilo. – Agradeça a ele. Se você o vir. Você sabe.

Ninguém mais parou.

Um pouco da tensão evapora de seu rosto. Ele assente com a cabeça.

– Pode deixar.

Então ele fica quieto… e eu também não sei mais o que dizer. Ambos temos uma tragédia secreta em nossos passados e, não pela primeira vez, Escuridão e Rev ocupam o mesmo espaço nos meus pensamentos.

– Não quis te deixar desconfortável – digo.

– Você não deixou. – Mas ele parece querer dizer mais alguma coisa.

– Vem, Ju – Rowan me chama. – A gente precisa entrar para jantar.

– Só um segundo – peço.

Mas, quando volto a olhar, o Rev já está na calçada indo embora para casa.

CAPÍTULO 26

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Domingo, 6 de outubro 11:22:03
Assunto: O cara que parou

Então… lembra que falei de um cara que foi bem desagradável comigo no baile? Aquele que foi tão idiota que me fez até ir embora?

Foi ele que me ajudou com o carro. Foi ele quem você viu.

O nome dele é Declan Murphy. Você o conhece? Não responda. Talvez isso nos deixe muito próximos de sabermos quem somos. Mas, mesmo que você não o conheça pessoalmente, tenho certeza de que já ouviu falar dele.

Ele é meio infame.

Quando bateu no meu vidro no meio do temporal, fiquei morrendo de medo. Achei que ele fosse querer roubar o meu carro ou me matar ou me usar para contrabandear drogas ou algo que não quero nem imaginar.

Tá bom, quase voltei e apaguei essa última frase, porque me sinto tão culpada por ter chegado a pensar essas coisas… Agora, lembrando de tudo, essas hipóteses soam completamente ridículas. Você quer saber que crime escandaloso ele cometeu depois de bater na minha janela? Me deixou ficar sentada no carro dele para me aquecer enquanto ele se abaixava no chão, no meio da chuva, e arrumava meu carro. Depois ele me seguiu até em casa para garantir que eu chegasse bem.

Minha mãe costumava me dizer que o seu objetivo com a fotografia era poder contar uma história inteira em uma só imagem. Não sei se ela algum dia chegou a sentir que tinha alcançado isso. Sei que ela chegou perto… Ela tinha orgulho de muitos dos seus trabalhos, e em muitas fotos dela dá mesmo

para ver várias camadas diferentes do que está se passando ali. Está tudo nos detalhes, como na foto dela da Síria. A alegria das crianças, o medo dos homens. O suor e o sangue, o movimento dos balanços. Algo terrível acabou de acontecer, e as crianças ainda conseguem encontrar prazer. Mas será que essa é a história toda? Claro que não.

Quanto mais eu penso, mais me pergunto se não seria um objetivo completamente maluco. Será que uma foto é mesmo capaz de contar uma história *inteira*?

Quando eu estava lá sentada com o Declan, ele me disse algo em que tenho pensado o fim de semana todo. Ele comentou sobre como as pessoas vulneráveis são protegidas por leis e princípios, mas que gente tipo ele pode ser atacada sem questionamento, pois os outros supõem que é merecido.

Você acha que isso tem fundamento? Se uma criança rica zomba de uma criança pobre por estar vestindo uma roupa de segunda mão, isso é obviamente cruel. Se uma criança pobre caçoa de uma criança rica por não ter passado em um teste, será que a crueldade é menor por causa das suas diferentes posições sociais? Será que, de certa maneira, *todo mundo* é um alvo unidimensional?

E, se formos, será que existe alguma forma de mostrarmos mais de nós mesmos? Ou será que estamos todos presos em uma única foto que não conta a história inteira?

Infame. As palavras dela socam meu orgulho e tocam meu coração ao mesmo tempo.

Queria ter contado para ela.

Que bom que não contei. Talvez.

Essa situação, com um de nós sabendo, é desconfortável. Não gosto de guardar segredo dela. Parece errado, como se eu a estivesse enganando. Antes tínhamos igualdade de condições. Agora não sei o que temos.

O que *eu* tenho.

Penso nela naquela chuva, chorando atrás do volante do seu carro quebrado. No baile, o que vi foi mais uma menina bonita e mimada com nada melhor para fazer do que debochar de mim, o marginal que poderia estragar o seu brilho e esplendor. Nas cartas, vejo uma garota que espreita por baixo de uma camada reluzente, escondendo o seu sofrimento. É difícil conciliar as duas. É difícil assimilar tudo isso.

Sei bem como é precisar atacar primeiro. Queria ter conseguido detectar

isso por trás da bravata dela quando a gente estava perto da tigela de ponche. Quem me dera saber que era só fachada.

Tem um provérbio que o Rev gosta de citar, algo sobre como uma língua branda é capaz de quebrar até um osso. Conhecendo-o bem, é da Bíblia. Essa é a primeira vez que isso faz sentido para mim.

O que foi que ela me disse ontem no carro? *Você é muito confrontador*.

Queria ter sido mais paciente com a Juliet. Como pude não perceber o caos que fervia logo abaixo da sua superfície?

Como ela pôde não perceber o meu?

Alan está sozinho na cozinha quando desço perto da hora do almoço. Ele está lendo alguma coisa em seu tablet enquanto come um sanduíche. A luz do sol se derrama pela janela atrás dele. Se ele fosse outro cara qualquer, eu até diria que parecia um pai comum do subúrbio.

Nós dois paramos e nos olhamos. Se fôssemos lobos, haveria pelos eriçados e circuladas cautelosas toda vez que nos encontramos, mas temos de fazer do jeito humano, então encaramos um ao outro.

Como de costume, Alan é o primeiro a desviar o olhar. Mas não é que ele se sinta intimidado por mim. Assim seria fácil demais. Ele vira a cara porque eu não mereço o tempo dele.

Nem sempre fomos assim. Não consigo imaginar minha mãe casando com ele se fôssemos. No começo ele fez algumas tentativas para bancar a figura paterna, mas devemos ter operado em frequências diferentes, porque eu perdi os sinais. Ou, mais provável, eu os ignorei. Ele tentava ter essas conversas de homem para homem sobre escola e responsabilidades e… sinceramente, não faço nem ideia do que mais. Eu botava meus fones de ouvido e sequer prestava atenção. Basicamente, achava que ele era só outro namorado passageiro que seria mandado embora mais cedo ou mais tarde, então para que perder meu tempo?

Agora é como se o Alan tivesse pulado o padrasto e ido direto para o carcereiro.

Sério, não sei o que me irrita mais: ele bancando o vilão ou minha mãe deixando-o bancar.

Vou até o armário e remexo ali, procurando cereal. Minha mãe está agora nessa onda saudável, e tudo é orgânico e cheio de fibras. Ou proteína. Eu seria capaz de matar por um pacote de cereal colorido cheio de açúcar e sabor artificial, mas sou obrigado a escolher um integral.

Quando abro a geladeira para pegar leite, reparo que o Alan ainda está me

observando.

Não gosto disso.

Penso sobre a frase da Garota do Cemitério – a frase da *Juliet*, preciso me lembrar – sobre estar preso em uma única foto. É exatamente assim que me sinto. Alan conheceu um lado meu, um momento da minha vida, e agora estou reduzido a isso. É tudo o que os outros enxergam. Declan Murphy, motorista embriagado, destruidor de família. Meu retrato instantâneo, capturado para todo o sempre.

É um pensamento deprimente, então baixo minha guarda.

– Onde está a minha mãe?

– Tirando um cochilo.

Fico hesitante, prestes a despejar o leite.

– No meio do dia?

– Geralmente é quando os cochilos são tirados. – A voz dele é mais mordaz que o necessário, é ácida.

Levanto minha guarda outra vez… Mas a imagem da minha mãe passando mal no banheiro dos fundos ainda está fresca na minha mente. Será que ele sabe disso? Ele é quem deveria estar cuidando dela. Ele é quem deveria estar preocupado com ela *neste instante*.

– Você não precisa agir feito um merda, Alan.

– Olha a boca. – Ele aponta o dedo para mim.

Atiro o leite de volta na geladeira e me viro, pronto para discutir.

Ele sequer está olhando para mim. Está de novo no tablet.

Quero jogar a mesa para o alto e fazer tudo voar. Quero chegar nele e gritar: *Olha pra mim! Já! Olha pra MIM!*

Meu telefone vibra, e o arranco do bolso. Coloco-o na orelha sem nem olhar para a tela, pois a única pessoa que me liga é o Rev.

– Oi – falo.

– Oi, Murph.

A voz tem um sotaque carregado, e demoro um segundo para ligá-la à pessoa. Melado. Ainda não consegui fazê-lo largar o apelido que me deu, mas acho que prefiro “Murph” ao superpronunciado DÉQUI-*lan* que veio a se revelar como alternativa. Ele nunca me ligou antes. Chego a ter um momento de pânico, achando que eu deveria estar agora no serviço comunitário, mas então lembro que é domingo. Meu coração explode e depois volta ao ritmo normal.

Ainda não tenho ideia do motivo da ligação.

– Fala aí.

– O que você vai fazer agora à tarde? Talvez possa vir aqui me dar uma mão. Quer dizer, dar uma mão para o meu vizinho.

Estou muito confuso, e não consigo pensar além do trabalho que fazemos às terças e quintas.

– Você precisa que eu apare um gramado hoje?

Ele ri como se eu tivesse dito algo engraçado de verdade.

– Não. Meu amigo está precisando de ajuda com o carro dele. Você falou que é bom com motores, né?

Franzo a testa.

– De vez em quando. Quer dizer… Se é novo, é melhor ele levar a uma oficina. Os carros mais novos têm computadores…

– Não é novo. Ele está restaurando. É um… – Ele se detém e deve ter colocado a mão em cima do telefone para falar com outra pessoa, mas o escuto dizer: – Que carro é esse aqui? – Um cachorro late ao fundo. Depois de outra pausa, ele volta a falar. – Um Chevelle 1972. Ele acha que é o carburador.

Solto um grunhido evasivo e dou outra colherada no cereal.

Todo mundo *sempre* acha que é o carburador.

– Você entende de carburadores? – pergunta o Frank.

– Um pouco.

– Será que você não quer vir aqui ver se pode ajudar?

Faz meses que não trabalho em nada mais complicado que o velho Honda da Juliet, e minhas mãos estão coçando para ter a chance de pegar algo mais desafiador. Olho para o Alan do outro lado da cozinha. Se eu sair daqui sem uma justificativa, garanto que ele vai ligar para alguém da polícia e quinze minutos depois vou estar algemado.

Ele continua sentado lá, olhando para o tablet, fingindo que não me vê, mas ouvindo tudo que estou falando. A tensão não abandonou a cozinha e acabou virando uma névoa entre nós dois.

Queria poder pedir para a minha mãe.

Ela está tirando um cochilo.

Sinto uma pontada de medo dentro de mim. Não quero ficar pensando muito a respeito e não quero incomodar o descanso dela. Coloco a mão sobre o meu telefone.

– Ei, Alan. Meu supervisor do serviço comunitário quer saber se eu posso ir hoje ajudá-lo com um negócio.

Ele move os olhos para cima. Por um momento eterno, ele fixa os olhos em mim com uma expressão indecifrável, e tenho certeza de que ele vai dizer "não" só para me provocar.

Então ele desliza a tela do tablet.

– Pode ir. Mas chegue em casa antes do jantar.

Quase deixo minha colher cair.

«»

O Frank não mora longe, mas estou surpreso em ver como o bairro dele é igual ao meu: outro antigo subúrbio de classe média com entradas de carro pequenas, calçadas ocasionais e jardins cercados. Por alguma razão, eu achava que ele morasse em um desses prédios comunitários. O e-mail da Juliet surge mordaz na minha mente e me faz lembrar que cometo aquele mesmo erro de julgar as pessoas por um retrato de suas vidas.

Não é difícil achar o lugar, pois do final do bloco posso avistar o Chevelle laranja reluzente. Esse cara deve ter pago uma fortuna pela pintura, porque esse tom de laranja parece customizado. Dois homens estão parados na entrada da garagem, com a cabeça baixa, olhando para o bloco do motor. Um pastor-alemão enorme se esparrama na calçada entre eles, com as orelhas de pé e alerta. Quando estaciono, o cachorro vem correndo com o rabo balançando.

Estico minha mão, torcendo para não estar a ponto de perdê-la.

– Ela é boazinha – grita o homem ao lado do Melado. – A Skye é do comitê de boas-vindas.

A cadela confirma a informação, empurrando a cabeça debaixo da minha mão. Faço um cafuné atrás das suas orelhas e vou até a entrada da casa.

– Oi, Murph – cumprimenta o Melado. – Esse aqui é o meu vizinho, John King.

É um homem de meia-idade com cabelo grisalho. Ele está usando uma camisa polo verde-limão. É bem o tipo de cara que jogaria golfe com o Alan. Estou disposto a não gostar dele só por conta disso, mas então ele me dá um sorriso caloroso e estende a mão – não é o tipo de reação que as pessoas geralmente têm ao me ver.

– Murph, né? O Frank falou que você é especialista em motores.

– Declan Murphy. – Dou a mão para ele. Ele tem um aperto forte, mas não chega a ser esmagador. – E não estou sabendo dessa história de

“especialista”. O Frank só me viu consertar um cortador de grama.

Seu sorriso diminui um tiquinho, mas então ele dá uma olhada no meu carro.

– Você fez alguma coisa na reconstrução desse Charger?

– Fiz quase tudo sozinho.

Ele assobia baixinho. Seu sorriso volta gigante.

– Você é um garoto de sorte. Conheço uns caras que seriam capazes de matar por um desses.

Eu também. Encolho os ombros.

– Meu pai deu sorte e achou a carroceria e metade do motor em um ferro-velho. Ele começou a montá-lo quando eu era bem novo. Eu terminei. – Faço uma careta, pensando na carroceria jateada. – Quer dizer, tirando a pintura. Falta isso.

– Economizando para a customizada?

– Mais ou menos. – Na verdade, eu estava, sim. Até o Alan falar para a minha mãe que eles deviam raspar até o último centavo da minha poupança para pagar a minha defesa. Não gosto do rumo que essas perguntas estão tomando, então aponto com a cabeça para o Chevelle dele. – Que belezinha, hein? Qual o problema dele?

Ele coça a nuca e suspira.

– Pus um carburador Holley novo nele, mas não consigo ajustá-lo.

Inclino para a frente e dou uma olhada de perto. O motor está impecável. Aposto que esse cara cuida melhor do carro que da própria esposa.

– Ah, é? O que ele está fazendo?

– A marcha lenta está com problema, e eu estava querendo velocidade, mas agora ele ficou bem lerdo. Faz duas semanas que estou mexendo nele, e falei para o Frank que estava a ponto de desistir e levar para uma oficina, mas isso me parece uma traição. – Os dois dão uma risadinha.

Já até sei qual é o problema, mas preciso ouvir para ter certeza.

– Posso dar partida?

Ele hesita, e posso vê-lo tentando decidir se me deixar virar a chave é uma boa ideia.

– Claro. A chave está no contato.

Por dentro é tão impressionante quanto por fora. Dá para sentir o cheiro de couro dos bancos. O motor ronca quando ligo a ignição, e escuto atento, separando os sons que saem de debaixo do capô. Ele tem razão sobre a marcha lenta. Depois de um minuto, sinto o cheiro de combustível queimado

e desligo o carro.

John está me olhando ansioso com uma chama desafiadora no olhar.

– O que você acha?

– Acho que o seu Holley é grande demais.

Ele ri outra vez, mas agora parece tenso.

– Do que você está falando?

– É um 750, né? Acho que é grande demais. Quando você falou, achei que talvez fosse o afogador, mas dei uma escutada. Aposto que você se daria melhor com um 650. Eu até poderia fazê-lo rodar um *pouquinho* melhor, mas…

– Espera aí. – O sorriso foi embora completamente. – Eu acabei de botar isso aí. Só precisa dar uma ajustada.

A cada momento ele me lembra mais o Alan.

– Você queria minha opinião. Eu dei.

– Você está me falando para trocar por um carburador novo? – Ele me olha como se eu tivesse lhe dito para comer um punhado de areia.

– É… Você está afogando o seu motor. Como eu falei, posso tentar ajustá-lo…

– Não, não. Pode deixar. – Ele parece furioso, mas não sei dizer se com ele mesmo ou comigo. – Amanhã vem um mecânico olhar.

Fico irritado. Posso sentir aquela conhecida tensão se arrastando pelos meus ombros, subindo pelo meu pescoço e indo parar no meu maxilar.

Frank está nos observando. Seu rosto também perdeu o bom humor.

– Não há nada de errado em ouvir uma segunda opinião, certo, Murph?

– Claro. – Encolho os ombros, mas parece forçado.

De algum lugar, surge a voz de uma menininha, bem fininha.

– Papi? Papi? Posso levantar?

O Melado puxa do bolso o receptor de uma babá eletrônica.

– Preciso entrar, John. – Ele dá um tapinha no ombro do amigo. – Pelo menos você vai ter alguma ideia quando ligar amanhã na oficina, né?

– É. Claro. – O maxilar de John parece travado. – Obrigado pela ajuda, garoto.

Seria melhor que ele dissesse “obrigado por nada”.

Antes que eu possa retrucar qualquer coisa, o Melado faz um sinal me chamando.

– Venha, Murph. Vou te oferecer uma limonada.

É bizarro estar dentro da casa dele. A fachada de tijolos gastos e o

revestimento bege são iguais aos de qualquer outra casa da rua, mas o interior é amplo, com poucas paredes e muito arrumadinho.

– Vou lá pegar a Marisol – ele avisa, me deixando na sala de estar.

A lareira não tem cornija; em vez disso, é cercada por pedras de variados tons de cinza. Acima dela está pendurada uma composição de fotos em molduras prateadas. A maioria é de uma bebê que só pode ser a Marisol mais nova, mas há ainda uma foto que traz um jovem Melado ao lado de uma linda mulher com os braços em volta do pescoço dele.

Pela cara dos dois na foto, dá para dizer que eles sentem o tempo parar quando um olha para o outro.

– Declan! – Uma menininha grita animada, e quase sem aviso sou agarrado nas pernas por ela. – Você veio brincar comigo!

Ah, se as garotas da minha idade reagissem assim quando entro em algum lugar.

– É lógico – falo. – A gente pode brincar de jogo da limonada.

Seu nariz fica todo franzido.

– Jogo da limonada?

– É. Eu bebo um pouco, depois você bebe um pouco, e aí você ganha.

Ela dá uma risadinha.

– Gostei desse jogo.

O Melado nos observa.

– Você é muito legal com ela.

– Acho que é porque não vou deixá-la emputecida dizendo que gastou 500 dólares numa peça inútil.

– Emputecida? – ela papagueia. – O que é emputecida?

A cara do pai dela se fecha e eu me encolho, mortificado.

– Desculpa.

– Tudo bem. Senta aí.

Quando a Marisol está instalada com seus gizes de cera e nós com nossos copos suados sobre a mesa que nos separa, o Melado me lança um olhar franco.

– Você acha mesmo que ele precisa de um novo carburador?

Encolho os ombros e tomo um gole da limonada.

– Não acho, tenho certeza.

O Melado assente.

– Antes de você vir, ele me falou que talvez tivesse feito uma besteira. Acho que ele estava torcendo para que você dissesse o contrário.

Ergo minhas sobrancelhas.

– Então ele sabia?

– Acho que ele não estava querendo admitir para si mesmo. Todo fim de semana ele fica mexendo nisso, mas só por hobby. – Ele faz uma pausa. – Você conseguiu mesmo escutar o problema?

Risco linhas na parede molhada do copo.

– Isso não é nada de mais quando você está acostumado. Estou fora de forma, mas o caso dele era bem óbvio.

– Você falou que o seu pai era mecânico?

Aceno que sim com a cabeça.

– Dos bons. Ele tinha a própria oficina de customização, fazia restaurações, preparação de *hot rods*, esse tipo de coisa. Eu ficava na oficina com ele quase todo dia. Praticamente aprendi a reconstruir uma transmissão antes de conseguir andar. – Não quero pensar no meu pai, mas meu cérebro insiste em me fornecer recordações. Lembro de uma vez ter tido uma discussão acalorada com um dos caras da oficina sobre o ponto de ignição correto de um Chevy Impala, e meu pai não conseguiu parar de rir por um bom tempo até dizer para o rapaz que eu estava certo. Eu tinha 8 anos. – Ele me ensinou a dirigir logo que fiquei alto o suficiente para pisar na embreagem e ao mesmo tempo olhar por cima do volante. Eu manobrava os carros para dentro e para fora da oficina o tempo todo.

Algumas más lembranças entram no bolo também. Todas as vezes que precisava dirigir bem mais longe que a distância entre o terreno de trás e a frente da garagem. Todas as vezes que colocava um boné de beisebol e me esticava todo para parecer o mais alto possível porque eu tinha medo de que a polícia pudesse me ver e descobrir que o motorista ali era só uma criança.

Mas, olhando para trás, eu queria mesmo que a polícia *tivesse* me pegado. Talvez a Kerry ainda estivesse aqui.

– E onde está o seu pai hoje? – pergunta o Melado.

A voz dele é um tanto cautelosa, e normalmente me esquivo dessa pergunta por conta de toda dor e culpa que envolvem essas lembranças. Mas o Melado não me julga – se me julgasse, não teria me chamado para ajudar seu vizinho. Nem me deixaria chegar perto da filha. Essa sensação de refúgio é quase estranha, pois normalmente só a sinto com o Rev.

– Está preso – falo baixinho, com os olhos cravados no copo. – Ele estava bêbado e arrebentou o carro dele. Minha irmã morreu.

O Melado põe sua mão sobre a minha.

– Ah, Murph… Eu sinto muito.

O toque me pega de surpresa, e é algo tão pouco familiar que é quase desconfortável. Puxo minha mão de volta e coço a nuca.

– Está tudo bem. Já faz bastante tempo.

– Você costuma ir vê-lo?

Faço que não com a cabeça.

– Minha mãe nunca vai, então eu também não vou.

– A sua mãe casou de novo, né?

– É.

– E como estão as coisas?

Olho para ele e dou meio sorriso.

– O que é isso? Você agora é o meu terapeuta indicado pelo tribunal?

– Não, só estou tentando te entender.

Tomo outro gole da limonada.

– Não tem muita coisa para entender.

– Você trabalha duro. Não me dá muita dor de cabeça. Você é esperto. Não costumo receber garotos feito você pelo programa.

– Só quero evitar encrenca.

– Não acho que seja isso. – Ele fica quieto por um momento. – Você tem problema com álcool, Murph?

– Evidentemente. – Bufo e entorno mais limonada. – Quer dizer, você já viu minha ficha, certo?

– Certo. Já vi. Você tem problema com álcool?

Dou de ombros, então sacudo negativamente a cabeça. Posso me lembrar da ardência do uísque como se fosse ontem. Não lembro muita coisa depois disso, mas a lembrança da ardência ainda é bem viva.

– Não.

– Você teve?

Chacoalho outra vez a cabeça.

– Foi só um dia. A porcaria de um dia.

O segundo pior dia da minha vida, em muitos sentidos.

– Você quer conversar sobre isso?

O cômodo fica cada vez menor, e o suor começa a se juntar nas minhas omoplatas. Ele vai ficar forçando a barra, e eu vou acabar saindo daqui numa explosão, atravessando a parede e deixando um buraco do meu tamanho.

– Não, melhor não.

– Ei. – Ele põe a mão no meu ombro e dá uma sacudida de leve. – Se

acalma. Não quis te deixar desconfortável.

Respiro fundo e largo o copo. Só quando o largo percebo que o estava segurando forte demais.

– Desculpa.

Marisol invade a cozinha com folhas de papel nas mãos.

– Declan! Te desenhei!

Ela o coloca na minha frente. É um boneco de pauzinho colorido com cabelo castanho.

– Que incrível – falo para ela. Não sei como, mas minha voz está serena. – Você pode fazer outro para mim?

– Posso! – Ela sai dali correndo.

A cozinha volta a cair em silêncio. Meus olhos cravam no meu copo.

– Posso te falar uma coisa? – Melado pergunta.

Engulo em seco.

– Claro.

– Um dia não é a sua vida toda, Murph. – Ele espera até que eu olhe para ele. – Um dia é só um dia.

Bufo e deixo meu corpo largado na cadeira.

– O que você está querendo dizer? Que as pessoas não deviam me julgar por um único erro? Fala isso para a juíza Ororos.

Ele se projeta sobre a mesa.

– Não, garoto. Estou dizendo que você não deveria *se* julgar por isso. – Ele faz um breve silêncio. – Você não tem um terapeuta indicado pelo tribunal?

Olho feio para ele. Eles teriam que me levar algemado.

– Não.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Você acha que tem alguma coisa de errado em poder conversar com alguém?

– Não preciso de ninguém. Estou bem.

– Todo mundo precisa de alguém para conversar, garoto. – Ele hesita. – Você não tem ninguém mesmo?

Passo outro dedo pela parede molhada do copo, então ergo meus olhos até encontrar os dele.

– Sim, eu tenho.

CAPÍTULO 27

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Domingo, 6 de outubro 23:58:35
Assunto: A história inteira

Em relação à sua mãe, já aconteceu como se você tivesse enterrado todas as lembranças dela em uma caixa, só que, quando alguém puxa uma, junto saem todas as outras? Passei por isso hoje. Alguém começou a perguntar do meu pai, e agora não consigo parar de pensar nele.

Minha mãe costumava achar meu pai o máximo. Ela não era a única. Para mim – na verdade, para várias pessoas –, ele não tinha nenhum defeito. Ele era um cara afetuoso, sempre com um sorriso no rosto. Se dava bem com todo mundo. Sabia conversar sobre esportes, sobre política. Sabia fazer minha irmã rir na hora do jantar, mesmo quando ela estava de mau humor. Ele ia de cavalinho pelo quintal, comigo ou com a minha irmã nas costas, perseguindo quem quer que estivesse à frente. Ele tinha um negócio próprio e ganhava um bom dinheiro. Todo mundo achava que a gente era a família perfeita.

Eles não sabiam que ele bebia álcool como se fosse água.

Muitas pessoas associam a bebida com raiva e violência. Elas não percebem que os bêbados alegres podem ser tão perigosos quanto os violentos. Mais perigosos, na verdade, agora que paro para pensar. As pessoas perguntam para a minha mãe por que ela não o largou antes, como se ele a enchesse de porrada nos fins de semana ou algo assim. Ele jamais encostou em um fio de cabelo dela. Ele não era esse tipo de bêbado. Ele amava minha mãe. Ele amava os filhos. Esse nunca foi o problema.

Nós todos também o amávamos. Talvez *esse* fosse o problema.

Quando eu era bem pequeno mesmo, achava que, por meu pai ser feliz, todo mundo também era. Demorei um tempo para entender a cara tensa que minha mãe fazia quando ele chegava em casa alegre. Quando eu tinha uns 9 anos, comecei a perceber. A voz dele mudava. Ele ficava muito permissivo, muito desligado. Perdi a conta de quantas vezes ele se esqueceu de me buscar na escola. Comecei até a voltar a pé para que os professores parassem de fazer perguntas. Eu costumava acompanhá-lo ao trabalho nos fins de semana, mas algumas vezes ele se esquecia de me levar embora para casa junto com ele. Minha mãe vinha me buscar mais tarde, balançando a cabeça para os outros caras por causa do marido "cabeça de vento" que ela tinha.

Todos eles sabiam, tenho certeza, mas nunca fizeram nada. Ela também nunca fez.

Como eu disse, era um bêbado alegre. Todo mundo o amava. Inofensivo, né?

Eu sei que você sabe o que está no fim dessa estrada. Eu já contei que ele matou minha irmã.

Quando fiz 13 anos, comecei a trazê-lo para casa de carro nos fins de semana. Sei que parece loucura, mas ele me ensinou a dirigir cedo. É como as crianças de uma fazenda que sabem arar um campo aos 7 ou como aquelas que caçam desde cedo e conseguem atirar com um rifle assim que têm força o bastante para carregar um. Nós éramos sempre os últimos a deixar a oficina, a fechá-la, então era fácil.

Eu sempre tive muito medo de que alguém me pegasse… mas não tinha alternativa. Eu já tinha aprendido que ver meu pai cortando os carros na estrada não era nada legal. Era uma ameaça. Uma vez ele bateu em alguma coisa e continuou andando. Até hoje não sei o que era, mas às vezes tenho pesadelos, achando que passamos por cima de uma pessoa. Eu me lembro de perguntar para ele várias vezes se não devíamos voltar lá para ver, mas ele sequer tinha consciência de que tínhamos batido em qualquer coisa. Contei sobre isso para minha mãe, e ela balançou a cabeça e disse que eu estava exagerando.

Então, num sábado à tarde, tomei uma decisão. Escondi as chaves dele.

Ele saiu tropeçando pelo escritório, batendo portas, olhando nos bolsos, agitado. Fui para um canto com as chaves no meu bolso, quase tremendo de medo do que podia acontecer.

– Por que a gente não liga para a mãe? – sugeri.

Ele grunhiu.

– Sua mãe está trabalhando.

– Mas o que você vai fazer se você não acha suas chaves?

Eu estava torcendo para que ele dissesse que chamaríamos um táxi ou que ele ligaria para um dos caras nos levar para casa.

Não, ele jogou tudo o que estava em cima da mesa dele no chão – *tudo*, fez a maior bagunça – e gritou:

– Que porra! Vou fazer picadinho de quem roubou minhas chaves.

Foi a primeira vez que o vi avançar a linha do bêbado ruim.

Então comecei a "ajudar" e "encontrei" as chaves dele rapidinho. Eu estava tremendo e não queria que ele dirigisse, especialmente naquele momento. Mantive minha voz suave, como se tivesse falando de brincadeira:

– Talvez eu possa ir dirigindo. Vamos ver se alguém nos pega.

Por meio segundo, achei que ele fosse arrancar as chaves da minha mão. Não. Ele riu e deu uns tapinhas nas minhas costas, dizendo:

– Bom garoto.

Aquele foi o começo.

Nunca contei isso para ninguém, nem para o meu melhor amigo. Eu amava o meu pai, e sabia que aquele era o único jeito de mantê-lo afastado de encrencas. Eu era alto para a minha idade e usava um boné de beisebol, então ninguém nunca olhava duas vezes. É incrível o número de pessoas que vira o rosto para o outro lado quando acha que uma coisa não é nada de mais.

Minha irmã não tinha noção daquilo, e deixamos por isso mesmo. Ela não ia entender. Já fazia um tempão que meu pai tinha desistido de ensinar qualquer coisa de mecânica para a Kerry – ela era bem "menininha", em todos os sentidos da palavra. Era uma criança. Aos meus olhos, uma bebê. Eu estava no oitavo ano, e – bem idiota – achava que era especial. Eu não estava infringindo a lei! Eu era um homem, tomando conta da minha família. Eu estava *ajudando*.

Acho que a minha mãe começou a contar comigo como motorista.

Sei que ela contava.

No dia em que minha irmã morreu, ela tinha me pedido para tomar conta do meu pai. Esse era o nosso código. *Tome conta dele* significava "dirija o carro e leve seu pai para onde ele precisar".

Naquele fim de semana, eu ia participar de uma viagem de dois dias com os escoteiros. Fazia semanas que eu estava esperando por aquilo, mas na última hora minha mãe foi chamada no trabalho. Eram cerca de nove da

manhã e meu pai já tinha virado três cervejas. Minha mãe não quis que ninguém o visse chegando no acampamento cheirando a uma cervejaria. Por isso minha viagem foi cancelada.

Fiquei amuado pela casa por horas, batendo portas e bufando de decepção. Acho que você pode imaginar. Quando meu pai pediu para eu levá-lo à oficina, bati a porta do meu quarto na cara dele e falei para ir sozinho se ele estava querendo tanto ir.

Achei que ele fosse ficar em casa. Em muito pouco tempo, eu tinha me habituado a ser o chofer dele e imaginei que, se eu não dirigisse, ele não sairia.

Eu estava errado. Ele saiu.

E levou a Kerry junto.

Só um deles acabou voltando para casa.

O mau tempo da sexta à noite está de volta, forçando todo mundo a ficar na cantina antes do início da aula. No menu do café da manhã de hoje tem panquecas e fritada de batatas, por isso o lugar está superlotado. A Rowan trocou as panquecas por uma salada de frutas. Nem lembro quando foi a última vez que tivemos a chance de sentar e realmente *comer* antes da aula. Café da manhã não é uma coisa rápida quando centenas de pessoas têm a mesma ideia.

A chuva me impediu de ir ao cemitério hoje cedo e me deixou com necessidade de uma comida reconfortante. Uma pilha de panquecas repousa na minha bandeja, intacta.

Agora que elas estão à minha frente, não consigo dar nem uma mordida.

– O que está acontecendo com você hoje? – pergunta a Rowan, atirando um mirtilo na boca.

Não consigo parar de pensar no que o Escuridão escreveu. Não posso dizer uma palavra sobre ela para a Rowan. Ele não disse que eu deveria guardar segredo, mas nem precisava.

Cutuco as panquecas, mas estão parecendo uma gororoba grudenta.

– Estou só pensando.

– No seu cara misterioso?

Aperto meus olhos e miro para ela.

– Não tire sarro.

Ela encolhe os ombros serenamente.

– Não estou tirando sarro. Por que a gente não tenta descobrir quem ele é?

– Já pensei a respeito disso. – Hesito, pensando em seu e-mail. – Esse não é o tipo de relacionamento que temos. Acho que só funciona porque *não* sabemos quem a outra pessoa é.

– Do que você está falando?

Viro o rosto e espeto outra vez as panquecas. Eu estaria mentindo se dissesse que não estou desesperadamente curiosa para saber mais sobre ele. Fico me perguntando o que teria acontecido se Declan Murphy não tivesse aparecido na sexta à noite. Jamais consegui falar tão abertamente com alguém desse jeito. Com Escuridão, não sou uma garota que estava com tudo sob controle até de repente sair dos eixos. Sou apenas… eu. Ele é apenas… ele.

Rowan continua esperando uma resposta. Dou uma garfada em uma panqueca e a enfio na boca.

– Nada. Só… coisas.

– Nossa, Ju. Você ficou vermelha!

Isso é horrível. Ela tem razão. Posso sentir.

– Fiquei nada!

Ela se inclina para a frente e me provoca.

– Quer um espelho? Você está um pimentão.

– Para. Não é nada disso. A gente conversa sobre… coisas pesadas. – Não quero falar "morte". Mesmo isso já seria uma quebra de confiança. – A gente não está paquerando.

– Então quer dizer que ele ainda não te mandou uma foto da virilidade dele?

Desato numa gargalhada.

– O Brandon já te mandou uma?

– Não! – Agora é ela que fica corada.

– Se o conheço bem, ela teria uma composição toda artística, com uma iluminação perfeita e sombras estrategicamente posicionadas…

– Cala a boca! – Mas ela está rindo.

Estava sentindo muita saudade disso. Eu não tinha percebido o quanto até aquele momento.

Rowan para de rir. Seus olhos se concentram em alguém atrás de mim.

– Acho que o sr. Gerardi está te procurando de novo.

Fico esperando ser tomada pela necessidade instintiva de me esconder, mas nesta manhã ela não aparece. Viro para trás e olho para o meu antigo professor de fotografia. Ao me ver, seu rosto se ilumina, e ele manobra pela cantina até chegar onde estamos.

– Juliet – ele diz. – Que bom ter te encontrado hoje. Consegui baixar as fotos de quinta à tarde, e você clicou imagens incríveis. Excelente uso da luz.

– Devem ser as que eu tirei – Rowan comenta.

Ele junta as sobrancelhas.

– Quê?

– Ela está brincando. – Hesito. É estranho receber elogios sobre fotos depois de tanto tempo. – Obrigada.

– Queria perguntar se você não gostaria de me ajudar a editar algumas para o anuário.

Fico paralisada.

Sua voz corta o silêncio, gentil e acolhedora.

– Só se você tiver tempo. É que eu não queria ficar mexendo no seu trabalho, se for possível.

Uma tensão familiar começa a se instalar em meu peito, e desvio o olhar. Gostei de ter tirado as fotos, mas retornar ao laboratório fotográfico significa dar outro passo de volta àquele mundo.

– Não sei. – Eu o fito. – Posso pensar?

– Claro. – Ele já está começando a se afastar, quando se detém. – Há uma em particular que eu gostaria que você fizesse sozinha, se não se importar. Acho que ela daria uma imagem perfeita para a capa.

Meu coração para e dispara. Todo ano eles usam uma foto que dá a volta no anuário, da capa à contracapa. É uma coisa importante e geralmente planejada. Não sei se alguma foto de capa já foi tirada por um aluno.

– Sério?

Ele faz que sim.

– Sério. – O primeiro sinal bate, e ele olha para o relógio. – Preciso voltar para a minha sala. Depois me fala, tá bom?

– Tá bom. – Minha voz o segue enquanto ele luta para passar pelo enxame de alunos.

– Ju! – Rowan dá um tapa no meu braço. – Isso é demais!

Um ano atrás, seria a realização de um sonho. Agora não sei dizer o que estou sentindo. Eu me afastei da fotografia por um motivo. Jamais vou ter o talento que ela tinha. Minha empolgação com o elogio do sr. Gerardi é tão pequena quando comparada ao que minha mãe teria feito com uma câmera.

– Preciso ir para a chamada – falo. – Não posso receber outra detenção.

Ela deve ter percebido minha mudança de humor.

– Está tudo bem?

– Sim. Tudo. – Passo apressada por ela para jogar o resto das panquecas no lixo, então me viro pronta para correr para a classe.

Acabo cruzando o caminho de Declan Murphy. Ele está com um frasco vazio na mão – deve estar indo em direção à lata de lixo. Cogito me esconder e me misturar ao fluxo de alunos, até perceber que ele parece estar cogitando a mesma coisa.

Por um momento, nós dois ficamos paralisados… mas então ele termina o que estava indo fazer – jogar o frasco na lata de lixo – antes de parar na minha frente. Ele continua grande e imponente como sempre, mas, depois do jeito como me ajudou naquela noite de chuva, não é mais tão assustador. Ainda penso no que conversamos, em como as pessoas são julgadas por um instantâneo de suas vidas, e estou decidida a falar com ele.

– Ei – cumprimento.

– Ei – A voz dele sai mais baixa do que eu esperava. Sua presença abre um espaço entre nós. Vou chegar atrasada na sala de aula, mas, por um momento, não quero sair daqui.

– Agora tenho pneus novos – anuncio. – E uma bateria nova também.

– Eu notei.

Pestanejo.

– Você notou?

– Quer dizer, notei os pneus. – Ele levanta um ombro. – É difícil não reparar no seu carro.

– Ah. – Será que ele está me insultando? Não sei o que dizer e não consigo decifrar sua expressão.

Ele chega um pouco mais perto e, pela primeira vez, parece menos precavido. Quase hesitante.

– Ei, eu queria te perguntar uma coisa.

Olho em seus olhos. Isto agora é tão diferente de quando estávamos no carro e eu quase me esmaguei contra a porta para ficar longe dele. O corre-corre dos alunos me obriga também a dar um passo mais para perto e sair do caminho. Nunca pensei que estaria tão próxima assim de Declan, trocando palavras como se não estivéssemos em extremos opostos de um espectro.

Rowan, toda esbaforida, agarra meu braço.

– Ju, o que você está fazendo? – Seus olhos se movem com desdém para Declan. – Achei que você não queria se atrasar.

– Só um segundo – falo para ela no momento em que o segundo sinal toca. Temos três minutos para estar em nossas carteiras, mas meu subconsciente

está me dizendo para levar esta conversa até o fim. Viro meu rosto de novo para Declan, mas já estou vendo sua expressão mudar, se fechar.

– O que você queria me perguntar?

Ele baixa os olhos para nós duas.

– Nada. Não esquenta. – Ele se afasta, deslizando pela multidão de alunos que se dirige para a porta.

– Espera! – eu grito, mas ele já se foi.

CAPÍTULO 28

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Segunda-feira, 7 de outubro 09:12:53
Assunto: Pensamentos furiosos

Estou pensando no seu e-mail desde que acordei.

Passamos um tempão falando de culpa, responsabilidade, caminhos cruzados e momentos marcantes, mas agora estou com vontade de socar alguém. É óbvio que você se sente responsável pelo que aconteceu com a sua irmã, e isso me deixa muito brava. Queria encontrar seus pais e bater neles até cansar. Espero que você não me odeie por dizer isso, mas fico feliz que seu pai esteja preso. Acho que a sua mãe deveria estar também. Quem é que deixa um garoto de 13 anos dirigir pela cidade para proteger um alcoólatra? QUEM FAZ ISSO?

Acabei de dar uma resposta atravessada para um professor que me mandou guardar o celular. Estou com tanta raiva que vou acabar na detenção.

Não acredito que seus pais te colocaram nessa posição.

Não acredito que sua mãe deixou aquilo continuar.

Não acredito que não sei quem você é, porque neste instante minha vontade é de sair andando pelos corredores até te encontrar, e aí te agarrar e te sacudir e te dizer A CULPA NÃO É SUA. Você está me entendendo? A CULPA NÃO É SUA.

Mais alguém sabe disso?

Você sabe quem eu sou. Me encontre. Me agarre. Me sacuda. Por favor.

Quero tanto digitar essas palavras. Estou praticamente tremendo. Nem

mesmo o Rev sabe toda a verdade, e agora eu a despejei inteira numa garota que ainda deve achar que o meu verdadeiro eu é um inútil. Quase lhe contei a verdade hoje cedo, mas agora acho bom que não fiz isso. Será que ela continuaria pensando igual se soubesse quem eu sou?

No entanto, sua dor pelo meu *alter ego* se derrama pela tela, e meu peito se expande com a pressão. Nem sei quando foi a última vez que alguém, exceto o Rev, me defendeu. A emoção faz minha cabeça ferver, e sinto meus olhos quentes.

Sim, preciso desligar isso. Fecho o aplicativo e enfio o celular no fundo da mochila.

Imediatamente quero pegá-lo de volta e reler as palavras dela.

Eu sei que os meus pais estavam errados em me deixar continuar dirigindo. Eu sei.

Mas eu também tinha alternativas. Eu podia ter contado a alguém. Eu podia ter chamado um táxi da primeira vez. Para começar, eu sequer tinha que ter me oferecido.

Eu podia ter dirigido o carro no dia em que a Kerry morreu. Fui egoísta e idiota, e podia ter evitado isso.

Fui idiota e egoísta também em maio, quando entrei naquele prédio. Ninguém me obrigou a fazer aquilo.

Queria saber o que a Garota do Cemitério sentiria se ela juntasse esses dois acontecimentos.

– Declan, você pode ler os dois primeiros versos?

O ar está pesado de expectativa. Levanto a cabeça e percebo que todos estão com seus livros abertos, com canetas e cadernos a postos. Continuo sentado aqui com um livro fechado, sem caneta nem papel.

A sra. Hillard me observa. A voz dela não se altera, e não consigo detectar um pingo de impaciência.

– Página 74. Os dois primeiros versos.

Eu poderia bufar e agir como se isso fosse uma tremenda imposição, mas ela não está me importunando, então posso muito bem retribuir o favor. Abro a capa e acho a página, então leio sem me importar de verdade com as palavras. Minha cabeça ainda está naquele e-mail, na raiva de Juliet em minha defesa.

– “Não há alegria que o mundo possa dar como a que ele tira, quando o brilho do primeiro pensamento definha na triste decomposição do sentimento.”

As palavras estalam na minha cabeça, como se o meu cérebro já estivesse esperando por elas. Ouço o som de papel roçando em algum lugar atrás de mim, mas fora isso a sala está silenciosa.

– O que você acha que significa? – pergunta a sra. Hillard.

As palavras do poema ecoam sem parar na minha cabeça, embora agora seja uma recordação. Eu me lembro de ouvir esse mesmo poema em outro momento. Minha cabeça zune com a voz da minha mãe lendo esses exatos versos.

A sra. Hillard me observa, esperando para ouvir o que eu tenho a dizer.

– Leia de novo, agora para si mesmo – ela sugere. – Todos, leiam mais uma vez. Deem um tempo. Deixem o poema penetrar nas suas mentes.

Meus olhos leem o primeiro verso outra vez como se estivessem sendo sugados pela tinta na página.

Por um instante, o tempo para. Meu cérebro está emaranhado demais em morte e culpa. Não consigo ler mais uma palavra sequer desse poema. Meu peito está para explodir, ou talvez seja a minha cabeça. O sangue urra nos meus ouvidos, me deixando surdo.

Fecho o livro com força e o enfio na mochila. Eu nunca fui embora no meio de uma aula antes, mas agora estou indo.

A sra. Hillard vai atrás de mim.

– Declan!

– Vou para a secretaria. – Minha voz sai rouca e desafinada, e eu nem ligo.

– Para. Me conta o que aconteceu.

– Odeio isso! – Estou falando alto e com raiva, e me virando contra ela no corredor. – Quer me deixar em paz?

Ela não reage à minha fúria nem tenta me acalmar.

– Por quê?

Uma porta mais ao fundo se abre, e outro professor põe a cabeça para fora. Ele me vê no corredor de punhos cerrados e ombros erguidos, e olha para a sra. Hillard.

– Quer que eu chame a segurança? – ele pergunta. Lógico.

– Não. Ninguém aqui precisa da segurança. – A sra. Hillard se afasta mais da porta da sua classe até ficar de frente para mim. O outro professor não se move, mas ela o ignora e diz: – Vá para a secretaria. Você pode me esperar lá?

Meu corpo parece estar a ponto de desabar, sustentado apenas pela forma como meus dedos se afundam nas palmas das mãos, mas consigo fazer um

sinal positivo com a cabeça.

– Que bom – ela diz. – Te encontro lá depois da aula.

«»

A Escola de Ensino Médio Hamilton foi construída há mais de trinta anos, e dá para perceber a idade dela nas áreas que não foram modernizadas. A secretaria é um desses lugares. Os balcões, de um laranja vivo, estão descascando em certos lugares, e as paredes apaineladas foram repintadas tantas vezes com um branco brilhante que ainda parecem molhadas. A administração fez um trabalho decente tentando deixar o lugar convidativo para os alunos, criando ao lado uma pequena área com cadeiras estofadas, uma mesa redonda, e prateleiras com brochuras de faculdades e panfletos de orientação vocacional.

Ao passar pela entrada, minha vontade é pedir para ir à enfermaria, mas a única coisa pior que esperar por um professor seria esperar pela minha mãe. Uma das secretárias olha de relance para mim. Seu nome é Beverly Sanders. O cabelo dela está loiro-platinado este ano, ela sempre está vestindo *twin-sets* floridos e está passando por um divórcio.

Dá para ver que eu venho aqui muitas vezes, né?

Nesta manhã, o ar-condicionado está no máximo, por isso congelo ali em pé. Sinto como se meu corpo estivesse encolhendo para dentro. Tudo ao meu redor parece imenso. Minha respiração soa alta em meus ouvidos.

A srta. Sanders não interrompe sua digitação.

– Vou avisar o sr. Diviglio que você está aqui.

O sr. Diviglio é o vice-diretor. Ele cuida de questões estudantis. Somos grandes amigos.

Com isso quero dizer que eu preferia prender meus dedos numa porta do que sentar em uma sala com ele. Especialmente agora.

Pigarreio, mas minha voz ainda sai áspera:

– Não preciso falar com ele. A sra. Hillard me mandou esperá-la aqui.

Seus dedos ficam imóveis, e ela olha agora para mim mais detidamente antes de mirar o relógio sobre a porta.

– Mas o sinal só vai bater daqui a vinte minutos.

– Eu sei.

– Pode sentar.

Eu me atiro em uma cadeira e tento acalmar meus pensamentos. Eles se

recusam a obedecer. Leio o e-mail da Juliet de novo. Fico imaginando como seria ouvi-la dizer na minha frente o que escreveu.

Quem me dera poder ouvi-la agora.

Por favor, eu quero lhe dizer. *Por favor, descubra quem eu sou.*

Ah, é você?, ela diria. *Credo. Seu esquisito.*

– Você não pode usar o celular no horário de aula – avisa a srta. Sanders.

Levanto a cabeça ligeiro.

– Mas eu não estou na aula.

Seus lábios franzem.

– Por favor, guarde-o.

Solto um suspiro e o coloco na mochila.

Quando o sinal bate, o calor da minha raiva já passou, mas estou ansioso e inquieto. É o primeiro sinal da hora de almoço, e os alunos vêm aos montes aqui por diferentes motivos. Nenhum deles olha para mim. Espero, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

Conto os minutos até começar a me perguntar se ela se esqueceu de mim.

Cinco minutos depois do sinal, a sra. Hillard entra apressada, com uma bolsa pendurada no ombro e uma expressão tensa no rosto.

Ao me ver sentado em uma poltrona, ela expira longamente.

– Você esperou.

– Você falou para esperar. – E de repente me sinto um idiota por ter esperado.

– Que bom. – Ela aponta a cabeça para a esquerda, em direção a uma sala fechada. – Vamos para uma das salas de reunião.

As salas de reunião são para onde te levam quando querem chamar seus pais, ou quando alguém quer ter uma conversa *séria*, que geralmente significa algo que vai parar no seu histórico escolar. Mas ela não está trazendo ninguém da administração, então a sigo e nos sentamos.

A voz dela é calma, mas ela não perde tempo.

– O que aconteceu na classe?

Cutuco uma mancha na mesa. A sala é clara demais, e isso me faz lembrar a cela da delegacia. Agora que já passou um tempo, não consigo recriar a fúria que me fez fugir da sala de aula.

– Não sei.

– O que foi que te incomodou tanto?

Tudo.

– Nada.

– Lord Byron te tira do sério?

A voz dela soa mordaz, o que me pega de surpresa. Por sorte, sou fluente em sarcasmo.

– É, tipo isso.

Ela se reclina na cadeira, depois puxa um livro da bolsa.

– Você poderia ler agora? Diga o que pensa.

O suor está se juntando nas minhas omoplatas de novo.

– É só a porcaria de um poema.

Ela arqueia as sobrancelhas.

– Então não deveria fazer nenhum drama.

Ela tem razão. São só palavras. Elas não têm poder sobre mim. Posso fazer isso. Puxo o livro para perto e releio o primeiro verso.

Não há alegria que o mundo possa dar como a que ele tira.

Fecho o livro com toda a força. O ar entra e sai dos meus pulmões como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

A sra. Hillard não abre a boca. Ela é paciente e não reage.

Fico ali um bom tempo, completamente imóvel. Minhas mãos escorregando na beirada da mesa.

Ela espera.

Por fim, minha respiração diminui o ritmo, mas ainda não consigo olhar para ela. Minha voz sai tão baixa que é um milagre que ela me entenda.

– Minha mãe leu isso no funeral da minha irmã. Eu não… eu não quero ler de novo.

– Tá bem. – Ela fica em silêncio por um momento e empurra o livro para longe de mim. Então traz a cadeira para mais perto e pousa a mão sobre a minha.

– Você é um garoto esperto, Declan. Então o que eu vou dizer agora vai soar bastante óbvio.

Estou congelado na cadeira, aprisionado por suas palavras. *Você é um garoto esperto, Declan.*

Ela não me obriga a contar sobre Kerry.

– Da próxima vez que você tiver um problema, é só você me *falar* – ela diz.

Bufo e puxo minha mão. E eu achando que ela iria dizer algo profundo.

– Ah, é. Tá bom.

– Você acha que não é capaz? – Sua expressão é desafiadora. – Não foi isso o que acabou de acontecer?

Bom. Sim.

Penso em Juliet no carro, me dizendo que eu poderia simplesmente ter lhe pedido para apagar aquela foto.

A sra. Hillard continua sentada pacientemente, mas a intensidade na sala é quase palpável. Ela não vai deixar o assunto para lá.

– Você não precisa me dar detalhes, mas também não tem que sair correndo da classe. Se tiver um problema, é só me falar.

Não digo nada. Eu não sei *o que* dizer.

– Você confia em mim? – ela pergunta.

Não. Sim. Talvez.

– Não sei.

– Nada mais justo. – Ela pega a bolsa e começa a vasculhar uma pasta cheia de folhas de exercícios e redações de alunos. – Já que você quer distância do Lord Byron, vou te dar outra coisa para trabalhar.

Não me mexo. Se ela tirar da bolsa outro poema sobre morte, caio fora na hora.

Ela joga uma folha xerocada na minha frente.

Invictus, leio. *De William Ernest Henley*.

– Isso é o que os meus alunos do curso avançado estão lendo – ela explica –, mas acho que você dá conta.

Estou com medo de ler a primeira estrofe. Quero amassar o papel e vazar daqui voando.

Sou um cagão. Olho para o canto do papel só para não ter que ler nada.

– Você quer que eu leia agora?

– Não. Leve para casa. Escreva para mim dois parágrafos sobre o que está se passando com ele. – Ela faz um breve silêncio. – Acho que você vai se identificar com o texto.

– Certo. – Eu o enfio na mochila. – Como quiser.

– Declan.

Ela coloca ênfase no meu nome, mas sem um tom de advertência. Isso me faz vacilar.

– Quê?

– Me dê uma chance. Pode ser?

– Certo. – Então fecho o zíper da mochila, jogo-a sobre meu ombro e saio da sala.

CAPÍTULO 29

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Segunda-feira, 7 de outubro 14:15:44
Assunto: Poesia

Você já leu “Juventude e velhice”, do Lord Byron?

É o pior poema do mundo. É sobre a decomposição da morte.

Minha mãe o leu no funeral da minha irmã.

Eu quis arrancar aquilo das mãos dela. Quer dizer, quem é que lê um negócio assim num funeral? Eu preferiria que ela tivesse lido uma passagem da Bíblia, e quem me conhece sabe o que quero dizer com isso.

Hoje na aula de inglês lemos esse poema. Na verdade, eu não li. Fui embora no meio.

Portanto consigo me identificar com a sua quase detenção.

Você perguntou se alguém mais sabe a história toda do que aconteceu com a minha família. Meu melhor amigo sabe a maior parte dela. Acho que ele não sabe o quanto tudo durou, mas isso não faz muita diferença, faz?

Agradeço pela veemência em minha defesa, só que você está errada. A culpa pode não ter sido toda minha, mas uma parte dela foi.

Não saber quem ele é está me matando. Faço o curso avançado de inglês, mas não estamos lendo Byron. Isso elimina então uns quinze caras.

Tento pensar em quem do último ano usaria uma palavra como “veemência” e, ao mesmo tempo, seria desafiador o bastante para sair no meio da aula. A resposta óbvia está bem na minha frente: eu poderia simplesmente perguntar para ele. Mas isso significaria acabar com tudo. Não

sei se estou pronta. Quem sabe o mistério seja parte do que o torna tão atraente. Talvez, se eu o encontrasse, ele seria horrível.

Ele não seria. Simplesmente sei disso.

Mas mesmo assim.

Certa vez ele disse que minha mãe provavelmente não gostaria muito dele. Eu acho que ela gostaria demais dele. Ela o acharia fascinante.

Eu o acho fascinante.

Quando vou encontrar o sr. Gerardi depois do último sinal, ele está com um grupo de alunos na sua mesa. Fico no fundo da sala, olhando para as fotografias penduradas na parede. Devem ser da matéria optativa de fotografia, pois me lembro do mesmo trabalho. As fotos são imagens simples da natureza, mas algumas se destacam pelo uso criativo da luz. Uma em particular chama a minha atenção: a foto de uma formiga rastejando entre grãos de açúcar na madeira. Adorei a composição, com um pacote aberto de açúcar desfocado no fundo.

– Também gosto muito dessa – o sr. Gerardi comenta atrás de mim. – Espero que ela não desista.

– Caloura? – pergunto.

– Terceiro ano. Ela estava querendo só preencher uma optativa, mas acabou descobrindo que tem jeito para a coisa. – Ele pausa, e eu mantenho meus olhos na exposição de fotos. Não quero olhar para ele, pois ainda não tenho certeza do que estou fazendo aqui. Ele fala junto ao meu ombro.

– Quer ver a foto que eu tenho em mente para a capa do anuário?

Estar nesta sala depois de tanto tempo afastada parece ser, de alguma forma, uma traição à memória da minha mãe, mas a curiosidade continua me impelindo a seguir adiante.

– Claro.

Ele vira de costas, esperando que eu o siga, e eu vou atrás. Na sua mesa, ele vira o monitor para que eu possa ver.

Prendo a respiração. Ali na tela vejo a primeira foto que tirei na quinta-feira. O Declan e o Rev sentados no pátio de um lado, as líderes de torcida ensaiando uma coreografia do outro.

Eu sabia. Algo em mim dizia que seria essa.

– Adorei esta aqui – o sr. Gerardi diz às pressas. – Acho que vai dar uma capa perfeita por causa do espaço negativo no meio. As líderes de torcida simbolizam o espírito escolar e a união, e a metade delas pode ser a da frente, enquanto os garotos podem ficar atrás, representando a amizade e o

isolamento que todo mundo às vezes sente no ensino médio…

– Eu não sei. – Minha voz sai como um grasno.

– Você não sabe?

– Preciso pedir autorização.

– Para as meninas? Você as conhece? No começo do ano letivo, os pais assinam um termo de autorização. Não precisamos de permissão individual para as fotos do anuário…

– Não. – Minha voz falha outra vez. Rev disse que eu não precisava apagar a foto, mas isso não significa que ele não se importaria em vê-la escancarada na capa do anuário para o nosso ano de formatura. Não faço ideia de quantos anuários são impressos anualmente, mas são mais de oitocentos alunos só entre os formandos. – Não, para os meninos.

– Tá bom. – Ele soa intrigado. – Você acha que pode ser um problema?

Fico pensando em minhas conversas com o Escuridão sobre nossos caminhos na vida e se eles são predestinados. O destino parece decidido a me mandar avançar desgovernada pelas estradas de Declan Murphy e Rev Fletcher.

– Eu não… eu não faço ideia.

O sr. Gerardi hesita.

– Há alguma coisa que você não esteja querendo me contar?

Suas palavras são cautelosas e tiram minha atenção do monitor.

– Quê?

– Isso está parecendo algo grave. Quero entender por quê.

– Eu só… quero ter certeza de que não tem problema.

Ele me observa.

– Você quer que *eu* fale com eles?

Enceno essa situação na minha cabeça. Um professor que eles não conhecem perguntando se poderia usar uma foto, que eles sequer queriam que fosse tirada, como capa do anuário.

Imagino a reação do Declan depois de como ele agiu na quinta à tarde.

– Não – disparo. – Eu pergunto.

Ele me lança um olhar de incentivo.

– E depois você edita a foto sozinha?

– Sim. Claro. – De repente sinto a necessidade de ir embora. – Daqui a alguns dias, tá bom?

Nem espero uma resposta. Fujo da sala como se houvesse uma bomba em contagem regressiva.

No momento em que consigo sair da escola, o estacionamento está só meio cheio. Os únicos carros que restam ali são os dos alunos com compromissos ligados a algum esporte ou ao grêmio.

Ah, e Rev e Declan.

Eles estão parados atrás do carro do Declan, que é exatamente do jeito que eu me lembro, só que precisando ainda mais de uma pintura, agora que o vejo à luz do dia. Eles estão apoiados no porta-malas, e o Declan está com um cigarro entre os dedos.

Paro debaixo de algumas árvores no meio do estacionamento. Eu não previa vê-los *já*, mas não estou surpresa que ainda estejam aqui, da mesma forma como eles *estavam aqui* na última quinta, quando tirei a foto em questão. Preciso passar por eles para chegar ao meu carro, mas o olhar do Declan agora me lembra seu mau humor, tão diferente da postura dele ao se aproximar de mim na cantina hoje cedo.

Ei, eu queria te perguntar uma coisa.

O quê?

– Gosta de ficar seguindo os outros? – Declan grita.

Mas a voz dele não é cruel. Será que ele está só brincando?

Constrangida, saio de debaixo das árvores e paro no meio do estacionamento, a uns cinco metros de onde eles estão.

– Eu não queria me meter no meio de… sei lá o quê.

– Sei lá o quê? – Declan dá uma tragada em seu cigarro. – A gente só está matando tempo.

– Você sabe que não é permitido fumar na área da escola, né?

Ele dá outra tragada e sopra um anel de fumaça.

– Você parece terrivelmente preocupada com o meu consumo de tabaco.

– Eu odeio cigarro. É nojento.

As palavras saem da minha boca antes que eu consiga pensar nelas, e eu já me preparo para que ele fique grosseiro – ou que jogue o cigarro na minha cara.

Nada disso. Quando muito, ele parece surpreso, e joga o cigarro no chão, esmagando-o com o pé.

– Desculpa. Eu não sabia.

Se tivessem crescido asas nele, eu estaria menos chocada. Finjo um ar debochado para encobrir minha surpresa.

– Mas como é que você vai manter sua fama de mau?

– Eu dou um jeito.

Rev começa a aplaudir lentamente, então faz uma reverência na minha direção.

– Obrigado. Eu também odeio.

Declan o fuzila com um olhar.

– Cala a boca, Rev. – Seus olhos voltam para mim, e ele me mede de cima a baixo. – Ainda está com medo de mim?

– Não.

– Então por que está tão longe?

Não sei se isso é um convite para me juntar a eles ou o quê, mas acabo me aproximando alguns passos.

– Por que vocês estão matando tempo?

Declan dá de ombros e se reclina outra vez em seu carro.

– Acho que existem uns três lugares em que eu tenho permissão para estar. Este é o que está fora de alcance dos gritos do meu padrasto.

Não consigo parar de olhar para ele, e estou quase naquele ponto de não conseguir nem ouvir o que ele está dizendo. Ele fica bem à luz do sol, pois realça o vermelho do seu cabelo e aviva seu rosto, não importa a cara que ele esteja fazendo. Eu podia passar o dia inteiro analisando-o sem me entediar.

– E eu achava que você estava só posando com o seu Mustang antigo.

O rosto do Declan fica imóvel, e me dou conta de que falei alguma coisa errada.

Rev solta um assobio baixo.

– Acho que ela quer briga.

– Isto aqui não é um Mustang – diz o Declan. Ele parece ter ficado mais ofendido com o comentário do carro que com o do cigarro.

– Tá bom, e o que é então?

– É um Dodge Charger. – Ele bufa. – Não sei por que ainda estou surpreso.

– Para mim, eles parecem todos iguais.

Ele aponta para o outro lado do estacionamento, em direção ao meu Honda antigo.

– *Aquilo* parece com *isto* – ele agita o polegar para trás, indicando o próprio carro – do mesmo jeito que aqueles dois carros são idênticos. – Ele aponta para dois veículos do outro lado da fileira: uma minivan e um sedã quatro portas.

– Se você está dizendo…

Ele puxa o celular do bolso e o desbloqueia.

– Olha aqui. Vou te mostrar como é um Mustang.

Rev toma o telefone dele.

– Não. Não vamos começar com isso. – Então ele olha para a tela do celular e deve ter visto as horas, pois comenta: – De qualquer jeito, a gente precisa ir.

Dou outro passo à frente.

– Aonde vocês vão?

Não sei o que me levou a fazer a pergunta; só sei que não quero que ele vá embora. Toda vez que a vida nos aproxima, esse momento parece destinado a acabar antes que eu esteja preparada.

Rev troca um olhar com o Declan, então sorri para mim por baixo de seu capuz.

– Ser babá. Quer vir com a gente?

– Da Babydoll?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Está com medo? – Declan provoca com um olhar desafiador.

– De jeito nenhum – minto. – Vamos nessa.

«»

A casa do Rev é a imagem espelhada da casa da Rowan: tem dois andares, com a parte de baixo ampla, e um extenso gramado que dá para a rua. A dele possui revestimento azul com acabamento em branco, em vez do revestimento bege com acabamento marrom, mas no geral este é um bairro bastante comum de classe média. Eu poderia entrar em metade das casas desta rua e saberia me orientar dentro delas sem dificuldade. Nada na casa dele é surpreendente.

Quer dizer, o que me pega de surpresa é quando vejo sua mãe e percebo que o Rev deve ser adotado.

Os fatos sobre ele se encaixam numa sequência rápida, como se meu cérebro precisasse ligar todos os pontos para que eu seja coerente. Declan disse algo sobre o Rev ter sido tirado do pai dele. Eu só não tinha processado tudo até o fim.

Rev comentou que a mãe dele sairia para trabalhar à tarde, e isso, somado à informação de que ela é contadora, me fez imaginar uma pessoa tensa vestindo uma saia-lápis. Não uma mulher de cabelo curtinho e curvas voluptuosas, usando uma camiseta vermelha salpicada de farinha e calça jeans. Ela tem um sorriso luminoso e acolhedor, irradiando tanta simpatia que

me sinto sortuda por ter sido convidada a entrar.

Ela nos cumprimenta sussurrando e abraça cada um como se há anos viéssemos aqui depois da aula. É um tanto estranho, mas também um tanto legal ser tão bem recebida assim. Ela cheira a baunilha, açúcar e talco de bebê. Quando vem até mim, ela cochicha:

– É um prazer te conhecer. Me chame de Kristin. – E me faz entrar na casa.

Estou confusa com aqueles sussurros todos, mas também falo bem baixinho, me sentindo meio boba.

– Oi. Eu sou a Juliet.

Declan se inclina e murmura.

– A bebê deve estar dormindo.

– Ah. – A respiração dele roça meu ouvido, e o calor invade meu rosto. – Vou ficar quieta.

– Besteira – Kristin sussurra. – Se vocês quiserem fazer barulho, é só ir lá embaixo. – Ela coloca uma babá eletrônica na mão do Rev. – Vou levar uns biscoitos para vocês, mas depois preciso ir para o escritório.

– Obrigado, mãe. – Ele olha para mim e fala com uma voz sarcástica: – Quer ir lá embaixo fazer barulho?

Sei que ele está só provocando, mas minhas bochechas praticamente pegam fogo, pois isso soa *tão* sugestivo.

Kristin dá um tapinha nele.

– Desçam lá. Eu preciso trabalhar.

Isso é tão normal, tão despretensioso. Minha mãe nunca foi desse jeito – ela não ficava em casa o suficiente para ver meus amigos visitarem com tanta frequência. O pesar se infiltra no meu peito, mas agora os meninos estão descendo a escada, me fazendo segui-los.

O andar de baixo é revestido por tacos de madeira e tem o espaço bastante aberto. Em um canto há uma tevê fixada na parede e um sofá em L. No outro, há duas portas que provavelmente levam a uma lavanderia e a um banheiro. O terceiro canto possui esteiras coloridas, uma lousa pequena e pilhas de caixas de brinquedos organizadas junto à parede. No último canto, meio fechado pela escada, há grossas esteiras pretas no chão, um banco de musculação e um tipo de saco de pancada pendurado no teto. Pesos livres estão dispostos em prateleiras ao longo da parede, debaixo de uma fileira de espelhos.

Rev olha para o Declan, e eles trocam algum tipo de mensagem silenciosa que só consigo perceber quando o Rev olha de volta para mim.

– Quer beber alguma coisa?

Respiro fundo para responder, mas sinto um nó na garganta. Estar na presença de uma mãe carinhosa me faz pensar no tanto que perdi. Meu cérebro trava quando a tristeza se enrosca nas engrenagens dentro da minha cabeça.

Eu deveria estar no cemitério… faz *dias* que não a visito. Desde que fugi do baile. E agora estou… o quê? Me escondendo?

Sim. Estou me escondendo. Me escondendo atrás da normalidade deles, da falta de sofrimento deles.

Eles sequer são meus *amigos*.

A culpa me dá um soco no peito. Forte. Sinto que estou desabando com a força do impacto.

O que eu lhe diria? *Desculpa, mãe. Fiquei fascinada por um garoto.*

Kristin desce a escada, e o aperto no meu peito extravasa. Paro um instante e me viro de costas, inspirando fundo e piscando várias vezes para afastar as lágrimas. Ela coloca o prato atrás do sofá, e sobe de volta a escada meio que na ponta dos pés.

Graças a Deus. Acho que eu não conseguiria lidar neste instante com atenção maternal. Meu corpo parece que vai entrar em colapso ao menor sinal.

Eu preciso me recompor. Não é à toa que as pessoas me evitam. Basta alguém me perguntar se quero beber alguma coisa e eu tenho um ataque de pânico.

– Você está bem.

Declan está atrás de mim, sua voz é baixa e suave, do jeito que foi agora no hall de entrada. Ele é tão duro o tempo todo que essa suavidade me pega desprevenida. Pestanejo olhando para ele.

– Você está bem – ele repete.

Eu gosto disso, da segurança na fala dele. Não é *Você está bem?* Não se trata de uma pergunta.

Você está bem.

Ele encolhe um ombro.

– Mas, se você não conseguir se segurar, este é um bom lugar para desabar. – Ele pega dois biscoitos do prato e me dá um. – Toma. Quando a gente está assim, comer ajuda.

Estou a ponto de recusar, mas então vejo o biscoito. Eu estava esperando algo mais convencional, como um de açúcar ou um com gotas de chocolate.

Esse parece uma torta em miniatura com grãos de açúcar brilhando por cima.

– O que… é isso?

– *Cookie* de noz-pecã – explica o Rev. Ele pegou uns cinco e acho que enfiou dois na boca ao mesmo tempo. – Eu poderia viver disso por dias.

Pego o que o Declan me ofereceu e dou uma mordiscada: é incrível.

Olho de soslaio para ele.

– Como você sabia?

Ele vacila, mas não me pergunta do que estou falando.

– Conheço os sinais.

– Vou lá pegar uns refris – Rev avisa, falando intencionalmente devagar. – Vou te trazer um. Pisque uma vez se tudo bem por você.

Dou um sorriso, mas sai sem muita vontade. Rev está me enchendo, mas de um jeito delicado. Simpático. Pisco uma vez.

Está tudo bem. Eu estou bem. Declan tinha razão.

– Desconte no saco de pancada – Rev sugere. – É o que eu faço.

Meus olhos se arregalam.

– Sério?

– Faça o que tiver vontade – diz o Declan. – Assim que começarmos a fazer alguma coisa mais significativa, a bebê vai acordar.

Rev volta com três refrigerantes.

– Já estamos fazendo uma coisa significativa neste instante.

– Estamos? – pergunto.

Ele crava os olhos nos meus.

– Todo momento é significativo.

Essas palavras podem ser piegas – *devem* ser piegas, na verdade –, mas ele coloca tal ênfase nelas que sei o que ele está querendo dizer. Penso no Escuridão e em todas as nossas conversas sobre caminhos, perda e culpa.

Declan suspira e tira a tampa de sua garrafa.

– Esse é o momento em que o Rev começa a assustar as pessoas.

– Não – falo, com a sensação de que esta tarde não poderia ser mais surreal. Algo que o Rev disse abrandou um pouco da culpa que eu estava sentindo, me fez pensar que estar aqui pode ser tão importante quanto visitar minha mãe. Queria poder saber se esse é um caminho no qual eu deveria estar. – Não, eu gostei. Posso mesmo bater no saco?

Rev encolhe os ombros e dá um gole na sua bebida.

– É isso ou brincar de massinha.

Vamos para aquele canto do porão. Rev monta no banco de musculação

enquanto o Declan senta numa bola de ioga e se apoia em um canto. Eles se ajeitam com tanta facilidade que me pergunto se esse não seria o *espaço* deles, assim como eu e a Rowan temos o quarto dela e o sofá de veludo no meu porão.

Não sou uma pessoa violenta, mas a ideia de bater em alguma coisa me parece realmente boa.

Puxo uma mão para trás e giro o braço, jogando todo o meu corpo no soco.

Ai. *Ai*. O saco balança bem de leve, mas o choque reverbera em todo o meu braço. Acho que desloquei todas as articulações dos dedos, mas estou *sentindo*, e essa é a primeira coisa que eu realmente senti nas últimas semanas. A sensação é fantástica. Preciso de um desses no meu porão.

Cerro os dentes e puxo meu braço para repetir a dose.

– Calma lá. – Uma mão agarra meu braço no meio do movimento.

Fico ali, arfando, enquanto o Declan segura meu cotovelo. Suas sobrancelhas estão bem levantadas.

– Então… uau – ele diz. – Eu não quero ser sexista nem nada, mas depois do que você falou sobre carros eu não esperava que fosse capaz de dar um soco desses.

Recuo e endireito as costas.

– Desculpa.

– Por que está se desculpando? – Ele me olha como se eu fosse louca. – Só não quero te ver quebrar o pulso.

– Toma – Rev fica meio de pé, estendendo um par de luvas acolchoadas pretas. Ele tira o capuz. Não sei se ele está ficando mais à vontade na minha presença… ou se simplesmente está com calor. – Se você realmente quiser bater nele, use as luvas.

A babá eletrônica grasna e ele se endireita.

– Ela acordou. Já volto.

Assim que ele sai, o porão cai no mais completo silêncio, e o Declan e eu ficamos a sós. Estou lá segurando um par de luvas, me sentindo um pouco boba, um pouco constrangida e um pouco fodona.

– E aí, vai colocá-las ou não? – A voz dele está mais cortante e desafiadora do que nunca.

Levo um segundo para entender como prender a tira de velcro no meu pulso, mas depois as passo rapidamente sobre os dedos. Elas são uma mistura de luvas de boxe e uma meia-luva, com um grosso acolchoamento em torno da mão.

Se eu ficar pensando demais nisso, vou acabar disparando pela porta. Então fecho os olhos e dou um soco.

Sinto de novo o choque, mas ainda bem que estou de luva. Os ossos dos meus dedos não parecem mais estar se despedaçando debaixo da pele, e os meus pulsos estão mais estáveis com as tiras. Bato mais forte. Outra vez. E mais outra. O choque percorre o meu corpo, uma quentura se instala em meu abdome. Perco a conta.

– Abra os olhos.

Faço isso e ele está bem ali, segurando o saco por trás para que não balance. Há quanto tempo será que ele está fazendo isso?

– Chegue mais perto – ele diz.

Eu me aproximo um pouco, encarando seus olhos azuis.

– Mais perto – ele repete.

Chego perto o suficiente para abraçar o saco. Estou sem fôlego, mas não acho que seja só pelo esforço.

– Já estou perto o bastante? – pergunto com a voz suave.

Seus olhos estudam os meus.

– Você não está querendo alcançá-lo.

Quero me fazer de tímida, mas minha voz acaba saindo séria.

– Sou mais forte do que você pensava?

– Você é exatamente tão forte quanto eu imaginava.

As palavras carregam mais peso do que deveriam, mas não sei exatamente por quê. Talvez todo momento seja significativo, mas esse parece ainda mais.

Salto na ponta do pé e dou pancadinhas no saco, como se eu fosse Muhammad Ali ou algo assim. Devo estar parecendo bem ridícula.

Ele inclina a cabeça.

– Continue. Bata.

Dou outro soco, mas agora meus olhos estão cravados nos dele. Não consigo bater nem um pouquinho forte. Eu me sinto tão dividida, como se estar atraída por ele fosse uma traição ao Escuridão. Ainda assim… Não consigo resistir. Declan é estourado, explosivo e mordaz, mas enterrado lá no fundo há um garoto atencioso, protetor e leal.

Quero ver mais desse lado dele.

Seu celular toca, e ele o arranca do bolso. Depois de olhar para a tela, sua cara se anuvia e ele o guarda de novo.

– Meu padrasto – ele diz ao perceber meu olhar inquisidor.

– Você não precisa atender?

– Depois eu digo para ele que estava no silencioso.

Quase imediatamente, o telefone dele toca de novo. Desta vez, ele nem se dá ao trabalho de tirá-lo do bolso.

– Uma hora ele desiste – Declan explica.

Penso na vez que encontrei o padrasto dele na rua, o jeito como ele afrontou o Declan, embora o Declan também tenha o afrontado.

– Vocês não se dão bem.

Ele bufa.

– Você já ouviu falar de animais machos que, na natureza selvagem, matam a prole anterior de uma nova companheira? O Alan provavelmente aceitaria essa ideia muito bem.

O telefone dele toca outra vez, soando insistente.

– Ele deve realmente estar precisando falar com você – comento.

Declan agora coloca o celular no silencioso.

Ficamos ali quietos por um instante, um sentindo a respiração do outro.

– Você estava me procurando? – ele pergunta. – Quando saiu da escola?

A voz baixa dele é harmoniosa, clara e gentil, e não dá sinal nenhum do seu mau humor. Algo nela é bem reconfortante, talvez porque eu já tenha visto a ferocidade que está do outro lado. Quero encostar minha testa no saco, fechar meus olhos e implorar para que ele fale comigo por cinco minutos.

Olho para o saco e dou um belo murro, só para me dar um pouco de tempo para pensar no que responder.

– Você lembra aquela foto que eu tirei de você e do Rev?

– Aquele que eu “devia ter pedido” para você apagar?

Paro e olho para ele.

– Você está tirando sarro de mim?

– Não. – Ele faz uma cara de penitência. – Você tinha razão. Eu devia ter pedido.

Ah. Lembro a mim mesma de respirar. Outro soco.

– O Rev falou que eu não precisava apagar.

– Ah, ele falou?

Hesito e olho para ele por cima das luvas. Um pouco do meu cabelo se soltou e está caindo sobre meus olhos.

– É, ele falou.

– Então o que você fez com ela?

Preciso bater outra vez no saco.

– O sr. Gerardi quer usá-la na capa do anuário.

– Não, falando sério.

– Estou falando sério. – Vacilo. – Ele pareceu empolgado com ela. Eu disse que precisava perguntar a vocês se tudo bem.

Declan parece não acreditar, mas não no bom sentido. A voz baixa e a gentileza já eram.

– Ele quer colocar uma foto minha e do Rev na capa do anuário.

– Bom. Mais ou menos. Vocês ficariam na contracapa. – A cara dele vai se fechando conforme eu balbucio, mas já não consigo parar. Estou divagando, tentando chegar à frente do mau humor do Declan antes que o trem deixe a estação. – É como se fosse uma embalagem, então as líderes de torcida ficariam na frente, e a imagem se estenderia passando pela lombada para chegar à amizade ou ao isolamento do…

– Você está louca? – As palavras se transformam em um rugido. Seus olhos estão ferozes.

Preciso me forçar para não me encolher.

– Não sei por que você está tão irritado…

– Eu não pertenço a essa capa. Eu não preciso de uma lembrança eterna deste ano e com certeza não quero que ela esteja embalando a porcaria do anuário de todo mundo. – Ele dá um soco tão violento no saco que ele rebate nas minhas luvas, mas me recuso a recuar. – Este é o pior ano da minha vida. Você entende isso?

O saco agora está balançando, e uso seu impulso para bater de volta para ele.

– Como acha que estou me sentindo? – Minha voz desafina, e eu não ligo. – Fui eu que tirei a foto.

Ele fica paralisado, segurando o saco.

Minha respiração é ruidosa diante do súbito silêncio, e não consigo interpretar a expressão dele. Ainda furioso, mas há outra coisa. Choque. Vergonha? Talvez arrependimento.

Não aguento mais.

– Que foi? – Minhas palavras estão fragmentadas. Lágrimas quentes rolam pelas minhas bochechas. – Você acha que é a única pessoa tendo um ano horrível? Você não sabe nada a meu respeito, Declan Murphy. Baixa a bola.

– Ei, Dec. – Rev desce correndo os degraus do porão, carregando a bebê e um telefone sem fio. A voz dele soa urgente, mais que um apelo para pararmos de discutir. – É o Alan.

Esfrego rápido as lágrimas do rosto.

Declan pega o telefone e o coloca no ouvido.

– Que foi?

Passado um momento, sua cara fica paralisada.

– O que aconteceu? – Outra pausa. – Vou já para aí. – Outra pausa, desta vez mais breve. – Não me importo, Alan. Estou indo. – Então ele aperta o botão para desligar o telefone.

Seus olhos retornam para os meus, e qualquer sinal de bondade ou empatia já desapareceu.

– Faça o que quiser, Juliet. Não estou nem aí. – Então ele puxa suas chaves do bolso e vira de costas.

– O que aconteceu? – Rev pergunta. – Dec, para. Aonde você está indo?

– Para o hospital. Minha mãe teve um colapso enquanto fazia o jantar. O Alan chamou uma ambulância. – Sem esperar, ele sobe a escada.

– Espera – Rev diz. – Dec, espera. Deixa eu ligar para a minha mãe. Eu vou com você.

– Não posso esperar.

Agora eu consigo ouvir. O medo em sua voz.

Lembro bem.

Ele sai pela porta.

– Deixe a bebê comigo – falo para o Rev. – Vá com ele. Vá.

CAPÍTULO 30

CAIXA DE ENTRADA: ESCURIDÃO

Não há mensagens novas.

Não sei por que continuo atualizando o aplicativo. Faz uma hora que deixei a Juliet e que o Rev deixou a bebê com ela. Não é como se ela fosse sentar lá e me mandar uma mensagem enquanto a criancinha destrói o lugar – especialmente porque ela não sabe que Declan Murphy e Escuridão são a mesma pessoa.

Ao mesmo tempo, eu queria que ela escrevesse.

Esfrego minha nuca. A área de espera no pronto-atendimento está lotada e asfixiante. Ainda não vi o Alan, e ele não respondeu minhas mensagens nem atendeu minhas ligações.

Fico pensando nas três vezes que ele me ligou quando eu estava na casa do Rev, em como o ignorei.

O meu lado cínico acha que ele está fazendo isso para me deixar puto.

O meu lado apavorado receia que o estado da minha mãe seja tão ruim que ele nem esteja conseguindo olhar o telefone.

Será que ela chegou a contar para ele que passou mal na sexta à noite? Talvez ele não tenha ficado sabendo. Talvez eu devesse ter falado.

Ela teve um colapso. O que isso significa? Um enfarte? Mas será que o Alan não teria dito se ela tivesse um ataque do coração? Talvez ela só tenha desmaiado.

Mas por que ela teria desmaiado no meio da cozinha?

Ela estava fazendo o jantar. Será que ela se machucou? O que aconteceu?

Passo as mãos no rosto e solto o ar com força. Um alto-falante no teto

despeja música no ambiente, mas ele está sintonizado em uma estação que ninguém em estado mental perfeito seria capaz de escutar. É uma dessas músicas sentimentais das antigas. Toda vez que o cantor atinge uma nota longa, o alto-falante crepita com interferência. Minha perna está inquieta. Meus nervos, à flor da pele.

Quando ergo a cabeça, meus olhos se detêm em um pôster do outro lado da sala sobre os sinais de alerta para o câncer de mama.

Será que isso faria uma pessoa desmaiar? Não tenho ideia. Viro o rosto. Meus olhos param em outro cartaz sobre doenças cardíacas.

Levanto da cadeira em um pulo.

– Vou lá perguntar de novo.

– Dec. – A voz do Rev é firme, determinada. – Você perguntou faz dez minutos.

Ele tem razão. Eu tenho perguntado a cada dez minutos. Já me disseram que só é permitida a entrada de um membro da família por vez e que eu preciso esperar o Alan sair.

Ele ainda está lá.

A mulher no balcão fica me encarando, e posso ver que já estou começando a dar nos nervos dela também. Se me colocarem para fora daqui, nem sei o que faço.

Eu me jogo de volta na cadeira com um estrondo. Minha pulsação zumbe nos meus ouvidos, me deixando bastante ciente de cada batida do meu coração. Passo as mãos pelo meu cabelo. Meus ombros estão tão tensos que vou precisar socar alguma coisa para aliviar a pressão.

O Rev coloca a mão no meu ombro, e eu congelo. Por um instante, tenho medo de que ele vá falar alguma coisa bíblica sobre a vontade de Deus, e vou ser obrigado a dar uma porrada nele. Ou que ele vá dizer alguma coisa vazia e irrelevante do tipo *Ela vai ficar bem* ou *Tenho certeza de que é só falta de açúcar no sangue. Provavelmente agora estão dando um refrigerante para ela.*

Mas ele é o Rev, é meu melhor amigo, e não diz esse tipo de coisa. Ele fica ali sentado em silêncio com a mão no meu ombro.

De certa forma, é reconfortante saber que não estou sozinho. Mas estamos sentados aqui há tanto tempo que o medo já está pesando sobre mim.

Mando outra mensagem para o Alan.

Sem resposta.

Ligo para ele e cai direto na caixa postal.

Ele desligou o telefone.

Sinto um aperto no peito. Cada respiro é uma luta, e minha garganta está se recusando a funcionar direito. Não consigo mais ficar aqui em silêncio.

– Acho que ela está doente.

Rev inclina o corpo para a frente. O tom da sua voz é baixo, em sintonia com o meu.

– Por quê?

– Quando voltei do baile, eu a encontrei vomitando. – Minha voz quase oscila. Sinto meus olhos úmidos e os mantenho cravados no carpete.

Ele fica quieto por um momento.

– Isso foi sexta agora. Pode ser uma gripe.

Sacudo a cabeça.

– Acho que não. Ela estava bem ontem. – Fico paralisado, e uma lágrima rola pela minha bochecha. Passo a mão nela depressa. – Não. Ela não estava bem ontem. Ela estava tirando um cochilo. No meio do dia.

Então me vem à cabeça outra coisa. O comentário de Kristin no jantar antes do baile, perguntando se minha mãe estava se sentindo melhor.

– A Kristin falou também que ela estava doente no fim de semana passado.

O Rev não responde. Ele também se lembra do comentário.

Talvez minha mãe esteja doente já faça um tempo.

Todo momento é significativo. Às vezes as palavras do Rev parecem uma premonição quando as repasso mentalmente.

Cada momento em que fico aqui sentado, não estou com ela.

O telefone do Rev vibra – estou perto o bastante para ouvir. Ele o puxa do bolso e verifica a tela.

– Minha mãe está chegando em um minuto. Juliet vai ficar com a Babydoll até o meu pai voltar para casa.

A Kristin está vindo. Não sei por quê, mas isso faz a situação parecer mais grave.

Não consigo deter a lágrima seguinte que desce pelo meu rosto. Arrasto minha manga pela bochecha e sinto minha respiração entrecortada.

Ela podia estar morrendo esse tempo todo. Ela pode estar morrendo agora, e não tenho como saber porque o Alan desligou o telefone.

O aperto no meu peito agora é de raiva, mas melhor isso que medo. Eu entendo o ódio e o acolho, mesmo quando ele se arrasta pelas minhas costas e se entrincheira nos meus ombros.

Quero matá-lo.

E assim de repente, como se meus pensamentos homicidas o invocassem, Alan passa pelas portas duplas e surge na sala de espera. Ele parece tenso, exausto e apavorado.

Na verdade, exatamente como eu estou. Isso deveria fazer minha raiva abrandar, mas não faz.

Quero fazê-lo atravessar a parede.

– Alan. – Minha voz seria capaz de cortar aço, e já percorri metade da sala quando ele percebe que eu estou partindo com tudo para cima dele. – Onde ela está? O que está acontecendo?

– Fala baixo. – Seu olhar vai de mim para o Rev, e ele parece surpreso em nos ver.

– Onde ela está? – Meus punhos estão cerrados com tanta força que as unhas estão deixando marcas de pequenas meias-luas nas palmas. – Eu quero vê-la.

– Calma – Rev murmura ao meu lado.

– Você não pode. – Alan vira os olhos cansados na minha direção. – Ela está…

– Você está com ela faz duas horas – eu rosno. – Quero vê-la.

O rosto dele está anuviado de frustração.

– Falei para você não vir aqui, Declan. Isso é muito pessoal, e é entre mim e sua mãe neste…

Eu o empurro.

Não, *empurrar* não faz jus ao movimento. O Alan tem sorte por haver uma parede atrás, porque ele acaba sendo atirado contra ela em vez de ser atirado no chão.

Rev me segura, por isso não consigo ir para cima do meu padrasto.

Mas o Alan está com os punhos fechados e está vindo para cima de *mim*. Estou preparado. Recebo isso *com alegria*. Há fogo em seus olhos, e sei que já faz *meses* que ele está querendo me bater.

Porém, ele não se move. Ele fica ali parado, respirando pesado, me encarando. De repente, o jeito como o Rev mantém um ombro contra mim parece exagero.

Todos os olhos na sala de espera estão sobre nós. No balcão, uma enfermeira está ao telefone e posso ouvi-la falando bem rápido.

– … talvez tenha um incidente na sala de espera do pronto-atendimento.

As palavras de Juliet batem na minha cara. *Você é muito confrontador.*

– Rev. – Minha voz soa como se eu estivesse mastigando pedra. Meus

olhos estão cravados no Alan. – Me solta.

Ele não me obedece.

– Você ainda está na condicional.

– Eu sei. – Ranjo os dentes. – Estou bem.

– Veja se cresce – Alan vocifera. – Sua mãe não precisa disso. Não agora.

De alguma forma, toda a vontade de brigar se esvai de mim, e eu consigo escapar do domínio do Rev. Estou a um segundo de passar por aquelas portas duplas – e que se dane o segurança –, ou a um segundo de cair em posição fetal no chão.

– Rev. – Kristin surge ao nosso lado com um olhar de preocupação alternando entre mim e o Alan. – O que aconteceu?

– Não sabemos – Rev explica. Ele também está encarando o Alan. – Ninguém nos fala nada.

Alan olha para a Kristin e parece aliviado por haver outro adulto para ajudá-lo com os delinquentes.

– Você pode levá-los para casa? Vou passar a noite aqui com a Abby.

– Claro – ela diz, olhando de relance para mim e para o Rev, então se volta para o Alan. – Está tudo bem?

Estou lutando muito para aguentar calado. Agora há um segurança no balcão, e, embora ele não tenha nos abordado, é bastante óbvio que ele está aqui para garantir que ninguém vá bancar o valentão.

– Alan, eu não vou para casa enquanto você não me disser o que está acontecendo.

Uma enfermeira atravessa as portas duplas segurando um tablet em uma capa grossa.

– Sr. Bradford, vamos levá-la agora para cima. Uma enfermeira obstetra vai acompanhá-lo até o sétimo andar…

Kristin ofega. Ela leva uma mão à boca.

– Alan.

Rev e eu olhamos para ela. Não sei o que aquela ofegada quer dizer, mas é algo importante. O chão se abre embaixo de mim.

– O que foi? – eu pergunto energicamente. Agora não consigo esconder o medo em minha voz. – O que é uma enfermeira obstetra? É câncer? – Minha voz falha. – Ela está doente? Posso vê-la?

– Não, Declan. Querido. – Kristin segura minha mão e dá batidinhas de leve nela como se eu tivesse 6 anos de idade. – Obstetrícia é para gravidez. – Sem soltar minha mão, ela se vira para o Alan. – A Abby está bem?

Não posso me mexer. Não posso respirar. Minha mão escorrega da de Kristin.

Gravidez.

Alan está acenando positivamente.

– Ela está muito desidratada. Eles a colocaram no soro. O bebê está bem.

O bebê.

O bebê.

Minha mãe vai ter um bebê.

CAPÍTULO 31

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Segunda-feira, 7 de outubro 22:22:44
Assunto: A história inteira, parte 2

As leis de casamento são engraçadas. Se você quiser se casar, basta ir ao cartório, assinar alguns papéis e, em menos de quinze minutos, está casado.

Mas, se você quiser se divorciar, precisa esperar um ano. Mesmo que seu marido esteja na cadeia.

Meu pai foi condenado a dez anos, e uma parte inocente de mim imaginava realmente que minha mãe fosse esperar por ele. Como se num belo dia, depois que ele deixasse a prisão, nós fôssemos tomar um refri e os bons e velhos Jim e Abby continuassem de onde tinham parado. Como se ele não tivesse matado minha irmã e não nos tivesse feito sofrer o diabo.

Que eu saiba, minha mãe nunca visitou meu pai na cadeia. Eu com certeza não visitei. Pedi para vê-lo uma vez, depois que o choque e o entorpecimento tinham passado, e nossas vidas estavam começando a entrar nos eixos. Minha mãe olhou para mim como se eu tivesse acabado de dizer a coisa mais suja e podre que pudesse ter saído da boca de alguém. Ela me olhou como se quisesse me dar um tapa.

Depois ela disse:

– A gente nunca mais vai vê-lo.

Então ela foi para a cozinha e fumou um cigarro debruçada sobre a pia.

Senti como se eu também tivesse ido para a prisão.

Um ano depois, ela começou a namorar. Eu tinha acabado de começar o segundo ano, portanto estava um pouco alheio àquilo no início. Ela não fez

loucuras nem nada. Eu não sabia que ela estava realmente *namorando* até ela começar a trazer os caras para casa.

No início, aquilo parecia uma boa ideia. Depois que a Kerry morreu, minha mãe vivia no meu pé. Queria saber aonde eu ia, com quem eu estava, o que estava acontecendo na escola. Você pode imaginar como reagi a esse tipo de marcação. Um namorado significava que ela podia se ocupar com outra pessoa.

O que me surpreendeu foi ver como o gosto da minha mãe para homens era um *lixo*.

Dado o fato de que o meu pai acabou se tornando um herói, eu deveria ter imaginado.

O primeiro não durou muito depois de me conhecer. Talvez ele não visse problema na ideia, em teoria, de ter um enteado, ou talvez pensasse que garotos deviam ser como cachorros, que ele pudesse trancar numa jaulinha para quando não estivesse a fim de lidar com eles. De qualquer forma, ele não gostou muito do fato de eu não ser um poodle adestrado. Sempre que ele vinha para jantar, parecia irritado com meu atrevimento em me sentar à mesa para comer também.

No fim, minha mãe acabou me escolhendo, e ele saiu de cena.

O segundo durou um pouco mais, mas não muito. Só porque não costumava vir em casa com tanta frequência. Ele era super-rígido, super-religioso, e o jeito como ficava me olhando me deixava nervoso. Meu melhor amigo nem aparecia em casa quando o cara estava por lá. Não sei o que aconteceu para eles terminarem, mas uma vez minha mãe estava conversando ao telefone com uma amiga e o chamou de um “acidente evitado em cima da hora”.

O terceiro era gay, coisa que percebi assim que o conheci, mas que por algum motivo minha mãe levou algumas semanas para se dar conta. O número quatro escondia que estava desempregado. O namoro terminou quando ele pediu o cartão de crédito dela emprestado por um tempinho. Não porque ele pediu, mas porque ela lhe *deu* e ele acabou gastando 7 mil dólares antes de deixar a cidade.

Você deve ter percebido uma tendência, não?

O número cinco ainda estava casado. Minha mãe descobriu isso quando quis fazer uma surpresa e foi à casa dele, e acabou dando de cara com a tal esposa. Ela passou dias chorando, me dizendo que se sentia uma idiota.

Ela continuou trazendo esses caras para nossas vidas, e eles eram todos

errados. *Qualquer um* podia ver. Às vezes eu me pergunto se tem alguma coisa errada com a cabeça dela pelo jeito como ela confia nas pessoas que estão fadadas a desapontá-la.

Mas, pensando bem, ela confiou em mim, e olha aonde isso nos levou.

Na época em que ela me apresentou o número seis, eu já estava programado para odiar todos eles.

Infelizmente, dessa vez – como de costume –, minha mãe estava completamente apaixonada. Ele era um homem de negócios, portanto bem distante das unhas imundas e das mãos cheias de bolhas de um cara que passava o dia trabalhando com carros. Na verdade, o número seis fazia até pedicure, acredita? Eu tirava sarro da cara dele, com esperança de que isso ajudasse a acelerar o rompimento inevitável. Mas minha mãe amava aquilo. Ele a levava para restaurantes finos, usava sapatos engraxados e a deixava louca por ele.

No começo ele tentou me ganhar. Ele dava um tapinha no meu ombro e dizia algo do tipo:

– Ei, campeão, estou com uns ingressos de camarote para o jogo de hoje à noite dos Orioles. Que tal a gente ir lá ver?

Ah é, porque tudo em mim grita "fã de beisebol".

Recusei, porque sempre recusava as propostas dele.

Quando isso não funcionou, ele começou a bancar a figura paterna. Se uma professora ligava para casa, *ele* tentava cuidar disso. Ele me acusava de me comportar mal, de magoar intencionalmente minha mãe para atingi-lo. Ele começou a me odiar. Eu sentia.

Não que importasse. Era só uma questão de tempo até que a gente descobrisse a verdade. Talvez o cara acabasse se revelando um viciado em metanfetamina. Não fazia diferença. Eu sabia que não ia durar.

Infelizmente, durou. Eles ficaram noivos. Marcaram a data.

Ele me pediu para ser seu padrinho. Recusei.

– Pivete ingrato. Típico – ele disse.

Típico.

Estou tão furioso agora, lembrando. O desprezo na voz dele, a total e completa falta de consideração. Que bom que o telefone faz autocorreção, pois estou digitando tudo errado. *Pivete ingrato. Típico.*

Será que eu devia levantar as mãos para o céu porque mais um cara tinha aparecido para arruinar a vida da minha mãe? Aparentemente sim. Diferente dela, não fui baba-ovo dele, então ele me descartou. Ele fez esse retrato de

mim na cabeça dele, e foi isso. Era desse jeito que ele me via. É como ele me *vê*.

Depois, eu não fazia nada direito. Era eu que costumava aparar a grama, mas ele assumiu essa tarefa enquanto eu estava na escola, e ele cortava em um padrão de losangos que minha mãe achava o máximo. Ele tirava o lixo sem que ninguém pedisse, e ela começou a comentar como era bom ter um homem por perto para cuidar da casa. Antes, minha mãe me levava aos lugares, mas agora ela vai com ele para todo lado. Depois do incidente do padrinho, eu não queria ir a lugar nenhum com eles – mas eles também nunca convidavam.

Às vezes eu queria ter morrido no carro com a Kerry. Acho que teria sido mais fácil para a minha mãe. Ela teria a chance de começar do zero. Mas eu ainda estava por perto, atrapalhando.

Eles se casaram em maio.

Comemorei tentando me matar depois da cerimônia.

Não consegui. Evidentemente.

Mas agora, depois do que acabei de descobrir sobre minha mãe, eu gostaria de ter conseguido.

Estou sentada no escuro, olhando para o e-mail dele. Cinco minutos atrás, eu estava deitada no escuro, esperando que o sono afastasse meus pensamentos sobre o Declan e o Rev e sobre o que pode estar acontecendo com eles hoje à noite, quando meu telefone se acendeu.

Agora meu coração está acelerado e eu estou bem desperta.

A bolinha verde continua ao lado do nome dele. Uma vez ele conversou comigo por aqui. Será que consigo fazer o mesmo?

GC: Você quer conversar sobre isso?

Espero, mas ele não responde.

A adrenalina ainda está circulando nas minhas veias. Não sei o que fazer.

– Vamos lá – sussurro.

Queria ter como ligar para ele. Queria saber outro jeito de entrar em contato.

GC: Eu sei que você está on-line. Por favor, me diga se está tudo bem.

Nada.

GC: Você está me deixando realmente preocupada. A gente não precisa conversar, só me diga se você está aí.

Se você está aí, eu escrevo, porque não sou capaz de escrever *só me diga se você está vivo.*

Nada.

Olho para o relógio. São dez e meia, e meu pai já está na cama, mas não sei mais o que fazer. Vou ter de acordá-lo.

Afasto minhas cobertas, então o telefone se acende.

E: Estou aqui. Desculpa. Estava escovando os dentes.
GC: Que vontade de bater em você.
E: ???
GC: Eu estava realmente preocupada.
E: Minha noite não está sendo muito boa.
GC: Quer falar sobre isso?
E: Não.

Bom. Não sei o que falar.

Meu celular se ilumina de novo.

E: Minha mãe está grávida.
GC: Desconfio que você não queira receber parabéns.
E: Ela está grávida de quatro meses. Faz quatro meses que eles sabem e não me falaram nada.
GC: Talvez não tudo isso. Não dá para saber de cara.
E: Tá. Mas não foi hoje que eles descobriram.
GC: Ela está feliz?
E: Não faço ideia. Descobri sem querer. Eles não iam nem me contar.
GC: Eles teriam que te contar uma hora.
E: Isso deveria fazer eu me sentir melhor?
GC: Desculpa. Também tive uma noite esquisita.
E: Por quê? O que aconteceu com você?
GC: A gente não tem que falar sobre mim. Eu só queria saber se estava tudo bem com você.
E: Estou bem. Não quero falar disso. Por que sua noite foi esquisita?
GC: Também não sei se quero falar disso.
E: Por que não?

Porque é estranho falar com ele sobre o Declan. O que é ridículo. Mas, ao mesmo tempo, não é. É como falar para um garoto do qual você está a fim sobre outro de quem você também gosta, o que me parece beirar a traição. Ao mesmo tempo, o Escuridão é anônimo, e sinto que ele me entende como ninguém. É também estranho *não* conversar com ele sobre o Declan.

Isso tudo é estranho.

Estranho e viciante. Mordo meu lábio e digito devagar.

GC: Lembra quando eu te contei sobre o Declan Murphy?
E: Lembro.

Hesito, olhando para a tela. Andei pensando que o Rev poderia ser o Escuridão, mas, quando conheci os pais dele, percebi que as peças não se encaixavam. Já no caso do Declan…

Meu telefone se acende.

E: Você ainda está aí?
GC: Você nunca me disse se conhece ou não o Declan. Acabei de perceber que vocês têm muitas coisas em comum.
E: Que coisas?
GC: Vocês dois têm padrastos com quem não se dão bem. Você entende bastante de carros, e ele também.
E: Uau! Que perspicácia, Sherlock. Metade dos caras da nossa escola têm padrastos com quem não se bicam e, só do último ano, deve ter uns 60 garotos que fazem algum tipo de aula de mecânica.
GC: Estou vendo que vocês também compartilham o mesmo comportamento.
E: Chega de rodeios. Você quer saber quem eu sou?

Seguro a respiração. *Será que eu quero?*

Procuro reexaminar cada encontro com o Declan através dessa nova lente. As peças não se encaixam perfeitamente. Ele apareceu depois do baile, então talvez seja ele – mas por que ele não admitiria? Por que manter essa charada?

E o Escuridão sabe como a fotografia é um assunto difícil para mim. Hoje, no porão do Rev, o Declan pareceu genuinamente chocado quando eu disse que tirar a foto do anuário também tinha me afetado. Escuridão nunca mencionou qualquer problema com a lei, liberdade condicional ou algum tipo de serviço comunitário, mas sei que, por ordem do tribunal, o Declan precisa fazer *alguma coisa* depois do que ele aprontou na última primavera. Me dou

conta de que não sei todos os detalhes do caso dele além daquilo que ele me falou no carro. E nunca ouvi o Declan mencionar uma irmã – e nem o Rev. Pela dor nas palavras do Escuridão, dá para perceber que ela tem um grande peso em sua vida.

Por outro lado, acho que também não falei nada da minha mãe para o Declan.

Tirando isso tudo, será que eu *quero* saber quem é o Escuridão?

Se ele é o Declan Murphy, isso é bom? Eu não posso negar as faíscas de atração que senti mais cedo no porão do Rev – e mais tarde as faíscas de raiva, irritação, ódio e preocupação.

Ainda consigo escutar a rouquidão de sua voz. *Você está bem.*

Pouso minha cabeça no travesseiro. Ah, se ele é o Declan Murphy, o que isso quer dizer? Meu coração palpita loucamente, e nem me dou ao trabalho de fazê-lo desacelerar.

Mas então outro pensamento faz isso por mim.

Se ele *não* é o Declan Murphy, o que *isso* quer dizer?

Meu celular se ilumina.

E: Estou sentindo uma hesitação.

Dou uma risadinha. Já faz quase cinco minutos desde a última mensagem.

GC: Você deve ser vidente. Acho que a gente nem precisa dos telefones.
E: Na verdade achei que você talvez tivesse pegado no sono.
GC: Ainda estou aqui.
E: Você não respondeu à minha pergunta.
GC: Não sei. Eu não sei se quero saber quem você é.
E: Sem problema.
GC: Quer falar sobre sua mãe?
E: Não.
GC: Quer que eu deixe você dormir?
E: Não.
GC: Quer continuar conversando?
E: Sim.

Sorrio, fico vermelha e me aninho debaixo das cobertas.

Ele manda outra mensagem.

E: Conte da sua noite com o Declan Murphy.

Fico hesitante. Será que estou conversando *com* o Declan *sobre* o Declan? Minha cabeça dói. Digito.

GC: Não tem muito o que dizer. Semana passada, o sr. Gerardi me pediu para tirar fotos do Festival de Outono, aí eu fui lá e tirei. Uma das imagens pegou o Declan e o amigo dele de um lado e, do outro, algumas líderes de torcida fazendo uma coreografia.
E: Continue.
GC: O sr. Gerardi quer usá-la como capa do anuário. Contei isso para o Declan e ele surtou.
E: Por quê?
GC: Não sei. Ele gritou comigo e disse que não queria ter nenhuma lembrança deste ano.
E: Ele parece ser um otário. Estou aqui pensando se eu deveria ficar ofendido por você achar que eu sou ele.
GC: Às vezes ele é mesmo um otário. Mas eu também não reagi muito bem.
E: Por causa da sua mãe.
GC: É.
E: Você não acha que ela se orgulharia se soubesse que uma foto sua vai estar na capa do anuário?
GC: Não. Ela se orgulharia se eu tivesse tirado uma foto dos protestos de Baltimore que acabasse sendo publicada pela *Time* ou alguma outra revista do tipo. Ela dizia que a fotografia era um jeito de mostrar como o mundo realmente é.
E: Sim, mas em retratos instantâneos, certo?
GC: Certo…?
E: Um instantâneo é um momento. Quando eu estava pesquisando as fotos da sua mãe, acabei fuçando outras coisas. Encontrei uma imagem da Guerra do Vietnã em que um homem está atirando na cabeça de um prisioneiro. Você conhece?
GC: Sim. Ela é famosa.
E: Qual dos dois é o vilão?

Pestanejo e sento de novo. Sei exatamente de que foto ele está falando, porque ela é bem explícita. A *morte* de um homem é capturada nessa

imagem. Sinto vergonha em admitir não saber a história por trás da foto, apenas que foi fundamental para voltar a opinião pública contra a Guerra do Vietnã. Eu sempre achei que o "vilão" fosse o homem com a arma, porque… oras, porque ele estava matando uma pessoa. Mas eu não sei nada além daquele momento específico.

GC: Sempre achei que fosse o homem com a arma, mas agora não sei.
E: O homem com a arma era chefe de polícia. Ele estava executando o outro cara, comandante de um grupo terrorista. O cara tinha acabado de matar a família de um amigo do homem que aponta a arma. Inclusive algumas crianças.
GC: Não sei nem o que dizer. Acho que eu deveria saber disso.
E: Não se sinta mal. Estou lendo isso agora na Wikipédia.
GC: Mas não entendo o que isso tem a ver com a droga da foto do anuário.
E: Estou querendo dizer que uma foto é só isto: um momento. Não sabemos o que realmente está acontecendo com as pessoas da foto. E não sabemos o que está acontecendo com o fotógrafo. O que a torna importante é o que nós trazemos para a imagem: nossa hipótese de quem são o vilão e o mocinho. O que a faz importante é como nós nos sentimos ao olhar para ela. E uma fotografia não precisa ser sobre protestos, morte, fome ou crianças brincando em uma zona de guerra para causar impacto.
GC: Então, o que você está dizendo é que eu não deveria me incomodar que a foto vai estar no anuário.
E: Isso.
GC: Tá bom, então.
E: E estou dizendo também que você deveria se orgulhar dela.
GC: Você nem a viu.
E: Me manda.
GC: Não posso. Está na escola.
E: Bom, ela deve ser muito boa para a terem escolhido em vez de organizarem todos aqueles alunos em fila para formar as iniciais da escola.
GC: Obrigada.
E: Não há nada de errado em ser bem-sucedida em algo que sua mãe fazia. Mesmo que seja de um jeito diferente.

Essas palavras me atingem com tanta força que volto a cair sobre o travesseiro. Sinto meu peito doer com um aperto. Quero chorar. Eu *estou*

chorando.

Você está bem.

Fungo e me recomponho.

GC: Não há nada de errado em ficar bravo por sua mãe estar grávida.
E: Não estou bravo. Estou me sentindo… irrelevante.
GC: Você não é irrelevante.
E: Sou, sim. Quando ela se casou, mudou o sobrenome para o desse babaca. Agora não há nada que me ligue a ela. Somente a um homem jogado na cadeia.
GC: Não existe também nome algum me ligando à minha mãe, mas eu continuo conectada a ela. Sinto isso a cada dia.

Ele não responde. Espero mais um pouco, até que o suspense começa a me matar.

GC: Falei alguma coisa errada?
E: Não.
GC: Você está bem?
E: Não sei.
GC: Ela sabe o que você está sentindo?
E: Minha mãe?
GC: É.
E: Não.
GC: Talvez você devesse dizer para ela.
E: Acho que não.
GC: Aceite o conselho de quem não pode mais falar com a própria mãe. Você deveria dizer para ela tudo o que puder.

CAPÍTULO 32

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Terça-feira, 8 de outubro 06:22:23
Assunto: Mães

Minha mãe estava sempre em missão, por isso nunca tivemos muitas oportunidades para ter um “papo de garota”. Minha melhor amiga é muito próxima da mãe, elas conversam o tempo todo. Tenho inveja disso.

Minha mãe e eu poderíamos ter nos falado por e-mail, e isso acontecia às vezes, mas, quando eu era mais nova e estava aprendendo a escrever, ela me incentivou a lhe mandar cartas. Eu mandava, e ela respondia. Quando eu tinha 9 anos, receber uma carta com um monte de selos estrangeiros era o ponto alto da minha semana. Fiz um projeto no quinto ano em que tentei recolher selos do maior número possível de países, pelo simples fato de já ter mais de vinte em casa, na minha escrivaninha.

Mesmo depois de ter uma conta de e-mail e um celular, as cartas continuaram a toda. Comecei a escrever várias vezes por semana. Eu contava tudo para ela.

Agora vou lhe dizer uma coisa que nunca falei para ninguém.

Isto é tão difícil de digitar que estou tentada a apagar este e-mail inteiro.

Nas minhas cartas, às vezes eu mentia.

Sei que você não vai ter noção real do impacto disso, mas eu apaguei e redigitei a frase anterior sete vezes.

Agora oito.

Estou me forçando a continuar.

Eu mentia para a minha mãe.

As cartas dela eram cheias de grandes aventuras. Ela me contava sobre déspotas, tratados de paz, mísseis balísticos ou encontros com a morte. Nada nas cartas dela era inventado… ela tinha fotografias para provar.

"O Ian vai me mandar esta semana para a Malásia", ela dizia.

Ou "Vou ficar alguns dias a mais no Irã. O Ian quer que eu veja se consigo tirar algumas fotos dos manifestantes."

Ian era o editor dela, e às vezes eu tinha vontade de escrever de volta e perguntar se ele podia mandá-la numa missão para passar algumas semanas em casa.

Então eu mentia. Falava para ela que uma foto minha estava concorrendo a um prêmio da câmara municipal. Ou dizia que estava escrevendo um artigo para o jornal da escola, que iniciava uma investigação de algum tipo. Qualquer coisa para chamar a atenção dela.

Ela respondia direitinho, dizia tudo o que uma mãe deveria dizer, mas eu conseguia ler nas entrelinhas.

Tudo aquilo era insignificante.

É ainda mais insignificante agora, olhando para trás. Aquelas não eram nem mesmo *mentiras interessantes*.

Quem me dera ter lhe dito simplesmente a verdade.

Quem me dera ter lhe dito em tempo real, em vez de mandar cartas que levavam semanas para chegar.

Quem me dera ter lhe dito como eu me sentia, o tanto de saudade que eu tinha dela, e como o fato de ela ficar em casa, mesmo que só um pouquinho, teria sido para mim muito mais importante que todos os prêmios Pulitzer do mundo.

Acho que foi por isso que escrevi tantas cartas depois que ela morreu.

Eu daria tudo para poder dizer a ela alguma coisa verdadeira, qualquer coisa verdadeira, neste instante.

Então… Fale com a sua mãe. Diga o que você está sentindo.

E me informe dos resultados.

Bem que eu queria. Minha mãe ainda estava no hospital quando voltei da escola.

Precisei passar a noite na casa do Rev. Não que isso tenha sido um sofrimento, mas já tenho 17 anos. Eu poderia muito bem ter passado a noite sozinho. Não tenho que dormir no sofá dele só porque ninguém confia que não vou brincar com fósforos.

Por outro lado, considerando o estado mental em que eu me encontrava quando saímos do hospital, talvez ficar com o Rev tenha sido uma boa ideia.

Ontem à noite, o sono não veio por vários motivos.

Mandei mensagens para a Juliet – valeu a pena.

Conspirei com o sonolento Rev sobre como quero desconectar o tubo de combustível do Alan – valeu a pena.

Ouvi Babydoll chorando às quatro da manhã – não valeu a pena.

Fiquei preocupado que minha mãe estivesse recriando uma família sem mim – não valeu a pena.

Nesta manhã estou praticamente me arrastando entre uma aula e outra.

Quando entro na aula de inglês, a sra. Hillard está recolhendo os trabalhos dos alunos conforme eles passam pela porta. Não fiz a tarefa, pois não estava aqui para pegá-la – mas eu também nem olhei o outro poema que ela me deu na secretaria.

Passo por ela sem olhar e me jogo na minha carteira.

– Declan – ela me chama –, o que achou de "Invictus"?

Não preciso dessa encheção. Não preciso.

Espeto meu lápis no caderno.

– Não li.

Os alunos seguem entrando em fila, e ela continua recolhendo seus trabalhos, mas seus olhos estão cravados em mim.

– Por que não?

Porque sou irrelevante. Não preciso estar aqui.

Não posso dizer isso. Não posso dizer nada disso.

Baixo os olhos para o meu caderno e começo a rabiscar uma linha na margem. O movimento é casual, mas a tensão começa a serpentear na minha barriga, e sei que é só uma questão de tempo para que ela estoure e me faça sair desgovernado para o corredor, deixando um rastro de raiva pelo caminho.

Com um tapa, a sra. Hillard cola um *post-it* em branco na minha carteira. Dou um pulo. Não tinha visto ela chegar.

– Me diga por quê – ela fala.

Pego meu lápis, mas paro com a ponta sobre o papel.

Não posso contar para ela. Eu mal contei para a Juliet, e isso foi sem precisar ser encarado no meio de uma classe lotada.

A sra. Hillard não se move.

Queria que ela me deixasse em paz. Como se a porcaria de um poema fosse fazer alguma diferença na minha vida.

Ela ainda não abriu a boca, mas sinto que está esperando. Que saco. A esta altura, a classe inteira está esperando.

Ela me pediu para lhe dar uma chance. O que me custa fazer isso?

Rabisco algo rápido, dobro o *post-it* no meio e o entrego para ela.

Sinto o pânico me invadir por um segundo, pois eu não tinha considerado a possibilidade de ela ler em voz alta.

Mas ela não faz isso. Ela passa os olhos pelo que escrevi – *Minha mãe estava no hospital ontem à noite* – e tamborila seus dedos sobre o meu caderno.

– Entendi. Obrigada. Vamos seguir para um novo poema na classe, mas gostaria que você se concentrasse em terminar o exercício de ontem à noite, se não for um problema.

A bobina de tensão se desenrola um pouco, me deixando desnorteado. Preciso pigarrear.

– Claro.

– Bom – ela diz. Então ela se afasta e pede ordem para a classe.

Puxo a folha xerocada da mochila. "Invictus". Está um pouco amassada nas pontas, mas dá para ler o poema.

Solto um suspiro. Consigo avançar por duas estrofes, fácil. Pelo menos é curto.

Dez minutos depois, já o li três vezes.

Não consigo *parar* de lê-lo. As palavras parecem ter sido escritas para mim. Dois versos em particular ficam atraindo meu olhar.

"Sob as pancadas do acaso, minha cabeça sangra, mas permanece erguida."

Em outras palavras, a vida sabe encaixar um bom gancho, mas ela não vai me derrubar.

Mas são os versos finais que me pegam de jeito.

"Sou o senhor do meu destino, sou o capitão da minha alma."

Não lembro quando foi a última vez que me senti como o senhor do meu destino.

Sim, eu lembro. Em maio passado, atrás do volante da picape do meu pai. Quando aquela garrafa de uísque abriu um caminho a fogo pela minha garganta.

Nunca realmente liguei para um exercício antes, mas de repente sinto uma necessidade enorme de escrever.

Reviro minha mochila e acho uma caneta. Começo a colocar minhas ideias no papel, e é como se estivesse escrevendo para a Juliet. Pensamentos brotam

de mim.

Acabo fazendo bem mais do que dois parágrafos.

CAPÍTULO 33

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Terça-feira, 8 de outubro 11:42:44
Assunto: RE: Mães

Acho que o seu relacionamento com a sua mãe é bem diferente do meu.

Mas vou pensar.

Leio o e-mail dele a caminho do almoço, e é tão curto que não entendi qual é a energia aqui. Ele está bravo? Sinceramente contemplativo? Frustrado? Fechado?

Não sei se posso contar à Rowan, mas preciso da opinião dela.

Ouço o sinal de mensagem do celular. É ela.

RF: Não posso almoçar. Vou encontrar o prof p/ projeto da optativa de francês. Vc tá bem?

Bom, lá se vai meu plano. Respondo que está tudo bem.

O almoço é queijo-quente, vagem e fritada de batata. Já até sinto meus poros entupindo, mas não trouxe nada hoje, e a única alternativa é picolé.

Ando em direção ao fundo da cantina, com a intenção de ir para fora, sentar no pátio e me obcecar com os e-mails do Escuridão, mas avisto o Rev e o Declan sentados a uma mesa no canto. Bom, suponho que seja o Rev. Poderia ser qualquer outro cara com ombros largos e de capuz, mas duvido.

Os dois metros restantes de mesa estão vazios.

As últimas palavras que o Declan disse para mim ainda ardem em meus

ouvidos.

Faça o que quiser, Juliet. Não estou nem aí.

Vou até lá, largo minha bandeja na mesa e me jogo no banco ao lado do Rev, de frente para o Declan.

– Ei, Juliet – diz o Declan com a voz sarcástica de sempre. – Por que você não senta com a gente?

– Claro. Obrigada. – Estudo o conjunto de comidas espalhadas entre eles. Deve ter uns dez potes de plástico, cada um com um tipo diferente de alimento. O leque vai de frutas fatiadas a frios enrolados. – O que é tudo isso?

– A obsessão da minha mãe – responde o Rev. Ele arranca uma framboesa de um dos potes e a empurra na minha direção. – Sirva-se.

Vejo tomate e mozarela.

– É uma salada caprese?

Rev faz que sim e a abre.

– Ela sempre faz comida para um batalhão.

Coloco um pouco no meu prato e o Rev sacode a cabeça.

– Pega tudo.

Empurro o queijo-quente e viro o pote todo, bem ciente da presença do Declan. Ele não abriu a boca desde que sentei, mas seu olhos ensombreados seguem todos os meus movimentos. Ele parece cansado.

Espeto um tomate.

– Como sua mãe está?

Ele gira uma garrafa d'água na sua frente.

– Ela vai voltar para casa hoje à tarde.

– Foi mesmo só uma desidratação?

– Foi o que me disseram.

Não sei o que pensar disso, então levanto a cabeça. Tal como ontem à noite, tento repassar o que sei sobre o Escuridão e o que sei sobre o Declan Murphy, e nem tudo se encaixa. Seus olhos encontram os meus. Não consigo decifrar sua expressão, um misto de desafio, frustração e interesse.

Não faço ideia de como está o meu próprio rosto, mas minha pulsação acelera um pouco.

Sinto que preciso limpar a garganta.

– Então você vai poder vê-la quando chegar em casa.

– Talvez. Nas terças à noite tenho serviço comunitário.

Ainda não consigo captar seu humor, mas é óbvio que ele não está

querendo falar sobre a mãe.

– E como que é isso? Você faz placas de carro ou algo do tipo?

– Não. – Ele parece incomodado com a pergunta, mas não quer demonstrar. – Eu guio um cortador de grama. Às vezes, se eu me comporto bem, eles me deixam usar uma roçadeira.

– Por quanto tempo você precisa fazer isso?

Ele bufa.

– Para sempre.

– Noventa horas – Rev diz.

– Seriam cem – Declan explica –, mas tenho crédito por tempo cumprido.

– Não sei o que isso…

– Talvez eu devesse te passar o telefone do meu agente da condicional – ele diz, seco. – Ele pode responder a todas as suas perguntas.

Ah. Pouso meu garfo na mesa.

– Desculpa.

Ele faz uma careta e empurra a comida de lado.

– Não, eu que peço desculpas. – Ele esfrega os olhos. – Dormi pouco esta noite… Estou sendo um babaca. Você pode perguntar.

Garfo um cubo de mozarela e me indago se ele vai ser totalmente sincero ali no meio da cantina.

– Te botaram na prisão?

– Sim.

– Deu medo?

– Não. – Ele hesita e dá um gole em sua garrafa d'água. Sacode a cabeça, e sua voz sai grave e rouca. – Sim. Especialmente depois que fiquei sóbrio e percebi que ninguém tinha se dado ao trabalho de me tirar dali.

Ao meu lado, Rev fica imóvel, sem dizer nada. Em silêncio, ele pega algumas uvas-passas de um pote; cada movimento seu parece bastante calculado.

Olho de volta para o Declan.

– Quanto tempo você ficou lá?

– Duas noites. Precisei esperar por uma audiência para a fiança. Eles iam me julgar como adulto.

Ergo bastante as sobrancelhas.

– Sua mãe te deixou lá?

– Deixou. – Ele encolhe os ombros de leve. – Talvez o Alan a tenha obrigado a fazer isso. Não sei, e não tenho certeza do que me faria sentir

melhor: saber que ela tomou sozinha a decisão ou que deixou outra pessoa tomar por ela.

Não sei o que comentar.

Os olhos intensos do Declan continuam apontados para mim.

– Daí você pode entender o motivo de eu não querer uma lembrança permanente deste ano.

Ele está se referindo à fotografia.

– Vou dizer para o sr. Gerardi que você não quer a foto na capa.

– Não coloque toda a culpa em mim – Declan adverte. – Você não a quer ali tanto quanto eu.

– Verdade – concordo. – Não quero mesmo.

– Certo.

– Certo.

– Mas eu quero – Rev diz.

Nós dois olhamos para ele.

– O que foi? – ele pergunta. É a primeira vez que o vejo parecer irritado. – Não tenho direito de decidir também? – Ele levanta e joga os potes dentro da sua sacola de neoprene, incluindo o pote do qual o Declan estava comendo.

Declan se endireita, parecendo perplexo.

– Rev?

Rev parece estar com vontade de jogar a mesa para o alto.

– Ninguém se deu ao trabalho de tirar você de lá?

– Quê?

– Você já parou para se ouvir às vezes? – Rev se debruça na mesa. – Eu teria ido lá tirar você. A Kristin teria ido. O Geoff. Mas você não pode ir para a prisão sentindo pena de si mesmo, não telefonar para ninguém, e depois agir como se fosse um mártir.

As mãos do Declan apertam a borda da mesa.

– Qual é o seu problema?

– Você fez as escolhas que te colocaram ali – Rev fala. – Pare de agir como se fosse a porra da vítima. Você quer odiar o ano inteiro? Tá certo. Mas 25 de maio foi só um dia. Sobram ainda 364.

Nisso ele se vira e dispara dali.

Declan faz uma cara furiosa.

– Eu sou a vítima? – ele grita. – Quem é que se esconde debaixo de um moletom num calor de quase trinta graus?

Rev não para. Declan fica assistindo, mas não o segue. Sua respiração está

acelerada.

Fico paralisada na cadeira, meu coração sapateia no meu peito. Meu cérebro empacou três frases atrás.

Preciso de um tempo para conseguir usar minha voz, e, quando ela sai, é só um sussurro rouco.

– O que tem 25 de maio?

Isso leva a atenção de Declan de volta para mim.

– Juliet…

– O que tem 25 de maio? – repito, exigindo uma resposta.

Não acho que esteja falando alto, mas a essa altura atraímos os olhares dos alunos em volta, e o silêncio já está se espalhando.

Declan engole em seco.

– É o dia em que arrebentei a picape do meu pai.

– O dia em que você ficou bêbado? O dia em que você apagou e entrou num prédio? – Estou gritando e não consigo parar para respirar. – O dia do qual você mal se lembra?

Ele não fala nada. Sinto como se o meu peito estivesse desabando. O lugar começa a rodar.

Uma mão segura o meu braço.

– Juliet. Juliet. – Uma voz masculina familiar está falando comigo, mas minha visão apagou.

Vinte e cinco de maio.

O dia em que minha mãe foi morta em um acidente seguido de fuga.

CAPÍTULO 34

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Terça-feira, 8 de outubro 15:21:53
Assunto: Preciso saber

Você é o Declan Murphy?
Se você for, não sei se posso continuar falando com você.

Vou ficar louco.

Ela deve ter mandando esse e-mail assim que acabou a aula, porque o sinal de saída bate às 15h20.

E ela deve ter dirigido direto para o cemitério. Ela está sentada em frente à lápide da mãe dela, escrevendo alguma coisa à mão.

Sei disso porque a estou observando neste instante.

Ela não consegue me ver. Não estou lá ao ar livre. Não sou tão corajoso assim. Não, estou no barracão de máquinas, nas sombras, à espreita, como um desses perseguidores obcecados. O Melado está lá enrolando, e também não me viu ainda.

Não sei o que ela fez pelo resto do dia na escola, mas sei o que eu fiz: fiquei sentado no fundo de todas as aulas, repassando aquela noite na minha cabeça. O casamento. O uísque.

O impacto. Os policiais.

Só fiquei no carro por quinze minutos. Isso está documentado. Deixei o casamento às 20h01, e bati nos pilares do prédio de escritórios às 20h16.

Quinze minutos.

Isso não me parece tempo suficiente para destruir a vida de outra pessoa

além da minha.

Os policiais não são burros, certo? Eles teriam juntado as peças, não é?

Eu sabia a data. Eu *sabia*. Foi assim que começou! Eu li a carta sentado no túmulo da mulher.

Fico pensando nesses caminhos e me pergunto se os nossos – o meu e o da mãe dela – foram programados para se cruzarem tão perfeitamente. Para colidirem tão perfeitamente.

Isso não me faz ser melhor que o meu pai. Isso me faz ser *pior* que ele.

Por que não fui bem-sucedido no que quis fazer? Meu caminho devia ter chegado ao fim. Afinal de contas, esse foi o motivo de eu ter pegado a picape. Funcionou para a Kerry. Devia ter funcionado para mim.

Teria sido tão melhor para todo mundo.

Preciso cair fora daqui. Preciso ir para casa. Não posso ir para lá.

Naquela noite não atropelei ninguém. Não machuquei ninguém.

Eu sei que não.

Tenho quase certeza.

Não tenho certeza de nada.

Estou passando mal. Vou vomitar aqui mesmo no gramado.

Será que eu matei alguém? Será que eu matei a mãe dela?

Preciso do Rev. Preciso falar com o Rev.

MAS ELE NÃO ATENDE O TELEFONE.

De qualquer forma, tento outra vez. Meus dedos estão suados, e não consigo fazer a tela funcionar. Um barulho escapa da minha garganta, e arremesso o telefone no gramado.

Estou enlouquecendo. Pressiono os dedos nos meus olhos. Minhas mãos estão tremendo.

– Murph? – O Melado está na minha frente, me observando com olhos preocupados. – O que está acontecendo com você, cara?

– Tenho que ir. – Minha voz soa como se eu estivesse sufocando. – Não consigo fazer isso.

– O que está acontecendo?

Viro de costas e começo a andar na direção da passagem que leva ao estacionamento dos funcionários. Cada passo que dou é como se estivesse me movendo em areia movediça, mas, em vez de ser tragado pela terra, estou sendo rebocado de volta para a Juliet.

Eu preciso dela. Agora mais do que qualquer outra coisa. Eu preciso dela.

E, por causa de tudo que há entre nós, não posso tê-la.

O Melado continua ao meu lado.

– DÉQUI-lan. Fala comigo.

Encontro meu carro e me atrapalho com as chaves. Duas vezes. O pino de aço se recusa a deslizar para dentro da fenda.

Grito e esmurro o carro com as chaves na mão. Dentes de aço mordem a minha palma, e escuto o metal guinchar.

– Ei, ei. – O Melado segura meu braço. Ele é mais forte do que eu imaginava. – Fale comigo. Você está doidão, garoto?

– Nossa. Não. – Apoio minha testa no teto do carro. Eu bem que queria *estar*. – Preciso cair fora daqui, Frank. Por favor, me deixe ir.

Ele respira fundo, e já estou pronto para as advertências sobre eu não cumprir meu serviço comunitário, sobre a juíza ser avisada disso, sobre eu ser mandado de volta para a cadeia.

– Tá bom – ele diz. – Você dirige. Eu vou escutando.

«»

Eu dirijo, mas não falo. Há algo tranquilizante em estar atrás do volante de um carro, e consigo entrar no ritmo da embreagem e do zumbido da estrada. No começo dou algumas voltas pela vizinhança do cemitério, pois estou certo de que o Melado vai me dizer que já chega, que eu preciso me recompor e voltar.

Ele não diz nada.

Então sigo mais longe a leste, na junção com a estrada, até nos aproximarmos da ponte sobre a baía de Chesapeake. Vou precisar desembolsar seis paus para o pedágio, pois não quero parar.

– Pegue a saída para a avenida Jennifer – ele orienta.

Já estou dirigindo há vinte minutos e essa é a primeira palavra pronunciada nesse meio-tempo.

– Por quê?

– Quero dar uma parada no hospital.

Minhas mãos agarram o volante com mais força.

– Não preciso ir a hospital nenhum.

– Quem está falando de você? Já que estamos aqui, quero dar um oi para a minha esposa.

Aquilo atravessa meu egoísmo. Meus olhos voam para ele.

– Sua mulher está doente?

Ele balança negativamente a cabeça.

– Ela trabalha lá. Quero lhe fazer uma surpresa.

Eu não tinha mesmo um destino em mente. Dou seta e pego a saída.

Ao parar no estacionamento, não desligo o motor.

O Melado desafivela seu cinto e dá um tapinha no meu braço.

– Vamos, Murph.

– Vou esperar aqui.

– Por quê? Você é bom demais para conhecer minha mulher? Saia do carro, garoto.

Meus nervos estão em frangalhos. Eu o encaro.

– Não estou no clima para isso.

– Você está no clima para quê?

Estou no clima para me arrastar para baixo do carro e me esconder ali para sempre.

As palavras do Rev ficam ecoando na minha cabeça. *Pare de agir como se fosse a porra da vítima.*

As palavras me atingiram como um tiro num colete à prova de balas, e ainda estou dolorido do impacto. Acho que nunca o tinha ouvido falar um palavrão.

Puxo o freio de mão, tiro a chave e saio do carro.

– Como você quiser. Mostre o caminho.

O hospital está tão cheio quanto ontem. Passamos pela entrada principal e vemos pessoas andando em todas as direções. As que estão de uniforme ou de jaleco branco andam um pouco mais rápido. Há um cara dormindo em um dos sofás da sala de espera, e uma grávida imensa está encostada na parede ao lado do elevador. Ela está agitando um copo de plástico com uma bebida dentro. Aquele bebê está dando trabalho para a camiseta dela. Em algum lugar do corredor, uma criancinha faz birra. Os gritinhos ecoam.

Também estamos indo para a área dos elevadores. O Melado não é um desses caras que insistem em apertar um botão que já está aceso. Ele sorri e dá boa-tarde para a grávida, mas eu não consigo desviar os olhos de sua barriga inchada.

Minha mãe vai ficar assim.

Minha mãe vai ter um bebê.

Meu cérebro ainda não conseguiu processar isso.

De repente, o abdome da mulher se contorce e se move. É algo impressionante. Meus olhos voam para cima e encontram seu rosto.

Ela ri da minha cara.

– Ele está tentando achar uma posição confortável.

A campainha do elevador toca e todos entramos. A barriga dela continua se mexendo.

Percebo que estou agindo feito um maníaco, mas essa é a coisa mais bizarra que já vi. Não consigo parar de olhar.

Ela ri de novo, baixinho, então se aproxima.

– Vem. Você pode sentir.

– Não, tudo bem – me apresso em dizer.

O Melado dá uma risadinha abafada e eu faço uma cara feia para ele.

– Não são muitas as pessoas que têm a chance de tocar um bebê antes de ele nascer – ela fala com um tom de provocação. – Você não quer ser um dos poucos escolhidos?

– É que não estou acostumado com mulheres desconhecidas me pedindo para tocá-las – explico.

– Este é o meu quinto – ela diz. – Já não tenho crise com gente desconhecida tocando em mim. Toque. – Ela puxa meu pulso e coloca minha mão bem em cima da contração.

A barriga dela é mais firme do que eu esperava, e estamos perto o bastante para que eu possa olhar bem debaixo da sua camiseta. Estou dividido entre puxar minha mão de volta e não querer ser grosseiro.

Então o bebê se mexe sob a minha mão, uma coisa firme empurrando bem debaixo dos meus dedos. Arquejo sem querer.

– Ele disse "oi" – a mulher brinca.

Não paro de pensar na minha mãe. Tento imaginá-la assim, mas não consigo.

Tento vê-la me incentivando a tocar no bebê, e não consigo.

Quatro meses.

A campainha do elevador toca.

– Vamos, Murph – o Melado me chama.

Olho para a mulher grávida. Não tenho ideia do que lhe dizer. Obrigado?

– Comporte-se – ela diz, e dá um gole em sua bebida.

O elevador se fecha e ela desaparece.

O Melado anda a passos largos, e preciso correr para alcançá-lo. Agora estamos em um andar de pacientes, onde as paredes são brancas e as conversas, sussurradas. Monitores apitam por toda parte. Ainda estou com minhas roupas da escola, por isso não estou tão sujo, mas ele passou o dia

inteiro no cemitério… Estou esperando aparecer alguém para enxotá-lo.

Uma médica magra e de cabelo escuro está digitando em um computador embutido na parede. Frank caminha até ela, a faz se virar e nem espera para que ela expresse sua surpresa antes de lhe dar um beijo nos lábios.

Realmente, hoje as pessoas tiraram o dia para me deixar desconfortável de todas as maneiras possíveis.

Viro de costas, tentando encontrar alguma outra coisa para olhar. Os enfermeiros. Os desenhos de giz de cera colados ao longo do posto de enfermagem.

Agora eles estão conversando em espanhol. Eu os observo meio sem graça. Fico imaginando a conversa.

O que você está fazendo aqui?

Nada de especial. Estava por perto.

Quem é o esquisito?

É só um assassino que ainda não foi preso.

Sinto outro nó no estômago. Eu não deveria estar aqui.

Mas também não sei onde mais eu deveria estar.

– DÉQUI-lan. Esta é a Carmen.

Volto para a realidade e estendo uma mão, agindo no piloto automático.

– Oi, Declan. – Ela sorri para mim. Em seu jaleco branco se lê *Dra. Melendez* do lado direito do peito, mas quando ela fala em inglês não há sinal de sotaque. – É você o garoto com quem a Marisol vive me falando que vai se casar?

Tusso.

– Bom. Você sabe. A gente está indo devagar.

O sorriso faz os olhos dela pestanejarem.

– O Frank estava me contando que veio de carona no carro que você mesmo reconstruiu. Impressionante. Eu achava que essa era uma arte em extinção.

– Nem… Não acho que isso vai sumir.

– Minha vizinha disse que você descobriu o problema do carro do marido dela em menos de trinta segundos. É um talento e tanto.

Encolho os ombros, sem saber o que dizer.

– Acho que eu tenho jeito para a coisa.

Uma enfermeira passa e coloca a mão no ombro da dra. Melendez.

– Desculpe interromper – ela diz baixinho. – Você me pediu para avisar assim que saíssem os resultados do 221.

O Melado pigarreia.

– Vamos te deixar trabalhar.

– Fiquei feliz por você ter dado uma passada. – Ela lhe dá outro beijo, dessa vez menos caloroso. – Foi um prazer te conhecer, Declan.

– Foi um prazer te conhecer também.

Então voltamos para o elevador. Depois para o carro. Pegamos a avenida Jennifer.

– Fomos até lá para você dar um beijo nela? – pergunto.

Ele dá de ombros.

– O que mais tínhamos para fazer?

Cortar a grama de metade do cemitério. Mas não digo isso. Dou uma olhada para ele.

– A gente acabou passando mais tempo com aquela grávida esquisita.

– Talvez um dia você ame uma mulher o bastante para que um beijo valha qualquer sacrifício.

Esse pensamento me faz paralisar. Não sei bem por quê, mas estou me sentindo entre emburrado e encabulado. Fico esperando que ele me diga para voltar ao cemitério, porém nenhum de nós fala qualquer coisa.

Não sei para onde mais posso ir, mas sei que não estou pronto para voltar para lá. Especialmente se a Juliet ainda não tiver ido embora. Quando paro no semáforo com a Rota 50, o Melado se vira para mim.

– Com fome?

– Não.

– Tem certeza? É por minha conta.

Olho para ele.

– Como assim? Você fica uma fera se dou uma olhadinha no celular durante o horário de trabalho e agora quer parar para jantar?

Ele dá de ombros. Seguimos em frente.

– Quem é aquela garota? – ele enfim pergunta.

– Que garota?

– A que você estava olhando.

Seria melhor se ele tivesse me dado um soco nas costelas. Meu peito desmorona um pouco, pensando na Juliet.

– Ninguém. Ela é da escola.

– Ela costumava vir sempre. Ultimamente não a tenho visto muito.

Juliet. Ah, Juliet.

Consigo ver a primeira carta dela na minha cabeça. As palavras tão

repletas de dor que me inspiraram a respondê-la.

Dá para ver no rosto da menina. Sua realidade está sendo despedaçada, e ela sabe disso.

A mãe dela morreu, e ela sabe.

Essa foto tem sofrimento.

Toda vez que eu a vejo, penso: "Você sabe exatamente como essa menina se sente".

Será que eu causei aquilo?

– A mãe dela morreu. – Minha garganta está se fechando, por isso minhas palavras saem roucas.

– Ah. Que triste.

Minha visão fica embaçada e anuviada; só um pouco, apenas o suficiente. Ainda bem que não estou na estrada.

– Ela morreu num acidente seguido de fuga. Na mesma noite em que eu fiquei bêbado e bati a picape do meu pai.

Eu o vejo fazer as mesmas conexões que nós todos fizemos mais cedo. Sua voz é baixa.

– Você estava envolvido?

Sinto um aperto tão forte no peito que não consigo falar. Dou seta com força e entramos num estacionamento em frente a um centro comercial. Assim que puxo o freio de mão, não sou capaz de olhar na cara dele.

Cruzo os braços com força sobre o meu estômago, como se eu pudesse aliviar essa dor de algum jeito.

– Eu não sei.

– Mas você está preocupado achando que sim?

– Eu não sei. Não sei o que estou sentindo. Não consigo entender nada.

Ele fica quieto por um instante. Escuto minha respiração, tentando estabilizá-la.

Ao falar, sua voz sai grave.

– Você não tem que entender isso sozinho, sabia?

– É coisa demais. Agora está muito complicado.

– Minha mulher pode ser a médica, mas eu não sou burro, Murph. Experimenta me dizer.

Respiro fundo, pronto para tratá-lo mal… mas, em vez disso, conto tudo para ele.

Começo do início, com as cartas na lápide, em como começamos a escrever um para o outro. Conto para ele tudo o que disse e tudo o que não

disse para a Juliet, e descrevo como se tornou difícil manter duas narrativas diferentes da minha vida. Conto para ele sobre a noite em que a encontrei no acostamento da estrada, e como ela parecia tão convicta de que eu não estava ali para ajudá-la – e sobre minha vontade de deixá-la continuar acreditando naquilo.

Conto para ele tudo sobre o meu pai, sobre a oficina, e sobre ter dirigido para ele escondido. Conto para ele sobre a Kerry e como ela morreu.

Conto para ele sobre a minha mãe e o Alan, e sobre como eu me tornei um estranho na minha própria casa. Conto para ele sobre a gravidez que eles esconderam de mim, e como todas as ações que tomaram fizeram minha mãe se aproximar de uma pessoa que vai desiludi-la.

Conto sobre o dia do casamento. Sobre a garrafa de uísque. Sobre a batida, a cela da prisão e os comentários murmurados pelo Alan de que estou ficando igual ao meu pai. Conto o quanto eu queria desesperadamente que tudo tivesse acabado ali mesmo.

O Frank é um bom ouvinte. Ele não interrompe e não abre a boca, exceto para fazer uma ou outra pergunta, esclarecendo algum ponto.

Por fim, conto sobre o almoço de hoje, sobre como o Rev me atacou, e como a Juliet precisou ser levada para a enfermaria depois de ter descoberto a data em que detonei a picape.

Quando termino, a escuridão começa a se arrastar sobre os prédios ao longo da Rota 50. Eu me sinto esvaziado e exausto.

– Quanta coisa – ele diz assim que fico quieto.

Faço que sim com a cabeça.

– Eu sabia a data – digo, achando mais fácil falar agora que estamos na escuridão. – Foi a primeira coisa que reparei na lápide dela. Mas eu não sabia como ela tinha morrido. Isso apareceu depois. Bem depois. E eu não tinha juntado as coisas até hoje.

– Mas você se lembra de ter batido em outro veículo?

– Eu mal me lembro de ter entrado no carro.

Ele faz uma expressão pensativa.

– Você sabe onde a mãe dela morreu? Ou a que horas?

– Não. – Hesito. – Sei que ela estava a caminho de casa, vindo do aeroporto. No começo da noite.

– Onde você bateu? Os caminhos de vocês cruzavam?

– Na avenida Ritchie. Não faço ideia.

– Mas tudo isso aconteceu no mesmo condado?

– Sim, eu acho.

Ele esfrega o queixo.

– Oras, a polícia não é incompetente, Murph. Se vocês sofreram um acidente no mesmo condado, em um horário próximo, tenho certeza de que eles teriam investigado você como o possível responsável por um acidente seguido de fuga. Especialmente se uma mulher morreu.

– A picape ficou destruída. Eles tiveram que cortar as ferragens para me tirar. Minha mãe falou que a única coisa que me salvou foi o cinto de segurança, por causa do jeito como o pilar de tijolos caiu sobre o *air bag*. Talvez eles não soubessem dizer se eu bati em outro carro.

– Ainda há outros jeitos de saber. Marcas de tinta, coisas assim. Você nunca viu esses programas de crime?

Pela primeira vez no dia, um pouco do peso do meu peito diminui.

– Sério?

– Sim, sério. – Ele faz um breve silêncio. – Você provavelmente pode fazer uma pesquisa sobre a mãe dela. Um acidente fatal seguido de fuga deve ter saído nos noticiários. É capaz de terem dito o tipo de carro que causou o acidente, ou pelo menos a cor.

Sua explicação é tão razoável, tão trivial, que tenho vontade de chorar sobre o volante e depois sair dando cambalhotas pelo estacionamento.

Mas não faço nada disso.

Ainda tem mais.

– Você se importa se eu der a minha opinião? – Frank pergunta.

Faço que não com a cabeça.

– Pode começar a voltar – ele fala. – Vou falando.

Engato a marcha.

Ele não me faz esperar.

– Acho que a sua mãe e o marido dela agiram errado em esconder a gravidez de você por todo esse tempo, se fizeram isso intencionalmente. Mas, pelo que você me contou dos adultos na sua vida, isso não me surpreende tanto.

– Não entendi o que você quer dizer.

– Estou dizendo que seus pais te decepcionaram quando você era novo, e eles parecem continuar fazendo isso.

Olho de relance para ele enquanto volto para a via principal.

– Continuo não entendendo.

– Droga, garoto. – Pela primeira vez, ele parece genuinamente irado. –

Você não tinha nada que ser o motorista do seu pai. Sua mãe não devia ter deixado isso acontecer. Ela não devia ter deixado você pensar que foi sua culpa. Não consigo me imaginar esperando que a Marisol algum dia acoberte algo desse tipo. E, mesmo que eu esperasse, não consigo imaginar Carmen deixando isso acontecer, que dirá se repetir. Você disse que não sabe como se desculpar com sua mãe pelo que você fez na noite do casamento dela… Por acaso ela já te pediu desculpas pelo que ela fez?

Sacudo a cabeça com força.

– Ela não pediu… É complicado.

– Não, não é complicado. Aquilo foi um crime, e, na minha opinião, sua mãe é tão responsável quanto seu pai. – O sotaque dele fica mais carregado conforme sua raiva aumenta. – Você tem sorte de não ter morrido. Você era uma criança, Murph. Você *ainda* é, mas ela está deixando você andar por aí carregando essa culpa. Quer saber por que eu acho que ela não visita o seu pai? Porque ela não quer encarar a própria responsabilidade. A meu ver, ela deveria estar ao seu lado cortando a grama do cemitério. – Ele se interrompe e solta um palavrão em espanhol.

Mantenho o carro na minha faixa da estrada, mas por dentro estou rodando na pista. Ninguém nunca falou a meu favor desse jeito. Jamais. Estou acostumado com as pessoas me botando para baixo, não saindo em minha defesa.

Ainda que estejamos sozinhos no carro, isso faz diferença.

– Não é só culpa dela – falo por fim. – Quando a Kerry morreu… Acho que isso a matou um pouco por dentro.

– Ela ainda tinha você.

– Isso não é bem um prêmio de consolação. Eu não sou fácil de conviver. – Vacilo um pouco. – E eu arruinei o casamento dela. Acho que eles jamais vão me perdoar por isso.

O Melado grunhe. Ele ainda está puto.

Isso me faz sorrir, só um pouquinho.

– Obrigado – eu falo.

Ele assente, mas mais como se ainda estivesse pensando.

– Seu padrasto sabe de tudo isso que você me contou?

Eu bufo.

– Provavelmente.

– Mas você não tem certeza?

– Que diferença isso faz?

Ele olha para mim com uma expressão dura.

– Essa é uma questão importante, Murph.

Abro minha boca para explodir… mas então me dou conta de que ele tem razão. Tento repassar tudo o que sei sobre o Alan, imaginando todas as nossas interações sem que ele soubesse meu papel na história da nossa família. Minha mãe e eu nunca conversamos sobre isso. Nem uma única vez. Lembro como eu lutava para tirar notas boas, como se um dez em uma prova pudesse de alguma forma compensar o meu fracasso em proteger a Kerry e o meu pai. Como eu mantinha meu quarto impecável. Como fazia todas as minhas tarefas de casa. Como evitava dar qualquer dor de cabeça para ela.

Lembro que ela sequer percebia isso. Tanto que parei de me importar.

Na época em que o Alan entrou nas nossas vidas, minha mãe e eu orbitávamos em planetas diferentes. Não faço ideia do quanto ela lhe contou sobre o que aconteceu.

De qualquer forma, não sei se faz diferença. Eu não posso desfazer o que fiz. Nenhum de nós pode.

– Eu concordo com a sua amiga – o Melado diz. – Acho que você deveria falar com a sua mãe.

Aquilo arranca o sorriso do meu rosto.

– Não sei o que dizer para ela. – Olho para o relógio no painel. – Provavelmente vou levar um baita esporro por estar fora de casa depois do serviço comunitário.

Ele puxa o telefone do bolso.

– Me passa o número deles. Vou ligar e explicar que você está trabalhando até mais tarde.

Outro peso sai do meu peito. Ele liga, e acabou. Não estou mais enrascado.

É tão simples. Penso na sra. Hillard olhando para mim. *Se você tiver um problema, é só me falar*. Ou no jeito como ela aceitou minha explicação e me deixou terminar o exercício em classe.

– Aquele *foi* só um dia – Frank fala ao desligar. – Mas você não vai conseguir acertar as coisas com sua mãe e o marido dela se continuar nesse caminho, certo?

A menção ao Alan torna meus pensamentos sombrios.

– Eu nunca quis acertar as coisas com eles. – Eu me detenho, e minha voz sai bem baixa. – Eu queria ter sumido. Eu ferrei com tudo.

– Não sei, Murph. – Fazemos a curva para entrar no cemitério, e ele hesita, como se não tivesse certeza do que dizer a seguir. – Eu me pergunto se você

não fala isso só para tentar se convencer.

Faço uma careta.

– Quê?

– Não acho que você queria se matar.

Paro ao lado do carro dele no estacionamento agora vazio.

– Você não ouviu tudo que eu acabei de contar?

– Sim, ouvi. Talvez você quis *tentar* se matar, mas não acho que você queria de verdade.

– Qual a diferença?

Ele abre a porta e sai, ficando ali de pé, baixando o olhar para mim.

– Você usou o cinto de segurança.

Cravo meus olhos no painel escuro. Não sei o que responder.

– Quer vir me ajudar amanhã à noite? – ele pergunta. – Vou ter que trabalhar dobrado para terminar estes dois setores aqui.

Gosto do jeito como ele está perguntando. Não é uma ordem. Estou livre para recusar.

Faço que sim.

– Passo aqui depois da aula. A gente termina.

– Obrigado, Murph – Ele fecha a porta, me deixando ali com um pouquinho menos de escuridão do que quando cheguei.

CAPÍTULO 35

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Terça-feira, 8 de outubro 21:12:44
Assunto: Direct Message

O que aconteceu? Você está bem?

Às nove e meia meu pai bate à porta, e fico tentada a fingir que estou dormindo em vez de aqui sentada, olhando compenetrada para o meu celular.

Minha luz ainda está acesa e, se eu não responder, ele vai entrar para ver se estou bem.

– Pode entrar – grito.

Ele abre só uma frestinha da porta.

– Você quer companhia?

Não. Quero me arrastar para baixo da minha cama e dormir ali por um mês.

Fiquei sentada em frente ao túmulo dela por horas, tentando escrever uma carta.

As palavras não vinham.

Eu não sabia o jeito certo de dizer *Desculpe por ter ficado a fim de alguém que talvez tenha te matado.*

Sinto um nó na garganta antes que perceba. Se o destino fosse uma pessoa, eu daria um soco na cara dele.

Meu pai me observa, preocupado.

– Juliet?

Esfrego meus olhos. Sei que a intenção dele é boa, mas não posso fazer o

lance pai-filha hoje à noite. Minhas emoções estão um caco, assim como minha voz.

– Estou bem cansada, pai.

– Tá bom. – Ele assente. – Achei que seria mesmo muito tarde. Vou dizer para eles que você está dormindo. – Ele começa a fechar a porta.

Eles?

Meu primeiro pensamento é o Declan e o Rev, e meu coração bate quatro vezes mais rápido.

– Espere! – Levanto rápido da cama. – Tem gente aqui?

Ele franze a testa.

– O que achou que eu quis dizer quando perguntei se você queria comp…

– Eu não tinha entendido. – As palavras disparam da minha boca. Sinto como se tivesse tomado uma dose de adrenalina e um café expresso ao mesmo tempo. Talvez o Declan esteja aqui para se explicar. Para se desculpar. Para me convencer de que existe uma maneira plausível de a sua certidão de antecedentes criminais não ter nenhuma relação com a minha mãe.

Eu não deveria estar tão animada com a ideia de ele vir aqui, mas não consigo evitar. A culpa está me matando, e o mistério também.

Sou a pior filha do mundo.

Afasto o cabelo do rosto. Ele está um ninho de ratos, todo embaraçado por causa do vento no cemitério.

– Quem é que está aí? O que eles querem?

Agora meu pai está me olhando como se eu fosse louca, e ele não está tão errado assim.

– É a Rowan, e ela veio com um garoto. Acho que ele falou que se chama Brendan…?

– Brandon. – O ar sai dos meus pulmões, me murchando antes que eu tenha a chance de decidir se estava enfurecida ou entusiasmada com a ideia de confrontar o Declan Murphy. – Pode mandá-los entrar.

– Pode crer que a gente está subindo aí – Rowan grita lá de baixo. – Você pode ignorar minhas ligações, mas não pode ignorar uma porção gigante de nachos.

Os dois sobem os degraus pisando forte, e meu pai abre caminho para entrarem. Rowan está etérea e radiante em uma bata branca fininha que paira sobre uma calça de ioga. Ela está carregando uma sacola gigante de um restaurante mexicano. Brandon está usando uma calça jeans skinny e uma

camisa xadrez desabotoada sobre uma camiseta em que se lê *Bacon É Doce de Carne.*

Eles parecem saídos das páginas de um romance, um anjo e seu escudeiro *hipster*.

Estou de pijama, e tenho quase certeza de que minha maquiagem secou deixando riscas no meu rosto.

Rowan larga a sacola ao meu lado na cama e sobe para ficar pertinho de mim.

– Ai, Ju. O que aconteceu? Disseram que você desmaiou na cantina. Por que você não me ligou? Como chegou em casa?

– Eu não desmaiei. – Esfrego minhas bochechas, que parecem ter uma leve crosta por causa das lágrimas. – A Vickers disse que foi um ataque de pânico. Ela me deixou fazer estudo independente à tarde. – Esse foi o maior sinal de compreensão que recebi da srta. Vickers desde o início do ano letivo.

Brandon começa a tirar a comida da sacola. Ele ainda não abriu a boca, mas está sendo útil. Gosto de que ele esteja ignorando o fato de eu estar praticamente um desastre ambulante embrulhado num edredom.

Considerando isso, eu deveria colocar um sutiã.

Coço meus olhos e me liberto da Rowan e das cobertas.

– Vou lá botar uma roupa de verdade. Já volto. – O cheiro da comida me encontra, vindo em uma onda, e me dou conta de que ainda não tinha jantado (sem mencionar o fato de mal ter almoçado). – Obrigada por terem trazido comida. Estou morrendo de fome.

No banheiro, lavo meu rosto, escovo meus dentes e prendo meu cabelo no alto com uma presilha. Pego peças de roupa ao acaso, então acabo saindo de lá de regata e calça jeans, mas melhor isso que parecer estar pronta para a cena da loucura de Ofélia.

Quando volto para o quarto, a Rowan arrumou minha cama, e eles espalharam um bufê sobre o edredom. Uma música suave se derrama do meu rádio. Meu pai trouxe refrigerantes.

Estou tão tocada com a gentileza deles que tenho vontade de cair no choro de novo. Eu não mereço nada disso.

– Seu telefone acendeu algumas vezes – Rowan avisa.

Eu o pego e aperto o botão.

E: Sério. Você está bem?

Desbloqueio o celular e digito bem rápido.

GC: Tudo bem. Estou com amigos. Depois escrevo.

Então bloqueio o celular e o enfio debaixo do travesseiro.

Rowan me observa com um prato de nachos na mão.

– O que foi isso?

– Não sei.

– Você não sabe?

Pego um prato e começo a enchê-lo com batatas fritas, carne e queijo.

– Não sei.

– Garoto misterioso?

– Tem um garoto misterioso? – pergunta o Brandon. Ele ocupou a cadeira da minha escrivaninha no canto. Quatro tacos estão empilhados à sua frente.

– Mais ou menos. – Coloco uma batata na boca. Escuridão não respondeu a pergunta que fiz de tarde… será que isso já é uma resposta? Ou ele estava só preocupado e não sentiu necessidade de responder?

O Declan é tão confrontador que eu não consigo imaginá-lo fugindo da pergunta. Na cantina, ele não se esquivou da questão da data; por que ele não a encararia agora?

Por que ele não me diria?

A menos que o Escuridão não seja mesmo o Declan Murphy. O que também faria sentido. Mais ou menos.

Ficamos ali sentados comendo em silêncio por um tempão. Meu rádio continua despejando canções no ar.

Finalmente interrompo a quietude. Minha voz sai baixinha, mas firme.

– O Declan Murphy arrebentou o carro dele na mesma noite em que minha mãe morreu. Foi por isso que fiquei tão perturbada no almoço. Acho que ele pode estar envolvido. Ele estava bêbado e não se lembra de nada.

Rowan se detém com uma batata a meio caminho da boca.

– Você contou para o seu pai? Ele chamou a polícia?

– Não contei para ninguém. – Hesito. – Eu não… eu não tenho todos os detalhes. E se não aconteceu na mesma hora? E se…?

– Você tem um computador? – Brandon pergunta. – Posso dar uma pesquisada.

Eu me aprumo.

– Você pode dar uma pesquisada?

– Eu tenho a senha do banco de dados da seção policial do jornal.

A Rowan se inclina para mim e faz que está cochichando, mas fala alto.

– Às vezes é tão conveniente tê-lo por perto.

– Você tem? – pergunto. – Como?

– Da época do meu estágio. Eu achava que eles iam trocá-la ou sei lá, mas nunca mudaram. – Ele dá de ombros. – É interessante. Às vezes eu entro. Podemos dar uma olhada. Ver se tem algum detalhe.

Tenho o *notebook* antigo do meu pai. É lerdo, mas funciona. Eu o desenterro de baixo de uma pilha de livros na escrivaninha e o entrego para o Brandon.

Ele olha para mim por cima da tela enquanto está carregando.

– Você quer chamar seu pai?

Meu pai parece estar se arrastando lentamente do estado de torpor que ainda me mantém prisioneira. Balanço a cabeça.

– Ainda não. Não até termos certeza de alguma coisa.

Não demora muito para que o Brandon entre no sistema.

– Data?

Minha boca fica subitamente seca. Isso está mesmo acontecendo? Podemos estar desvendando o assassinato dela aqui e agora?

– Vinte e cinco de maio.

Ele digita no teclado e franze a testa para a tela.

– Estou vendo um relato de acidente seguido de fuga, mas os sobrenomes das vítimas são Thorne e Rahman. Quem é Rahman?

– Ela estava voltando de táxi do aeroporto. Rahman deve ser o motorista – sussurro.

Até hoje, nunca tinha pensado no motorista. Será que ele tem uma filha em algum lugar, andando por aí com a mesma sensação de perda que eu sinto?

Rowan segura a minha mão.

– O acidente aconteceu na avenida Hammonds Ferry? Em Linthicum?

– Sim.

Ele franze a testa um pouco.

– Que esquisito. A Hammonds Ferry não é caminho do aeroporto pra cá.

– Como assim?

– Quer dizer, é meio *perto* do aeroporto. Talvez ele tivesse mais de um passageiro e precisou fazer uma parada primeiro. Ou talvez ele tenha feito um caminho mais longo para a corrida ficar mais cara. Talvez tenha acontecido um acidente na rodovia e por isso ele pegou as ruas secundárias… não sei, e

não dá para perguntar para ele. É só que não é o jeito mais direto de vir de lá para cá.

Esquisito. Mas, como ele disse, não totalmente anormal.

Brandon continua falando.

– Foi depois de escurecer, e ali é uma parte mais remota da cidade, portanto sem testemunhas nem câmeras. Quando os paramédicos chegaram… – Ele hesita, e sua expressão diz que ele está lendo detalhes que eu não gostaria de ouvir.

Ele abana a mão.

– Aqui. Deixa eu ver se consigo achar o boletim de ocorrência daquele idiota.

Ele não é um idiota. Eu quase digo as palavras, pensando na minha conversa com o Declan sobre como as pessoas têm uma impressão equivocada sobre ele. Porém, considerando o que estamos pesquisando, não abro a boca.

Brandon digita um pouco, lê, então digita um pouco mais. Estamos tão quietos que consigo ouvir três diferentes ritmos de respiração por cima da música.

– Você está nos matando, Brandon – Rowan fala.

– Eu sei, eu sei. Só quero ter certeza. Tem um boletim que deve ser do Declan Murphy, mas todos os outros nomes foram ocultados. Isso acontece quando o meliante é menor de idade. Isso cobre o estado inteiro, preciso de um minuto aqui.

O meliante. Quase sorrio. O mapa da vida do Brandon é solidamente intacto, não todo despedaçado como o meu.

Depois de outro minuto agonizante, Brandon ergue o rosto para mim. Sua cara é pesarosa.

– Não sei se é uma notícia boa ou ruim.

Meus dedos agarram firme os da Rowan. Deve ter batido. Só pode ser. Estou respirando com tanta força que vou hiperventilar.

– Fala. Me fala. É ele. Só pode ser ele.

Brandon agita a cabeça.

– Não é ele.

Quê?

Quê?

Ele vira o computador para mim.

– Olha aqui. A primeira chamada sobre o acidente da sua mãe aconteceu às

19h46. De acordo com o boletim de ocorrência do Declan Murphy, ele não pegou o carro antes das 20h01, e só bateu naquele prédio às 20h16.

Não foi ele.

Estou aliviada. Estou devastada. Não sei o que estou sentindo.

Acho que vou vomitar os nachos. Aperto as minhas mãos na barriga.

– Eu sinto muito – sussurra o Brandon.

Agora entendo o que ele quis dizer sobre não saber se era uma notícia boa ou ruim. Não foi o Declan… mas o crime continua sem solução.

– Só… desliga isso. Pode ser? Desliga.

Ele fecha o computador. Passo um minuto tentando me acalmar. Estou no mesmo lugar em que estava ontem. Não perdi nada.

E, mesmo que o Declan fosse o culpado, isso não traria minha mãe de volta.

– Esse é o equipamento da sua mãe? – Brandon pergunta, apontando com a cabeça para uma pilha no canto. Meu altarzinho mórbido.

Pigarreio.

– É. O editor dela vive tentando comprar do meu pai, mas… – Deixo o pensamento vago.

O rosto do Brandon não acusa nenhum sinal de ter percebido o meu sentimentalismo.

– Os policiais procuraram os cartões de memória dela?

A pergunta é tão inesperada que chega a sacudir um pouco minha tristeza.

– O quê? Não. Por quê?

Ele encolhe os ombros.

– Não sei. Lembro de ter lido sobre um caso de homicídio que foi resolvido porque conseguiram encontrar as fotos que a vítima tirou com o celular. Aparentemente a mulher começou a tirá-las enquanto o cara a esfaqueava, e com isso encontraram o culpado. Tipo… E se a sua mãe conseguiu tirar fotos do veículo fugindo?

Rowan move a mão como se estivesse cortando o pescoço, querendo dizer: *Para de falar de assassinatos enquanto minha amiga está sofrendo*, mas minha mente está acelerando para a velocidade normal.

– Você acha possível? – pergunto.

Ele lança outro olhar para o equipamento.

– Talvez?

– Não – Rowan diz.

Nós dois olhamos para ela. Seus olhos estão um tantinho arregalados.

– Vocês não percebem como isso soa absurdo? Que uma pessoa esteja viva o bastante para tirar fotos de alguém escapando em alta velocidade, mas estar… estar… – A voz dela some ao olhar para mim.

– Estar morta na hora em que a ambulância chega – concluo.

– A pessoa não escapou necessariamente em alta velocidade – Brandon opina. – Diz ali que o carro ficou bastante danificado. É possível que a pessoa tenha parado para verificar o próprio veículo. Ou que ela tenha precisado de um tempo para dar à ré e sair dirigindo. Não foi uma batidinha na lateral. – Ele vacila, com uma expressão dolorosa.

– Pode dizer – falo. Minha voz soa sem emoção, mas já imaginei a morte dela de tantas maneiras. Ele não pode me contar nada que seja realmente surpreendente.

– Ela não morreu com o impacto – ele fala baixinho. – Ali diz hemorragia interna. Provavelmente causada pelo cinto de segurança. Não há nada sobre um ferimento na cabeça. – Ele engole em seco. – Portanto… pode ter dado tempo. Especialmente se ela estava lúcida a ponto de conseguir pensar.

Pode ter dado tempo. Se ela estava lúcida a ponto de conseguir pensar.

Minha mãe, a mulher que vagou por zonas de guerra em um esforço para trazer a realidade do mundo para a mesa de jantar americana.

Será que a pista para resolver o assassinato dela passou os últimos quatro meses aqui no canto do meu quarto?

Caramba.

Caminho até o outro lado, pego a bolsa com as câmeras digitais dela e praticamente as bato contra a parede para tirar os cartões de memória.

– Calma, calma. – Brandon me detém, arrancando as câmeras dos meus dedos trêmulos. – Deixa que eu faço isso.

Ele destrava o compartimento com a naturalidade de quem tem prática, soltando os cartões, então voltamos ao *notebook* do meu pai.

Esperamos o computador carregar o programa de foto, e demora tanto que estou quase querendo descer no porão para pegar o potente Mac que minha mãe usa – *usava* – para edição de fotos. Desde que ela morreu, ele não foi mais ligado – sobretudo porque sei que o fundo de tela é uma foto minha de bebê, aninhada no pescoço dela.

Meus olhos embaçam e eu ordeno que parem com isso. A gente tem uma missão a cumprir.

O programa finalmente carrega, e as imagens no cartão de memória aparecem em miniaturas pela tela.

– Nossa – Rowan sussurra.

As fotos são assustadoras. Crianças mortas nas ruas. Sangue na porta das casas. Poeira, terra, suor e lágrimas por toda parte. Mulheres aos prantos. Homens com ferimentos tão horríveis que essas imagens jamais deveriam ser vistas por alguém a uma mesa de jantar.

Brandon passa por elas, rolando a tela firmemente, mas parece estar também com um pouquinho de inveja.

– Que incríveis. Sua mãe era mesmo fodona.

Eu sei exatamente o quanto ela era talentosa.

– Essas eram todas imagens de trabalho. Veja este outro cartão.

Ele ejeta um e insere o outro, e mais uma vez esperamos.

A expectativa se contorce em meu peito. Vai ser este. Alguma coisa vai aparecer ali.

Não sei por que gosto tanto de sofrer. É só um cartão de memória vazio. Não tem nada ali.

Nada.

Brandon ergue os olhos para mim.

– Ela tinha outra câmera?

Faço que não com a cabeça.

– Duas outras de trabalho, mas eram as suas reservas baratas. Estavam dentro da mala dela.

– O que é aquilo? – Ele aponta para um reflexo de luz sobre uma lente que desponta de uma bolsa de lona.

– É a câmera de filme dela. Nós não temos um quarto escuro. E não faço ideia do que tem ali. Não posso mandar revelar as fotos de um massacre numa loja qualquer.

– O sr. Gerardi tem um quarto escuro. Tem filme nela?

Apanho a bolsa de lona e ouço coisas chacoalhando ali. Essa era a sua mala de mão. Quando puxo a aba, sinto a fragrância do seu hidratante. A sensação de perda me atinge como uma onda, e tenho de fechar meus olhos.

Trabalhe, Juliet. Deixe a emoção para mais tarde.

Ainda preciso de um momento. O Brandon e a Rowan esperam, como bons amigos que são.

Quando tiro o filme da máquina, reparo no resto das coisas da minha mãe. Tubos de protetor labial. Um pacotinho de lenços. A ponta do seu cartão de embarque, enfiado num bolso lateral. Uma edição velha da revista *Us Weekly*.

Um sorriso triste invade meu rosto. Eu teria a infernizado se tivesse visto

isso. Se aquele sábado à noite tivesse acabado do jeito que deveria.

Eu preciso ler besteiras de vez em quando, Ju, ela diria.

Uma lágrima serpenteia pelo meu rosto.

– Você quer que eu o leve? – Brandon se oferece, delicadamente. – Posso revelar e te contar o que tem.

– Não. – Balanço a cabeça. Ela não costumava usar a câmera de filme para trabalhar e, quando usava, clicava imagens fortes. O que quer que haja aqui é pessoal. Algo que ela achou significativo para si. Não consigo imaginá-la pegando essa câmera para tirar fotos de um carro enquanto ele fugia, se é que ela fez isso, mas, se alguém vai revelar essas fotografias, vai ser eu. Abraço a câmera contra o meu corpo. – São as fotos dela. Eu quero fazer isso.

– Tudo bem. – Ele volta a sentar.

– Obrigada – falo. – Estou feliz por vocês terem vindo.

A Rowan me abraça.

– É para isso que servem os amigos.

CAPÍTULO 36

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Terça-feira, 8 de outubro 22:31:57
Assunto: Amigos

Sim. Estou bem. Alarme falso.
Você falou com a sua mãe?

Alarme falso? *Alarme falso?* Que droga isso quer dizer?
A bolinha verde está ao lado do nome dela.

E: Qual é o alarme falso?
GC: O Declan Murphy não fez o que eu achei que ele tinha feito.

Preciso reunir todas as minhas forças – e quero realmente dizer *todas* – para não escrever JULIET SOU EU ME CONTA TUDO POR FAVOR FIQUEI TÃO PREOCUPADO DE TER FEITO ISSO COM VOCÊ.
Minhas mãos estão praticamente tremendo sobre a tela do meu telefone.

E: O que você achou que ele tinha feito?
GC: Ele ficou bêbado e arrebentou o carro dele na mesma noite em que a minha mãe morreu. Eu estava com medo de que ele estivesse envolvido de alguma forma.
E: E ele não está?
GC: Não.

Ela está me torturando.

E: Como você sabe?
GC: O namorado da minha melhor amiga fez um estágio durante o verão na redação de um jornal. Ele ainda tem acesso ao banco de dados da seção policial e pesquisou os dois acidentes. O horário não bate. Minha mãe morreu antes de ele ter pegado o carro.

Ah.

Eu não sei o que estou sentindo, mas não é alívio. Não estou nem mesmo com aquela sensação de "ganhei, mas não levei". Eu não matei a mãe dela, mas para ela não há um fim. Eu ainda não lhe disse quem eu sou… e agora é tarde demais.

Acho que eu deveria me desculpar, mas não sei exatamente como. Ou mesmo por quê.

Outra mensagem aparece.

GC: Era uma chance muito pequena, de qualquer forma. Seria muita coincidência.
E: Acho que os caminhos deles não se cruzaram.
GC: Não.
E: Você está bem?
GC: Eu não sei como estou.
E: O que eu posso fazer para ajudar?
GC: Fale comigo. Se não se importar.

Leio as palavras na voz dela. Fico revendo seus olhos em pânico na cantina, quando ela percebeu que as datas batiam. Queria confortá-la. Ela é a garota mais destemida que já conheci, mas queria sentar com ela no escuro e segurar sua mão para mostrar que ela não está sozinha.

E: Me importar? Eu poderia falar com você para sempre.

Ela não responde nada por um tempão, e receio que talvez tenha pegado no sono.

E: Toc, toc.
GC: Você me fez chorar.
E: A maioria das pessoas diz: "Quem está aí?".
GC: Agora você me fez rir. Quem está aí?

E: Eu não tinha realmente preparado uma piada. Por que fiz você chorar?
GC: Eu estava com tanto medo de que você fosse ele e que eu precisasse parar de falar com você.

Fico paralisado. Leio a frase várias vezes seguidas.

Eu estava com tanto medo de que você fosse ele.

Não consigo respirar. Não tenho ideia do que dizer. É como se mil punhais me atravessassem ao mesmo tempo.

GC: Desculpa. Estou um caco agora. O Brandon – o namorado da minha melhor amiga – achou que talvez tivesse uma chance de a minha mãe ter tirado uma foto do carro fugindo, então demos uma olhada nos cartões de memória dela. Tem sido uma noite muito emotiva.

Nem me fala. Estou sentado aqui com um aperto no coração.

Pelo menos ela mudou de assunto. Consigo forçar meus dedos subitamente paralisados a digitar.

E: Acharam alguma coisa?
GC: Nada nos cartões de memória. Mas eu vou revelar amanhã um filme dela na escola.
E: Você acha que tem alguma chance?
GC: Estou com medo de pensar que tenha.

Meu cérebro mal consegue processar as palavras que ela está digitando. Quero escrever que estou lutando para ficar acordado, que podemos conversar amanhã, mas acabei de lhe dizer literalmente que eu falaria a noite inteira com ela.

Talvez eu *devesse* mesmo pesquisar umas piadas prontas.

GC: Você falou com a sua mãe?

Ah, que bom. Mais uma coisa sobre a qual eu não queria falar.

E: Não.
GC: Por que não?
E: Porque eu cheguei tarde do trabalho, e meu padrasto estava praticamente de guarda do lado de fora da casa.

GC: E você não pode dizer para ele que quer conversar com ela?

Sua pergunta é bastante inofensiva, mas saber que ela não quer conversar comigo – com o meu *eu* de verdade – faz suas palavras parecerem mais críticas que de costume. É como se eu estivesse falando com o Alan. Entre cada palavra, consigo ouvi-la me acusar de ser um fracasso. Isso me deixa furioso. Como se metade de mim fosse boa o bastante; mas a outra metade – a metade *real* – fosse errada demais para uma garota como ela.

Meu pensamentos estão uma bagunça, cheios de exageros e hipérboles, e tenho noção disso.

Eu causei isso. *Eu* causei.

Eu arruinei tudo. A culpa é minha.

É mais um peso para eu carregar, além de todos os outros. Queria juntar meus membros todos e me livrar deles… mas eles são pesados demais. Eu não consigo.

Meus dedos golpeiam a tela.

E: É complicado.
GC: Só é complicado se você quiser que seja.
E: Bom, acho que então eu ando querendo isso demais.

Com isso, fecho o aplicativo.

E o deleto.

Então me curvo e faço tudo o que posso para não gritar.

Tenho que segurar a respiração. Esse é o truque. Sento ali em completo silêncio até meus músculos gritarem por oxigênio.

Preciso me controlar. Meu quarto está sufocante e quero cair fora daqui, mas só tem um lugar aonde posso ir sem que o Alan chame a polícia.

Puxo minhas mensagens e mando mais uma para o Rev. Ele ignorou as últimas doze, mas essas eram todas variações de eu dizendo para ele parar de ser um pé no saco.

DM: Por favor, Rev. Preciso de você.

Ele responde imediatamente.

RF: Estou aqui.
DM: Posso passar aí?

RF: Sempre.

«»

Rev está comendo uma tigela de um cereal colorido, desses de criança, quando entro pela porta dos fundos e o encontro na cozinha. Esse é o tipo de lanchinho noturno normalmente reservado para os maconheiros, mas o Rev nunca fumou um baseado na vida. Quando éramos mais novos e nossa amizade se passava dividida igualmente entre as nossas casas, minha mãe costumava deixar uma caixa desse cereal à mão só para ele.

Rev jamais come cereal açucarado no café da manhã. Ele o trata como o seu vício secreto. Talvez seja uma forma de retornar à infância na qual o seu pai não permitia que ele comesse isso. Ou talvez ele simplesmente goste de açúcar. Nunca perguntei.

Ele empurra a caixa na minha direção quando me aproximo da mesa, mas não olha para mim. Ele ainda está com o mesmo moletom que usou hoje na escola, o que é incomum a esta hora da noite. Não sei se ele não o tirou ou se o colocou de novo quando soube que eu estava vindo.

Seja como for, eu tenho algo a ver com isso. Não gosto dessa sensação. Não consigo dizer se é raiva ou vergonha.

– Ei – digo.

– Ei.

Ele ainda não olhou para mim.

Não me sento.

– Ainda está bravo?

– Talvez. O que aconteceu?

– Juliet disse que está feliz que eu não sou eu.

Ele toma uma colherada do cereal, mas ainda não levanta a cabeça.

– Talvez você pudesse traduzir isso para a nossa língua.

– Juliet disse que está feliz que eu não seja o Declan Murphy.

– Acho que preciso de mais informações. – Ele ergue a cabeça o suficiente para apontá-la em direção ao celular na minha mão. – Ela falou isso em um e-mail? Leia para mim.

– Não dá. Apaguei o aplicativo.

Ele dá uma risadinha, mas não como se eu tivesse sendo engraçado, então bebe o leite colorido de sua tigela.

– É só reinstalar. Deixa eu ver o que ela disse.

– Acabei de te falar o que ela disse.

– Não, você me deu a versão “declanizada”. Eu quero ver o que *ela* disse.

– O que isso quer dizer?

Ele bota a tigela na pia e finalmente olha direito para mim.

– Você vai reinstalar o aplicativo ou não?

A atitude dele está fazendo eu me arrepender de ter vindo aqui.

– Não.

– Que seja. Boa noite, então. – Ele sai e desliga o interruptor ao lado da porta, me deixando no escuro.

Vou atrás dele, sussurrando furiosamente, porque sei que o Geoff e a Kristin vão surtar se a gente acordar a bebê.

– Qual é a droga do seu problema? Se você tem alguma coisa para me dizer, diga logo.

Ele continua andando e responde simplesmente:

– Já falei.

– Você pode parar e conversar comigo?

Ele não para.

– Rev!

Em questão de um segundo, ele vai entrar no seu quarto e bater a porta na minha cara.

– Você pode *parar*? – Sem pensar, vou atrás dele. Pego no seu braço. Rev gira e agita o braço para se livrar, me empurrando com tanta força que bato na parede oposta. As fotos emolduradas chacoalham com barulho.

Seus olhos estão um pouco selvagens, mas só por um instante. Ele os pisca e os demônios se vão. Ele está assustado. Arrependido. Envergonhado.

– Desculpa. – Minhas mãos estão erguidas. Amanhã vou estar com um hematoma, mas a culpa é minha. Eu bem sabia. – Desculpa.

A bebê se irrequieta, e nós dois congelamos. Um segundo depois, ela se acalma.

A porta do quarto dos pais dele se abre, e o Geoff põe a cabeça para fora.

– O que vocês estão fazendo, garotos? – ele sussurra furioso.

– Não foi nada – Rev diz. – Volte para a cama. Vamos fechar a porta. – Ele me olha com uma cara arrependida. Sua voz é irônica. – Entre, Dec.

No seu quarto, Rev senta de pernas cruzadas na cama, me deixando ocupar a cadeira da escrivaninha. Viro-a ao contrário e sento nela, descansando meus braços no encosto.

– Desculpa – ele diz, com a voz grave. – Eu não queria fazer aquilo.

– A culpa foi minha.

– Não. – Ele olha para mim. – Não foi.

– Eu não devia ter te segurado.

Ele dá de ombros, mas seu corpo está irradiando tensão. Ele está roendo a unha do polegar.

Fecho a cara e empurro a cadeira de rodinhas até a beirada da cama, apoiando minha cabeça nos meus braços.

– O que está pegando, Rev?

– Ando pensando nele.

Seu pai.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não.

– Quer falar sobre isso?

Ele finalmente tira os olhos do edredom.

– Você acha mesmo que eu banco o mártir?

– Não. Você acha que eu banco?

– Às vezes.

Ai.

– Acho que nunca te ouvi dizer “porra” antes.

Ele se encolhe.

– Eu não devia ter perdido a cabeça.

– Acho que você tem crédito.

– Não, não tenho. Você não vai reinstalar a porcaria do aplicativo para podermos falar sobre o que te trouxe aqui?

– Você não tem crédito para perder a cabeça?

Sua expressão é dolorosa.

– Dec.

– Sério, Rev, você é a pessoa mais de boa que eu conheço. Se você não explodir na cantina de vez em quando, as pessoas vão começar a achar que você não é humano. Na verdade, eu mesmo estava começando a ficar preocupado.

Ele não sorri. Está quieto, preso em sua cabeça.

Então me dou conta de que devo estar concorrendo ao prêmio de Amigo Mais Egoísta do Ano. E, ainda por cima, praticamente me forcei a entrar no quarto dele. Para quê? Porque eu não tenho colhões para contar a uma garota quem eu sou. *Buáá, Declan.*

Movo a cadeira alguns centímetros para trás.

– Você quer que eu vá embora?

Seus olhos voam para mim.

– Não.

– Tá bom.

– Mas eu quero que você reinstale o aplicativo.

– Rev…

– Sério. Eu tenho que… que… – Sua voz é tensa, e ele faz um gesto empurrando as mãos no ar. – Espairecer.

Hesito, mas ele está me olhando com expectativa.

– Tá bom. – Eu reinstalo.

Há um e-mail esperando.

Não tenho forças para clicar nele. Só consigo imaginar o que está escrito ali. A bolinha verde dela já não está mais lá. Jogo o telefone para o Rev.

– É a conversa mais recente.

Ele me tortura lendo no ritmo de quem precisa procurar cada palavra no dicionário.

Depois de alguns minutos, tenho vontade de arrancar o telefone dele.

– Você está me matando, Rev.

– Eu estava lendo as mensagens anteriores para ter o contexto. – Ele suspira e atira o telefone de volta para mim. – Concordo com ela. Você *gosta* de complicar as coisas.

– Você acha que ela me odeia?

– Qual *você*?

Eu me encolho.

– Qualquer um.

– Não. – Ele hesita. – Mas acho que você precisa contar para ela.

– Você leu o que ela disse. Ela não quer falar comigo.

Ele agita negativamente a cabeça.

– Ela disse ter ficado feliz que não vai precisar *parar* de falar com você.

– Não, ela disse…

– Foi *exatamente* o que ela disse, Dec – Ele faz uma cara um pouco brava. – Exatamente. *Ipsis litteris.*

– Ela disse estar feliz que eu não sou o Declan Murphy.

– Mas você *é* o Declan Murphy! *Você não é duas pessoas*. – Seus punhos estão cerrados e em pouco tempo sua respiração fica acelerada.

Enfio o telefone no bolso e o observo.

– O que está rolando com você, Rev?

Ele esfrega os olhos.

– Não sei. Só estou cansado.

Penso em como ele ficou no hospital sentado ao meu lado, sem abrir a boca. Seu silêncio me deu mais apoio do que qualquer coisa que ele poderia dizer.

Não sei como retribuir isso. Talvez eu possa oferecer outra coisa. Puxo meu telefone e faço uma pesquisa rápida, então viro o aparelho e o empurro pela cama.

Ele não estica a mão para pegá-lo.

– Ela mandou mais?

– Não. É um poema. Tive que ler para a aula de inglês. Leia.

Ele ergue a cabeça, e a cara que faz é exatamente a que eu faria se ele chegasse para mim do nada e dissesse: *Ei, mano, leia esse poema aí.*

– Quê?

– Só leia. Acho que você vai gostar.

Por ser o Rev, ele não cria caso. Ele pega o celular e lê.

Sua expressão se suaviza.

– Você tem razão. Gostei. – Ele empurra o celular de volta para mim, e por um instante acho que sua cara vai se enrugar e ele vai chorar. Sua voz está a um fio de falhar. – Mas não sinto que minha cabeça sangra nem que está erguida. Não agora.

O ar parece pesado, como se ele tivesse mais a dizer, por isso espero.

– Ultimamente – ele fala com mais firmeza –, sinto como se tudo fosse um teste. – Ele engole em seco. – E sinto que estou cada vez mais perto de falhar.

– Em que sentido?

– Eu quase bati em você no corredor.

– Eu mereci.

Seus olhos se acendem com raiva.

– Não, não mereceu!

– Xiu! – Olho de relance para a porta. – Tá bom. Não mereci. Aonde você quer chegar?

– Eu quase bati em você. – Ele diz como se fosse algo importante.

– E?

– E se eu tivesse feito isso?

– Todo mundo da escola provavelmente iria te cumprimentar.

Ele me fuzila.

– Não zoa.

– Você está encanado porque quase me bateu? Eu já teria esquecido isso.

– Mas e se eu não tivesse conseguido me deter?

Eu o encaro. Essa pergunta é tão incongruente com o que eu conheço do Rev que chega a ser quase engraçada.

Mas a cara que ele está fazendo é tudo menos isso.

Rolo minha cadeira de volta para perto da cama. A voz dele ficou mais baixa, e a minha também.

– Você tem medo de que, se me bater uma vez, vai continuar me batendo?

– Ou em outra pessoa qualquer. – Ele toma fôlego. – Quando fomos ao baile, os outros ali faziam parecer tão fácil. Ter aquele tipo de vida normal. Mas me preocupo tanto que chegue um dia em que eu perca o controle. Eu não… não sei como isso começa. E, quando começar, tenho medo de que eu não saiba como parar.

O Rev nunca falou desse jeito. Quando ele comenta do pai ou do que passou na infância, é no sentido de garantir que ninguém faça isso com ele de novo. Nunca por uma preocupação de que ele possa cometer algum abuso em relação a outra pessoa.

O Rev é bom. Gentil. O Geoff e a Kristin abrem sua casa e seus corações para crianças de todos os tipos – e o Rev também. Eu vejo no dia a dia. E tenho inveja disso.

– Você não é o seu pai – falo para ele.

– E você não é o seu.

E bem ali, no meio da sua própria crise, Rev sabe exatamente o que eu preciso ouvir. É por isso que ele é um amigo perfeito. E é por isso que eu não consigo aceitar vê-lo pensar que possa machucar alguém.

– Você já falou sobre isso com o Geoff e a Kristin?

– Não. – Ele esfrega a cara outra vez, seus olhos estão úmidos. – Tenho medo de que eles não me deixem ficar aqui se alguma coisa acontecer. Eu não quero machucar nenhuma das crianças…

– Rev. Você não vai machucar ninguém. E eles são seus pais. Eles te amam. Nada vai acontecer. Prometo. Nada.

Ele fica quieto por um tempo. Posso vê-lo remoendo aquilo na cabeça.

– Mas e se acontecer?

Nada vai tirar isso dele agora. O pensamento deu um jeito de penetrar no seu cérebro e se instalar ali. Dou um tapa na mão dele.

– Aí vou lá e não deixo você se meter em encrencas. Assim como você faz comigo.

Aquilo parece apaziguá-lo. Ele me olha de frente, então vira a mão e agarra a minha, forte.

– Combinado.

CAPÍTULO 37

De: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Para: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Data: Terça-feira, 8 de outubro 23:19:27
Assunto: O que aconteceu?

Se te deixei chateado, desculpa. Não foi minha intenção.

Por favor, não pare de falar comigo.

O ar da manhã mordisca minha roupa quando cruzo o quintal do Rev para o meu. O sol espia entre as casas da rua, mas a geada cintila nos gramados – o primeiro sinal de que o inverno se aproxima.

Não são nem seis horas, por isso giro a chave devagar na fechadura, empurrando meu ombro no batente da porta para impedi-la de ranger muito alto.

Nem precisava ter me dado a esse trabalho todo. Alan está de pé na cozinha, mexendo uma xícara de café.

Ele ergue as sobrancelhas.

Seus olhos voam para o relógio em cima da pia e de lá para mim.

– Onde você estava?

– Dormi na casa do Rev.

– Você passou a noite toda fora?

– É. – Essa conversa parece que vai azedar rapidinho, por isso me viro e vou embora em direção à escada.

Alan ralha comigo da cozinha.

– Você não avisou ninguém que estava saindo?

Continuo andando.

Ele continua me seguindo.

– Declan. – Ele fala meu nome rangendo os dentes. – Pare aí. Eu quero falar com você.

Agarro o corrimão e tomo impulso sobre os degraus… e paro de repente quando me vejo diante da minha mãe, começando a descer a escada.

Agora estou encurralado entre os dois.

– Declan – ela diz.

Por algum motivo, quando soube que ela estava grávida, imaginei que ela tinha virado um balão da noite para o dia e começado a usar essas camisas largas com cordões na gola, que parecem uma tenda de tão grandes, e saias compridas. Mas nesta manhã ela está de camiseta cor-de-rosa e calça jeans. Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, e sua pele está recém-lavada.

Minha mão segura o corrimão da escada com tanta força que ele chega a vibrar com a pressão.

Não sei o que dizer para ela. Engulo em seco. Meus pensamentos ricocheteiam entre a necessidade de há muito, muito tempo pedir desculpas e a necessidade de ouvi-la pedir também.

Bato os olhos de novo na sua figura. Ela nunca foi miudinha, mas também não é o que se chamaria de gorda. Forma de mãe, eu acho. A camiseta está larga, mas não ridiculamente assim. Se eu não tivesse discutido com o Alan no pronto-atendimento dois dias atrás, eu não acreditaria que ela está grávida.

Mas, agora que estou aqui a observando, reparo que ela está mais pálida que o normal. Em vez de suas roupas estarem com as costuras esticadas, sua calça parece um pouco mais larga do que estou acostumado a ver.

– Você está bem? – pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça. Ela abre a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas deve ter mudado de ideia, porque nada sai dali.

– Que foi? – pergunto, e ela se encolhe um pouco para trás.

O sentimento de vergonha serpenteia em meu peito. Penso na Juliet no banco da frente do meu carro, pressionando as costas contra a porta. *Você é muito confrontador.*

– Ele passou a noite toda fora – Alan fala por trás de mim. – Se você não fizer nada a respeito disso, Abby, então eu farei.

– Ah, é? – Viro para ele. – O que você vai fazer?

– Posso tirar o seu carro até que aprenda a ter um pouquinho de responsabilidade.

Ele vai precisar me deixar inconsciente para conseguir pegar minhas

chaves. Luto para manter minha voz baixa e mesmo assim isso não é possível.

– Você não vai tirar o meu carro de mim.

Ele está de braços cruzados.

– E talvez possamos desligar o seu telefone, já que você não vai poder ir a lugar nenhum mesmo.

Dou um soco na parede. A luminária no teto treme.

– Eu não fiz nada de errado!

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Você acha que sair de fininho no meio da noite não é errado?

Ele fala de um jeito como se eu tivesse injetado heroína e apostado dinheiro num bairro barra-pesada de Baltimore.

– Eu estava na casa do Rev. Pode perguntar para o Geoff e para a Kristin!

– Você não pode simplesmente sair daqui sem avisar ninguém…

Bufo e me movo um pouco para passar pela minha mãe.

– Como se você desse a mínima para mim.

Ela bota a mão no meu braço.

– Declan. Pare. Ele não vai tirar o seu carro.

– Por que você sempre faz isso? – Alan diz, cortante. – Você continua deixando isso acontecer, Abby. Ele precisa aprender.

Eu o ignoro. O toque dela rouba minha força. Eu me detenho na escada e a encaro. Minha voz sai bastante áspera, arranhada.

– Por que você não me contou?

Seus olhos se arregalam ligeiramente, mas ela não responde.

– Por que você acha? – Alan diz, com a voz cansada. – Depois do que você fez no casamento, você acha que queríamos te contar sobre um bebê?

Movo bruscamente para trás, arrancando meu braço para longe dela. A raiva comprime meu peito e torna difícil respirar. Uma pequena parte de mim tinha esperança de que talvez isso fosse uma surpresa para eles tanto quanto foi para mim, mas o comentário do Alan prova que o sigilo foi bastante intencional.

Ele se aproxima de mim, e percebo que está seguindo meus movimentos, como se no próximo segundo eu fosse atirá-la escada abaixo.

Ele acha que eu sou um risco para minha mãe. Para o bebê. Para a tentativa deles de começar uma nova família.

Quem estou enganando? Eu sou mesmo.

– Naquela noite em que você vomitou… – digo para ela. – Você já sabia.

Ela não responde nada, mas isso já é a resposta.

– Substituindo a Kerry? – pergunto.

Ela recua como se eu tivesse lhe dado um murro na barriga. Os olhos dela brilham com lágrimas súbitas.

Eu me odeio neste instante.

– Acho que você deveria continuar depois dessa – digo, voltando a me mover passando por ela, sem encontrar qualquer resistência agora. – Talvez da próxima vez venha um menino e você possa me substituir também.

Um soluço rompe do seu peito.

Alan pragueja.

– Quem nos dera.

As palavras dele são pronunciadas com uma perversidade que me atravessa em cheio. Desço outra vez os degraus como se estivesse andando debaixo d'água. Quero tanto dar um murro na cara dele que minhas mãos até doem desejando o contato, mas mantenho o controle.

Minha mãe não abre a boca. Se chegássemos às vias de fato, ela choraria, retorceria as mãos e nos imploraria para parar – mas não tenho ideia de que lado ela ficaria.

Mentira. Sei muito bem. Ela provou isso há quatro anos, quando me deixou pegar o volante. Ela provou isso em maio passado, quando se casou com esse cara.

Penso nos e-mails que troquei com a Juliet, em como ela me fez sentir que minha vida valia a pena, como se eu tivesse algo a oferecer. Penso nas minhas conversas com o Frank e com a sra. Hillard, em como eles, em tão poucos minutos, me fizeram sentir mais que apenas um idiota com antecedentes criminais.

Mas a realidade está aqui, *bem aqui*, nestas duas pessoas que deveriam me proteger e que só sabem me destruir.

Sinto um aperto tão forte no peito que acho que não vou mais conseguir respirar.

– Me dá suas chaves – Alan manda.

– Eu não fiz nada de errado – repito.

– Você aproveita toda chance que tem para fazer alguma coisa errada! – ele urra. – Você não pensa em ninguém além de si, e quando alguém faz algo que você não gosta, você faz tudo que pode para destruir aquilo! Por que cacete você acha que a gente não quis te contar?

Tudo se transforma em gelo dentro de mim.

Minha mãe força para passar por mim. Ela coloca a mão sobre o braço dele.

– Para. Alan. Por favor. Para.

Mas a voz dela não é forte. É fraca, cheia de lágrimas. Ela não está olhando para mim.

Mas talvez as lágrimas tenham funcionado. Alan pragueja e vai embora, irrompendo na cozinha.

Meu corpo fica dormente. Estou paralisado. Acho que não consigo me mover.

Ela se vira para me olhar. Sou mais alto que ela, mas agora que estou dois degraus acima ela parece minúscula. Microscópica.

Eu daria qualquer coisa para que ela diminuísse essa distância. Para que ela falasse comigo. Quero jogar as chaves do meu carro e meu telefone aos seus pés. *Pegue tudo*, tenho vontade de dizer. *Eu não preciso de nada disso. Eu preciso de você.*

Nem tenho a chance. Ela se afasta, seguindo o Alan para a cozinha.

Minhas pernas não querem me sustentar mais.

– Me desculpa! – grito, e minha voz falha. – Me desculpa, tá? Me desculpa por não ter dirigido o carro para ele. Me desculpa por ter deixado a Kerry partir. Me desculpa.

Ela não responde.

Ela não volta.

Eles me abandonam ali nos degraus, sozinho.

CAPÍTULO 38

De: Escuridão <escuridao@freemail.com>
Para: Garota do Cemitério <garotadocemiterio@freemail.com>
Data: Quarta-feira, 9 de outubro 07:22:04
Assunto: Conversa

Não sei se consigo continuar com isto. Você não sabe nada sobre mim. Você não conhece o meu eu verdadeiro. Você só sabe o que eu contei, mas essa não é a história inteira. É só um retrato instantâneo, igual às suas fotografias. Você fez um julgamento de mim baseado no pouco que viu, e acho que está totalmente errado.

Não sou uma boa pessoa, Garota do Cemitério. Eu não sou bom em cultivar coisas, só em destruí-las.

Você não precisa de mim.

Você merece coisa melhor.

Fecho correndo o e-mail e vou para a lista do bate-papo. Nenhuma bolinha verde… O nome dele desapareceu por completo.

QUÊ?

Digito às pressas um e-mail para ele e mando.

A resposta imediata não é a que eu estava esperando.

Este usuário não possui uma conta Freemail. Tente novamente.

QUÊ?

Meu peito está desmoronando. Ele não pode fazer isso. *Ele não pode fazer isso.*

E eu não tenho como encontrá-lo.

Como uma idiota, tento lhe mandar outro e-mail.

Como uma idiota, fico esperando uma resposta diferente.

Este usuário não possui uma conta Freemail. Tente novamente.

– Juliet? Está tudo bem?

O sr. Gerardi me observa. A bolsa de lona da minha mãe com a sua câmera de filme está caída ao meu lado, mas estou com os olhos fixos no meu telefone, tentando lembrar como fazer para o meu coração bater.

– Está. – Tusso. – Sim. Eu… – Engasgo e engulo em seco, forçando as palavras a saírem da minha boca. – Não sei o que eu tenho.

As chaves tilintam em sua mão, e ele estende o braço para abrir a porta da sua sala.

– Quer entrar? Você veio para trabalhar nas fotos do anuário?

– Não… eu… não. – Preciso me recompor. Enfio o telefone no bolso. – Eu queria ver se podia usar o quarto escuro.

Ele olha para o relógio e faz uma careta.

– Eu tenho uma aluna vindo para fazer uma prova daqui a dez minutos.

– Eu sei como fazer.

– Eu sei. – Ele suspira. – Mas não estou autorizado a deixar os alunos sozinhos com os produtos químicos. – Ele bate os olhos na bolsa a tiracolo. – Você quer deixá-lo comigo? Eu posso colocar no revelador, e você volta mais tarde para fazer as cópias.

Dou um passo para trás como se ele estivesse a ponto de arrancar a bolsa de mim.

– Não. Eu mesma preciso fazer isso.

– Tá bom. – Ele hesita, e seu rosto se suaviza. – É a câmera da sua mãe?

– Sim.

– Você quer deixar a bolsa aqui? Eu posso trancá-la com o meu equipamento.

Eu a aperto contra o meu corpo. Estou carregando-na desde cedo, e não consigo me fartar do cheiro da lona e do hidratante. É como se eu estivesse segurando um pedaço da minha mãe.

Balanço a cabeça.

– Não. – Minha voz sai rouca. – Obrigada. Na hora do almoço, talvez?

Ele faz outra careta.

– Reunião do corpo docente. Estou livre depois do sinal de saída. Pode ser?

O dia todo. Vou ter de esperar o dia todo. Não estava preparada para isso.

Meu subconsciente sussurra que já estou esperando há quatro meses; seis horas a mais não vão fazer diferença. Minha cabeça sacode para cima e para

baixo.

– Mas entre aqui um minuto. – O sr. Gerardi acende as luzes. – Fiz algumas cópias daquela imagem que queremos usar na capa. Queria te mostrar.

As cópias estão em papel fotográfico, tamanho ofício. Ele cortou a imagem original na altura para que pudesse dar a volta no anuário, mas, pelo que posso ver, não fez nenhuma outra edição.

– Sei que você vai querer dar alguns retoques, acertar o céu um pouquinho – comenta ele —, mas, sinceramente, não acho que tenha que fazer muita coisa. Eu só precisava de um protótipo para conseguir a aprovação do vice-diretor.

Analiso a fotografia. Ele tem razão: não precisa fazer muita coisa. O céu é de um azul vívido com nuvens esparsas. A luz do sol irradia da esquerda. Declan e o Rev estão visíveis com detalhes o suficiente para se perceber as expressões de seus rostos, embora suas roupas tenham sido escurecidas pela luz atrás deles. No lado oposto, as líderes de torcida são um contraste luminoso em vermelho e branco, cabelos e saias tremeluzindo dramaticamente. É uma bela foto.

Quero sentir orgulho, mas, comparada às terríveis imagens em que a Rowan, o Brandon e eu passamos os olhos na noite passada, essa foto não tem valor nenhum.

Os olhos do sr. Gerardi examinam meu rosto.

– Qual o problema?

– Nada. – Eu a devolvo para ele.

– Você pode ficar com esta. Fiz outras cópias.

– Ah. Tá bom. – Eu não sei se a quero, mas a enrolo e a coloco em um bolso lateral da minha mochila. Estou fora do ar hoje, só esperando para ver o que vai acontecer quando o mundo parar de girar tão loucamente.

Batem à porta, e uma garota que não conheço aparece ali. Deve ser a aluna que ele está esperando. Eu me esgueiro para fora da sala.

Assim que me afasto um pouco pelo corredor, puxo o telefone do bolso outra vez. O nome do Escuridão continua sumido, e outro e-mail meu volta. Por que ele faria isso? O que aconteceu? O que mudou?

Volto e leio nossas conversas arquivadas.

Leio-as de novo.

Reparo que ele nunca respondeu diretamente à minha pergunta.

Preciso encontrar o Declan Murphy.

«»

Nós não fazemos nenhuma matéria juntos, por isso não o vejo antes do almoço. Ele está sentado no fundo da cantina na mesmíssima mesa onde o encontrei ontem, e o Rev está com um conjunto quase idêntico de potes de plástico.

Depois de ontem, a Juliet insolente se foi, e pairo sobre a mesa deles como uma fã nervosa.

Rev é o primeiro a olhar na minha direção. O moletom hoje é um cor de ferrugem bem escuro, e o capuz é mais largo, sombreando seu rosto.

– Ei – cumprimenta ele.

Declan mal bate os olhos em mim. Ele espeta seu garfo em um pedaço de pepino.

– Veio gritar comigo um pouco mais?

Engulo em seco. Não esperava esse tipo de reação. Não sei por que não – ele tem razão. Eu surtei ontem. Por algum motivo achei que eu iria chegar e ele diria: "Ah. Oi. Você me descobriu. Desculpa ter apagado minha conta de e-mail secreta".

Em vez disso, ele dá uma dentada no pepino preso no garfo e me encara.

– Até agora a gente já incluiu bêbado e assassino. Que outras acusações você quer fazer contra mim?

Rev lança um olhar para ele, mas não diz nada. Não sei dizer se eles ainda estão brigados ou se a atmosfera está carregada só porque eu apareci.

A alça da bolsa da minha mãe é grossa e está úmida sob os meus dedos suados.

– Eu não te chamei de assassino.

– Quase.

Isso não está saindo do jeito que eu esperava.

– Você pode parar um pouco de ser um babaca e conversar direito comigo?

– Por quê? – Ele levanta da mesa e se aproxima de mim. – Sobre o que você quer conversar, Juliet?

Ele parece tão aniquilador. Os momentos de vulnerabilidade que vislumbrei no passado estão escondidos, não se encontra nenhum sinal deles. Este é o Declan Murphy que todo mundo vê.

– O que você quer? – insiste ele.

Quero saber se você é o Escuridão.

Só que não posso dizer isso. Eu não quero saber, não neste exato momento.

Não posso me expor na frente deste Declan, especialmente se eu estiver errada.

– Desculpa – falo de um jeito suave.

Ele se curva para a frente com uma expressão incrédula.

– Como é que é?

– Eu disse: desculpa. – Eu o analiso. Seus olhos estão carregados, como se ele tivesse dormido pouco, e sua pele está áspera, com a barba por fazer. Ele sequer se deu ao trabalho de pegar o barbeador hoje cedo. Uma pequena parte de mim quer tocá-lo, colocar uma mão em seu rosto e sentir seu calor… ou compartilhar o meu. Chego um pouquinho mais perto dele. – Me desculpa pelo que eu disse.

Seu muro não cai.

– O que você quer de mim?

– Quê?

– Eu perguntei: o que você quer de mim? Seu carro está funcionando. Você não precisa de mim. Aliás, o que você está fazendo aqui? Se misturando com os rejeitados?

– Não é isso o que estou fazendo.

– Pois acho que é exatamente isso.

– Dec. – A voz calma do Rev fala por trás dele. – Não desconta nela.

Declan me encara com a respiração um pouco acelerada. Eu o encaro de volta. Apesar de toda a raiva e a agressividade, a eletricidade solta faíscas entre nós. Mais uma vez, queria tanto que ele fosse o Escuridão, ao mesmo tempo que o pensamento me aterroriza. Minha mão quase dói para tocá-lo, como se o toque da pele contra a pele fosse de alguma forma resolver o mistério.

– Olha – digo baixinho. – Te trouxe uma coisa.

Ele pisca várias vezes. Isso o desconcerta.

Tiro a fotografia enrolada da minha mochila e lhe entrego.

Declan a desenrola, o céu azul no papel se estende entre nós. Ele está bastante quieto, seus olhos estão presos na fotografia.

Depois de um minuto, ele a solta, e a enrola novamente para me devolver.

– Se o Rev a quer ali, então está bem.

– *Você* a quer ali?

– Bom, já terminei de almoçar. – Ele agarra sua mochila e vai embora.

Eu o sigo.

– Por favor, para. Fala comigo, por favor. Eu preciso… eu preciso… –

Minha voz falha. Meus olhos se enchem d’água, e não estou pronta para toda essa emoção.

Eu preciso de você.

Mas não posso dizer isso. Não tenho certeza absoluta se é dele que eu preciso, ou se é de outra pessoa.

Ele não é completamente insensível. Ele para. Vira. Olha para mim. Pela primeira vez hoje, seus olhos estão carregados de sentimento. Eu me lembro exatamente da mesma expressão no rosto dele quando ele segurou o saco de pancadas. *Você é exatamente tão forte quanto eu imaginava.*

Eu daria qualquer coisa para que ele me tocasse agora.

Mas isso não acontece.

– Me desculpa também – ele sussurra.

Então dá meia-volta e sai da cantina, me deixando sozinha em meio à multidão de alunos.

CAPÍTULO 39

CAIXA DE ENTRADA: GAROTA DO CEMITÉRIO

Não há mensagens novas.

Toda vez que digo a mim mesma que não vou checar meu celular de novo, acabo fazendo exatamente isso. Não poder mandar um e-mail para ele está me causando uma dor física. Fiquei de luto pela morte da minha mãe, mas este é outro tipo de perda. Uma eliminação premeditada. Releio seu último e-mail até ser capaz de recitá-lo de cor.

Você não precisa de mim.

Eu *preciso* dele, sim.

Preciso dele neste instante enquanto derramo produtos químicos em um tanque à prova de luz, saturando o filme da minha mãe. Já faz um tempo que não faço isso, mas o sr. Gerardi está por perto.

Tivemos que começar o processo na mais completa escuridão, enrolando o filme numa bobina de metal, mas, assim que ele estava imerso no tanque, ele reacendeu as luzes e despejou o revelador.

Meu coração bate tão depressa que meu peito dói.

– Você sabe o que tem no filme? – pergunta o sr. Gerardi.

Eu me apresso em balançar negativamente a cabeça. Não comentei com ele sobre a teoria do Brandon a respeito do acidente seguido de fuga, porque fiquei com medo de que ele fosse parar o processo e ligar para o meu pai.

Pigarreio e sinto dificuldade em falar com meu coração galopando.

– Talvez elas sejam explícitas.

O sr. Gerardi ergue as sobrancelhas e sua mão para de misturar o interruptor.

– Explícitas?

Fico roxa e engasgo com uma risada nervosa.

– Não desse tipo. Fotos de zona de guerra.

– Ah. – Ele assente e continua misturando os produtos químicos.

– Mas pode ser qualquer coisa. Filme era o seu hobby.

– Eu lembro.

Claro que ele lembra. Eu costumava passar mais tempo na classe do sr. Gerardi do que em qualquer outro lugar da escola.

Ele mantém seus olhos nos químicos enquanto os mensura.

– O que exatamente a fez trazer este aqui?

– Não sei.

Ele está quieto e não olha para mim. Minhas palavras flutuam por um tempo ali no silêncio, até que começo a me sentir culpada. Eu *sei* o motivo, e ele sabe que eu sei, e está agora esperando que eu confesse.

– Brandon apareceu em casa ontem à noite – explico em voz baixa. – Ele tem uma teoria de que ela talvez tenha tirado uma foto do carro que bateu no táxi em que ela estava. Chegamos a ver os cartões de memória dela, mas…

– Nada ali?

Faço que não com a cabeça.

– Só fotos da última missão dela.

Ele se apruma e me encara.

– Eu gostaria que você tivesse me contado isso hoje cedo. Não percebi…

– Não… está tudo bem. – Dou de ombros e começo a mexer na câmera vazia, largada em cima da bolsa de lona. O protetor da lente está gasto em alguns pontos de tanto que os dedos dela o tiravam e colocavam. – É uma hipótese bastante remota.

– Verdade. De qualquer modo, pode ser bom ver quais foram as últimas fotos dela.

– Talvez. – Engulo em seco.

O *timer* dispara, e eu derramo o revelador enquanto o sr. Gerardi fica ali, pronto para despejar o interruptor no tanque. Estou meio enferrujada, mas é como andar de bicicleta. Eu despejo, depois é a vez dele, e a tampa se fecha com um estalo. Ele vira o tanque de revelação, e voltamos a esperar.

– Você já conseguiu pensar um pouco mais sobre voltar a fazer a aula? – ele pergunta em voz baixa.

Dou de ombros e começo a enfileirar as bandejas.

– Qual foi a sensação de fotografar o Festival de Outono?

Na hora foi uma tortura. Mas hoje cedo, observando aquela imagem com o Declan, o Rev e as líderes de torcida, lembrei o quanto amo fotografia. A chance de capturar um momento para sempre. Mesmo que ninguém naquela foto jamais venha a ver outra pessoa depois do ensino médio, aquele momento de amizade e separação já estará imortalizado.

– Não foi ruim.

Ele espera, mas não digo mais nada. Ele me lança "sobrancelhas de professor".

– E…?

– E… Não sei.

– Você sente saudade?

– Às vezes.

Ele assente, então me analisa.

– É doloroso saber que isso é algo que você compartilhava com ela?

– Não. É doloroso saber que eu nunca vou conseguir fazer o que ela faz. Por causa disso, tudo parece sem sentido. – Fico paralisada com a mão sobre uma bandeja. Falei mais do que gostaria. Mais do que já admiti para mim mesma de uma só vez.

Ele para de calcular os químicos para as bandejas e me encara.

– Sem sentido?

Fico vermelha, pois isso pode soar como se eu estivesse insultando sua carreira. Eu não sei outra maneira de explicar.

– Ela fazia a diferença com a sua fotografia. Eu não posso fazer isso. Eu não posso ir para a Síria e andar por prédios bombardeados. Eu mal consigo dirigir pela cidade.

– Juliet, você tem 17 anos. Não tem nada para se envergonhar. Acho que, se você sair por aí procurando, vai penar bastante para encontrar *uma pessoa* com força física e mental capaz de fazer algo desse tipo. E, só porque você não pode fazer isso *agora*, não quer dizer que você *nunca* vai conseguir fazer.

Olho para ele e mexo as mãos com nervosismo. Não sei o que dizer.

Ele pousa as garrafas e se volta para mim.

– Meu irmão é bombeiro. Não tenho ideia de como ele consegue andar no meio de prédios pegando fogo… mas ele me diz que não sabe como eu dou conta de passar o dia inteiro com adolescentes. Só porque o trabalho de alguém não põe sua vida em risco, não quer dizer que ele é… *sem sentido.*

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Eu sei que você não falou para ofender, mas pense no que está sugerindo.

Vamos dizer que você desista da fotografia, que é um direito seu. Mas aí… e depois? Que profissão você vai encontrar que corresponda a essa sua visão da carreira da sua mãe?

Não sei. Nunca tinha pensado nisso. A única coisa em que sempre pensei foi como eu não posso ser *ela.*

O sr. Gerardi continua falando.

– Minha esposa também é fotógrafa. Ela tira fotos de bebês. Só de bebês. Você acha sem sentido?

Engulo em seco.

– Não. – Hesito. – Mas isso não muda a vida de ninguém.

– Você está de brincadeira? Você já olhou para uma foto de bebê? Como pai, posso dizer que ver a imagem do seu filho capturada em uma foto é uma verdadeira dádiva. O tempo passa voando.

Penso no computador da minha mãe, o fundo de tela em que eu apareço bebê, aninhada no pescoço dela. Sinto dificuldade para respirar.

– Não quero te chatear – diz o sr. Gerardi.

– Você não está me chateando. – Mas ele está, sim. Um pouco.

– Espere aqui – ele pede e some por menos de um minuto. Ao voltar, traz uma foto em seu telefone. Na imagem, uma mulher encosta os lábios na testa de um recém-nascido. A luz está vindo de algum lugar, e o cabelinho felpudo do bebê brilha como uma auréola.

– Minha esposa tirou esta foto – ele conta.

– É linda.

– O bebê morreu – ele fala baixinho. – Menos de duas horas depois. Eles contrataram minha mulher para documentar o nascimento, mas o bebê nasceu com uma problema cardíaco grave.

– Entendi – digo, sentindo minha garganta apertar. – Entendi.

Ele coloca o telefone no bolso.

– Você já ouviu falar dos Humanos de Nova York?

Faço que não com a cabeça.

– Um sujeito chamado Brandon Stanton lançou um site em que ele tira fotos de pessoas em Nova York e lhes faz uma pergunta, então ele publica a foto ao lado do que elas disseram. Por algum motivo, as pessoas lhe contam os seus segredos mais profundos, as lembranças mais dolorosas… e o autorizam a publicar na internet. As fotos dele já foram vistas por milhões de pessoas. *Milhões*, Juliet. Milhões de pessoas que foram afetadas pelas fotografias dele… e isso tudo porque um cara começou a andar por Nova

York tirando fotos de estranhos.

– Mas eu não sou assim – sussurro.

– Talvez não ainda. Mas você vai encontrar o seu próprio jeito de fazer a diferença.

O *timer* toca, e ele se afasta para apagar a luz. As lâmpadas no teto se apagam, substituídas por luzes vermelhas. Ele descarrega o filme e começa a desenrolá-lo.

– Você quer começar pelo fim? Talvez as cinco últimas fotos?

Meu coração está pulando outra vez, incapaz de se acalmar depois de tudo o que ele disse.

– Hum. Claro.

Ele corta o filme e segura a tira, mas ainda é impossível dizer o que vai haver ali. Vamos colocar o pedaço do filme no ampliador, projetá-lo com uma luz em papel fotográfico, então mergulhar o papel nos produtos químicos para fazer a imagem aparecer.

– Posso estar enganado, mas não acho que haja um carro nestas fotos – ele diz. – Parece uma pessoa.

Meu cérebro começa a se agitar com tantos "talvez". Talvez seja a pessoa que bateu no carro! Talvez minha mãe tenha conseguido tirar a foto dela! Mas a realidade é pesada e esmaga esses pensamentos. Suspiro.

Ele olha para mim.

– Você quer parar?

– Não. A gente já chegou até aqui.

Assim que projetamos as imagens, colocamos o papel na imersão que havíamos preparado. Meu coração sapateia no meu peito, e preciso me lembrar de respirar.

– Sabe – o sr. Gerardi diz –, existem pessoas que não devem achar o trabalho da sua mãe nem um pouco corajoso.

Lanço um olhar irritado na direção dele.

– Tipo quem?

– Os soldados que combatem nas guerras, por exemplo.

Ah. Uso uma pinça para garantir que o papel esteja totalmente submerso. Uma imagem começa a aparecer. Sei que não posso apressar o processo, mas eu gostaria.

– Eu não estou ofendendo sua mãe – ele diz. – De jeito nenhum. O trabalho dela é incrível, e importante.

Sim. É mesmo. Não é fácil comparar minha mãe com ninguém. É igual à

diferença entre ela e meu pai. A diferença entre fotografia colorida e preto e branco. Arco-íris vibrantes contra tons de bege.

É o que torna isso tão difícil.

Linhas começam a aparecer no papel. Não consigo ainda vislumbrar muita coisa.

Sinto um aperto na garganta. Essas foram suas últimas fotos. Provavelmente alguns dos seus últimos momentos. É a chance de ver o que seus olhos viram.

Fito o sr. Gerardi.

– Será que… que posso terminar de revelá-las sozinha?

Ele vacila, olhando de relance para as imersões. Ele não tem permissão para me deixar sozinha com os produtos químicos, mas antes eu era uma aluna especial com certos privilégios. Penso na sua preciosa Leica. Talvez eu ainda seja.

– Por favor? – sussurro.

Ele suspira.

– Tá bom. Vou até a sala dos professores pegar um café. – Ele hesita. – Tem certeza de que quer ficar sozinha?

Faço que sim e esfrego meus olhos. A imagem está ficando mais clara. O cabelo indomável, a curva de um braço.

O sr. Gerardi passa pela porta e o trinco clica. Estou sozinha. O silêncio me cerca.

Meus olhos embaçam, e pisco para focá-los. A imagem foi processada.

Preciso piscar outra vez. Minha mãe sorri na fotografia, com seus olhos luminosos, e seu cabelo numa bagunça de cachos e fios embaraçados.

Ela está nua. Ela está em uma cama. Um braço cobre um seio, mas o outro está despudoradamente exposto.

Paro de respirar.

A bandeja seguinte está revelando. Outra da minha mãe, ainda nua. Nessa, ela está rindo, estendendo a mão para a câmera.

A bandeja seguinte. Um emaranhado de braços. Um pescoço borrado, um cabelo escuro. A ponta de um maxilar.

As lágrimas caem frias pelo meu rosto.

A bandeja seguinte. Minha mãe rindo e se debatendo, um braço musculoso ao redor do seu pescoço, tentando puxá-la para a foto. Uma *selfie* à moda antiga, tirada com uma câmera de verdade em vez de com um telefone. O outro rosto está quase todo cortado da imagem, mas meus olhos cravam

naquele braço musculoso.

Não é do meu pai.

A bandeja seguinte. Esta *selfie* pega os dois. Apanho a foto com as minhas mãos, ignorando os químicos que escorrem pelos meus braços.

É o Ian. O editor da minha mãe. Ele está sem camisa, apertando-a contra o seu corpo. O rosto dela está virado para cima, abrigado no pescoço dele.

Penso no meu pai, há meses se arrastando entorpecido.

Ela o estava traindo. *Ela estava traindo.*

Pego a câmera dela e a jogo na porta com toda a força. Vidro e plástico explodem, tilintando pelo chão.

Como ela pôde? A bolsa dela está aberta na minha frente. O cheiro do seu hidratante se mistura ao dos químicos. Como ele pôde fazer isso com meu pai?

Apanho o hidratante e o atiro na direção da câmera. Estou soluçando. Eu a odeio. Odeio.

Apanho seus lenços. Aperto a embalagem contra os meus olhos e então a atiro. *Eu a odeio.*

Eu apanho o cartão de embarque, querendo picá-lo em pedacinhos, amassá-lo. As pontas dobradas pressionam minha pele. Eu queria que ele me cortasse toda se isso ajudasse a aliviar esta dor.

Ela estava traindo.

Sinto como se ela estivesse me traindo também. Seu amor devia ser por *nós*. E por mais ninguém.

– Como ela pôde? – sussurro.

Fico ali e choro com o rosto enfiado nas mãos. O sr. Gerardi vai me encontrar desse jeito, soluçando sobre o cartão de embarque dela.

Só esse pensamento é o suficiente para me jogar de volta ao presente. Pedaços de vidro e plástico estão espalhados pelo chão, os produtos químicos voaram para todo lado. O sr. Gerardi vai surtar. Aliso aquele papel grosso, como se isso fosse deixar tudo do jeito que estava antes. O cartão de embarque está todo empapado, mas a data está ali, bem no meio, em letras gigantes.

QUA 22 MAI.

Espera.

Porém, não há nenhum mal-entendido. As letras e os números têm mais de dois centímetros de altura.

QUA 22 MAI.

Pisco algumas vezes, como se minhas lágrimas pudessem de alguma forma ter transformado “SAB” em “QUA” ou “25” em “22”.

Paro de respirar outra vez.

Aliso o cartão de embarque de novo e o aperto contra a ponta da mesa. Deve haver algum engano. Este deve ser um antigo. Deve ser algum voo de conexão.

Não é antigo. É do voo de volta dela.

Três dias antes do que esperávamos. Três dias antes de ela ter morrido.

De repente, a voz do Brandon Cho ecoa na minha cabeça.

A Hammonds Ferry não é caminho do aeroporto pra cá.

Ela voltou mais cedo, exatamente como eu implorei para que ela fizesse. Ela voltou três dias antes.

Só que não para ficar conosco.

CAPÍTULO 40

De: Elaine Hillard – HAMILTON INGLÊS <ehillard@escolaspublicascondadoaa.org>
Para: Declan Murphy <declan.murphy@alunoscondadoaa.org>
Data: Quarta-feira, 9 de outubro 15:11:53
Assunto: Invictus

Declan,

Tive a oportunidade de ler o seu trabalho em aula sobre o “Invictus”, e gostaria discuti-lo. Você poderia passar na minha sala amanhã cedo antes da primeira aula? Estarei lá às 6h30.

Atenciosamente,

Sra. Hillard

Leio o e-mail enquanto estou cortando a grama, porque o Frank vai ficar uma fera se eu parar. Pensando bem, depois de quarta, talvez não. Após semanas de e-mails da Garota do Cemitério, este aqui é meio deprimente. Afinal, não existe melhor definição de *dia incrível* do que encontrar sua professora de inglês às seis e meia da manhã.

Guardo o telefone de volta no bolso e coloco minha luva.

Pela 25ª vez hoje, eu queria voltar àquele momento na cantina. Eu queria poder contar à Juliet. Eu queria poder abraçá-la e sussurrar a verdade.

Em vez disso, estou aqui preso em um cortador de grama sem saber se ela algum dia vai voltar a falar comigo.

Sem saber se algum dia vou poder voltar a dormir em casa.

Rev disse que o Geoff e a Kristin vão me deixar dormir lá algumas noites, mas que eles acham que deveríamos todos sentar com a minha mãe e o Alan

e resolver o problema.

Só de pensar nisso tenho vontade de evitar a casa do Rev quase tanto quanto estou evitando a minha.

Pedi desculpas. Pedi desculpas, e minha mãe não falou nada.

Isso botou um torno em volta do meu peito que se recusa a afrouxar.

O céu está encoberto, derramando uma garoa fina no cemitério, mas não ligo para a chuva escorrendo na minha camisa. O mau tempo mantém as pessoas afastadas, facilitando meu trabalho. Meus fones de ouvido despejam música, me ensurdecendo com tanta eficiência quanto o cortador.

Um lampejo de movimento à minha direita atrai minha atenção e me faz levantar a cabeça da monotonia de grama e granito cinza. Uma garota está correndo pelo cemitério.

Juliet.

O pânico me atravessa. Ela deve ter descoberto. Ela veio me confrontar.

Mas não. Ela derrapa na grama molhada e cai em frente ao túmulo da sua mãe. Ela está do outro lado do campo, porém, mesmo daqui de onde estou, posso ver seu semblante em uma máscara de angústia e dor.

Ela está gritando.

Ela está socando a lápide da sua mãe.

Viro a chave e desligo o cortador. Então corro.

Quando consigo chegar à Juliet, seus dedos sangram e estão inchados. Lágrimas riscam seu rosto, sua voz está rouca. Não consigo entender o que ela está dizendo entre os soluços, mas ela mal me reconhece ali. Ela esmurra a lápide outra vez.

Eu a contenho, puxando-a contra mim.

– Juliet. Juliet, pare.

Sua raiva é tão pura que acho que ela vai se debater e lutar para poder voltar ao ataque à lápide. Em vez disso, ela desmorona sobre mim, soluçando no meu peito. Suas mãos agarram minha camisa como se fosse um colete salva-vidas.

– Está tudo bem – digo, embora evidentemente não esteja. Eu a abraço forte, sussurrando contra o seu cabelo. Puxo minhas luvas de trabalho com os dentes e passo a mão em suas costas. – Está tudo bem.

A chuva gelada formou uma neblina pelo cemitério, dando a nós uma ilusão de privacidade. O cheiro da grama cortada impregna fortemente o ar, se misturando ao cheiro de Juliet – canela, baunilha e algo cálido.

Quando o pior de seu choro parece ter passado, baixo o rosto para falar

junto à sua têmpora.

– Você quer sentar?

Ela funga e balança a cabeça com força.

– Não perto dela.

– Tá bom. Aqui, então. – Eu a puxo de volta alguns metros, para uma lápide mais antiga que nunca vi recebendo visita. Sentamos, nos encostando atrás da pedra.

Ela ainda continua agarrada a mim. Mesmo quando sentamos, ela se apoia em mim, um peso tépido contra a lateral do meu corpo. A chuva fraca cai das nuvens para esfriar meu rosto e se misturar às lágrimas dela.

– Você quer conversar sobre isso? – pergunto.

– Não. – Ela passa a mão no rosto.

– Tá bom. – Baixo os olhos para ela. Seu cabelo juntou umidade o suficiente para enchê-lo de gotículas de luz. Rímel escorre por sua bochecha em uma faixa comprida. Seu peso contra mim é ao mesmo tempo a melhor e a pior coisa que já senti na vida.

Estendo a mão e passo um dedo ao longo do fio de maquiagem.

Ela suspira e fecha os olhos.

– Eu queria não ter feito aquilo. – A voz dela falha e ela cai no choro outra vez.

– Calma. – Meu lábios roçam sua têmpora. Eu queria poder ficar abraçado a ela neste cemitério para sempre. – O que você não queria ter feito?

Ela se endireita um pouco e afasta do rosto o cabelo úmido de chuva. Seus dedos estão tremendo. Ela inteira está tremendo.

– Minha mãe era fotógrafa. Eu revelei o filme dela. São as fotos que ela tirou antes de morrer. Eu queria não ter feito isso.

É verdade. Ela ia fazer isso hoje.

Minha reação instintiva é agir da maneira como vinha fazendo e me fingir de desentendido, como se já não soubesse do sofrimento dela em detalhes por nossa troca de e-mails.

Mas não dá. Não com as lágrimas dela encharcando minha camisa.

Afasto uma mecha do cabelo de seus olhos.

– O que você encontrou?

O rosto dela se enruga todo, e ela o aperta contra o meu ombro. Fico esperando uma nova rodada de lágrimas, mas ela respira para se acalmar e fala junto à minha camisa, num fio de voz.

– Ela estava traindo.

– Ela estava o quê?

– Ela estava traindo. Meu pai. Ela voltou para cá três dias antes do que a gente pensava.

Ah. Ah, uau.

– Então as fotos…

– Eu não sabia o que esperar, sabe? Achei que talvez fossem imagens de trabalho, ou de alguma pessoa interessante que ela tivesse conhecido. Ela fazia isso às vezes: tirava fotos de gente que chamava sua atenção, não porque ela pensava que deveriam sair no *New York Times*, mas porque achava que elas mereciam ser registradas em filme.

– Mas não era isso.

– Não. – Ela bufa, e é quase um soluço. – Eram fotos dela na cama com o editor.

Minhas sobrancelhas praticamente batem na linha do meu cabelo.

– Na cama? Tipo…

– Na cama. Pelados. Sem chance de engano.

– *Pelados?*

– É. Pelados.

– Uau.

– Eu a odeio. – As palavras saem da boca dela como punhais. Agora a sinto tensa contra o meu corpo. A raiva está crescendo e tomando o lugar da tristeza.

– Você revelou as fotos na escola?

Ela abana a cabeça rigidamente, encostada em mim.

– Tinha um professor junto?

– Não. Ele foi pegar um café para que eu pudesse revelar sozinha.

– Aposto que ele teria cagado nas calças.

Ela dá um risinho, surpreendida. É um som gostoso. Sinto que faria qualquer coisa para fazê-la rir outra vez, especialmente agora.

– Provavelmente – ela diz. Então ela se endireita para me olhar, e seu rosto se torna mais sóbrio. Ficamos ali sentados na neblina, respirando o cheiro da chuva e da grama cortada.

Eu quero estender meu braço e puxá-la para perto de mim outra vez.

Não posso. Não faço ideia de quanto ela sabe, e *não* saber está me matando.

Conta para ela. Conta para ela. Conta para ela.

Antes que eu possa fazer isso, ela se move de lado, sentando apoiada na

lápide. Isso abre uma distância de dois centímetros entre nós dois, mas é como se fossem dois quilômetros.

– Meu Deus. Não sei o que vou dizer para o meu pai.

– Você precisa dizer alguma coisa?

– Não sei. – Ela se volta para mim. Sua boca está a uma mão de distância da minha. – Parece injusto contar para ele… mas parece injusto vê-lo de luto por uma mulher que não merece.

– Nada disso é justo, Juliet. – Sacudo a cabeça e penso no Alan. – Nada disso.

– Eu sei. – A voz dela é suave, seus olhos estão pesados com resignação.

– Eu sei que você sabe.

– Se fosse o seu pai, você contaria?

Ela ainda está bem perto, e suas palavras muito íntimas, como as trocas que fizemos como Garota do Cemitério e Escuridão. Eu poderia fechar os olhos, esquecer nossas vidas reais e ficar conversando com ela para sempre.

– Contaria – respondo.

Ela bufa e vira de lado.

– É claro que contaria. Você não tem medo de falar nada para ninguém.

Não me movo, em dúvida se isso foi um insulto ou um elogio.

Em dúvida se sequer há alguma verdade no que ela disse.

Rev falou que eu banquei o mártir por não ter pedido ajuda em maio, quando estava na delegacia, apavorado quando os policiais disseram que ninguém tinha ido me buscar no dia seguinte. Mas há um limite para o tanto de rejeição que se é capaz de aguentar, até que você finalmente desiste e para de tentar.

Ou talvez o fato de pensar isso seja exatamente o que ele quis dizer.

Juliet volta a me olhar, esfregando suas bochechas.

– Desculpa por ter perdido o controle.

Eu a encaro como se ela fosse louca.

– Você não tem que pedir desculpa por isso.

– Eu sei… – Ela hesita, então encontra coragem. – Eu sei que você não quer mais falar comigo.

Olho direto nos seus olhos. Será que ela está falando *comigo* ou com o Escuridão? Já embaralhei tanto as coisas que não tenho mais como saber.

Conta para ela.

– Ah, Juliet – falo com suavidade. Passo a mão em meu cabelo. – Não é nada disso.

Ela gira o corpo até estar sentada sobre os joelhos, colocando seus olhos na altura dos meus.

– Então é o quê?

– A gente está percorrendo caminhos diferentes – respondo. – E o seu vai te levar para fora desta confusão. O meu parece fadado a me conduzir para o fracasso.

Ela fica bastante imóvel. Uma brisa corre pelo cemitério e passa entre nós. Seus olhos se estreitam, só um pouco, e ela me olha cautelosamente.

– Como você sabia que eu estava aqui?

– Eu não sabia. Eu te vi. – O calor invade meu rosto, e aponto para o cortador. – Eu trabalho aqui. Mais ou menos.

– Serviço comunitário. – Não há julgamento em sua voz.

Nossos olhos se encontram e sinto querer que este momento se estenda para sempre.

– É.

– Juliet! – Um homem de meia-idade corre pelo cemitério, escorregando um pouco no gramado. – Juliet!

Ela se põe de pé, meio atrapalhada.

– Pai!

Mesmo a uns quinze metros de distância, dá para ver o alívio no rosto dele.

– Ai, graças a Deus! – ele grita. – Graças a Deus!

– O que aconteceu? – ela pergunta. As lágrimas invadem novamente sua voz.

Então ele nos alcança e a arrebata em seus braços.

– Seu professor disse que você deixou uma bagunça e saiu correndo de lá. Estávamos tão preocupados. Eu ia chamar a polícia.

Ele a está abraçando forte, e Juliet está chorando.

– Desculpa, pai. Desculpa.

– Está tudo bem – ele diz. – Está tudo bem. Agora você está aqui. Podemos ir para casa.

Dou um passo para trás para me afastar. Estou do lado de fora, olhando. Uma família de verdade em exposição aqui, bem na minha frente. Eu tenho certeza de que o pai dela não vai levá-la para casa e abrir uma caixa de cervejas… Nem dizer que está contando os minutos para que ela acabe atrás das grades.

Eu me abaixo e pego minhas luvas do chão. O Frank vai aparecer a qualquer minuto e dizer que estamos perdendo a luz do dia.

– Espere! – Juliet se desvencilha do pai e, mais uma vez, me olha, sem fôlego. – Declan.

Eu me mantenho à distância. O feitiço se quebrou.

– Juliet.

Ela, no entanto, encurta a distância e faz ainda melhor. Ela agarra minha camisa e me puxa. Em meio segundo, meu cérebro explode, pois acho que estamos para viver um momento cinematográfico e que ela vai me beijar. E que vai ser superesquisito por causa do pai dela ali.

Mas não, ela só me puxou para cochichar. Seu hálito é quente em minha bochecha, doce e perfeito.

– Estávamos errados – ela fala. – Você faz o seu próprio caminho.

Então ela se vira, agarra a mão do pai e me deixa ali no meio do cemitério.

«»

O crepúsculo cobre a cidade quando finalmente deixo o cemitério. A garoa parece estar mantendo as pessoas afastadas das ruas. Meu coração não consegue encontrar um ritmo constante no peito e, em vez disso, dá a impressão de estar satisfeito em se alternar entre pulos despreocupados e tropeços bêbados. Estou a caminho da casa do Rev, e a adrenalina corre por baixo da minha pele em pequenas explosões. Tudo parece fora de controle, uma bagunça de emoções dispersas que fogem de mim toda vez que as tento colocar em ordem.

Você faz o seu próprio caminho, ela disse.

Estou pensando nisso desde quando ela foi embora com o pai, enroscando isso com o comentário do Rev sobre a coisa do mártir, e deixando girar por meus pensamentos. *Estávamos errados.*

Um automóvel mais à frente está parado no acostamento, com o pisca-alerta reluzindo pela neblina. O déjà-vu me acerta no peito com tudo: foi aqui que ajudei a Juliet.

Então percebo que reconheço este carro também. É um sedã prateado que tenta parecer imponente, mas que falha miseravelmente. Tipo, o cara queria uma BMW, mas só pôde comprar um Buick.

Eu o conheço porque é o carro do Alan.

Ele está ao lado dele, no celular, olhando para o capô.

Por um décimo de segundo, penso em passar por cima dele.

Tá bom, talvez um segundo inteiro.

Há fumaça saindo por baixo do capô. Alan levanta a cabeça conforme eu me aproximo. Seu rosto parece ansioso. Ele deve estar esperando o guincho.

Eu o vejo reconhecendo meu carro. Eu o vejo esperando para confirmar se vou parar.

Eu vejo um grande alvo de calça cáqui e camisa toda abotoada.

As palavras dele hoje cedo me acertaram como se ele as tivesse atirado em mim com uma espingarda de chumbo.

Penso em como fiquei naquela escada e pedi desculpas, e eles não disseram nada. Eles não fizeram *nada*.

Aperto meus dedos subitamente trêmulos no volante e sigo em frente.

Mas então, do nada, um pedaço daquele poema idiota vem à minha cabeça.

Agradeço aos deuses que possam existir por minha alma inconquistável.

Eu freio e viro na próxima rua transversal. Meu coração continua arrancando num ritmo sincopado, e já não tenho certeza se vou ajudar o Alan ou socar a cara estúpida dele.

Quando encosto e paro atrás dele, seus olhos registram surpresa, mas ele é bom em esconder as coisas. Ele ainda está com o telefone na orelha e, quando desço do carro, ele me enxota com um gesto de mão.

– Estou bem – ele grita. – Pode ir embora.

Que babaca.

De qualquer forma, caminho na direção dele. A fumaça continua ondulando por debaixo do capô. O imbecil nem desligou o carro.

– Não quer que eu dê uma olhada?

– Já estou no telefone com o guincho.

– Mas e aí? Você vai ficar aqui na chuva por duas horas? Levanta o capô, Alan.

Ele tapa o microfone do celular com a mão livre.

– Pode ir embora, Declan. Não preciso de você.

– Pode acreditar… Já recebi esse recado. – Abro a porta do carro assim mesmo e puxo a alavanca para levantar o capô. Então viro a chave para desligar o motor.

Quando saio do carro, o Alan está bem ali. O celular já não está mais na sua orelha.

– O que você está fazendo? – ele pergunta, autoritário.

– Estou roubando seu carro – respondo. – Chame a polícia.

Ele cerra o maxilar e me encara, mas me desvio dele e ergo o capô. O motor despeja fumaça e nos obriga a dar um passo para trás, abanando com a

mão.

Então ficamos ambos ali, de olho no motor.

De repente, me lembro de ficar exatamente assim ao lado do meu pai. Ele fazia uma prova oral comigo e batia no meu ombro quando eu acertava tudo. Então ligava para um dos seus camaradas na oficina e o chamava para ir até lá ouvir "o garoto" recitar os componentes do motor de um Thunderbird 1964. Ainda lembro como era me sentir parte de algo.

Não sei quando foi a última vez que me senti assim.

Alan pigarreia.

– Está vendo alguma coisa?

– Sim. Estou vendo uma mangueira de radiador estourada. – Aponto para onde a borracha preta obviamente rachou.

– Então, de qualquer maneira, preciso de um guincho. – Ele soa um pouco arrogante.

– Claro – comento. – Se você está a fim de pagar trezentos paus para um mecânico. Mas você só precisa de vinte dólares e uma loja de autopeças aberta. Eu conserto em dez minutos.

Ele me estuda. Seu maxilar contrai.

Ele está *morrendo* por causa disso.

Queria poder dizer que estou adorando. Mas não estou. Estou exausto.

– Vamos lá, Alan. Já passei as últimas três horas trabalhando no cemitério. Você quer minha ajuda ou não?

Ele não responde de pronto, mas um pouco da apreensão evaporou do seu rosto, e ele agora me analisa.

Será que acha que estou ferrando com ele de alguma maneira? Eu não preciso ficar aqui e passar por isso. Viro de costas e vou para o meu carro.

– Tá bom. Que se dane. Fique aí esperando o seu guincho. – Me ajeito atrás do volante do meu Charger e viro a chave. Ele pega na hora.

– Espera! – Alan corre pelo caminho dos meus faróis, então para ao lado da porta do passageiro. Ele puxa a maçaneta, mas está trancada.

Solto um suspiro e me estico para puxar o pino da porta. Um instante depois, ele está no banco ao meu lado. Nós dois ficamos tão desconfortáveis que é um milagre que eu consiga engatar a marcha e sair. De um jeito bizarro, isso me faz lembrar a noite em que a Juliet sentou ao meu lado. Alan se afastou tanto de mim que, se eu fizer uma curva mais fechada, ele vai sair rolando.

Dou uma olhada para ele.

– Está achando que eu vou enfiar uma faca em você?

Ele estreita os olhos.

– Você está tirando com a minha cara?

– Estou.

Ele pragueja quase sem abrir a boca e se mexe no banco. Isso o faz se aproximar um milímetro.

Andamos alguns quilômetros no mais completo silêncio.

– Você acha mesmo que consegue consertar isso fácil? – ele pergunta.

– Sim.

Mais silêncio.

Uma tosse. Outra ajeitada desconfortável no assento.

– Você sabe onde tem uma loja aberta?

– Não. Na verdade estou procurando um penhasco. Aperta o cinto aí.

Ele espuma de ódio.

– Olha a atitude.

– Obrigado, Declan – digo entredentes. – Agradeço mesmo por você estar tomando seu tempo para…

– Você quer me dizer alguma coisa, moleque? Fala.

– Tá bom. – Jogo o volante para a direita e piso com tudo no freio, parando no acostamento. O freio de emergência guincha debaixo do meu pé. Desafivelo o cinto.

Alan não se move, mas posso sentir a apreensão no carro, como se eu tivesse o trazido aqui para que pudesse ter um lugar para me livrar do corpo. Eu não mereço isso. O Declan de ontem talvez tivesse saído do carro e ido a pé para casa.

Você faz o seu próprio caminho.

Para fazer este, vai ser preciso uma escavadeira. Eu não sei o que vai sair da minha boca, mas tomo ar para começar a falar.

– Espera – ele diz. Sua voz sai baixa, quase silenciosa. Ele ergue uma mão entre nós, mas está com os olhos fixos no para-brisa. – Espera.

A palavra é atirada como um desafio. Eu espero.

– Você tem razão – ele diz. – Obrigado.

Até mesmo o meu coração para por um instante para confirmar que eu ouvi direito.

Ele continua:

– Eu também devo desculpas a você pelo que disse hoje cedo. – A voz dele é áspera, porém firme. – Eu passei do limite.

Ainda bem que estou com o carro parado do lado estrada, porque agora eu estaria perdendo o controle e caindo numa vala. Cravo meus olhos no volante. Não sei se quero esse pedido de desculpas, mas ouvir essas palavras despedaça alguma coisa dentro de mim.

– Eu não sou o meu pai – falo. Finalmente ergo a cabeça. – E eu quero que você pare de me tratar como se eu fosse.

– Eu sei. – Ele assente devagar. – Você não é mesmo. – Ele fica em silêncio, contemplativo por um instante. – Mas… você também nunca perde a chance de me lembrar que eu também não sou.

Fico parado.

– Do que você está falando?

Ele ergue os olhos para mim.

– Eu posso não saber nada de carrões antigos nem ter uma oficina mecânica nem beber destilados nem fumar cigarros nem fazer qualquer outra coisa hipermasculina que seu pai fazia, Declan, mas eu não sou um mau sujeito. Só porque sei mais de regras de seguros que de carburadores, isso não faz de mim um tipinho patético. Eu amo a sua mãe e a trato bem. Ganho um bom dinheiro e faço o máximo que posso para sustentar vocês dois. Mas nunca, nem *uma única vez*, você falou comigo sem mostrar desprezo.

Penso na minha poupança, raspada para o fundo da minha defesa legal. Penso na noite do casamento deles, quando ele me deixou na prisão. Cerro meu maxilar e olho pelo para-brisa.

– Isso é recíproco.

– Eu sei.

Ficamos os dois calados até o murmúrio da chuva no teto do carro preencher o vazio com um ruído branco. Já está tarde, e eu deveria estar dirigindo, mas é a primeira vez que Alan e eu conversamos diretamente um com o outro. É exasperante, ao mesmo tempo que viciante. Eu não quero parar. Quero ver até onde isso vai.

Não, quero ver até onde eu aguento.

Eu o espreito.

– Por quê? – pergunto.

– Você quer a resposta sincera?

Não sei.

– Sim.

Ele esfrega o queixo.

– Eu amo a sua mãe, mas, de certa forma, ela é muito passiva. Ela tem uma

alma boa, mas é muito permissiva. É fácil tirar vantagem dela. Quando a gente começou a namorar e eu soube do seu pai e vi o tanto de liberdade que ela te dava, combinada com a sua atitude… Eu fiz uma imagem na minha cabeça. Achava que já sabia direitinho quem era você. Achava que você precisava de alguém para te colocar limites. – Ele hesita e sua voz parece sentida. – Não me dei conta de que a sua mãe e o seu pai tinham deixado você descobrir os seus limites sozinho bem antes de eu aparecer.

A voz dele é calma, razoável. De certa forma, não quero acreditar nisso, mas *parece* ser a verdade.

– Não sei o que isso quer dizer.

Sua voz soa grave e segura.

– Quer dizer que você se recusou a entrar naquele carro com o seu pai.

Prendo a respiração antes que eu me sinta preparado para isso, mas *não* vou chorar na frente do Alan. Falo por meio do calor armazenado em meu peito e sai apenas um fio de voz.

– Eu fui egoísta.

– Garoto, tem uma grande diferença entre *egoísmo* e *autopreservação*. – Ele faz uma pausa e vira o rosto para o outro lado. – Até hoje cedo, eu não estava ciente do seu papel no alcoolismo do seu pai. Eu não tinha noção.

Preciso pigarrear, mas minha voz continua áspera.

– Você sabia sobre a Kerry.

– Eu sabia que a sua irmã tinha morrido e que o seu pai era o responsável. Mas não fazia ideia de que esperavam que você desse cobertura para ele. Não daquele jeito. – Alan vacila, com rispidez na voz. – Fiquei tão furioso quando ela me contou hoje cedo.

Eu o examino. Quero que isso seja uma mentira. Cada vez que respiro, minha garganta parecer esfolar.

Ele sacode a cabeça negativamente. Agora que o estou observando, vejo que a vida também parece tê-lo colocado em maus lençóis às vezes.

– E nem posso ficar bravo com ela. A Abby tem andado tão preocupada por causa de você e desse bebê – ele diz. A respiração dele estremece, só um pouco. – Tão ansiosa. Acho que foi isso que a acabou levando ao hospital. Todo esse estresse, e tudo que ela come a faz passar mal.

A raiva e a vergonha me dão vontade de me enrolar em mim mesmo. Outra vez, me sinto como um monstro.

– Eu jamais a machucaria. – Minha voz treme. – Eu jamais machucaria o bebê.

– Machucar sua mãe? – Ele olha espantado. – Nós não estávamos preocupados com que você machucasse sua mãe. Ou o bebê.

– Mas você disse…

– Estávamos preocupados com *você*, Declan. – Ele se volta agora totalmente para mim. – Estávamos preocupados que você machucasse a *si mesmo*.

Aperto meus braços contra minha barriga e fecho os olhos com força.

– Você não sabia disso? – ele pergunta. – Toda vez que você sai de casa, ela fica apavorada que você possa tentar fazer aquilo de novo.

Não. Eu não sabia disso. Não tinha noção. Penso no rosto dela na noite do baile, no jeito como seus olhos penetraram nos meus, no toque suave dos seus dedos ao afastar o cabelo da minha testa.

– Ela nunca conversa comigo – falo, e minha voz desafina. – Hoje de manhã, ela não falou comigo.

– Ela se sente culpada demais – ele explica. – Ela tem tanto medo de dizer algo errado e te afastar mais ainda. Ela tem pavor de perder você também.

– Você não sabe disso. – Fungo e esfrego meus olhos com a minha manga.

– Garoto. Ela só fala disso. Literalmente. – Alan coloca a mão no meu ombro. Fico paralisado e mantenho os olhos pregados no volante, mas ele a deixa ali.

– Então por que ela não fala *comigo*? – pergunto.

Ele hesita.

– Não sei. Ela não é perfeita. Nenhum de nós é. Acho que ela não sabe como consertar isso. Com certeza eu não sei. Mas quinze minutos atrás eu não achava que você e eu podíamos ter uma conversa civilizada, então talvez as coisas possam mudar.

Concordo com a cabeça. Talvez.

– Se eu te fizer uma pergunta – ele fala com a voz baixa –, você me responde com sinceridade?

Faço que sim. Minha cabeça ainda está reverberando com as palavras que ele disse agora há pouco. *Estávamos preocupados com você, Declan.* Aquelas palavras se expandiram, preenchendo cada canto e fissura do meu cérebro.

– Você ainda pensa em tentar aquilo de novo?

Ainda bem que está escuro lá fora. Eu não consigo olhar para o Alan neste momento. Queria não ter lhe prometido uma resposta sincera.

– Às vezes – digo. – Nunca igual… àquela noite. Mas… às vezes.

Ele assente.

– Você acha que gostaria de falar com alguém sobre isso?

– Tipo um terapeuta?

– Isso. Falei para a Abby que nós três poderíamos ir. Ou só ela, ou só vocês dois, ou só mesmo você, ou…

– Tá bom. – Me sinto bem em dizer isso. Me sinto drenado. Esvaziado. E, ainda que eu não esteja tão otimista a ponto de achar que esta conversa seja o começo de uma relação mágica com o Alan, estou doido o suficiente para admitir a faísca de esperança que se acendeu em algum lugar do meu peito. Tenho saudade da minha mãe. Tenho saudade de me sentir parte de alguma coisa.

Balanço a cabeça de novo.

– Eu vou – digo.

– Que bom. – Ele dá um apertão no meu ombro antes de soltá-lo. – Sua mãe vai ficar feliz.

Eu o encaro.

– Eu faria qualquer coisa para deixá-la feliz.

– Eu sei – ele diz. – Eu também.

CAPÍTULO 41

De: Declan Murphy <declan.murphy@alunoscondadoaa.org>
Para: Juliet Young <juliet.young@alunoscondadoaa.org>
Data: Quarta-feira, 9 de outubro 22:21:07
Assunto: Fazendo novos caminhos

Achei que fosse dormir esta noite na casa do Rev. Tive uma megadiscussão com o Alan e a minha mãe hoje cedo, e achava que já era. Que não tinha mais volta depois do que cada um de nós disse. Esqueça o lance de fazer um caminho: a conversa desta manhã foi tipo pós-bomba nuclear.

Mas agora à noite o carro do Alan quebrou. Eu o ajudei. Nós conversamos. Foi a primeira vez que fizemos isso. Tipo… na vida. Ele quer que a gente faça terapia em família. Eu disse que tudo bem.

É bem mais difícil escrever isso usando meu verdadeiro nome. Você não faz ideia. Eu reativei a conta do Escuridão, mas agora não é mais a mesma coisa. Aquilo era como se eu estivesse me escondendo. E estava mesmo.

Então aqui estou eu.

Eu devia ter te contado naquela noite no acostamento da rodovia dos Generais. Eu devia ter te contado mil vezes desde então.

Espero que você não pense que eu estava tentando te enganar.

Na verdade era o contrário. Eu estava tentando enganar a mim mesmo.

Eu não estava pronto para abandonar o que a gente tinha.

Meu pai está quase dormindo no sofá vendo algum especial da HBO e se assusta quando desço a escada para a sala de estar. Ele tateia até encontrar o controle remoto e desliga a tevê.

– Achei que você já estava dormindo – ele comenta.

– Ainda não. – Eu estava deitada na cama, lendo o e-mail no meu celular, passando o dedo sobre o nome do Declan.

Ele tem razão. A gente estava se escondendo.

Meu pai boceja e coça os olhos, então me observa.

– Está tudo bem? Você quer leite morno para ajudar a pegar no sono?

Dou um sorriso, mas sinto que ele sai um pouco frouxo nos cantos.

– Não tenho mais 6 anos, pai.

Ele sorri para mim de volta, mas seus olhos estão ensombreados e tensos. Ele está preocupado comigo.

O sr. Gerardi não lhe contou sobre as fotos. Ao ligar para o meu pai, ele disse que eu estava revelando fotografias da minha mãe e que as destruí quando vi algo perturbador.

Não sei se isso o torna um covarde.

Não sei se não ter dito nada me torna também.

– Quer vir sentar comigo? – ele pergunta.

Estou quase recusando, pois faz anos que não sento com ele. Mas então ele abre um braço e dá uns tapinhas na almofada ao seu lado.

– Vem – ele insiste gentilmente. – Vem sentar com seu velho. Assim depois você pode contar para os seus filhos como eu te enchia.

Quando me jogo no sofá, seu braço se pendura sobre meu ombro, e ele dá um leve apertão. Seu corpo ao meu lado está aquecido, e me sinto segura e amada sob o peso do seu braço.

Passei anos idolatrando minha mãe e sua efervescência, pensando no meu pai em enfadonhos tons de bege, quando ele estava aqui ao meu lado o tempo todo.

E ela com outra pessoa.

– Shhh – ele faz, percebendo que estou chorando.

Pressiono os dedos nos meus olhos, e ele me abraça forte, fazendo carinho no meu braço.

– Você quer conversar? – ele pergunta.

– Eu não… – Minha voz falha, e tento de novo. – Eu não quero te magoar.

– Me magoar? – Ele beija minha testa. – Você não vai me magoar. Seja lá o que for, eu não quero que nada magoe *você*.

Olho em seus olhos compassivos. Dos meus brotam lágrimas frescas.

– A mãe voltou antes para cá. – As lágrimas caem, quentes e pesadas. Minha respiração está entrecortada.

Meu pai fica imóvel.

– Quê? Como você sabe disso?

– O cartão de embarque estava na bolsa dela. – Não consigo encará-lo. Mal consigo respirar em meio a tantas lágrimas. Isso vai destruí-lo, mas não posso carregar esse peso sozinha. – Ela voltou antes para ficar com o Ian.

– Juliet… Como…?

– Eu vi, tá bom? – As palavras praticamente explodem de mim. – Tinha fotos dos dois na câmera dela. Na cama. Desculpa, pai. Desculpa mesmo. Por favor, não me odeie.

– Juliet… Oh, meu amor. – Ele solta um longo suspiro, me puxa contra o seu ombro e faz um cafuné em mim. – Juliet, eu nunca seria capaz de te odiar.

– Estou tão brava com ela – desabafo. – Como ela pôde? Como ela pôde fazer isso com você?

– Shhh – ele sussurra. – Está tudo bem.

– Não está tudo bem nada! – Eu recuo e o encaro. – Eu a odeio. Eu queria que ela voltasse. Tanto.

Ele faz uma careta e seus olhos ficam marejados.

– Não a odeie, Juliet. Não a odeie.

– Será que ela realmente nos amava?

– Você? – A voz dele falha. – Ah, mas é claro. Ela te amava mais do que qualquer coisa.

Eu bufo.

– Não mais do que passar três dias com o Ian.

Ele dá risada, mas ela soa repleta de tristeza.

– Sim, mais do que isso, inclusive. – Uma pausa. – Ela te amava tanto que ela ficou comigo.

– Quê?

Ele chacoalha um pouco a cabeça.

– Sua mãe era… uma espécie de espírito livre.

Minha voz não se eleva a mais do que um sussurro.

– Você sabia.

– Não em detalhes. Nunca quis saber os detalhes. – Ele bufa, o primeiro som de raiva que ouço dele. – Agora entendi por que ele queria tanto a porcaria da câmera. Se estou bravo com alguma coisa, é com a forma como você soube disso.

– Mas… mas… – Engulo em seco, minha cabeça está a mil. – Mas você

estava tão triste.

A expressão dele muda.

– Eu estava triste. Eu estou triste. Independente do que ela fez, ela era minha esposa. Ela era sua mãe. Eu estava acostumado com a ausência dela por longos períodos, mas isso agora é um tipo diferente de permanência. Se é que faz sentido.

Sim, faz.

– Desde quando isso estava acontecendo?

Ele dá de ombros, um movimento cheio de resignação.

– Não sei. Desde sempre, provavelmente. Mas eu só soube mesmo alguns anos atrás.

Não consigo colocar isso na minha cabeça.

– Mas… Por que você ficou com ela?

Ele me dá um tapinha embaixo do meu queixo e um sorriso triste.

– Porque eu te amava, e você a amava. Eu não podia tirar isso de você.

Meu cérebro começa a juntar os momentos em que os vi juntos nos últimos anos. Minhas lembranças estão repletas de momentos especiais com a minha mãe, mas os momentos compartilhados com ela e meu pai estão agora justificadamente ausentes. Eu sempre achei que isso era uma falha do meu pai, por não estar à altura do brilho dela.

Nunca tinha percebido que era uma falha dela.

Passo a mão no meu rosto.

– Queria ter sabido antes.

Ele ergue a cabeça.

– Queria mesmo?

– Sim. Eu achava que ela não fazia nada de errado. Achava que ela era a mulher mais corajosa do mundo.

– Não tem problema nenhum em pensar isso, Ju. A sua mãe era uma mulher corajosa. Ela fez coisas incríveis.

– Ela foi egoísta – retruco. – Vinha para cá brincar de casinha quando lhe dava na telha e deixava todo o resto para você.

Ele se encolhe.

– Talvez um pouco. Mas nós todos possuímos falhas. Isso não diminui o trabalho dela. Isso não diminui o amor que ela tinha por você.

– Ela voltou três dias antes para ficar com outra pessoa. – Fungo e limpo as lágrimas do rosto outra vez. Ela não merece mais minhas lágrimas. Não agora. – Vou precisar de um tempo para superar isso.

– Eu sei – ele fala calmamente. – Eu sei. – Ele fica em silêncio por um instante. – Mas eu estava aqui naqueles três dias. E vou estar em todos os outros, enquanto você precisar de mim.

Eu me atiro nele.

Ele me abraça, e esse é o melhor sentimento do mundo.

CAPÍTULO 42

De: Juliet Young <juliet.young@alunoscondadoaa.org>
Para: Declan Murphy <declan.murphy@alunoscondadoaa.org>
Data: Quinta-feira, 10 de outubro 05:51:47
Assunto: Largando

Fico feliz que você nunca tenha me contado. Eu também não queria abrir mão daquilo. Na verdade, estou um pouco triste que acabou. Fico sempre me lembrando das nossas conversas na vida real e as reprisando com a informação de quem era você na outra ponta das nossas cartas. Uma parte de mim ainda não consegue acreditar totalmente que é mesmo você.

Tem tanta coisa que você não mostra para o mundo, sabia? Acho que deveria mostrar. Dê a eles um novo retrato. Mostre o que você mostrou para mim.

E por falar nisso… e agora?

Quando acordo, há um envelope na minha cômoda. Na frente está escrito meu nome, e é a letra do Alan.

Dentro, encontro trezentos dólares.

Meus olhos quase saltam das órbitas.

Não sei o que pensar disso. Ponho uma camiseta, apanho o envelope e desço para a cozinha. Minha mãe e o Alan estão à mesa, bebendo café e conversando em voz baixa.

Pairo no vão da porta, imediatamente desequilibrado.

– Declan – minha mãe fala.

– Ei. – Meus dedos brincam nervosos com o envelope. O dinheiro está me deixando desconfortável. Não gosto da sensação de que eles estejam tentando

me comprar de alguma forma. Isso parece enfraquecer tudo o que aconteceu entre mim e o Alan ontem à noite.

Vou até a mesa e jogo o envelope ali.

– Não posso aceitar.

– Queremos que fique com isso – minha mãe diz, brandamente.

Faço uma careta.

– Não quero o seu dinheiro.

– É o seu dinheiro – Alan diz. – Você fez por merecer.

– Eu não fiz nada.

– Você consertou meu carro. Você não disse que o preço era trezentos dólares?

– Eu disse que iria para a terapia ou o que você quisesse. – Dou um passo para trás com o maxilar cerrado. – Você não precisa me comprar.

– Ninguém está te comprando – ele retruca. Sua voz é igual à minha em intensidade. – Você disse que isso era quanto um mecânico cobraria, então estou decidindo pagar para você. – Ele hesita. – E talvez tenhamos sido um pouco duros demais quando pegamos *todo* o seu dinheiro para pagar o advogado. Você passou anos o juntando.

Sim. Passei mesmo. É preciso fazer um monte de trabalhinhos e trocas de óleo para ganhar 3 mil dólares, e estes trezentos não chegam nem perto de substituir.

E está tudo bem. Na verdade, é até melhor assim.

– Além do mais – Alan emenda –, você recebeu um telefonema de um tal de John King. Ele disse que tem uns amigos que gostariam que você desse uma olhada nos carros deles. Acho que eu deveria aproveitar os seus serviços enquanto eles estão baratos.

O vizinho do Frank. Estou zonzo.

– O John King ligou?

– O número dele está ao lado do telefone. Ele disse que eles querem te pagar por uma consulta.

Como se eu fosse um médico ou algo assim. Engulo em seco.

– Tá bom.

Minha mãe se levanta da cadeira, vem até mim e bota a mão no meu rosto.

Isso é tão inesperado que eu não consigo nem me mexer.

– Desculpa – ela diz, com doçura. – Desculpa por não ter estado ao seu lado. Eu quero tentar melhorar.

– Você não precisa melhorar – digo baixinho.

– Preciso, sim. – Seu rosto se enruga um pouco, mas então ela percebe e respira fundo. – Esses hormônios malucos. – Ela esfrega um olho. – Estou recebendo uma nova chance. Quero acertar.

As palavras que falei ontem cedo ecoam na minha cabeça, e sinto a culpa se atracando em mim. *Substituindo a Kerry?*

Mal consigo falar de tanta vergonha.

– Desculpa pelo que eu disse – falo. – Desculpa mesmo.

– Pare – ela responde. – Está tudo bem. Todos nós estamos recebendo uma nova chance.

E assim ela coloca os braços em volta do meu pescoço e me abraça forte. Eu a abraço também. Nem lembro quando foi a última vez que a minha mãe me abraçou, e eu a abraço por um longo tempo.

Então ela dá um pulo para trás.

– Você sentiu isso?

– Senti o quê?

– Ele chutou! É a primeira vez!

Sorrio, pensando na mulher no hospital.

– Eu causo esse efeito. – Então me dou conta do que ela disse. – Ele?

– Sim. Um menino.

– Um irmão – Alan diz.

Um irmão. Fiquei tanto tempo achando que eles estavam tentando reconstruir nossa família que um irmão nem passou pela minha cabeça. Meu cérebro quase não consegue processar a informação. Dou um passo para trás.

– Preciso me aprontar para a escola.

Ela assente.

– Tá bom.

Paro na porta e tira uma nota de vinte do envelope, então volto e a deslizo na frente do Alan.

– Para que é isso? – ele pergunta.

– As peças – respondo. – Você pagou do seu bolso.

«»

– Por que mesmo a gente veio para a escola tão cedo? – pergunta Rev.

Estamos sentados no escuro dos degraus na frente da escola, esperando que o segurança venha abrir o portão principal. Está congelando aqui fora, e estou quase a ponto de lutar com o Rev por seu moletom. Ele está com as mãos

enfiadas dentro das mangas. A neblina toma todo o estacionamento.

– Preciso encontrar a minha professora de inglês. – Olho para ele de soslaio. – Você não precisa estar aqui.

– Você é a minha carona.

– Então fecha o bico.

Sapatos caminham pela calçada, e a sra. Hillard emerge da névoa.

– Você aqui tão cedo – ela diz surpresa.

– Sorte a minha – Rev comenta.

Dou um soco no ombro dele e me ponho de pé.

– Você não disse sobre o que gostaria de conversar. Achei que talvez fosse importante.

Ela troca a bolsa de ombro.

– Está pronto para entrar?

– Claro.

Rev salta na frente, e ela parece alarmada por um instante. O escuro e o capuz o fazem parecer um criminoso.

– Quer ajuda com as bolsas? – ele diz com sua voz irresistível, e ela sorri.

Ela lhe entrega sua bolsa a tiracolo.

– Que oferta mais gentil.

A essa hora, a escola está praticamente em silêncio, com os corredores escurecidos pelas luzes de segurança intermitentes. A sala da sra. Hillard é um poço de escuridão até ela apertar o interruptor. Rev e eu nos jogamos em duas cadeiras da primeira fileira.

Ela olha para o Rev, depois volta para mim.

– Você se importa se o seu amigo ficar?

Rev sorri e se recosta na cadeira.

– “O homem que tem muitos amigos, tem-nos para a sua ruína; mas há um amigo que é mais chegado do que um irmão.”

A maioria das pessoas olha para o Rev como se não conseguisse sacá-lo e não soubesse se ele vale o esforço. A sra. Hillard simplesmente arqueia as sobrancelhas.

– Se a gente for começar a citar os Provérbios, acho que vou precisar de mais café.

Dou um chute na cadeira dele.

– Ignore-o. Mas ele pode ficar.

Ela abre o zíper da bolsa e puxa uma folha de caderno. Reconheço minha letra. Ela colocou comentários em vermelho por todas as margens.

Ela a coloca na minha frente.

– De onde isso veio?

Fico meio irritado com a pergunta.

– Eu escrevi bem na sua frente. Eu não colei.

– Não estou te acusando de ter colado. Estou perguntando porque foi capaz de juntar quinhentas palavras sobre um poema quando raramente consigo tirar mais do que um período composto de você.

Fico corado e olho para baixo.

– Ele me fez pensar.

– Você escreve bem. Usa argumentos inteligentes e sabe se expressar.

Não lembro a última vez que um professor me fez elogios. A quem estou querendo enganar? Eu mal lembro a última vez que um professor fez contato visual comigo. Meu dedos brincam nervosamente com a caneta, e sinto como se meu peito se aquecesse com uma brasa.

– Obrigado.

– Você pensa em escrever assim daqui para a frente?

Isso está parecendo uma armadilha.

– Talvez.

– Porque eu ia perguntar se você gostaria de tentar a transferência para o curso avançado de inglês.

O Rev agita loucamente a cabeça. Eu mesmo estou sufocando sem ar.

– O curso avançado? – digo, quando consigo pensar direito. – Eu não faço nenhuma aula avançada.

– Você já está procurando faculdade? Isso cai bem em um histórico escolar.

Desvio o olhar. A maioria dos meus professores espera que minha educação superior seja uma cortesia da Penitenciária Estadual de Maryland. Nunca considerei fazer uma matéria avançada, muito menos me transferir para uma somente um mês após o início do semestre.

– Não sei se vou conseguir acompanhar – digo.

– Quer tentar?

Você faz o seu próprio caminho.

É, mas este é um caminho montanha acima sem parar. Empurrando um carrinho de mão cheio de tijolos.

– Não sei.

– Você acha que não é bom o bastante? Garanto que você é.

Viro o rosto.

– Não… Todo mundo lá é inteligente. Eles vão achar que eu sou só um bandido estúpido.

– Prove que eles estão errados.

Hesito.

– Você está com medo do trabalho? – ela pergunta.

– Não.

Ela se afasta, tira um livro da sua estante e o entrega para mim.

– Tem certeza?

Olho para o título. *Adeus às armas,* de Ernest Hemingway.

– Você já leu? – ela pergunta. – Isso é o que estamos lendo agora.

Eu não reconheceria um livro do Hemingway mesmo se o autor aparecesse na minha frente e o lesse em voz alta.

– Não.

– Quer tentar?

– Vou pensar.

Fico esperando que ela faça uma cara de decepção, mas não. Ela assente.

– Fique com ele. Tente. Você me avisa até o final da semana?

– Claro. – Eu me sinto um pouco sem ar.

Rev e eu andamos até os nossos armários. Os primeiros ônibus devem ter acabado de chegar, pois os corredores aos poucos começam a se encher de alunos.

– Você vai fazer?

– Não sei. O que você acha?

– Acho que você deveria. – Ele faz uma pausa. – Você está realmente preocupado se vão achar que o seu lugar não é lá?

Normalmente eu negaria, mas este é o Rev, e eu conto tudo para ele.

– Estou. Você não estaria?

Ele encolhe um pouco os ombros.

– Talvez.

Puxo de leve a manga do moletom dele.

– Talvez?

Ele para no meio do corredor e, por um instante, fico com medo de tê-lo pressionado demais depois da nossa conversa na outra noite. Mas ele tira o capuz do moletom. Desce o zíper.

Então fica paralisado.

Arqueio minhas sobrancelhas para ele.

– Nossa, Rev, você podia pelo menos ter esperado a gente ficar sozinho.

Ele me dá um soquinho no braço e recomeça a caminhar. O moletom ainda está lá, mas ele tirou o capuz. O zíper continua aberto.

– É que estou de manga curta – ele justifica depois de um tempo.

– Tá bom. – Olho de relance para ele. – Você não tem que provar nada, Rev.

– Não estou pronto – ele diz. – Ainda não.

Encolho os ombros e tento fazer isso não parecer um drama.

– Sempre haverá o amanhã.

– É – ele concorda. – Sempre haverá o amanhã.

CAPÍTULO 43

Condado de Anne Arundel – Servidor de e-mail – Alunos
CAIXA DE ENTRADA – Juliet Young

Não há mensagens novas.

Até a hora do almoço, ele não tinha respondido.

Não faço ideia do que isso quer dizer.

Na cantina, fico um tempo na fila, depois passo casualmente pela mesa onde ele costuma sentar com o Rev.

Eles não estão lá.

Não deveria parecer intencional, mas parece. E não de um jeito bom.

A Rowan e o Brandon me acolhem na sua mesa, mas agora eles estão naquela fase do namoro em que tudo tem um quê de provocação e duplo sentido. Neste momento, a Rowan está dando uvas para ele comer, jogando-as em sua boca, e rindo com certo exagero quando ele perde uma.

Me esforço para não ficar suspirando impacientemente.

Uma perna coberta com jeans se movimenta sobre o banco e sinto seu peso caindo ao meu lado.

Por algum motivo fico surpresa, ainda que não totalmente, quando viro a cabeça e encontro o Declan afastando as pernas para montar no banco.

Ele me deixa sem ar. Ele parece tão imponente e letal como sempre, mas conheço seus segredos. Sei o quanto disso é fachada.

– Está a fim de dar um volta? – ele pergunta.

– Ah… claro.

Então ele me surpreende pegando na minha mão.

Como estamos na escola, nossas opções são limitadas, mas estou sob o seu

encanto e eu caminharia até sobre fogo se ele me pedisse agora.

Mas ele não pede. Ele me conduz pela porta dos fundos da cantina até o pátio.

O sol do meio-dia brilha forte, roubando o ar de qualquer sinal de frio. Há alunos espalhados por toda parte, mas temos mais privacidade com o ar livre ao nosso redor.

– Eu passei a manhã inteira querendo falar com você – ele diz finalmente.

– Você não mandou e-mail.

Ele faz que não com a cabeça.

– Eu queria *falar* com você. – Ele parece desapontado. – Mas, agora que estou aqui do seu lado, queria poder voltar para o Escuridão.

Entendo exatamente o que ele quer dizer. Sinto um frio na barriga.

– Quer que eu pegue meu telefone?

Ele sorri.

– Vou guardar isso como último recurso.

Sinto que deu um nó na minha língua, por isso sorrio, e continuamos andando. O silêncio pressiona.

Ele toma ar para falar alguma coisa… mas hesita.

– Está tudo bem – digo calmamente. – A gente não precisa conversar.

Ele ri baixinho.

– Não sei o que está acontecendo comigo. Você já sabe tudo.

– Você também.

Ele esfrega o queixo – outra manhã sem o barbeador, posso ver – e passa a mão pelo cabelo.

– Espera – ele diz, me fazendo parar. – Tenho uma ideia.

Ele se vira de frente para mim e, antes que eu possa me preparar, ele chega perto. Bem perto. Tão perto que sua bochecha está encostada na minha, e uma mão pousa no meu pescoço. Se eu respirar muito fundo vou ser pressionada contra ele. Sua respiração faz cócegas no meu ouvido, sua barba por fazer roça meu rosto.

– Tudo bem assim? – ele pergunta baixinho.

– Tudo bem? Isso é 3 mil vezes melhor que a minha ideia dos telefones.

Ele ri e nossos peitos se tocam. Uma de suas mãos encontra minha cintura. Poderíamos ficar dançando em vez de dividir segredos. Eu tenho uma súbita necessidade de envolvê-lo com meus braços.

– Eu preciso te dizer uma coisa – ele fala.

Molho meus lábios.

– Você pode dizer quantas quiser.

– Desculpa por todas as vezes que fui cruel com você. Estou tentando melhorar isso.

Eu me sinto zonza, embriagada com sua proximidade.

Seu polegar roça meu pescoço num ritmo suave.

– Eu gosto de você.

– Eu também gosto de você.

– Eu já gostava de você desde aquela manhã em que você trombou em mim.

Dou uma risadinha e tento empurrá-lo, mas ele usa o movimento para nos aproximar ainda mais.

– Gostava nada – eu falo.

– Gostava, sim – ele sussurra, e agora seus lábios roçam minha bochecha. – Eu lembro que pensei: "Parabéns, mané. Mais uma menina para a lista das pessoas que te odeiam".

– Eu não te odeio. Eu nunca te odiei.

– Ah, isso é muito reconfortante – ele diz, mas posso ouvir o sorriso em sua voz. Ele inala o ar junto da minha maçã do rosto e faíscas chamejam pelo meu abdome. – Você deveria trabalhar escrevendo cartões de dia dos namorados.

– Todas as minhas futuras cartas de amor vão começar com "A quem possa interessar".

– Você vai me mandar futuras cartas de amor?

Fico vermelha, e tenho certeza de que ele está vendo. Sentindo.

Mas então sua voz perde o sorriso.

– Você foi a primeira pessoa a me ver por inteiro, Juliet. A primeira pessoa que me fez sentir que eu valia mais que uma reputação e uma ficha de antecedentes criminais. Essa é a parte difícil de perder a Garota do Cemitério. Eu não sei se alguém vai me olhar assim de novo.

Recuo e coloco as duas mãos contra o peito dele, então as deslizo para cima até encontrar seu maxilar.

Ele desvia o olhar.

– Eu vejo você por inteiro – digo. – E é assim que estou olhando para você agora.

Ele pega minha mão, põe sobre o seu coração e a segura ali. Seus olhos se fecham.

– Você está me matando, Juliet.

– Olha para mim – eu peço.

Ele olha.

– Você não vai conseguir fazer seu próprio caminho de olhos fechados – eu provoco.

– Vamos ver. – Ele então se inclina e captura minha boca com a dele.

Table of Contents

Rosto
Créditos
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43